



Revista de saúde e meio ambiente

RENOVARE

Edição especial

PSICOLOGIA

ISSN 2359-3377



latindex

Ano 5, Volume Especial. Março de 2018.

EXPEDIENTE

FACULDADES INTEGRADAS DO VALE DO IGUAÇU – UNIGUAÇU

Rua Padre Saporiti, 717 – Bairro Rio D'Areia
União da Vitória – Paraná
CEP. 84.600-000
Tel.: (42) 3522 6192

CATALOGAÇÃO
ISSN 2359-3326

LATINDEX
Folio 25166
Folio Único 22169

CAPA

Lucas França Burgath

ESTRUTURA ORGANIZACIONAL DA UNIGUAÇU

Presidente da Mantenedora

Dr. Wilson Ramos Filho

Superintendência das Coligadas UB

Prof. Ms. Edson Aires da Silva

Direção Geral

Profª. Ms. Marta Borges Maia

Coordenação Acadêmica

Prof. Dr. Atilio A. Matozzo

Coordenação de Pós-graduação, Pesquisa e Extensão

Cassiana Maria Rocha

Presidente do Instituto Sul Paranaense de Altos Estudos – ISPAE

Profª. Ms. Dagmar Rhinow

Coordenação do Curso de Administração

Prof. Ms. Jonas Elias de Oliveira

Coordenação do Curso de Agronomia

Prof. Ms. Zeno Jair Caesar Junior

Coordenação do Curso de Arquitetura e Urbanismo

Profª. Ms. Eliziane Cappeleti

Coordenação do Curso de Biomedicina

Profª. Ms. Janaína Ângela Túrmina

Coordenação do Curso de Direito

Prof. Sandro Perotti

Coordenação do Curso de Educação Física

Prof. Dr. Andrey Portela

Revista Renovare de Saúde e Meio Ambiente – Ano 5 – Volume Especial – União da Vitória – Paraná.
Março de 2018. ISSN: 2359-3326.

Coordenação do Curso de Enfermagem

Prof^a. Ms. Marly Terezinha Della Latta

Coordenação dos Cursos Engenharia Civil

Prof. Larissa Yagnes

Coordenação do Curso de Engenharia Elétrica

Prof. Claudinei Dozorski

Coordenação do Curso de Engenharia Mecânica

Prof. Ronaldo Quandt

Coordenação do Curso de Engenharia de Produção

Prof. Ms. Wellington da Rocha Polido

Coordenação do Curso de Farmácia

Prof^a. Ms. Silmara Brietzing Hennrich

Coordenação do Curso de Fisioterapia

Prof^a. Ms. Giovana Simas de Melo Ilkiu

Coordenação do Curso de Medicina Veterinária

Prof. Ms. João Estevão Sebben

Coordenação do Curso de Nutrição

Prof. Wagner Osório de Almeida

Coordenação do Curso de Psicologia

Prof^a. Darciele Mibach

Coordenação do Curso de Serviço Social

Prof^a. Lucimara Dayane Amarantes

Coordenação do Curso de Sistemas de Informação

Prof. Ms. André Weizmann

ESTRUTURA ORGANIZACIONAL DA REVISTA

Editor Chefe das Revistas Uniguaçu

Prof. Atilio A. Matozzo

Coeditor

Prof. Ms. Vilson Rodrigo Diesel Rucinski

Conselho Editorial

Prof. Dr. Anésio da Cunha Marques (UNIGUAÇU)

Prof. Dr. Thiago Luiz Moda (UNESPAR)

Prof. Dr. Gino Capobianco (Universidade Estadual de Ponta Grossa)

Prof. Dr. Fernando Guimarães (UFRJ)

Prof. Dr. Rafael Michel de Macedo (Hospital Dr. Constantin)

Prof. Dr. Andrey Protela (UNIGUAÇU)

Prof^a. Ms. Melissa Geórgia Schwartz (UNIGUAÇU)

Prof^a. Ms. Eline Maria de Oliveira Granzotto (UNIGUAÇU)

Prof. Ms. Adilson Veiga e Souza (UNIGUAÇU)

SUMÁRIO

A ARTE E O LÚDICO COM BASE NA PSICOLOGIA ANÁLITICA: PROMOVENDO A EXPRESSÃO E A CONSTRUÇÃO DE SABERES POR MEIO DO BRINCAR	6
BRICADEIRAS E PSICOMOTRICIDADE: FERRAMENTAS PARA AQUISIÇÃO DE HABILIDADES ESCOLARES EM UMA SALA DE ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO	22
COMPREENDENDO AS DIFERENÇAS PESSOAIS POR MEIO DA INTERAÇÃO SOCIAL.....	37
DEPRESSÃO NA FASE ADULTA TARDIA: UM ESTUDO BASEADO NA TEORIA COGNITIVA-COMPORTAMENTAL	49
EMPODERAMENTO E AUTOESTIMA NO GRUPO PAIF NA PERSPECTIVA DA GESTALT	66
O EMPODERAMENTO E AUTOESTIMA NAS MULHERES USUARIAS DO CRAS	79
O USO DA EMPATIA NO FORTALECIMENTO DE COMUNICAÇÃO NA PSICOLOGIA ORGANIZACIONAL	91
O USO DO CONDICIONAMENTO EM SALA DE AULA	106
PROMOÇÃO DA AUTONOMIA, ALTIVEZ E EMPODERAMENTO FEMININO: GRUPO DO PROGRAMA DE ATENÇÃO INTEGRAL A FAMÍLIA.	116
PSICOLOGIA DA APRENDIZAGEM: UMA VISÃO DENTRO DO AMBIENTE ESCOLAR.....	128
SOBRE A INDISCIPLINA NAS SÉRIES INICIAIS EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE UNIÃO DA VITÓRIA - PR	141
A ESTIMULAÇÃO SENSORIAL COMO UM PROCESSO AUXILIADOR DO DESENVOLVIMENTO DO INDIVÍDUO COM SÍNDROME DE DOWN	158
A FALSA IDEALIZAÇÃO DE IMAGEM EM GRUPOS FEMININOS.....	169
A IMPORTÂNCIA DA LEITURA PARA ADOLESCENTES ALÉM DO ÂMBITO ESCOLAR	177
A IMPORTÂNCIA DO VÍNCULO NOS GRUPOS TERAPÊUTICOS.....	189
A ORIENTAÇÃO VOCACIONAL NO ÂMBITO DE INCLUSÃO PSICOSSOCIAL: UMA REFLEXÃO SOBRE VIVÊNCIAS E POSSIBILIDADES DENTRO DO COTIDIANO EDUCACIONAL NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO ESPECIAL	197
AUTOIMAGEM E AUTOESTIMA: UMA CONEXÃO COM A ESTÉTICA	205
DINÂMICA VOLTADA PARA HABILIDADES SOCIAIS E O AUMENTO DA AUTOESTIMA NA ADOLESCÊNCIA	217
FORTALECIMENTO DE VÍNCULOS.....	229
O PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM E AS DIFICULDADES ENCONTRADAS PELOS ALUNOS NO AMBIENTE ESCOLAR	235
O USO DA TÉCNICA DE MINDFULNESS AUXILIANDO NA REDUÇÃO DA ANSIEDADE	252
A AFETIVIDADE NA RELAÇÃO ALUNO-PROFESSOR EM AMBIENTE ESCOLAR	265
A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO BÁSICA: UM RESUMO EPISTEMOLÓGICO.....	272
A IMPORTÂNCIA DO RELACIONAMENTO INTERPESSOAL, DAS HABILIDADES SOCIAIS E DA BOA CONVIVÊNCIA PROFESSOR ALUNO NA ESCOLA	280
A PSICOLOGIA NO AMBIENTE ESCOLAR E O RELACIONAMENTO INTERPESSOAL.....	288
AFETIVIDADE EM ÊNFASE NO ENSINO FUNDAMENTAL	297
INCLUSÃO ESCOLAR: UMA PRÁTICA A SER ELABORADA	305
INDISCIPLINA ESCOLAR: DISCUSSÃO E ESTRATÉGIAS COGNITIVO COMPORTAMENTAIS ..	318
INTER-RELAÇÕES NA PRÉ-ADOLESCÊNCIA.....	325

O DESENVOLVIMENTO DAS HABILIDADES SOCIAIS E O AUTOCONHECIMENTO	335
O DESENVOLVIMENTO PSICOSSOCIAL DE CRIANÇAS INSTITUCIONALIZADAS	345
O ESTIGMA DA VALORIZAÇÃO PESSOAL NAS MULHERES USUÁRIAS DO CRAS	355
O PROCESSO DE ORIENTAÇÃO VOCACIONAL NO ÂMBITO ESCOLAR	364
OBSERVAÇÃO, INTERVENÇÃO E RESULTADOS EM UMA ESCOLA DE PORTO UNIÃO/SC. ...	377
OBSERVAÇÕES DE RELAÇÕES ESCOLARES EM ESCOLA PÚBLICA NO INTERIOR DO PARANÁ	386
OS CAMINHOS DAS ATIVIDADES LÚDICAS NA ADESÃO DA HIGIENE CORPORAL NA PROMOÇÃO DA SAÚDE E DO BEM-ESTAR NO 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL	401
RELAÇÕES INTERPESSOAIS, AFETIVIDADE E COMUNICAÇÃO: UMA VISÃO ANALÍTICA DENTRO DE UM AMBIENTE ESCOLAR.	427
VULNERABILIDADE SOCIAL E O PROCESSO DE AUTOESTIMA NOS GRUPOS EXCLUSIVOS DOS CENTROS DE REFERÊNCIA DA ASSISTÊNCIA SOCIAL	442

DINÂMICA VOLTADA PARA HABILIDADES SOCIAIS E O AUMENTO DA AUTOESTIMA NA ADOLESCÊNCIA

Leonardo Cardoso¹
Marcelo de Oliveira²

Daniel Ribeiro Branco³
Geovani Zarpelon⁴
Guidie Elleine Nedochetko Rucinski⁵

RESUMO: A proposta inicial é descrever as atividades realizadas tanto no âmbito da Faculdade, quanto na Instituição filantrópica escolhida para ser feito os comentários e intervenções para o desenvolvimento do presente artigo. Participaram do processo o grupo terapêutico do Instituto, caracterizado como um grupo pequeno, com aproximadamente 10 integrantes, com idades entre 11 e 17 anos, vivenciando a fase da adolescência. Através de observações notou-se que a direção do grupo estava voltada para o desenvolvimento das habilidades e competências sociais. E que havia certa introversão por parte dos membros durante os encontros. A autoestima possui variadas definições, porém, ela pode ser melhor estabelecida como "a avaliação afetiva do valor, apreço ou importância que cada um faz de si próprio. Alguns autores descobriram que a autoestima está relacionada de forma significativa com o bem-estar do indivíduo" (FREIRE, TAVARES et al., 2010, p. 185). Foi possível verificar que os integrantes do grupo terapêutico reagiram de forma harmoniosa para com a proposta, e após a aplicação houve maior entrosamento entre os membros e um feedback positivo de todos em relação a atividade realizada. Também ocorreu uma variação no humor dos indivíduos, que após a aplicação demonstraram estar mais entrosados com o grupo, e interagindo com todos individualmente pode-se ter noção do quanto a autoestima é importante para qualquer ser humano, principalmente durante sua fase de desenvolvimento. Através do estudo realizado, a autoestima revelou ser uma variável importante na promoção do bem-estar dos adolescentes e no desenvolvimento de competências sociais e autoconhecimento, que é muito importante para o treino de habilidade social, pois é necessário para que o indivíduo tenha a capacidade de se monitorar e assim observar, descrever e avaliar quais comportamentos são adequados para tais circunstâncias.

Palavras-chave: Habilidades sociais. Autoestima. Autoconhecimento. Adolescência.

ABSTRACT: The initial proposal is to describe the activities carried out within the College, as well as philanthropic Institution chosen to be made the comments and interventions for the development of this article. Participated in the process the therapeutic group of the Institute, characterized as a little group with 10 members approximately, with ages between 11 and 17 years, experiencing the phase of the adolescence. Through of observations, it was noted that the group's direction was focused on the skills development and social competences. And that there was some introversion of the part of the members during the meetings. The self-esteem has a lot of definitions, however, it can best be specified as "the affective appraisal of the value, appreciation, or importance that each person makes of himself. Some authors have found that self-esteem is significantly related to the individual's well-being" (FREIRE, TAVARES et al., 2010, p. 185). It was possible to verify that the members of the therapeutic group reacted in a harmonious way with the proposal, and after the application there was more interaction between the members and a positive feedback from all in relation to the activity performed. There was also a variation in the mood of the individuals, who after the application showed to be more involved with the group, and interacting with everyone individually, one can have a sense of how much self-

¹ Acadêmico do Curso de Psicologia das Faculdades Integradas do Vale do Iguaçu – UNIGUAÇU.

² Psicólogo, Especialista em Saúde Mental e Psicanálise, Mestre em Filosofia, Professor e Supervisor do Estágio Básico III das Faculdades Integradas do Vale do Iguaçu – UNIGUAÇU.

³ Psicólogo, Mestre em Psicologia. Professor das Faculdades Integradas do Vale do Iguaçu – Uniguaçu.

⁴ Psicólogo, Mestre em Educação. Professor das Faculdades Integradas do Vale do Iguaçu – Uniguaçu.

⁵ Psicóloga, Especialista em Psicologia Organizacional. Professora das Faculdades Integradas do Vale do Iguaçu -UNIGUAÇU.

esteem is important for any human being, especially during the developmental phase. Through the executed study, self-esteem proved to be an important variable in promoting of the well-being of adolescents and in the development of the social skills and the self-knowledge, which is very important for social skill training, because it is necessary for the individual to have the ability to monitor oneself and observe, describe and evaluate what behaviors are appropriate for such circumstances.

Key-words: Social skills. Self-esteem. Self-knowledge. Adolescence.

INTRODUÇÃO

Não existe uma concordância para a definição de habilidades sociais (HS) mas o termo é utilizado normalmente para designar um conjunto de fatores comportamentais aprendidos empiricamente envolvendo interações sociais (CABALLO, 1995; DEL PRETTE E DEL PRETTE, 1999).

A habilidade social deve ser considerada dentro de um determinado marco cultural, os padrões de comunicação variam amplamente entre culturas e dentro de uma mesma cultura, dependendo de fatores como idade, sexo e classe social, além da educação. O grau de efetividade de uma pessoa pode depender do que se deseja conseguir na determinada situação particular em que se encontre, um comportamento considerado apropriado em uma situação pode ser impróprio em outra. O indivíduo traz consigo para a situação suas próprias atitudes, valores, crenças, capacidades cognitivas e um estilo único de interação (CABALLO, 1955, WILKINSON & CANTER, 1982).

O treinamento de habilidades sociais pode ser definido como um enfoque geral da terapia dirigido a incrementar a competência da atuação em situações críticas da vida, ou como uma tentativa direta e sistemática para o ensino de estratégias e habilidades interpessoais aos indivíduos com uma intenção de melhorar a sua própria competência interpessoal e individual em determinados tipos específicos de situações sociais. O treinamento de hs seria um enfoque comportamental de aquisição da resposta, normalmente concentra-se na aprendizagem de um novo repertório de respostas (CABALLO, 1955, GOLDSMITH & MCFALL, 1975, CURRAN, 1985).

Já a autoestima é basicamente definida como sendo um elemento central para compreensão e explicação do comportamento humano, é de grande importância para o crescimento, desenvolvimento e realização pessoal de todos os indivíduos (BERNARDO & MATOS, 2003; FELICIANO, 2010; JONOVSKA, FRANIKOVI, KVESI, NIKOLI & BREKALO, 2007).

DESENVOLVIMENTO

Podemos ter em mente que somente o autoconhecimento é insuficiente para designar os comportamentos realizados no âmbito social e nas relações interpessoais vivenciadas por todos os indivíduos, pois normalmente não é somente a pessoa que determina seu comportamento, mas podem haver variados fatores que influenciem na sua tomada de decisão, como por exemplo os fatores ambientais e a própria manipulação do comportamento, assim bem como possíveis déficits nas próprias habilidades sociais da pessoa. (SKINNER, 1993; APUD. SILVA, 2002).

Contudo o autoconhecimento é muito importante para o treino das hs, e o mesmo é necessário para que o indivíduo tenha a capacidade de se monitorar e assim observar, descrever e até mesmo avaliar quais comportamentos são adequados para tais circunstâncias. Sendo assim (Skinner, 1995/1989, apud Silva, 2002, p.4) evidencia que:

Nesta direção, a psicoterapia é uma contingência especialmente treinada para trazer à consciência uma parcela daquilo que é inconsciente, ou seja, possibilita a descrição, através de perguntas, do que a pessoa faz e do por que ela faz.

Outro termo envolvido no processo terapêutico seria o auto-conceito o qual não é inato, pois está sempre se adaptando as diversas exigências ao longo do desenvolvimento humano, pode ser caracterizado como sendo um elemento dinâmico. E apresenta ser de certa forma mais sólido após a fase da adolescência a qual é um período de constantes mudanças significativas do auto-conceito. É um componente que influencia fortemente relações interpessoais constituindo um fenômeno social, determinando a trajetória de uma pessoa, da mesma forma que influencia suas escolhas e decisões (FARIA & AZEVEDO, 2004; FELICIANO, 2010; HATTIE, 1992; ZUGLIANI, MOTTI & CASTANHO, 2007).

É um modelo representativo da personalidade, o qual é capaz de organizar a ação que pode facilitar ou inibir, sendo positiva ou negativa, se caso for um auto-

conceito realista, sólido e positivo reflete uma atitude segura, manifestações saudáveis e ausência de sentimentos ameaçadores gerados por experiências de vida. Indivíduos com estas características tendem a fazer avaliações positivas sobre si e revelam uma percepção sem distorções externas e internas o que permite se adaptar facilmente para com situações do cotidiano. Segundo Faria (2005) apud Feliciano (2010, p. 13) "O desenvolvimento do auto-conceito parece conduzir a uma melhor aceitação de si próprio e a um maior aproveitamento da competência pessoal".

Foi analisado também a importância da autoestima no período da adolescência, o qual era vivenciado por todos os integrantes do grupo terapêutico, sabe-se que a autoestima se desenvolve progressivamente, desde o início da vida humana ela começa de forma elevada e vai diminuindo até chegar na fase da adolescência. Isso pode ser explicado pelo fato da crescente noção de realismo que as pessoas alcançam durante o tempo, por oposição à auto avaliação positiva e irrealista que é característica de fases anteriores do ciclo de vida. Logo crianças mais novas demonstram sobrevalorizar suas competências enquanto os jovens adolescentes parecem ser um tanto quanto mais realistas (FARIA & AZEVEDO, 2004; FELICIANO, 2010; HARTER, 1990).

No período da adolescência os indivíduos tendem a se descrever de forma mais abstrata e centrada em aspectos internos e psicológicos dos comportamentos, nessa mesma fase surge o pensamento abstrato o qual por sua vez pode permitir a reflexão sobre si mesmo, o que possibilita um adolescente à desenvolver conceitos sobre aspectos internos de suas percepções. Uma vez que a capacidade hipotético dedutiva pode permitir a construção consciente sobre a essência da autoestima faz com que as auto-descrições sejam mais favoráveis a possíveis distorções tornando o autoconceito mais suscetível ao irrealismo (FELICIANO, 2010; HARTER, 1999; RIDING, 2001).

Logo na adolescência inicial que é definida pelo período de transição da infância, as oportunidades para o crescimento são favoráveis aos jovens, não somente em aspectos físicos, mas também em relação às competências sociais e cognitivas, ou a autonomia, autoestima e intimidade que estão em evidência. A partir da meia adolescência a autoestima tende a estabilizar, porém no início e ainda no

meio ela revela uma certa instabilidade. Sendo assim Fontaine e Faria (1989) apud Feliciano (2010, p.34) relatam que:

Os adolescentes podem tender a desvalorizar as suas capacidades, não acreditar em si próprios e, conseqüentemente, abandonar, desistir e evitar as situações que as desafiam e que podem por em causa o seu autoconceito e a sua autoestima, desenvolvendo reações emocionais desajustadas, ansiedade, depressão e desânimo aprendido.

Normalmente é perceptível que os adolescentes também podem através da sua avaliação de suas reais competências aceitar trabalhos, atividades, que exigem mais do que ele mesmo pode desempenhar, causando uma situação de fracasso ou de modo inverso evitar circunstâncias desafiantes pelo fato de colocar em causa uma autoestima irrealista e frágil que precisa de proteção (FELICIANO, 2010; HARTER, 1999).

MÉTODO

A proposta do estudo é a de proporcionar uma experiência positiva nos indivíduos do grupo terapêutico do Instituto com base no desenvolvimento de uma técnica voltada para as habilidades sociais (hs) envolvendo o aumento da autoestima, técnicas deste gênero podem ser de grande valia pelo fato de modificar o comportamento introspectivo dos indivíduos, fazendo com que melhore a comunicação interpessoal do mesmo, aliviando a ansiedade vivenciada em interações sociais e aumentando seu desempenho na resolução de problemas, cooperação em grupo e atividades profissionais, juntamente com a sua autoestima. O treinamento de hs quando feito em grupo pode dispor de diversas vantagens, pode favorecer um ambiente social mais complexo, a experiência em grupo fornece uma aquisição de habilidades por oferecer oportunidades, proporciona um feedback imediato, também fornece possibilidades de diversas soluções para problemáticas, fora que a atividade em grupo permite uma maximização dos recursos humanos e materiais (HIDALGO E ABARCA, 1992, FALCONE, 1998, BOLSONI-SILVA, 2002).

Com base nas informações obtidas o procedimento escolhido seria uma técnica para grupos voltada para a autoestima juntamente com o autoconhecimento e

desenvolvimento de projeções dos indivíduos, sabe-se que a projeção apesar de ser um mecanismo de defesa fundamental para o manejo de conflitos psíquicos não surgiu com tal propósito, logo antes de funcionar como uma defesa a projeção é um mecanismo primitivo e normal do funcionamento mental e desempenha um papel importante na construção da concepção humana do mundo externo a qual por sua vez é modelada por estímulos sensoriais e pela percepção a qual é influenciada diretamente por processos emocionais e de pensamento, ambos além de individuais são subjetivos (HOMRICH, 2008).

Sendo assim a técnica aplicada tem relação com o autoconhecimento e autoestima dos indivíduos que são beneficiados, a autoestima pode ser vista como uma avaliação que a pessoa realiza sobre si mesmo, a qual pode ser dividida entre alta e baixa. Os conceitos fundamentais que caracterizam a autoestima são a motivação, força de vontade e autoconfiança, e ao se referir a baixa autoestima pode ser evidenciado a ausência ou pouca evidência dos comportamentos descritos (CAIXETA, 2009).

Algumas das vantagens que podem ser abordadas seriam o favorecimento de um ambiente social complexo e assim uma maior variedade de modelos. A própria experiência em grupo permite uma aquisição de algumas habilidades pois oferece oportunidades em tempo real, no presente. A atividade quando realizada em grupo proporciona uma ponte entre a aprendizagem de certa habilidade e sua execução facilitando por sua vez a prática real. Durante uma psicoterapia em grupo é possível os indivíduos reproduzirem uma situação familiar com as demais experiências interpessoais o que favorece a consolidação e generalização das condutas treinadas em grupo. O feedback é realizado de maneira imediata no ato da psicoterapia diante da conduta treinada tanto para os facilitadores quanto para o grupo. Na situação grupal é possível ter um maior número de modelos comportamentais disponibilizados a partir de soluções a questões propostas, as quais são discutidas entre todos os integrantes fazendo com que o indivíduo não precise necessariamente recorrer somente as respostas que o terapeuta propõe. Um maior número de situações problema e conseqüentemente um maior suporte para as possíveis e variadas soluções. A atividade quando realizada em grupo permite que a intencionalidade do

vínculo com o terapeuta seja minimizada e o treinamento em grupo permite uma grande exploração dos recursos humanos e materiais (HIDALGO E ABARCA, 1992; FALCONE, 1998; SILVA, 2002).

O presente estudo foi conduzido num grupo terapêutico em uma entidade filantrópica, o objetivo do Instituto é o de poder proporcionar um desenvolvimento digno e sadio do público que frequenta o local, preparando os internos para uma convivência social adequada e um desempenho funcional em suas vidas, tanto no âmbito escolar, quanto no profissional e também social, realizando ações educativas e sócio assistenciais que contribuam para sua autonomia pessoal e qualidade de vida.

Os internos frequentam a escola em um determinado período, já em outros momentos acabam aproveitando as atividades extraclasse disponibilizadas gratuitamente como por exemplo música, com a Banda Musical, esporte com o Projeto Atleta do Futuro, Escola de Iniciação Desportiva, projeto Mais Educação, onde são lecionadas as disciplinas de Jornalismo, Letramento, Quadrinhos, dentre outras. Cursos como Auxiliar Administrativo e Produção Industrial. Desenvolvem ainda atividades de lazer voltada para os internos que frequentam o Instituto, atividades terapêuticas como os grupos terapêuticos. Outras atividades físicas como o caratê, capoeira, atividades na criação de artesanatos, aulas de informática, auxílio terapêutico, auxílio de assistentes sociais, grupos vocacionais, grupos de jovens, aprendizado de instrumentos musicais, dentre outros.

A aplicação da técnica foi realizada no dia 25 de outubro de 2017 no período vespertino somente no grupo terapêutico do Instituto, o qual é caracterizado como um grupo pequeno com cerca de 10 integrantes, providos de idades entre 11 e 17 anos, situados em sua linha do desenvolvimento na fase da adolescência. Os indivíduos são estudantes do colégio situado no âmbito do Instituto, a escola de séries iniciais do ensino fundamental, e uma de ensino médio. Essas escolas descritas atendem a todos os internos e alunos das comunidades próximas e em toda região local.

A atividade executada possui o nome de "adivinha quem sou eu" e tem como objetivo principal a facilitação da apresentação entre os indivíduos do grupo através de algum objeto pessoal, a dinâmica proporcionou aos participantes a conscientização

do seu funcionamento através das fantasias de outras pessoas a seu respeito (ROSSET, 2013, apud PINHEIRO, 2014).

Os materiais utilizados na presente dinâmica foi apenas um pano ou manta para esconder os objetos e certos objetos escolhidos pelo aplicador que foram disponibilizados em uma caixa para a escolha dos participantes. Foi orientado para que todos os integrantes virassem suas cadeiras e ficassem de costas para o centro do grupo, em seguida a caixa foi colocada no centro, assim foi instruído que uma pessoa de cada vez fosse realizar a escolha de seu objeto representativo. O indivíduo teve a oportunidade de escolher dentre os variados objetos contidos na caixa para o representar de forma simbólica perante aos demais participantes, após a escolha foi esclarecido para que o indivíduo colocasse sem que ninguém observasse o objeto em baixo do pano que estava no centro do grupo. Após todos realizarem o procedimento o pano foi retirado e a orientação foi para que todos voltassem em sua posição inicial frente aos demais, assim cada indivíduo pode escolher um objeto que não fosse o seu e explanasse sobre quais fantasias tinha em relação à quem achava que era o dono do respectivo objeto (ROSSET, 2013, apud PINHEIRO, 2014).

Por fim cada participante foi instigado a comparar as fantasias designadas pelos outros indivíduos através do seu objeto de escolha e qual foi a sua própria motivação para escolher tal objeto. Sendo assim a presente dinâmica teve o intuito de fortalecer a autoestima juntamente correlacionando as projeções que os indivíduos realizam constantemente sobre os outros, e a maneira como percebem-se e percebem os demais colegas. Lembrando que caso os indivíduos tivesse a curiosidade de ver o objeto que outro participante estava escondendo era aconselhado que todos fechassem os olhos enquanto a pessoa depositava o objeto em baixo do pano (ROSSET, 2013, apud PINHEIRO, 2014).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a execução do método de intervenção aplicado no grupo terapêutico do Instituto, foi realizado uma discussão em grupo sobre o entendimento subjetivo que todos os membros tiveram durante a atividade, e foi possível a partir dos relatos e

feedback recebido que os indivíduos tiveram experiências parecidas, no geral ligadas à reflexão relacionada ao auto-conceito, auto-percepção e a própria auto-estima que era um dos objetivos da dinâmica. Através de Serra (1995) apud Feliciano (2010, p. 13):

A comparação social e o julgamento do próprio comportamento, tendo em conta as regras estabelecidas para um determinado grupo normativo no qual se encontra vinculado, desempenham um importante papel na formação da auto percepção.

Pode-se compreender que no geral os integrantes do grupo tiveram uma experiência positiva a qual pode proporcionar uma reflexão acerca dos conceitos evidenciados, partindo com o exemplo do auto-conceito podemos ter em mente que este é a percepção que o indivíduo tem de si, em outras palavras, suas atitudes, sentimentos e o seu autoconhecimento sobre suas capacidades, competências, limites, imagem física, aceitação social e valores subjetivos. Sendo assim englobando diversas áreas físicas, sociais e morais (CARAPETA ET AL., 2001; FARIA, 2005; FELICIANO, 2010; NETO, 1998; GALLAHUE & OZMUN, 2005).

A discussão em grupo realizada após a dinâmica também pode trazer conteúdos até então latentes como por exemplo o valor que a autoestima tem para um indivíduo, e o poder que ela possui de influenciar positivamente sua vida. A conversa entre o grupo tinha a finalidade de obtenção de um feedback em relação a atividade, a qual mostrou ser significativa para todos os membros. Sabe-se que a autoestima é aceita como sendo um indicador do bem-estar mental e mediador do comportamento humano e é considerada um produto da personalidade, está de certa forma associada a seus traços sendo o indivíduo o responsável por uma manifestação elevada de seu nível (ANASTÁCIO & CARVALHO, 2006; CRUZ, 1998; FOX, 1988).

A atividade aplicada pode estimular o desenvolvimento da autoestima, desenvolvimento este que possui uma grande significância pelo fato de jovens com um nível maior de autoconfiança e uma visão positiva sobre si mesmos possuem uma grande capacidade de aumentar sua auto-eficácia, além de também poder resistir à pressões sociais. Logo uma construção positiva da autoestima pode dar aos jovens uma oportunidade de ter seu desenvolvimento positivo e uma confiança maior em

controlar variados aspectos de sua vida (ANASTÁCIO & CARVALHO, 2006; SCRIVEN & STIDDARD, 2003).

Todos os integrantes do grupo terapêutico onde a dinâmica foi executada estão na fase da adolescência, sabe-se que esse é um dos períodos mais críticos da vida para o desenvolvimento da autoestima. A mesma afeta em todos os aspectos e contextos da vida do indivíduo influenciando na realização do seu potencial, nesta fase está ligada a aspectos da natureza física e relacional dos jovens. Suas experiências também são influenciadas aumentando ou diminuindo a autoestima sendo elas positivas ou negativas e assim por diante (ANTUNES ET AL., 2006; BAUMEISTER, 1993; FELICIANO, 2010; MOSQUERA & STOBÄUS, 2006; QUILES & ESPADA, 2009).

Durante a discussão após a dinâmica pode-se observar uma alteração no humor dos indivíduos que demonstraram ter aprovado a atividade, no mesmo momento foi questionado qual motivação levou o indivíduo a atribuir tal fantasia sobre o objeto escolhido como representação simbólica podendo analisar sua maturidade durante a escolha. Segundo Baumeister (1993), Plummer (2005) apud Feliciano (2010, p.32) "Os adolescentes com elevada autoestima são mais maduros emocionalmente, estáveis, realísticos e relaxados com boa tolerância à frustração, do que aqueles que tem uma autoestima mais reduzida".

Através da atividade aplicada no grupo terapêutico pode-se obter um feedback positivo por parte dos integrantes, relatando que realmente se sentiram mais confiantes e satisfeitos com a proposta, assim demonstrando uma autoestima maior para consigo mesmo. Uma autoestima elevada pode trazer diversos benefícios para o indivíduo desde o bem-estar e estabilidade emocional, bem como uma adaptação social e comportamental que engloba a capacidade de liderança, sucesso escolar, satisfação com a vida, diminuição da ansiedade e uma maneira diferente de lidar com os problemas que lhe afetam diretamente (FELICIANO, 2010; HATTIE, 1992; QUILES & ESPADA, 2009; SONSTROEM, 1997).

Assim quanto mais elevada estiver a autoestima de um indivíduo, mais capacidades para manejar as derrotas ele terá, maiores serão as possibilidades de melhorar seu relacionamento com os demais e sua autoconfiança será fortalecida.

Com a alteração positiva da autoestima um sentimento de confiança e competência é revelado pela pessoa, levando-a experienciar sentimentos de sucesso (AVANCI ET AL., 2007; BRANDEM, 1992; FELICIANO, 2010; FOX, 2000).

Vale lembrar que um sujeito com sua autoestima elevada pode ser beneficiado através de diversos fatores, segundo Coopersmith (1967) apud Feliciano (2010, p. 25):

Um sujeito com autoestima alta possui uma imagem constante das suas capacidades, tem maior probabilidade de assumir papéis ativos em grupos sociais, são pessoas menos preocupadas, orientam-se mais diretamente e realisticamente face as suas metas pessoais.

Por fim pode-se compreender que a dinâmica foi de grande valia para o grupo terapêutico, da mesma forma que pode influenciar no desenvolvimento das habilidades sociais, por ser um grupo composto somente por adolescentes é fundamental que seu nível de autoestima seja equilibrado, todavia a autoestima alta age conforme uma proteção facilitadora do desenvolvimento completo, sadio e adequado do indivíduo, um adolescente com autoestima positiva pode ser capaz de responder adequadamente as adversidades da vida como fracassos e problemas, progredindo assim de forma madura e competente (FELICIANO, 2010; FOX, 2000; ROSA, 1995).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANASTÁCIO, Zélia Caçador; CARVALHO, Graça Simões de. **Saúde na adolescência: Satisfação com a imagem corporal e a auto-estima**. Portugal: Lidel - Edições Técnicas, 2006. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1822/5770>>. Acesso em: 05 nov. 2017.

BOLSONI-SILVA, Alessandra Turini. Habilidades sociais: breve análise da teoria e da prática à luz da análise do comportamento. **Interação em Psicologia**, [s.l.], v. 6, n. 2, p.1-11, 31 dez. 2002. Universidade Federal do Parana. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5380/psi.v6i2.3311>>. Acesso em: 19 de Outubro de 2017.

CABALLO, Vicente E.. **Manual de Técnicas de Terapia e Modificação de Comportamento**. São Paulo: Santos, 2016. 873 p.

FELICIANO, Inês Paulo; AFONSO, Rosa Marina. **Estudo sobre a auto-estima em adolescentes dos 12 aos 17 anos**. *Psic., Saúde & Doenças*, Lisboa , v. 13, n. 2, p. 252-265, 2012 . Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-00862012000200009&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 03 nov. 2017.

FREIRE, Teresa; TAVARES, **Dionísia**. **Influência da autoestima, da regulação emocional e do gênero no bem-estar subjetivo e psicológico de adolescentes**. *Rev. psiquiatr. clín.*, São Paulo , v. 38, n. 5, p. 184-188, 2011. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-60832011000500003&lng=en&nrm=iso>. access on 19 Oct. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-60832011000500003>.

HOMRICH, Adriana Chaves Borges. **O conceito de superego na teoria freudiana**. 2008. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. doi:10.11606/T.47.2008.tde-13072009-102828. Acesso em: 2017-09-16.

PARANÁ. INSTITUTO PIAMARTA. **Site Oficial**. Disponível em: <<https://www.piamarta.org.br>>. Acesso em: 01 set. 2017.

PINHEIRO, Ângela Fernanda Santiago. **Técnicas e Dinâmicas de Trabalho em Grupo**. Montes Claros, 2014. Disponível em: <<http://ead.ifnmg.edu.br/uploads/documentos/8rrFdOZMbo.pdf>>. Acesso em: 01 set. 2017.

ROSSET, Solange Maria. **1 2 3 Técnicas De Psicoterapia Relacional Sistêmica**. 6. ed. Curitiba: Artesa Editora, 2013. 180 p.

FORTELECIMENTO DE VÍNCULOS

Manoela Talamini Osório¹
Marcelo de Oliveira²
Daniel Ribeiro Branco³
Geovani Zarpelon⁴
Darciele Mibach⁵

RESUMO: O tema do presente estudo é analisar teoricamente como se caracteriza a violência sofrida por adolescentes por meio de abusadores do âmbito doméstico. Esses adolescentes participam do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos do Centro de Referência de Assistência Social. O método de pesquisa é qualitativa descritiva. A coleta de dados foi realizada através do diário de campo de observação, com a obtenção das principais queixas compartilhadas entre os membros do grupo em forma de conversação e perguntas abertas e semi-estruturadas. Os participantes foram 14 adolescentes, com uma média de idade entre 13 e 18 anos, sendo um do sexo masculino e 13 do sexo feminino. Todos estão frequentando a escola regularmente. Foi verificado que atividades através de dinâmicas tiveram como objetivo fortalecer vínculos entre os membros do grupo, confiança e empatia para que cada um se coloque no lugar do outro e possa visualizar com seus olhos a maneira de encarar os problemas que resultavam em consequências como a automutilação. O resultado foi obtido através de “feedback” dos membros do grupo e a participação dos envolvidos foi essencial para cada um ter o seu momento para poder expor uma solução para um determinado problema.

PALAVRAS-CHAVE: adolescência, violência familiar, abuso sexual, automutilação.

ABSTRACT: The theme of the present study is to theoretically analyze how the violence suffered by adolescents by domestic abusers is characterized. These adolescents participate in the Coexistence and Strengthening of CRAS Linkages Service. The research method is qualitative descriptive. The data collection was done through of an observation field journal, among the main complaints that were shared between the group members held in the form of conversation and open and semi-structured questions. The participants were 14 adolescents, with a mean age between 13 and 18 years old, being 1 male and 13 female. Everyone is attending school regularly. The activity carried out through dynamics was aimed at strengthening bonds between group members, trust and empathy so that each one put himself in the other's shoes and saw with his eyes the way to face the problems that resulted like self-mutilation. The result obtained was through feedback from the members of the group, and participation was essential for each one to have their moment to be able to explain how he would solve the problem determinate.

KEY WORDS: adolescents, family violence, sexual abuse, cutting.

1 INTRODUÇÃO

O Presente trabalho de relatório de estágio supervisionado de observação III tem como objetivo apresentar as observações realizadas no grupo de adolescentes

¹ Acadêmica do Curso de Psicologia das Faculdades Integradas do Vale do Iguaçu – UNIGUAÇU, União da Vitória, Paraná, Brasil.

² Psicólogo, Especialista em Saúde Mental e Psicanálise, Mestre em Filosofia, Professor e Supervisor do Estágio Básico III das Faculdades Integradas do Vale do Iguaçu – UNIGUAÇU.

³ Psicólogo, Mestre em Psicologia. Professor das Faculdades Integradas do Vale do Iguaçu – Uniguaçu.

⁴ Psicólogo, Mestre em Educação. Professor das Faculdades Integradas do Vale do Iguaçu – Uniguaçu.

⁵ Psicóloga, Especialista em Psicologia Organizacional. Coordenadora do curso de Psicologia das Faculdades Integradas do Vale do Iguaçu – Uniguaçu.

do Centro de Referência de Assistência Social. Observar a metodologia utilizada nos grupos e fazer uma análise de como ocorre o processo de interação entre todos os envolvidos com o ambiente de convívio em uma perspectiva comportamental e social. A realização do estágio de observação proporcionou a vivência do trabalho do psicólogo, a familiarização com a profissão do psicólogo e a oportunidade de associar à teoria a prática. No presente trabalho também foram verificadas as principais queixas relatadas pelos membros do grupo.

2 DESENVOLVIMENTO

A maioria das pessoas que procuram a prática de automutilação apresenta-se em pressão contínua, que resulta em tal prática como uma única maneira de se expressar e aliviar as tensões, sendo considerada “uma dor maior para esconder a dor menor”. Segundo Fernandes (2011) o corpo é um alvo descarga da pressão, frustração e sofrimento e passa a ser um meio privilegiado do mal estar das pessoas, produto da cultura na qual estão inseridas. Na sociedade de hoje o corpo passou a ser um representante da subjetividade e frustrações com o mundo.

A adolescência é marcada pelo aumento de hormônios, sendo um desafio e uma etapa marcante na vida das pessoas. Nos últimos anos, vem aumentando o número de ocorrências sobre automutilação entre jovens de 12 a 20 anos (Bendene, 2010). Podendo ser resultado de traumas da infância, isolamento social e problemas psicológicos, sendo que de acordo com Aberastury e Knobel (1981) a adolescência é caracterizada como um momento de grande importância para o desenvolvimento do indivíduo, não somente na formação da personalidade, mas como aquisição de uma imagem corporal definitiva. O “*Cutting*”, a automutilação não está diretamente ligada a doenças psiquiátricas, como depressão, anorexia, e transtornos de personalidade, uma vez que existem casos onde podem ocorrer de maneira isolada. Segundo o DSM-V (2004) a automutilação está inserida na categoria de transtornos de hábitos e de impulsos. É caracterizada por meio de diagnóstico onde a pessoa não consegue resistir aos impulsos que a levam a realizar determinado comportamento. Somente quando liberada essa tensão, há uma sensação de alívio. Conforme Bizri (2014) as

marca feitas no corpo são uma forma de expressar o sofrimento, uma mensagem que o adolescente ou indivíduo encontra, quando não consegue expressar em palavras.

Na perspectiva psicanalítica “o corpo é habitado pelas pulsões, sendo um representante psíquico das excitações do sujeito, tendo que produzir um trabalho psíquico, para lidar com as excitações que provem do interior do corpo “(FREUD,1915).

3 MÉTODO

1) A Proposta de intervenção consistiu em duas dinâmicas, sendo utilizado o diário de campo e realizado observações, visto que era necessário que os membros tivessem mais respeito entre si para com os problemas do outros e não se aproveitassem disso para fazer brincadeiras, como se o problema do outro fosse menos importante que o dele próprio. Foram observados vários cortes em diversos locais no corpo dos adolescentes, como o antebraço, pernas, costas, lugares onde é possível esconder, e quando questionados, se repetia a mesma fala: “*acho legal!*”. As dinâmicas têm como finalidade o fortalecimento de vínculo e empatia entre os envolvidos.

2) O presente relatório de estágio supervisionado de observação III tem como objetivo relatar as observações realizadas no grupo terapêutico de adolescentes do Centro de Referência de Assistência social, sendo a porta de entrada dos usuários da política social, das famílias que buscam acesso aos direitos sócio assistenciais e de proteção social. Através da equipe de profissionais, o mesmo vem desempenhando um papel central na região onde está localizado. São atendidas famílias de nove bairros na área urbana e duas comunidades da área rural. A equipe é interdisciplinar e envolve técnicos de nível superior e médio. É composta por nove funcionários: três assistentes sociais, uma na função de coordenadora; um psicólogo, uma estagiária de serviço social, uma recepcionista, dois auxiliares administrativos e uma funcionária responsável pela limpeza. O espaço físico está constituído em uma sala para trabalhos em grupo, três salas para atendimentos (coordenadora, assistente social e psicólogo), um salão multiuso, sala para reuniões, recepção, almoxarifado, banheiros,

cozinha e área de serviço. Conforme a legislação, as principais atuações destacam-se na prevenção de situações de risco no território e o desenvolvimento de um conjunto de ações de atenção às famílias e indivíduos em vulnerabilidade social decorrente da pobreza, abrangendo o procedimento psicológico e social com abordagens individuais ou grupais.

3) O estudo foi realizado na forma de uma pesquisa do tipo descritiva/qualitativa voltada para o significado das vivências e sentimentos de adolescentes. A coleta de dados foi realizada através do diário de campo de observação, com as principais queixas compartilhadas entre os participantes do grupo com idade entre 13 e 18 anos, todos cursando o ensino fundamental e o ensino médio; sendo 01 do sexo masculino e 13 do sexo feminino. A dinâmica escolhida teve como finalidade fortalecer vínculos e empatia, para que todos os membros tenham conhecimento de que não existem problemas grandes e/ou pequenos, e sim que se um fato os incomoda a ponto de ter a necessidade de automutilar, já é mais do que o suficiente para pedir ajuda. Sendo que a compreensão disso é o primeiro passo para sua melhora. A dificuldade na aceitação de si, na tentativa de ser o que os pais querem, ou mesmo a pressão que existe nas unidades escolares e dentro da família, só prejudica, tornando os adolescentes isolados. A dinâmica foi a seguinte, escrever em papel algum problema que mais o incomode sendo de conteúdo superficial, moderado e intenso, posteriormente, foram colocados os papéis em um recipiente, e distribuído novamente. Assim cada um teria que se colocar no determinado problema e tentar amenizar ou solucionar, de forma pessoal, pegando o problema para si. Durante a realização da primeira dinâmica alguns adolescentes tiveram dificuldades em focar em somente um problema. A conclusão foi feita através de “*feedback*” dos membros do grupo após ser realizada a dinâmica, todos os membros do grupo participaram atentamente e foram muito receptivos com as respostas de cada um.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa foi realizada de maneira descritiva/ qualitativa onde foi relatado no diário de campo realizado em todo estágio de observação, os membros do grupo

relataram, dificuldades, e resistências a mudança, focado principalmente em determinados quesitos: Amizade, Companheirismo, Autoestima, Compreensão, Esperança, Honestidade, Liberdade, Justiça e Perdão. Durante a intervenção realizada os membros do grupo demonstraram um interesse muito grande sobre os assuntos abordados, escolhidos de maneira a focar nas queixas principais dos mesmos. Alguns membros tiveram maior flexibilidade em participar, que pode ser resultado da ausência de participação de outros que quase nunca se manifestavam.

A violência contra crianças e adolescentes, está a cada dia mais presente como um dos problemas mais importante a ser enfrentado, e quando acontece no seio familiar, as consequências são ainda piores, pois atingem o crescimento e desenvolvimento saudáveis dos mesmos.

O abuso de uma criança ou adolescente é uma forma de violência que pode acontecer de duas formas, psicológica e física. Ambas têm consequências catastróficas no desenvolvimento cognitivo da criança/adolescente. A falta de controle e inabilidade da criança para compreender com clareza os eventos, torna confusa a percepção de eventos fantasiosos e reais, dificultando ainda mais a decisão de contar para seus pais ou responsáveis com a dúvida de que *“será que vão acreditar em mim?”*, passando a viver situações diárias conflituosas e traumáticas.

Iniciam a adolescência com o silêncio, tristeza, sofrimento, desesperança, desmotivação, e falta de interesse pela vida, a única alternativa para aliviar todo o sofrimento guardado calado, é encontrada na automutilação. Também conhecido como *“Cutting”*, as automutilações existem de várias formas, segundo Favazza (1996) são três classificações: grave, estereotipada e superficial. Grave é aquela que ocorre a castração e amputação de membros, que são associados à psicose e intoxicação. Estereotipada quando ocorre o ato como bater a cabeça repetitivamente, se morder e se arranhar. A superficial em três subtipos: compulsivo, episódico e repetitivo. Compulsivo é o comportamento automático sem que precise pensar antes do ato, necessidade de alívio por algum motivo, o mais conhecido é a tricotilomania (ato repetitivo e deliberado de arrancar os próprios cabelos da cabeça, sobrancelha). Episódico ocorre quando tem características do transtorno de estresse pós-traumático. Repetitivo cortar-se, queimar-se, quebrar seus próprios ossos. Para

Fernandes (2011) o corpo é o meio mais utilizado para expressar não apenas a própria subjetividade, mas também a subjetividade do mundo. O corpo é cada vez mais usado como instrumento para demonstrar a expressão de mal-estar.

O contexto familiar tem um papel preponderante na prática destes comportamentos autodestrutivos, como automutilação, um funcionamento familiar inadequado aumenta o risco de envolvimento nesses comportamentos.

Entende-se que família é a união mais forte que existe, estabelecendo uma ordem de projeção, vendo os pais como os primeiros educadores. Sendo assim, para Bedene (2010) a família é amplamente responsabilizada a assumir a sua função educativa.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. **Adolescência normal**. Um enfoque psicanalítico. Porto Alegre: Artes médicas, 1981. p. 13-23.

BEDENE, M. R. Caderno Temático: **Reflexões sobre o enfrentamento da indisciplina entre jovens, adolescentes. alunos matriculados no ensino fundamental**. PDE. Universidade Fernando Pessoa. 2010.

BIZRI, E. R. Z. Self Cutting: uma visão psicanalítica sobre os transbordamentos pulsionais no corpo. In: **IV Congresso internacional de psicopatologia fundamental**, 5º, 2014, Belo Horizonte. Anais eletrônico. São Paulo: RLPF, 2014.

FAVAZZA, A. R. **Bodies Under Siege**: Self-mutilation and body modification in culture and psychiatry. 3. ed. Baltimore, Maryland: The Johns Hopkins University Press, 1996. 373p.

FERNANDES, H. M. **O corpo e os ideais do clínico contemporâneo**. 2011.

FREUD, S. **O ego e o id e outros trabalhos**. Rio de janeiro: Imago, 1939.

O PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM E AS DIFICULDADES ENCONTRADAS PELOS ALUNOS NO AMBIENTE ESCOLAR

Karine Packer¹
Marcelo de Oliveira²
Daniel Ribeiro Branco³
Guidie Elleine Nedochoetko Rucinski⁴
Giulia Helena Moura Moreira⁵

RESUMO: O objetivo geral deste estudo é realizar uma análise da produção teórica de autores que debatem a respeito dos assuntos observados no âmbito escolar, dos quais, a relação entre professores e alunos, os aspectos envolvidos com a motivação e com a ansiedade e, como, estes, influenciam no processo de ensino aprendizagem e, ainda, a importância do autoconhecimento no momento de aprender e estudar. Primeiramente, foram selecionados alguns materiais de artigos científicos em relação ao conteúdo, afim de se obter uma boa base metodológica. Atualmente, muitos alunos enfrentam dificuldades de aprendizagem dentro do ambiente escolar, sendo papel das escolas identificar as falhas e auxiliá-los neste processo, desta forma, contribuindo para uma melhor efetividade. Inúmeros fatores estão associados a esta questão como a desmotivação, a ansiedade e a falta de autoconhecimento. Com base nisso e, por meio de uma avaliação cautelosa foi possível propor algumas intervenções de acordo com as necessidades da demanda observada. Os resultados foram avaliados por meio de um questionário estruturado e organizados em gráficos. Por meio da análise dos dados, pôde-se concluir que os resultados obtidos foram satisfatórios, pois todas as atividades realizadas com os alunos foram avaliadas, por estes, de forma positiva e benéfica para o processo de ensino aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE: Dificuldades de aprendizagem. Motivação. Ansiedade. Autoconhecimento.

ABSTRACT: The general objective of this study is to carry out an analysis of the theoretical production of authors who debate about the subjects observed in the school environment, of which, the relation between teachers and students, the aspects involved with motivation and with anxiety and, as these, influence the process of teaching learning and, also, the importance of self-knowledge in the moment of learning and studying. Firstly, some materials of scientific articles were selected in relation to the content, in order to obtain a good methodological basis. Currently, many students face learning difficulties within the school environment, and the role of schools is to identify failures and assist them in this process, thus contributing to a better effectiveness. Numerous factors are associated with this issue such as demotivation, anxiety and lack of self-knowledge. Based on this, and through a cautious evaluation it was possible to propose some interventions according to the needs of the observed demand. The results were evaluated through a structured questionnaire and organized into graphs. Through the analysis of the data, it was possible to conclude that the results obtained were satisfactory, since all the activities carried out with the students were evaluated by them, in a positive and beneficial way for the process of teaching learning.

KEYWORDS: Learning difficulties. Motivation. Anxiety. Self knowledge.

¹ Acadêmica do Curso de Psicologia das Faculdades Integradas do Vale do Iguaçu – UNIGUAÇU.

² Psicólogo, Especialista em Saúde Mental e Psicanálise, Mestre em Filosofia, Professor e Supervisor do Estágio Básico III das Faculdades Integradas do Vale do Iguaçu – UNIGUAÇU.

³ Psicólogo, Mestre em Psicologia. Professor das Faculdades Integradas do Vale do Iguaçu – Uniguaçu.

⁴ Psicóloga, Especialista em Psicologia Organizacional. Professora das Faculdades Integradas do Vale do Iguaçu -UNIGUAÇU.

⁵ Psicóloga. Professora das Faculdades Integradas do Vale do Iguaçu -UNIGUAÇU.

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo fundamentou-se por meio de uma avaliação realizada com os alunos de uma escola estadual, de modo que pôde-se obter através, desta, importantes dados, desta forma, sendo possível identificar os problemas que os sujeitos de pesquisa vinham enfrentando no ambiente escolar e, propor algumas propostas de intervenções a fim de amenizar tais problemas.

Com base nisso, objetiva-se com a produção deste artigo, realizar uma análise da produção teórica de autores que debatem a respeito dos assuntos observados no âmbito escolar, sendo assim, procurou-se realizar o embasamento teórico deste, tendo como base referências bibliográficas que discorrem acerca das dificuldades de aprendizagem e os fatores associados a esta questão, dos quais, a relação entre os professores e os alunos, a motivação, a ansiedade e o autoconhecimento que são atributos importantes no momento de estudar e aprender.

Diante desta realidade, o ambiente escolar é apenas uma das possibilidades para a atuação do Psicólogo, de modo que o trabalho deste profissional é de suma importância, uma vez, que contribui para a melhoria do processo de ensino aprendizagem, pois auxilia os docentes a identificar as dificuldades de aprendizagem propondo possíveis medidas de intervenção.

2 OS FATORES ASSOCIADOS AS DIFICULDADES DO ENSINO E APRENDIZAGEM

Para a teoria cognitivista a aprendizagem é definida como um processo que envolve a relação entre o indivíduo e o mundo externo, tendo consequências no plano da organização interna do conhecimento. Desta forma, o sujeito adquire um número crescente de novas ações/aprendizagens por meio da sua inserção no meio, nesse sentido, aprendemos a relação entre ideias por meio da abstração da nossa experiência (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 1999).

Portanto, a aprendizagem resume-se na organização das informações provenientes da interação do indivíduo com o meio que o cerca e, estas, são

integradas na estrutura cognitiva. É um processo que ocorre durante toda a vida, tendo início na primeira infância e se estendendo até a velhice. Todos os sujeitos precisam aprender alguma coisa para poder manter um harmonioso convívio social.

Conforme Mota; Pereira (2017) desde pequenos devemos aprender alguma coisa, na infância as crianças devem aprender a andar e a falar e depois a ler e escrever, essas, são aprendizagens básicas e essenciais para a participação ativa do indivíduo na sociedade. Em contrapartida, os adultos precisam aprender habilidades relacionadas ao trabalho, desta forma, garantindo-lhe sustento e satisfação e, as pessoas idosas embora possuam maiores dificuldades de aprendizagem, também, podem aprender coisas novas como um novo idioma ou ainda uma nova profissão.

Como podemos observar, desde muito cedo, é estabelecido o que devemos aprender e os períodos adequados para a aprendizagem, caso isso não ocorra, constata-se que ocorreu falhas neste processo e, estas, devem ser identificadas o quanto antes para poderem ser solucionadas, é importante verificar se o problema é com o indivíduo ou com o meio que o cerca, pois ambos os fatores estão relacionados com as dificuldades de aprendizagem.

As escolas são importantes ferramentas de conhecimentos, auxiliam os alunos no processo de ensino-aprendizagem cabendo a ela identificar as falhas e dificuldades neste processo. Segundo Mota; Pereira (2017) “Sua função não se restringe mais, como antigamente, à modesta tarefa de ensinar, sua tarefa é mais ampla e profunda, ou seja, deve levar o nosso aluno a ser mais crítico, mais comprometido e mais otimista em relação à aprendizagem”.

Para minimizar os problemas relacionados a aprendizagem Mota e Pereira (2017) atribuíram alguns fatores que tornam este processo mais eficaz “os mais prementes são: o talento do professor, o tipo intelectual do aluno, as oportunidades oferecidas pelo ambiente imediato da escola, perspectivas futuras de vida do aluno”.

A relação entre os professores e os alunos, também, é de suma importância para o processo de ensino-aprendizagem, pois é um fator que está associado ao fracasso escolar. É errôneo pensar que a relação entre eles é insignificante e, que isto não influência nas notas, no comportamento, enfim, em todos os aspectos relacionados

ao contexto escolar do indivíduo, ao contrário, o estabelecimento de uma boa relação modifica todos estes aspectos.

Nesse sentido, é muito importante que a relação seja harmoniosa e que o professor exerça a sua profissão da melhor forma possível, pois assim a aprendizagem terá êxito. Segundo Lopes (2017), muitas pessoas, acreditam que a função do professor é aprimorar-se de um conteúdo específico e apresentar este em sala de aula, no entanto, as funções dos professores ultrapassam isso, eles necessitam “assumir uma postura crítica em relação a sua atuação recuperando a essência do ser “educador””.

Portanto, podemos concluir que o bom relacionamento entre os professores e os alunos não depende apenas de uma das partes, mais sim, é um trabalho mútuo, que exige esforços dos dois lados e, podemos dizer que se esta relação for estabelecida da melhor forma possível haverá maior sucesso no processo de aprendizagem, principalmente pela iniciativa do professor em estabelecer uma boa relação.

Segundo Palomares (2008) *apud* Martins (2016) “a desmotivação é um fator negativo que muitas vezes está inserida na vida social do aluno, ocasionando seu fracasso tanto no ambiente, familiar, social e acadêmico. Essa desmotivação causa a chamada indisciplina”, ou seja, este fator também dificulta a aprendizagem. Nesse sentido, é de suma importância que os alunos sintam-se motivados à aprender para que seu desempenho escolar seja satisfatório, sendo que a escola possui um papel fundamental nessa questão que é de oferecer um ambiente de qualidade.

De acordo com Bini; Pabis (2008) *apud* Martins (2016) “a desmotivação ocasiona passeios na sala de aula, o aluno ignora totalmente a presença do professor, há conversas paralelas e muitas vezes discussões entre aluno e professor”.

Ainda, conforme Martins (2016, p. 11):

A motivação e a desmotivação estão ligadas a diversos fatores na sala de aula. Uma delas é a relação do professor com aluno, a metodologia de passar a matéria, até mesmo aulas interativas ou cansativas. O professor deve pautar suas aulas de acordo com a carência dos seus alunos, obtendo assim uma possível motivação.

Portanto, pode-se dizer que a motivação é um aspecto que está intimamente relacionado com a indisciplina, uma vez, que o aluno não sente-se motivado à

aprender quando ocorre tais episódios, sendo que, os professores e a escola almejam a todo momento motivar os seus alunos e diminuir a indisciplina. Os professores precisam que os alunos os respeitem e respeitem os seus colegas de classe e, ainda que possuam concentração e esforço para aprender (NERI, 1992 *apud* MARTINS, 2016).

A ansiedade é outro aspecto que está relacionado com a aprendizagem, podendo, também, dificultar o processo. Possuir um nível de ansiedade moderado é normal e saudável, no entanto, em um grau mais elevado traz prejuízos ao indivíduo, em especial, no ambiente escolar. Para Soares; Martins (2010) *apud* Silva (2011, p.20):

A ansiedade é o resultado de uma atividade de um sistema saudável denominado medo. Este sistema é responsável pelo processamento de estímulos de perigo presentes no mundo externo. Certo grau de ansiedade é cogente para a sobrevivência humana, todavia se esta se apresentar de uma maneira constantemente exagerada, “o desempenho do indivíduo será prejudicando frente às várias situações que ele terá que enfrentar tais como provas, entrevistas, relacionamentos dentre outras”.

Portanto, percebe-se que níveis altos de ansiedade prejudicam o aluno no processo de ensino-aprendizagem. Para Duarte; Oliveira (2004) *apud* Silva (2011) existem alguns componentes da ansiedade como a tensão, a incerteza e a apreensão em relação ao futuro que interferem na aprendizagem e no desempenho geral do aluno. De modo geral, dependendo do grau de ansiedade do aluno, o seu desempenho escolar será baixo, haverá maiores possibilidades de reprovações, dúvidas quanto à escolha profissional e, ainda, esse fator pode levar o aluno a desistir dos estudos.

No entanto, diante das inúmeras dificuldades que os alunos enfrentam diariamente no momento de aprendizagem, existem alguns aspectos que os auxiliam neste processo, dentre eles cabe destacar o autoconhecimento. Este, é muito importante e torna-se uma ferramenta indispensável na hora dos estudos, visto que, é por meio dele que os alunos vão conseguir assimilar com maior facilidade a matéria. Portanto, de acordo com Feliciano (2014) os indivíduos precisam se autoconhecer e perceber a melhor maneira de entender e fixar o conteúdo.

O teste de neurolinguística é uma técnica da PNL (Programação Neurolinguística), a qual, foi desenvolvida por Richard Bandler em conjunto com John Grinder (OLIVEIRA, 2000), que possibilita o autoconhecimento, pois indica ao sujeito o seu estilo de aprendizagem, se é visual, auditivo ou cinestésico, isto é, o indivíduo vai descobrir se ele aprende melhor ouvindo, vendo ou aproveitando-se dos sentidos relacionados ao movimento para guardar informações. Conforme Feliciano (2014) “há três tipos de pessoas [...] alguns estudantes aprendem mais quando prestam atenção nas aulas ou gravações dos professores, outros compreendem muito melhor a leitura do conteúdo e, por fim, há os que precisam ouvir, anotar e ainda fazer esquemas”.

Portanto, pode-se concluir que várias questões estão relacionadas as dificuldades de aprendizagem, como a desmotivação, a insatisfatória relação entre os professores e os alunos, a indisciplina e níveis altos de ansiedade, em contrapartida, existem recursos que auxiliam neste processo como é o caso do autoconhecimento.

2 METODOLOGIA

Este estudo foi realizado com duas turmas do ensino fundamental – 8º série I e II matutino de uma Escola Estadual, localizada no município de Major Vieira – Santa Catarina. A classe da 8º I é composta por 25 alunos, 14 do sexo feminino e 11 do sexo masculino, em contrapartida, a 8º II é composta por 23 alunos, destes, 9 do sexo feminino e 14 do sexo masculino. A faixa etária dos alunos variam de 13 à 15 anos, porém, o predomínio está entre os 14 anos.

A coleta de dados foi realizada por meio dos seguintes instrumentos qualitativos: observações *in loco*, conversas informais com os profissionais da escola e análise do Projeto Político-Pedagógico. Também, foram utilizados instrumentos quantitativos, dos quais: questionários estruturados e o teste de neurolinguística.

A coleta de dados foi realizada no período matutino, sendo que a carga horária dos dias de análise variou entre quarenta e cinco minutos à três horas e quinze minutos. A frequência foi semanal, variando de uma a duas vezes por semana, de modo, que procurou-se alternar os dias da semana a fim de obter dados mais

fidedignos, observando os alunos sob a perspectiva de vários professores e suas respectivas disciplinas.

Nas observações, foi levado em consideração os aspectos relacionados as relações interpessoais entre os professores e os alunos e as atitudes comportamentais dos mesmos. E, em relação ao questionário de coleta de dados, este, permitiu extrair dados extremamente significativos que complementaram e comprovaram as observações realizadas. O questionário era composto por 13 perguntas fechadas, as quais, buscavam identificar se os alunos sentiam-se motivados tanto em relação a escola quanto ao ensino; se possuíam dificuldades de aprendizagem, concentração e memorização e, se consideravam-se ansiosos.

O trabalho de intervenção realizado com os alunos teve como objetivo interferir no problema identificado que resume-se em dificuldades de aprendizagem e, conseqüentemente, nos fatores associados a isso como a concentração, a memorização, a desmotivação e a ansiedade. Diante disso, o foco de trabalho voltou-se, primeiramente, para a aplicação de um teste de neurolinguística – você é visual, auditivo ou cinestésico? com o objetivo de propor aos alunos o autoconhecimento, através da identificação do seu estilo de aprendizagem.

O teste era composto por três séries – A, B e C, sendo que cada série continha dez afirmações, de modo que o aluno deveria ler cada uma delas e responder ao lado Sim ou Não. Depois de respondido, eles deveriam marcar um ponto para cada resposta Sim e verificar quantos pontos fez em cada série. A maior pontuação na série A indicava o estilo visual predominante, na série B o auditivo e na C o cinestésico. Para cada estilo de aprendizagem, foi repassado algumas dicas de estudos para auxiliá-los no momento de estudar, no entanto, foi reforçado que as dicas seriam válidas independentemente do estilo predominante, pois o ideal é que saibamos utilizar os três de maneira equilibrada.

Logo após à aplicação do teste, foi repassado aos alunos algumas dicas de concentração e memorização, para auxiliá-los a manter o foco durante os estudos, de modo, que houve uma explicação sucinta acerca de cada dica e como proceder para conseguir alcançar o objetivo. Dentre elas, pode-se destacar: “tenha uma boa noite de sono e tome um café da manhã saudável; sente na frente e evite sentar perto de

amigos; olhe para o professor e faça o contato visual; saiba seu objetivo; faça anotações; se envolva em discussões e faça perguntas; ouça música durante o intervalo e visualize seu futuro”. Também, foi ensinando aos alunos como desenvolver um mapa mental sobre algum assunto que tenham interesse em aprender (WIKIHOW, 2017).

Em relação a ansiedade, foi repassado três técnicas de relaxamento, uma para melhorar a respiração como um todo, outra para ser realizada antes de dormir e, a última consiste em uma técnica de respiração quadrada. Essa intervenção, teve como objetivo deixar os alunos mais tranquilos, desta forma, ensinando-os a controlar o seu nível de ansiedade frente as situações vivenciadas diariamente.

Em relação a primeira técnica, esta, consistiu em respirar lentamente e apenas pelas narinas, o exercício possuiu a duração de 3 à 7 minutos. Foi solicitado aos alunos que experimentassem deixar a saída do ar durar um tempo maior do que a entrada. Sendo importante sentir a expansão torácica e abdominal de forma lenta e suave. A segunda, foi transmitida da seguinte forma: "Deitado na cama e com as luzes apagadas, coloque as mãos sobre o abdômen. Conte enquanto respira, para criar um ritmo. Inspire contando mentalmente até quatro e expire no mesmo tempo, sempre pelas narinas" (AYRES, 2016).

E, a última, a técnica de respiração quadrada que sucedeu-se da seguinte maneira: “deixe o ar entrar em seu corpo, enquanto você conta, lentamente, até três. Segure o ar nos pulmões, sempre contando lentamente até três. Depois, solte o ar lentamente, no mesmo tempo. Após a expiração, mantenha-se sem ar, contando lentamente até três também” (AYRES, 2016).

Por fim, foi disponibilizado várias frases motivacionais e solicitado para cada aluno escolher uma delas e refletir acerca da sua escolha, o que significava para si. Depois, foi perguntado se alguém gostaria de compartilhar a sua frase e o motivo da escolha. O fechamento foi a leitura de uma história motivacional: Aconselhamento para a vida (Sílvia Parreira), atividade desenvolvida com o propósito de promover aos alunos a introspeção de aspectos motivacionais.

A realização destas intervenções contribuíram para o aprofundamento teórico e prático do acadêmico em relação aos métodos de trabalho do Psicólogo, em especial, no ambiente escolar, desta forma, aperfeiçoando a sua formação acadêmica.

Em relação a análise dos dados, estes, foram organizados em gráficos para uma melhor operacionalização e compreensão dos resultados obtidos no processo de intervenção. A avaliação e análise dos dados foi realizada com o intuito de conhecer a realidade escolar contemporânea, isto é, quais são os problemas que os alunos e professores vem enfrentando atualmente dentro das salas de aula. Por meio de uma avaliação cautelosa foi possível propor uma intervenção correspondente as necessidades da demanda observada, contrapondo, com produções teóricas de autores que debatem a respeito destes assuntos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O trabalho de intervenção foi realizado no dia 18 de outubro de 2017 com duração de 4 horas, tempo distribuído entre as duas turmas, sendo que na oitava série I todos os alunos faziam-se presentes e na oitava série II havia apenas um faltante. Os resultados obtidos após a realização das intervenções foram avaliados por meio de um questionário estruturado composto por quatro perguntas fechadas, conforme demonstrado na tabela 1.

Ainda, cabe salientar que os resultados foram avaliados de uma forma geral, ou seja, os gráficos apresentados neste artigo demonstram o resultado final obtido nas duas turmas em estudo e não especificamente em cada turma.

Tabela 1 – Questionário estruturado para a análise dos resultados das intervenções

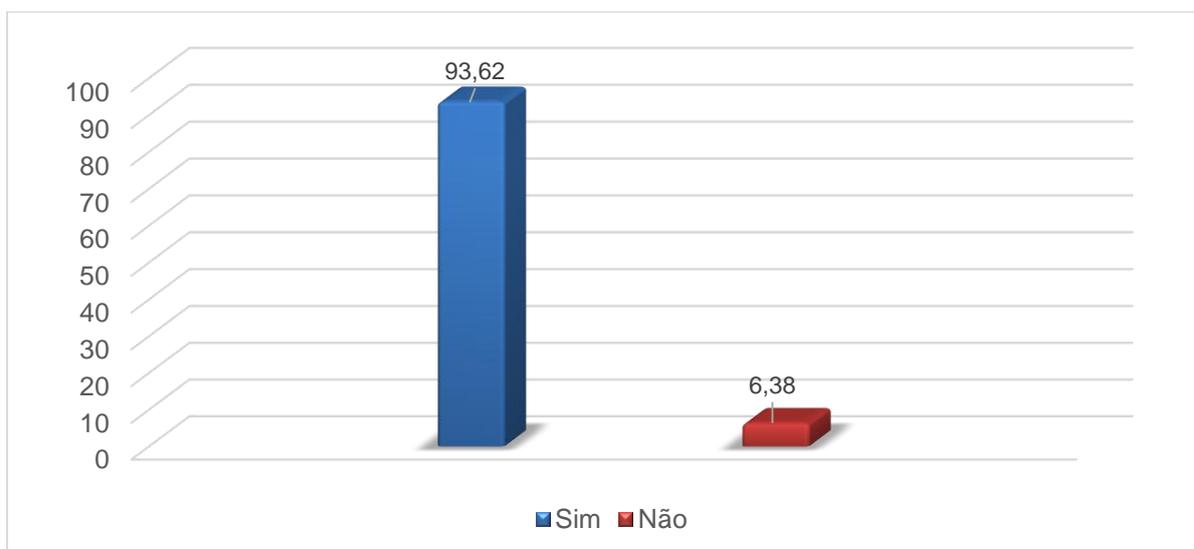
Perguntas	Respostas	
O resultado obtido no teste de neurolinguística vai lhe auxiliar nos estudos?	Sim	Não
As dicas de estudo, memorização e concentração serão úteis para o seu processo de ensino-aprendizagem?	Sim	Não

As técnicas de respiração lhe auxiliará para o controle da ansiedade e proporcionará o relaxamento?	Sim	Não
Em relação à história e as frases motivacionais expostas, foi possível sentir-se mais motivado? Lhe proporcionou reflexão?	Sim	Não

Fonte: A autora, 2017.

O resultado obtido em relação a primeira proposta de intervenção, que trata especificamente do teste de neurolinguística pode ser observado no gráfico 1.

Gráfico 1 – O resultado obtido no teste de neurolinguística vai lhe auxiliar nos estudos?



Fonte: A autora, 2017.

Como podemos observar no gráfico acima, a maioria dos alunos avaliaram o teste de forma positiva, sendo considerado por eles uma ferramenta que os auxiliará no processo de ensino aprendizagem. Nesse sentido, o teste de neurolinguística mostrou-se muito efetivo pois proporcionou aos alunos o autoconhecimento que é um fator de extrema importância no momento de estudar. Portanto, o objetivo desta intervenção foi alcançada com sucesso.

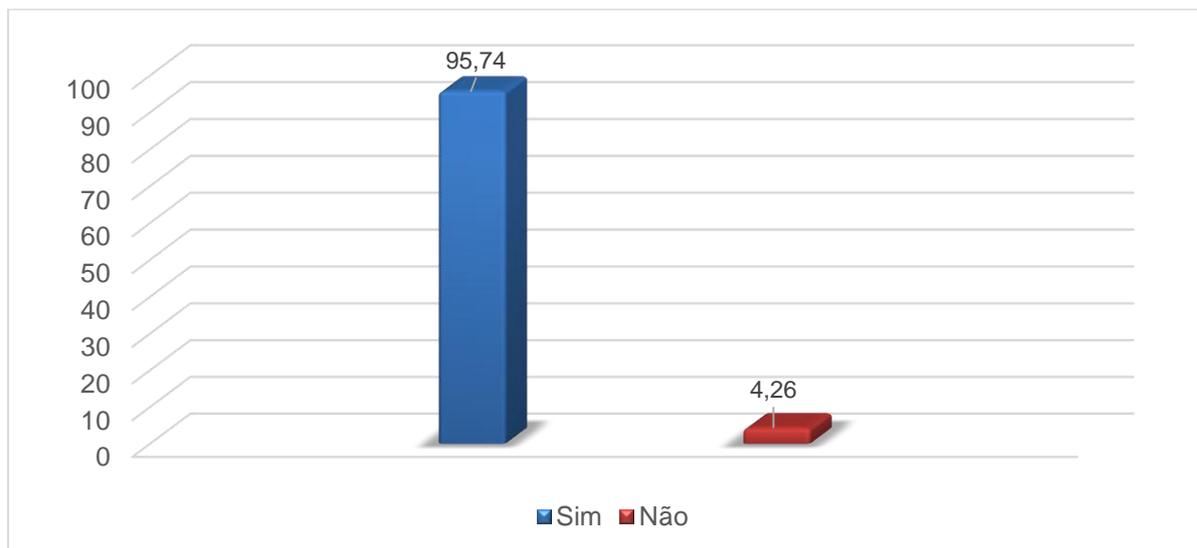
No momento da aplicação do teste, alguns alunos apresentaram dúvidas em relação a realização e correção, bem como dificuldades de interpretação, no entanto,

foi prestado auxílio, de modo que todos conseguiram realizar o que foi lhes solicitado. De forma geral, pôde ser verificado no momento da realização da atividade, através de observações e comentário dos próprios alunos, que a proposta foi bem aceita, dentre os comentários feitos cabe destacar: “foi um teste muito bom, assim as pessoas tem mais responsabilidade nos estudos”; “foi muito bom”; “gostei muito porque eu sei como eu sou”.

Conforme dados extraídos, inicialmente, na coleta de dados, pôde-se constatar que 93,02% dos alunos possuem algum tipo de dificuldade de aprendizagem e, conseqüentemente, de concentração e memorização do conteúdo, sendo que as dificuldades de aprendizagem, geralmente, estão relacionadas com a desmotivação, com a ansiedade e com a falta de autoconhecimento.

O gráfico 2 apresenta os resultados obtidos através das dicas de estudo, memorização e concentração, as quais, foram repassadas aos alunos.

Gráfico 2 – As dicas de estudo, memorização e concentração serão úteis para o seu processo de ensino-aprendizagem?



Fonte: A autora, 2017.

Percebe-se mediante o gráfico exposto que as dicas transmitidas aos alunos serão úteis de alguma forma para a sua aprendizagem, pois 95,74% dos alunos concordaram com isso, sendo assim, esta intervenção mostrou-se condizente com o

esperado pelo pesquisador. Com base nisso, alguns alunos relataram: “essas dicas vão me ajudar muito”; “eu gostei bastante, achei muito útil”.

Conforme dados coletados e analisados, através da aplicação do questionário de coleta de dados, pôde-se obter como resultado que 88,37% dos alunos possuem, em algum momento, dificuldades de concentração dentro da sala de aula prejudicando o ensino aprendizagem. Pode-se dizer, que a capacidade de concentração está envolvida com uma série de fatores, estes, vão destes as características pessoais do indivíduo até as condições ambientais.

Portanto, a tarefa de concentração varia de aluno para aluno, dependendo do seu estado mental, emocional e físico, sendo que as condições externas, como o espaço, a temperatura e os barulhos/estímulos externos podem influenciar na amplitude da concentração. Diante disso, faz-se necessário que o ambiente onde o sujeito está inserido seja tranquilo e ausente de ruídos, os quais, desviam a atenção dos alunos (LEAL, 2012).

Por meio das observações, verificou-se que os alunos distraem-se facilmente tanto quando estão executando alguma atividade como quando estão escutando a explicação do professor. Ocorre muitas conversas paralelas, piadinhas e, isso faz com que os alunos percam o foco da atividade, sendo necessário que o professor chame a atenção, de modo que isso ocorre repetidas vezes durante a aula.

Muitos alunos reconhecem que a bagunça e conversa paralela atrapalham o andamento das aulas e que isso, conseqüentemente, afeta o nível de concentração nas aulas, contribuindo assim, para um maior nível de notas baixas, insatisfação, desmotivação e dificuldades em aprender o conteúdo.

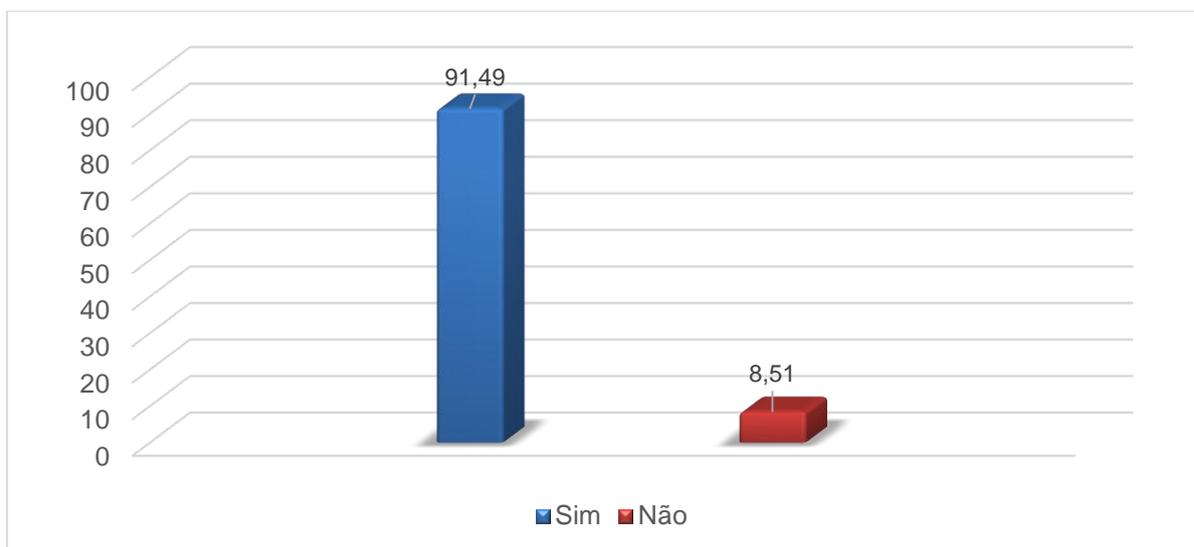
A dificuldade de concentração pode estar relacionada a desmotivação do aluno, pois a motivação facilita na manutenção da atenção, diante disso, o aluno pode tentar encontrar algum aspecto do assunto que seja interessante para ele. Isso pode tornar o resto da aula mais interessante, porque ele vai sentir mais como se estivesse construindo uma base para as coisas que quer aprender (WIKIHOW, 2017).

O gráfico 3 expõem os resultados obtidos após a aplicação das três técnicas de respiração com os alunos, sendo que conforme o analisado, estas, contribuíram de forma geral para a melhora da ansiedade, pois o indivíduo torna-se consciente da sua

respiração e o estado de ansiedade tende a ser minimizado. Como podemos observar no gráfico abaixo 91,49% dos alunos concordam que as técnicas de respiração contribuirão para o controle da ansiedade.

Segundo Pereira (2008) *apud* Silva (2011) “todas as técnicas de relaxamento proporcionam uma resposta de relaxamento generalizada, nas quais provocam alterações fisiológicas desencadeadas pela redução da atividade do sistema nervoso autônomo”.

Gráfico 3 – As técnicas de respiração lhe auxiliará para o controle da ansiedade e proporcionará o relaxamento?



Fonte: A autora, 2017.

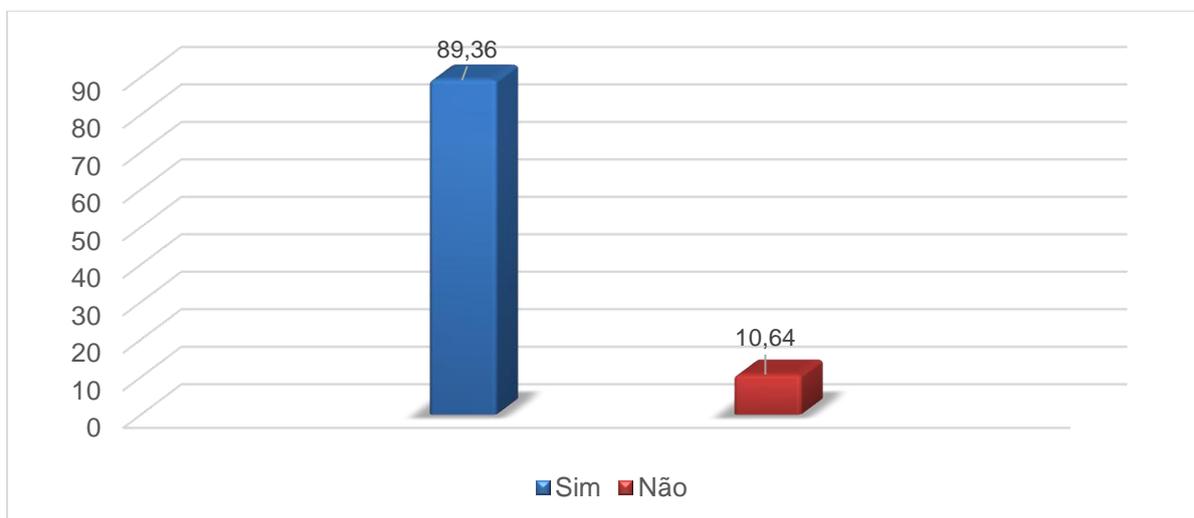
A ansiedade não pôde ser percebida de forma explícita nos alunos, porém a agitação constante nas aulas sugere que os alunos possuem algum nível de ansiedade, no entanto, dentro da normalidade até porque muitos responderam no questionário que sentem-se ansiosos em apenas algumas situações (44,19%). A ansiedade exagerada de alguma forma afeta o rendimento escolar dos alunos, dificulta a aprendizagem e a concentração, em contrapartida, níveis muito baixos de ansiedade também não é positivo, pois levam os alunos a não se importarem com as atividades escolares (KENDALL, 2015).

Nesse sentido, o nível de ansiedade deve ser moderado, ainda, segundo Kendall (2015) os “níveis muito baixos de ansiedade não são positivos, pois a criança pode

dizer: “Eu tenho um teste importante amanhã, mas não me importo”. Níveis altos também não são bons. O que é melhor é o intermediário, isto é, a ansiedade moderada. A ansiedade moderada é bastante funcional”. Portanto, é benéfico que os alunos sejam moderadamente ansiosos, pois esse fator costuma estar ligado aos bons alunos, de modo, que eles são normalmente motivados, obedientes, fazem a lição de casa e se importam com as questões que envolvem a escola.

O gráfico 4 demonstra o resultado alcançado após a realização da intervenção que tinha como objetivo atingir aspectos motivacionais dos alunos.

Gráfico 4 – Em relação à história e as frases motivacionais expostas, foi possível sentir-se mais motivado? Lhe proporcionou reflexão?



Fonte: À autora, 2017.

Conforme apresentado, 89,36% dos alunos responderem que a história e as frases permitiram a reflexão e a introspecção de aspectos motivacionais. Sendo que, esta intervenção foi necessária uma vez que pôde ser percebido mediante as observações e o questionário aplicado, que os alunos mostravam-se desmotivados em relação à vários aspectos que envolvem o ambiente escolar. No momento da realização, apenas dois alunos quiseram compartilhar com a turma a frase escolhida e o motivo da escolha, as frases foram as seguintes: “Um homem de sucesso é aquele que cria uma parede com os tijolos que jogaram nele” e “Sempre que você ver uma pessoa de sucesso, você sempre verá as glórias, nunca os sacrifícios que os levaram até ali”.

Também, surgiu comentários a respeito desta atividade, dos quais: “foi bom refletir e rever certos sentimentos”; “foi uma ótima motivação”. Podemos dizer que a motivação envolve dois tipos a intrínseca e a extrínseca, sendo que a intrínseca é algo que vem do indivíduo, é interno e a extrínseca é proveniente do meio em que o sujeito está inserido. Para Vieira (2013) *apud* Martins (2016) “na motivação intrínseca o indivíduo procura alguma atividade que lhe der prazer, vontade, hábito, diferente da motivação extrínseca que o indivíduo se sente motivado quando existe uma premiação ou uma recompensa. Ou quando o aluno se interessa por alguma matéria”.

Segundo Reeve, Deci e Ryan (2004) *apud* Martins (2016) “não só a situação dos professores pode ocasionar a desmotivação dos alunos, como também o ambiente escolar, na qual tem o poder de proporcionar ou dificultar a natureza ativa dos alunos e suas realizações para autodeterminação”. Portanto, essa tríade – ambiente, professor, disciplina, deve estar em harmonia, pois são aspectos que contribuem intimamente na motivação dos alunos.

Pôde-se concluir com o estudo realizado, que os resultados obtidos foram satisfatórios, pois todas as atividades realizadas com os alunos foram avaliados de forma positiva e benéfica para o processo de ensino aprendizagem. No final da intervenção, obteve-se um feedback dos mesmos que foi de suma importância, pois contribui para a avaliação, fidedignidade e validade deste trabalho. Alguns alunos, verbalizaram: “achei a professora ótima, sabe explicar, adoraria ter ela como minha professora”; “a aula foi maravilhosa e me auxiliará muito daqui em diante”; “a aula foi muito boa”; “legal quero mais” e “foi uma ótima aula, amei tudo o que a professora passou”. Portanto, diante destes comentário percebe-se a satisfação dos alunos quanto as atividades realizadas.

REFERÊNCIAS

AYRES, Nathalie. **Sete técnicas de respiração para mandar a ansiedade para bem longe**. 2016. Disponível em: <http://www.minhavidacom.br/bem-estar/galerias/16439-sete-tecnicas-de-respiracao-para-mandar-a-ansiedade-para-bem-longo/8>. Acesso em: 20 set. 2017 às 14:00hrs.

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologias: Uma introdução ao estudo de psicologia**. 13^o edição. São Paulo: Saraiva, 1999.

FELICIANO, Madalena. **Autoconhecimento e disciplina são fundamentais para os estudos**. 2014. Disponível em: <http://www.ead.senac.br/noticias/2014/05/autoconhecimento-e-disciplina-sao-fundamentais-para-os-estudos/>. Acesso em: 21 set. 2017 às 21:00hrs

KENDALL, Philip. **Como lidar com a ansiedade na escola?** 2015. Disponível em: <http://www.cartaeducacao.com.br/entrevistas/como-lidar-com-a-ansiedade-na-escola/>. Acesso em 21 set. 2017 às 11:00hrs.

LEAL, Catarina. **As crianças e a falta de concentração: Como atual?** 2012. Disponível em: <http://silvanapsicopedagoga.blogspot.com.br/2012/03/as-criancas-e-falta-de-concentracao.html>. Acesso em: 21 set. 2017 às 9:00hrs.

LOPES, Rita de Cássia Soares. **A relação professor aluno e o processo ensino aprendizagem**. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1534-8.pdf>. Acessado dia: 08 set. 2017 às 14:00hrs.

MARTINS, Maria Helena de Lima Gomes e. **Motivação e Desmotivação de Alunos da Rede Pública: Um Olhar para Relação na Aprendizagem**. 2016. Disponível em: http://www.cstr.ufcg.edu.br/grad_cienc_bio/tcc_15_2/14_maria_helena_de_lima_gomes_e_martins.pdf. Acesso em 31 ago. 2017 às 15:00hrs.

MOTA, Maria Sebastiana Gomes; PEREIRA, Francisca Elisa de Lima. **Desenvolvimento e Aprendizagem: Processo de Construção do Conhecimento e Desenvolvimento Mental do Indivíduo**. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf3/tcc_desenvolvimento.pdf. Acessado dia: 10 set. 2017 às 10hrs.

OLIVEIRA, Kleber. **Programação Neurolinguística – abra a mente e mude sua vida**. 2000. Disponível em: <http://golfinho.com.br/artigo/aqui-programacao-neurolinguistica-abra-a-mente-e-mude-sua-vida.htm>. Acesso em: 08 nov. 2017 às 15:00hrs.

SILVA, Cleimar Rosa da. **Ansiedade no meio escolar**. 2011. Disponível em: http://bdm.unb.br/bitstream/10483/1819/1/2011_CleimarRosadaSilva.pdf. Acesso em 21 set. 2017 às 20:30hrs.

SOUZA, Eulina Castro de; SOUZA, Ilana Casto de. **Motivação e incentivação da aprendizagem**. 2014. Disponível em: <http://www.seduc.mt.gov.br/Paginas/Motiva%C3%A7%C3%A3o-e-incentiva%C3%A7%C3%A3o-da-aprendizagem.aspx>. Acesso em 20 set. 2017 às 10:00hrs.

WIKIHOW. **Como se concentrar mais na aula.** Disponível em:
<https://pt.wikihow.com/se-Concentrar-Mais-na-Aula>. Acesso em 20 set. 2017 às
14:30hs.

O USO DA TÉCNICA DE MINDFULNESS AUXILIANDO NA REDUÇÃO DA ANSIEDADE

Kayne Lisbôa Metka da Silva¹

Marcelo de Oliveira²

Daniel Ribeiro Branco³

Geovani Zarpelon⁴

Darciele Mibach⁵

RESUMO: Hábitos desencadeiam pensamentos que desencadeiam mais pensamentos, que acabam desencadeando ainda mais pensamentos habituais. Esses pensamentos aliados a sensações negativas podem amplificar as emoções, assim a ansiedade, o estresse e a tristeza tomam conta da vida do indivíduo. Sendo assim esse artigo tem como objetivo mostrar essas questões relacionadas à ansiedade que causam tanta aflição na vida do indivíduo que possui certo grau de ansiedade, como suas formas de precauções e uma possível intervenção prática. Para o estudo foram realizadas observações em uma Associação que atende pessoas com deficiência. A metodologia utilizada pela psicóloga assim como os comportamentos dos participantes foram analisados fazendo ponte com o conhecimento teórico adquirido pelo curso de Psicologia. Através das observações juntamente com a contribuição de conversas com os participantes do grupo foi levantada uma hipótese diagnóstica do grupo observado. Para definir se havia ansiedade entre os participantes desse grupo aplicou-se um questionário que continham questões relacionadas à frequência que tal sintoma aparecia na vida dos participantes e através desse questionário notou-se que o grupo possuía altos níveis de ansiedade. Baseando-se a partir dos dados coletados foi realizada uma proposta de intervenção a qual teve como finalidade auxiliar na redução da ansiedade. Para a intervenção foi utilizado técnicas de atenção plena (Mindfulness) baseado no programa de Mark Williams e Danny Penman. Sendo utilizada como técnica a atenção focada que é um tipo de meditação de concentração dirigida a qualquer objeto, seja nas sensações da respiração, palavras ou frases selecionadas a um único local do corpo.

PALAVRAS CHAVE: Ansiedade. Atenção Plena. Transtorno de Ansiedade. Redução da Ansiedade.

ABSTRACT: Habits unchain thoughts that unchain more thoughts that end up unchaining more usual thoughts. Those allied thoughts negative sensations can amplify the emotions, thus as anxiety, stress and sadness taking account of the individual's life. Therefore, this article has as objective shows those subjects related to the anxiety that cause so much affliction in the individual's life that possesses certain anxiety degree as well as their forms of precaution and a possible practice for intervention. For the observations were accomplished in an association that assists people with deficiency. The methodology used by the psychologist as well as the participant's behaviors they were analyzed making bridge the acquired theoretical knowledge for the course of Psychology. Through the observations together with the contribution with the participants of the group and with a diagnostic hypothesis of the observed group was gotten up. To define if there was anxiety group a questionnaire was applied that contained subjects related to the frequency that such symptom appeared in the participant's life and through of that questionnaire it was noticed that the group possessed high anxiety levels. For the intervention it was used techniques Mindfulness based on the program of Mark Williams and Danny Penman. Being used the technique of attention focused that is one is the type of meditation of driven concentration the any object, in the sensations of the breathing, words or sentences selected to only place of the body.

KEYWORDS: Anxiety. Mindfulness. Anxiety Disorder. Reduction of Anxiety.

¹ Acadêmica do Curso de Psicologia das Faculdades Integradas do Vale do Iguaçu – UNIGUAÇU.

² Psicólogo, Especialista em Saúde Mental e Psicanálise, Mestre em Filosofia, Professor e Supervisor do Estágio Básico III das Faculdades Integradas do Vale do Iguaçu – UNIGUAÇU.

³ Psicólogo, Mestre em Psicologia. Professor das Faculdades Integradas do Vale do Iguaçu – Uniguaçu.

⁴ Psicólogo, Mestre em Educação. Professor das Faculdades Integradas do Vale do Iguaçu – Uniguaçu.

⁵ Psicóloga, Especialista em Psicologia Organizacional. Coordenadora do curso de Psicologia das Faculdades Integradas do Vale do Iguaçu – Uniguaçu.

1 INTRODUÇÃO

O Estágio Básico III do curso de Psicologia das Faculdades Integradas do Vale do Iguaçu-Uniguaçu tem como objetivo envolver o aluno em atividades de observação com grupos, tanto na rede de saúde pública, nas redes sócio assistencial quanto em Escolas de Ensino Fundamental e Médio, podendo ser na rede pública ou privada. O Estágio Básico III tem como carga horária 48 horas semestrais, as quais foram divididas entre as horas efetivas de observação em campo de estágio, horas de supervisão, atividades e leituras complementares.

As observações em campo de estágio foram realizadas em uma Associação que atende pessoas com deficiência. A Associação surgiu da necessidade de sensibilizar a população para vulnerabilidade social vivenciada pelas pessoas com deficiências, como despertar o interesse do poder público quanto à garantia dos direitos dessas pessoas. Sendo uma entidade sem fins lucrativos declarada de utilidade municipal, estadual e pública. Tem como missão promover a inclusão das pessoas com deficiência na sociedade, visando ser uma entidade de excelência no atendimento as pessoas com deficiência.

A integridade deste artigo está focada em mostrar as questões relacionadas à ansiedade que vem sendo considerado o mal do século. Num contexto popular ela é vista quando estamos em um momento de pressão, ou muito apreensivos com alguma coisa, mas seu significado é muito maior. Ela é muito mais abrangente, podendo ser considerada como sintoma a partir do ponto em que você tem uma preocupação, tensão, medo ou pavor e qualquer outro sentimento ruim em excesso. Sendo assim a ansiedade possui suas formas de precauções e uma possível intervenção prática que esta explanada nesse artigo é a utilização de técnicas de Mindfulness que auxilia para uma possível ajuda na redução da ansiedade e nos sintomas causados por ela na vida do individuo.

2 DESENVOLVIMENTO

Numa época frenética como a nossa em que está difícil encontrar a paz e o contentamento muitos indivíduos acabam desenvolvendo as crises de ansiedade onde se manifestam de forma descontínua com aparecimento de vários sintomas ansiosos em números e intensidade significativa.

Ansiedade é o estado de humor caracterizado por apreensão e sintomas somáticos de tensão em que o indivíduo antecipa um perigo, onde o corpo se mobiliza para enfrentar a ameaça, os músculos ficam tensos e a respiração e os batimentos cardíacos aceleram. (VANDENBOS, 2010). A ansiedade faz parte do repertório de emoções do ser humano, ela serve para nos alertar sobre algum risco repentino. São estados onde a pessoa fica presa a uma preocupação que não condiz com o momento atual e essa tendência mental de que nada vai dar certo faz apenas aumentar os níveis de ansiedade no sujeito.

A ansiedade vem sendo considerada o mal do século, que cresce assustadoramente no Brasil e no mundo, é válido mostrar os problemas causados pela ansiedade no bem estar físico e emocional do indivíduo, podendo resultar em outros problemas quando não avaliados com cuidado.

“Vivemos a era da ansiedade que sem dúvida está presente na sociedade e nem é preciso ir muito longe pra constatar tal fato, basta perguntar pra quem está próximo, se é ansioso ou não, a maioria dirá que sim” (ALVIM, 2017). Esse transtorno pode inviabilizar a vida social e profissional, mas poucas pessoas procuram o devido tratamento para aliviar os sintomas antes que cheguem ao limite (PORCIÚNCULA, 2017).

Outro fato a ser considerado é que o problema de controle da ansiedade exige uma análise sobre todas as variáveis envolvidas. “Ansiedade está intimamente vinculada à forma como interpretamos as situações da vida, ela é composta por um conjunto de emoções que diz muito sobre nosso interior, nossas experiências e traços” (RANGEL, 2017).

Um levantamento da Organização Mundial da Saúde (OMS) mostra que atualmente 33% da população mundial sofrem de ansiedade. O Brasil tem aparecido num dos primeiros da lista, ocupando o quinto lugar dos países que mais sofrem com a ansiedade no mundo. “Os dados alarmantes sobre a situação mental no país

apontam que 23,9% da população têm algum tipo de transtorno de ansiedade” (CABRAL; PADOVAN, 2017).

Não se sabe ao certo por que algumas pessoas são mais propensas à ansiedade descontrolada do que outras, mas segundo especialistas a condição atual do Brasil de permanecer entre os primeiros da lista se dá pelo fato do país apresentar vários fatores sociais que contribuem para o aumento da ansiedade na população, existindo muitos fatores que atuam para criar esse cenário que geram uma combinação da situação socioeconômica e a realidade da população brasileira. Fatores como: desemprego, desigualdade social, situação econômica do país, pontualidade nas tarefas, violência nas grandes cidades.

Desigualdade social e o desemprego são os principais desencadeadores dos transtornos de ansiedade juntamente com aumento do estresse. A situação econômica do país e a violência nas grandes cidades entraram na lista de fatores que podem desencadear a ansiedade devido as constantes preocupações financeiras e o medo frequente de ser vítima de assaltos.

Os gatilhos que desencadeiam a ansiedade são muitos e os tipos delas também. Desde que foi caracterizada como patologia no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) a ansiedade se desdobrou em muitos males. Sendo importante diferenciar as classificações da ansiedade do normal ao patológico. “As síndromes ansiosas são ordenadas em dois grupos, os quadros em que a ansiedade é constante e permanente e os quadros em que há crises de ansiedade intensas” (DALGALARRONDO, 2008, p.304). Podendo vir de diversas formas resultando em vários sintomas como ataques de pânico, ansiedade generalizada, ansiedade social, crônicas e agudas e esses sintomas podem ocorrer frequentemente e em altos graus que tomam conta da vida do indivíduo. Muitas vezes a ansiedade evoca pensamentos negativos o que pode aumentar a ansiedade. Pessoas que relatam alta sensibilidade à ansiedade são mais propensas a desenvolver ataques de pânico e transtorno de pânico (Ehlers, 1995). “Se não for controlada pode causar o surgimento de doenças que afetam a saúde física e mental.” (RANGEL, 2017).

Podendo ser considerada normal quando nos coloca em situação de alerta e faz com que tomemos atitudes que previnam danos. Vivemos a ansiedade de modo

natural antecipando as situações de ameaças. “Quando a apreensão ansiosa e a preocupação se tornam hábito, podemos perder o contato com o momento presente e a preparação constante para ameaças futuras podem corroer a qualidade de vida” (GERMER; SIEGEL; FULTON, 2016, p.169).

“Transtornos de ansiedade são a experiência de um sentimento de ansiedade crônico ou intenso, a sensação de medo sobre o que poderia acontecer no futuro” (WHITBOURNE; HALGIN, 2015, p.186). A ansiedade torna-se um transtorno quando causa limitações à vida da pessoa, podendo evoluir aos transtornos de ansiedade onde passa a ser considerados sintomas a partir do ponto em que você tem uma preocupação, tensão, medo ou pavor e qualquer outro sentimento ruim em excesso (Spinoza, 2017). Preocupações excessivas que chegam a afetar a qualidade do sono e até causar taquicardia, pensamentos negativos constantes e sensações de medo sem motivo real são manifestações comuns dos distúrbios de ansiedade.

Os transtornos de ansiedade afetam 3,6% das pessoas no mundo, mais comuns entre as mulheres do que nos homens. Segundo Whitbourne e Halgin (2015, p.186) “a porcentagem de pessoas que relatam prevalência na vida entre todos os transtornos de ansiedade é mais alta entre as idades de 30 e 44 anos”.

Michelson; Lee; Orsillo; Roemer (2011) evidenciam que:

Muitos transtornos de ansiedade estão associados a padrões de esquiva fortes. Pessoas com transtorno de ansiedade social podem evitar falar em sala de aula; pessoas com transtorno de ansiedade generalizada podem aparecer extremamente ocupadas, contudo evitam envolver-se em atividades pessoalmente significativas que poderiam induzir desconforto.

O diagnóstico para identificar ansiedade é realizado por profissionais da saúde que investigam se há alguma causa física para a ansiedade excessiva. Também realizam uma conversa com o paciente para fazer uma análise e entender que condição pode estar gerando essa ansiedade exagerada. Caso o médico não identifique causas físicas, ele pode comparar os sintomas com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) para entender qual é o quadro do paciente. “O ideal é procurar ajuda médica a partir do momento em que o distúrbio de ansiedade produz algum tipo de desprazer ou sofrimento, interferindo negativamente na qualidade de vida” (DEUS, 2016). Psicólogos podem auxiliar na redução se a

ansiedade for de cunho emotivo, de traumas e crises. “Os trabalhos dos psicoterapeutas é amenizar o sofrimento emocional. Esse sofrimento chega sobre inúmeros disfarces: estresse, ansiedade, depressão” (GERMER; SIEGEL; FULTON, 2016, p.19). Tratamentos cognitivos comportamentais orientam as pessoas a compreensão de suas próprias respostas, crenças e pensamentos ansiosos, essa intervenção cognitiva comportamental tem eficácia para todo o transtorno de ansiedade. “Entanto nem todos que recebem esses tratamentos respondem a eles, alguns tratamentos têm altas taxas de desistência e recusa” (GERMER; SIEGEL; FULTON, 2016, p.170).

Existem vários métodos que ajudam a prevenir a ansiedade sem precisar utilizar medicamentos como fazer exercícios físicos diários; manter uma alimentação balanceada, métodos naturais, arte-terapia; lazer, além das técnicas de relaxamento que são um dos métodos mais indicados. “Diversas formas e técnicas de relaxamento podem também ser benéficas no controle ou diminuição da ansiedade” (DEUS, 2014).

Sendo assim a ansiedade interfere significativamente no processo individual do sujeito, nas suas relações com outros indivíduos, havendo um bloqueio devido à ansiedade e ao nervosismo diante de algum trabalho, ou até na hora de realizar uma tarefa exigida. Quantos quesitos se fazem importantes na questão da ansiedade e na vida do individuo sendo um tema bem abrangente onde se tem vários problemas que geram mal-estar e que estão bem comentadas no momento e que continuarão se fazendo presente em nossa sociedade nos próximos anos.

3 MÉTODO

O estágio básico III é uma exigência das Faculdades Integradas do Vale do Iguaçu – Uniguaçu, para que se cumpra a grade curricular do curso de Psicologia, ele é dividido em supervisão e estágio de campo, esse ultimo foi realizado e uma Associação que atende pessoas com deficiência física, visual e auditiva. Tendo como objetivo a observação no grupo de teatro e dança onde sete membros participam dessa atividade realizada na Associação. As observações ocorreram do mês de agosto a novembro de dois mil e dezessete.

A partir de conversas informais, com o os participantes do grupo, aqui chamados de M e com a Psicóloga, os participantes relataram que sofrem muito de ansiedade e que a mesma poderia estar interferindo no processo dentro da prática do teatro, nas questões como a desenvoltura e expressões corporais. Houve relatos por parte de M1, de que a ansiedade seria o principal fator que estaria interferindo no seu processo dentro desse grupo. “Pois a ansiedade de que tudo saia perfeito acaba me bloqueando não só no grupo como em questões pessoais”. M3 também relatou “ser muito ansiosa e que às vezes chega até passar mal, diante das coisas que estão para acontecer ainda”.

Pelas observações feitas no grupo em questão, pode-se comprovar que os membros apresentam certo nervosismo e ansiedade na hora de realizarem as tarefas proposta pela Psicóloga, tantas as realizadas no grupo como as tarefas que seriam feitas em casa e apresentada no próximo encontro.

Diante disso foi realizado um questionário aplicado que continha questões abertas e fechadas com o objetivo de medir o grau de ansiedade nesse grupo, com questões para os sintomas ocorridos durante a última semana em que os participantes deveriam assinalar o número correspondente em relação à frequência que esses sintomas apareceram na vida deles, bem como questões onde eles poderiam escrever se consideram uma pessoa com ansiedade e o que eles consideram ser a ansiedade.

O questionário foi aplicado em apenas seis dos sete membros do grupo, por sugestão da Psicóloga que coordena o grupo, um membro não participou devido a sua idade e o mesmo não iria saber responder o questionário proposto. Para obtenção dos dados o questionário continha questões de somatória dos pontos e para medição do grau de ansiedade nos participantes usou-se porcentagem.

Após aplicação desse questionário que tinha como objetivo avaliar o grau de ansiedade dos membros do grupo notou-se que 50% dos participantes possuem altos níveis de ansiedade, porém nas questões subjetivas onde continham perguntas que a pessoa poderia escrever se se enxerga como uma pessoa ansiosa, 80% do grupo respondeu que se considera além de explicitar os motivos e o que eles entendem quando se fala em ansiedade.

Desses seis participantes do questionário, três apresentaram níveis altos de ansiedade que fazem parte dos 50% correspondente do grupo. Diante desses fatos

foi realizada a proposta de intervenção com esses três membros. A intervenção foi desenvolvida com o objetivo de auxiliar na redução da ansiedade desses participantes, através de técnicas de relaxamento com ênfase na atenção plena (Mindfulness).

Na intervenção foram aplicadas técnicas de Atenção Plena. O Mindfulness é uma forma simples de se relacionar com a experiência e tem sido usada há muito tempo para diminuir as dificuldades da vida, sendo uma habilidade que nos permite ser menos reativo ao momento presente. Foi utilizado como referência o programa de oito semanas de Mark Williams e Danny Penman sobre técnicas de Mindfulness que auxilia todos aqueles que se importam em manter a saúde física e mental neste mundo frenético. Mark Williams é um dos mais importantes pesquisadores do mundo no campo da atenção plena e foi pioneiro no estudo e divulgação do conceito mindfulness, já Danny Penman é uma jornalista e juntos desenvolveram o guia de prática sobre a atenção plena.

O programa que eles apresentam se apoia em estudos sobre a redução do estresse e na terapia cognitiva com base na atenção plena, porém foi realizado para a possível redução da ansiedade no grupo da Associação. O programa contém oito semanas de práticas, que ficaram divididas em uma prática a cada encontro que ocorreram em todas as segundas feiras uma vez por semana, sendo realizadas no período de três meses e meio. Devido ao local ser a Associação que atende pessoas com alguma deficiência (auditiva, visual, física) optou-se em fazer a prática com os participantes de forma que eles ficassem sentados em cadeiras devidas às limitações.

As práticas ocorreram de dez a vinte minutos e teve como norteador um arquivo de CD que contém as orientações explicadas guiadas, que ensina e orienta como realizar a técnica voltada para o controle de respiração, relaxamento e consciência do corpo. Orientações essas de como os movimentos devem ser feitos, como funciona o processo para o controle da respiração.

Nas primeiras quatro semanas a ênfase foi aprender a prestar atenção em diferentes aspectos do mundo interno e externo e as quatro últimas semanas se baseiam em meios de ver os pensamentos como eventos mentais, cultivar aceitação em relação a si mesmo e aos outros.

Foram enfatizados aos participantes que não existe certo ou errado e que as técnicas de Mindfulness aconteceriam nas segundas durante o horário na Associação e que os mesmos deveriam escutar os áudios durante a semana até o próximo encontro. Sendo enfatizada também a importância de suas atitudes frente à meditação e como isso, poderiam alcançar os benefícios para reduzir à ansiedade.

Conforme as técnicas foram sendo aplicadas no grupo, na primeira semana de prática M1 já relatou “melhoras no controle da ansiedade e na melhora da atenção e que estava praticando diariamente conforme orientada. ” Sendo assim M1 estava desenvolvendo o hábito de focar mais nas atividades rotineiras que passavam despercebidas antes, prestando atenção e sentindo esses momentos, como na hora de escovar os dentes, andar pela casa, ao beber ou mastigar alguma comida e não apenas fazer sem perceber o que estava fazendo. Essa primeira semana de Mindfulness tinha como foco a saída do piloto automático, da pessoa começar a ter plena consciência e atenção ao seu corpo e como se comporta em diversas atividades e ao que vem fazendo em seu dia a dia.

Conforme foram passando as semanas de prática apenas M1 relatou estar realizando as técnicas diariamente em casa, como orientada. “Que escutar sozinha e se concentrando já estava notando a diferença em seus hábitos”. Enquanto M1 realizou como sugerido escutar diariamente as técnicas em casa até o próximo encontro, M2 só manifestou reação na quinta semana de prática, onde o mesmo relatou que não escutou os áudios de relaxamento não começo das práticas e que apenas na quarta semana começou escutar eles separadamente.

M2 relatou que passou a “se sentir mais calmo, onde pode notar que seu estresse e ansiedade haviam estado num nível baixo do que o habitual, que por um momento ele conseguiu se sentir bem, conseguindo administrar sua vida de uma forma mais calma, sem aflição em estar ansioso o tempo todo”.

A prática de Mindfulness foi realizada com os três membros do grupo. Porém apenas dois dos membros M1 e M2 relataram benefícios perante a redução da ansiedade nas suas vidas, pois os mesmos colaboraram com a intervenção e realizaram conforme orientados. Já M3 não realizou os áudios proposto no período fora da Associação perante a isso, não apresentou nenhum resultado. Finalizou-se o estágio fazendo uma devolutiva acerca da atividade realizada.

4 RESULTADOS

O Mindfulness opera em dois níveis, o primeiro consiste em uma série de meditações diárias que podem ser praticadas em qualquer lugar o segundo nível é romper os hábitos diários. Encoraja a romper hábitos que impendem de se aproveitar a vida plenamente. “Romper os hábitos não é complicado basta desligar a TV, pegar um caminho diferente para o trabalho e não se sentar sempre na mesma cadeira em todas as reuniões”. (WILLIAMS; PENMAN, 2015, p.19).

Teasdale, Williams e Segal (2016, p.17) evidenciam que:

A atenção plena (Mindfulness) significa ser capaz de levar uma percepção consciente, franca e direta ao que você estiver fazendo enquanto estiver fazendo, ser capaz de sintonizar com o que esta acontecendo na sua mente e no seu corpo, bem como no mundo exterior, a cada momento.

A prática da atenção plena exerce uma influência poderosa sobre a felicidade, a saúde o bem-estar por ser uma pratica e não um conceito abstrato, seu cultivo é um processo, que se desenrola e se aprofunda com o tempo.

Diferente das práticas de meditações tradicionais que focam em esvaziar a mente da melhor forma possível, a prática de Mindfulness foca em conhecer como a mente funciona e não deixa-la em branco. “Na pratica da atenção plena você não precisa tentar desligar a mente, a inquietude dela é em si um portal para a atenção plena” (WILLIAMS; PENMAN, 2015.p. 71).

As práticas quando realizadas já começam a trazer benéficos nos primeiros dias, no primeiro momento de prática se feitos regulamente, a pessoa já começa a notar uma melhora na qualidade da atenção, passa a ficar atento e mais ativo, já quando praticadas em oito semanas a dois meses as pesquisas mostram que os benefícios são bastante aparentes como lidar melhor com o estresse, com a ansiedade, com a correria do dia a dia.

Quando acontecia a aplicação das técnicas M1 relatou que estava praticando regularmente, sendo assim na primeira semana realizando as práticas já conseguiu

notar melhoras na qualidade de vida. M2 apesar de começar a praticar as técnicas de Mindfulness apenas na quarta semana, também notou e apresentou melhoras quanto ao seu nervosismo e melhora para lidar com questões relacionadas a ansiedade.

Sendo assim, os resultados foram conclusivos, pois as atividades foram feitas com uma duração de três meses e meio, o que pode ser eficaz para a observação dos resultados e o seu devido auxílio quanto às questões da ansiedade nos membros desse grupo, acarretando também em uma discussão sobre os possíveis sintomas que podem acarretar a vida do indivíduo quando não tratadas com cuidado. Assim também foi discutido como simples intervenções podem contribuir significativamente na qualidade de vida e na redução dos sintomas causados pela ansiedade. Pois o objetivo do Mindfulness é a pessoa conseguir praticar de forma regular com técnicas simples para trazer o melhor benefício a ela.

Como evidenciam Williams e Penman (2015, p. 13) “a ansiedade, a depressão e a irritabilidade diminuem com sessões regulares de meditação”. A memória melhora, as reações se tornam mais rápidas e o vigor mental e físico melhoram.

REFERÊNCIAS

ALVIM, Jô. A Era da Ansiedade. **G1 Globo**, 2017. Disponível em: <http://g1.globo.com/sp/presidente-prudente-regiao/blog/psicoblog/post/era-da-ansiedade.html>. Acesso em: 17 out. 2017

ASSOCIAÇÃO CATARIENSE DE DEFICIENTES: Diversidade, Família e Superação. Canoinhas-SC, 2014.

CABRAL, Ailim; PADOVAN, Marilia. Brasileiros são os que mais sofrem com a ansiedade no mundo. **Saúde Plena**, 2017. Disponível em: <https://www.uai.com.br/app/noticia/saude/2017/10/09/noticias-saude,214819/brasileiros-sao-os-que-mais-sofrem-com-a-ansiedade-no-mundo.shtml>. Acesso em: 17 out.2017.

CHADE, Jamil; PALHARES, Isabela. **Brasil tem maior taxa de transtorno de ansiedade do mundo diz OMS**. O Estado de São Paulo, 2017. Disponível em: <http://saude.estadao.com.br/noticias/geral,brasil-tem-maior-taxa-de-transtorno-de-ansiedade-do-mundo-diz-oms,70001677247>. Acesso em: 17/09/2017 as 21h09min.

DALGALARRONDO, Paulo. **Psicopatologia e semiologia dos Transtornos Mentais**. 2. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

DEUS, Pérsio Ribeiro Gomes de. Ansiedade, sintomas e tratamento e causas: **Minhavid**, 2016. Disponível em: <http://www.minhavid.com.br/saude/temas/ansiedade>. Acesso em: 17 out. 2017.

DEUS, Pérsio Ribeiro Gomes de. Tem alguma atividade que controle a ansiedade? **Minhavid**, 2014. Disponível em: <http://www.minhavid.com.br/saude/perguntas/1732-tem-alguma-atividade-que-controle-a-ansiedade>. Acesso em: 17 out. 2017.

PORCIÚNCULA, Bruna. **Saiba porque os Brasileiros são os mais ansiosos do mundo**. Gauchazh Vida. 2017. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/saude/vida/noticia/2017/03/saiba-por-que-os-brasileiros-sao-os-mais-ansiosos-do-mundo-9750651.html>. Acesso em: 16/09/2017 às 20h59min.

Rangel, Marcela. **Ansiedade: quais sintomas que merecem atenção**. 2017. Disponível em: <http://www.administradores.com.br/artigos/cotidiano/ansiedade-quais-sintomas-que-merecem-atencao/107063/>. Acesso 17 out. 2017.

Relatório da OMS: Pesquisa revela ansiedade nos Brasileiros. Disponível em: <http://www.altosestudios.com.br/?p=56226> Acesso em: 16/09/2017 às 20h40min

SPINOZA, Ricardo. **Ansiedade o que é? Quais os sintomas**. 2017. Disponível em: <http://www.saudementalrs.com.br/ansiedade/> Acesso em: 31/08/2017 às 13h40min

TEASDALE, John; WILLIAMS, Mark; SEGAL, Zindel. **Manual prático de Mindfulness**: meditação plena: um programa de oito semanas para libertar você da depressão, da ansiedade e do estresse emocional. Tradução: Claudia Gerpe Duarte. São Paulo: Pensamento, 2016.

VANDENBOS, Gary. R. **Dicionário de psicologia da APA**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

WHITBOURNE, Susan Krauss; HALGIN, Richard. P. **Psicopatologia: perspectiva clinica dos transtornos psicológicos**. 7. Ed. Porto Alegre: AMGH, 2015.

WILLIAMS, Mark; PENMAN, Danny. **Atenção Plena**. Tradução: Ivo Korytowski; Rio de Janeiro: Sextante, 2015.

A AFETIVIDADE NA RELAÇÃO ALUNO-PROFESSOR EM AMBIENTE ESCOLAR

Yrlannie Santiago da Silva¹
Natalie de Castro Almeida²

RESUMO: A escola é um ambiente que abrange várias classes sociais, etnias e gêneros, sendo assim a diversidade provoca, por si só, uma difícil comunicação e dificuldade de aprendizagem e nesse contexto o professor se depara com uma gama de comportamentos que envolve o ser humano em determinadas fases da vida. Em meio de todas as questões citadas cada classe tem “seu meio de funcionamento” que cada professor deve identificar e envolver a turma para o alcance do objetivo real, a aprendizagem e o crescimento de todos. A escola emerge como uma instituição fundamental para a constituição do indivíduo e para ele próprio, da mesma forma como emerge para a evolução da sociedade e da própria humanidade. O objetivo desse artigo é analisar o papel da afetividade no contexto escolar por meio de pesquisa, estudo e intervenção procurando entender por meio da prática o envolvimento da afetividade no contexto escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Papel da escola. Importância da afetividade. Aprendizagem.

ABSTRACT: The school is an environment that encompasses various social classes, ethnicities and genres, and thus diversity causes in itself a difficult communication and learning difficulty and in this context the teacher is faced with a range of behaviors involving the human being in certain stages of life. In the midst of all the issues cited each class has "its means of functioning" that each teacher must identify and engage the class to achieve the real goal, learning and growth of all. The school emerges as a fundamental institution for the constitution of the individual and for himself, just as he emerges for the evolution of society and humanity itself. The purpose of this article is to analyze the role of affectivity in the school context through research, study and intervention trying to understand through the practice the affectivity involvement in the school context.

KEY WORDS: Role of the school. Importance of affectivity. Learning.

INTRODUÇÃO

A escola como instituição social possui objetivos e metas, empregando e reelaborando os conhecimentos socialmente produzidos. (PORTAL EDUCAÇÃO, 2011).

Desde os anos 50 o componente central da intervenção educativa era o indivíduo-aluno na sua tripla dimensão (cognitiva, afetiva e motora). O discurso pedagógico concedia uma atenção privilegiada às metodologias de ensino. Logo aos anos 50/60 acentuou-se a importância das interações no processo educativo,

¹ Acadêmica do Curso de Psicologia das Faculdades Integradas do Vale do Iguaçu – UNIGUAÇU, União da Vitória, Paraná, Brasil.

² Psicóloga e professora supervisora do estágio básico II, curso de Psicologia, das Faculdades Integradas do Vale do Iguaçu – UNIGUAÇU, União da Vitória, Paraná, Brasil. Graduada em Psicologia, Perita em Psicologia do Trânsito, Pós-graduada em Neuropsicologia e Especialista em Psicologia do Trânsito.

conduzindo às pedagogias não diretivas. Valorizam-se as vivências escolares em detrimento dos saberes escolares.

Sendo assim os estudos sobre as emoções e a afetividade são relativamente recentes. Até a década de 70, as influências das emoções no comportamento eram deixadas de lado, pois a psicologia tradicional separava as operações mais refinadas da mente, da estrutura e funcionamento do organismo biológico. Essa separação, deve-se a um “erro de Descartes”, que ao separar corpo e mente, razão e emoção, influenciou o pensamento científico ocidental, gerando uma compreensão fragmentada do funcionamento psicológico humano. (Lucia, 2009 apud Damásio 1996)

Segundo Nóvoa (1999), o que interessa aprender numa escola é a comunicação, a partilha, o diálogo, o trabalho em comum, a cooperação. Dá-se grande relevo às técnicas de animação e de expressão. Nos 60/70 irrompe a crítica às instituições escolares existentes, a pedagogia projeta-se para fora dos muros da escola, os papéis dos professores diversificam-se.

DESENVOLVIMENTO

Nas últimas décadas do Séc. XX percebe-se, uma tendência unificadora das dimensões afetivas e cognitivas do funcionamento psicológico do ser humano. Essa tendência situa-se, segundo a autor, na necessidade de recomposição do ser psicológico, pois áreas aplicadas como a educação pedem “uma abordagem mais orgânica do ser humano”. (Lucia, 2009 apud Damásio 1996, p. 2)

Segundo Cipriano (2010, apud Meire e Pilotto p. 48) “Na verdade, acreditamos que razão e emoção são inseparáveis, as duas são relevantes no processo ensino-aprendizagem. Nesse caso, “o conhecimento acontece nos níveis da racionalidade (argumentação/reflexão) e da sensível (emoção, intuição, percepção, imaginação, criação)”.

Segundo Castro (2011, p. 07)

Há uma grande dificuldade na hora de definir o termo afeto e afetividade. De um modo geral, relaciona-se afeto com sentimento de carinho e simpatia, já a afetividade está relacionada aos mais diversos termos, como emoção, estados de humor, motivação, sentimento, paixão, personalidade. A afetividade está presente no que fazemos, pensamos, falamos, ou seja, em

todas as nossas relações e, assim se faz no ambiente escolar, tendo um papel fundamental na construção do conhecimento. É a base, o começo para o aprendizado, estimulando o aluno a comparecer as aulas, a se sentir motivado com os novos conhecimentos e a interagir com professores e colegas.

Para Moraes e Torre (2004) a aprendizagem deve ser considerada de maneira integrada, na qual a mesma não pode ser reduzida a componentes intelectuais, estritamente mecânicos. Dessa forma (Cipriano apud Moraes; Torre, 2004, p. 85):

A aprendizagem humana, quando é integrada, comporta elementos emocionais, intuitivos, atitudinais, e inclusive sociais. [...] é fruto de interações com a cultura socialmente enriquecedora. [...]. As aprendizagens variam com as pessoas que vivem no entorno, com a motivação intrínseca, com o clima de interação criado e com o próprio conteúdo, objeto da aprendizagem. Assim, pois, a aprendizagem integrada tem sua razão de ser nos componentes cognitivos, sócio afetivos e culturais.

No processo de aprendizagem em que se transmitem conhecimentos científicos e valores culturais é necessário reconhecer a afetividade como um componente indissociável da ação humana. “Afetividade é, antes de qualquer coisa, uma exigência da sobrevivência. Há nisso uma razão biológica. Ao nascer, o homem é o que mais necessita de nutrição afetiva.” (Cipriano apud Dalla Vecchia, 2002, p. 84).

Cipriano (2011, p. 42) evidencia que:

É importante pensar numa relação professor-aluno para além dos conteúdos programáticos e que valorize o sentir, criando uma comunicação autêntica, sem negar as emoções. A sala de aula, vista como um locus de desenvolvimento humano, pode favorecer a construção de um clima de satisfação mútua. A comunicação propicia a interação, a qual não se refere apenas à troca de ideias, de informações, mas também de emoções e sentimentos e ao próprio desenvolvimento dos sujeitos que fazem parte dessa comunicação.

Paulo Freire evidencia da interação professor-aluno em que seja possível uma vivência de afetividade sem que seja necessário prejudicar o rigor do trabalho do professor. (FREIRE, 2007, p. 141) “[...] a afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade. O que não posso obviamente permitir é que minha afetividade interfira no cumprimento ético de meu dever de professor no exercício de minha

autoridade. Não posso condicionar a avaliação do trabalho escolar de um aluno ao maior ou menor bem querer que tenha por ele”.

Segundo (Cipriano, 2011, p. 58)

É importante ressaltar que a afetividade não acontece apenas no contato físico, mas também quando o professor se interessa pelo desenvolvimento do aluno, elogia o que ele faz e reconhece os seus esforços. Também é necessário que o aluno se implique cuidando dessa relação. Essas são manifestações de afeto, mesmo que não tenham o contato corporal. Compreendemos que a afetividade não é puramente um ato “meloso”, e nem precisa ser, mas podemos considerá-la como um ingrediente importante e indispensável na relação entre pessoas, intensificando os vínculos e criando continentes favoráveis para o desenvolvimento cognitivo.

É necessário ter uma boa relação com os alunos e tornar a classe como um ambiente de relacionamentos, procurando obter resultados eficazes com os alunos, de forma que seu aprendizado seja a prioridade dessa relação, alcançando o objetivo profissional. (MORALES; 1998.)

Segundo (Castro, 2011 apud Bertuzzi 2010 p. 08):

O envolvimento de professores e alunos nos processos de ensino aprendizagem é essencial ao sucesso de práticas pedagógicas; quer dizer, é importante que tanto alunos quanto professores se vejam como sujeitos dos dois processos que ocorrem- o aluno não só aprende e o professor não só ensina. A relação pedagógica, portanto, se estabelece quando os dois sujeitos estão engajados nesses processos.

MÉTODO

Local

A observação foi realizada em uma escola da rede pública estadual, localizada na região leste da cidade de União da Vitória – PR, no Ensino Fundamental que atende crianças que vão do 1º ao 9º ano e as idades vão de 6 a 14 anos, cronologicamente um ano para cada série, a observação ocorreu no período vespertino, se iniciou no dia 30 de agosto de 2017, o período de 48 horas de observações que se sucederam entre 2 a 4 horas de observação.

Participantes

Os participantes foram alunos da 6º série do Ensino Fundamental, em uma sala correspondente a 22 alunos, de ambos os sexos que se propuseram a participar da atividade dinâmica em sala de aula.

Material

Os instrumentos utilizados para coleta de dados é a observação direta informal na fase inicial baseando-se na atuação para obter determinados tipos de informação. De acordo com a demanda identificada, a necessidade de afeto na relação aluno-professor, foi realizado uma atividade com os alunos com propósito de união alunos-professor, com a utilização de dois materiais apenas, uma bola e a fala.

A atividade durou em torno de duas aulas de 45 minutos cada, no decorrer dessas aulas a primeira atividade os alunos teria de escolher uma brincadeira que todos gostassem junto com a professora, concluído por uma votação a brincadeira escolhida foi caçador, a brincadeira foi escolhida em conjunto e orientado pela professora e alunos. Sendo decidido em conjunto, todos participaram da atividade e como reforço ao final da aula todos ganharam um brinde pela participação e comportamento, o que motivou muito os alunos a atividade seguinte.

A segunda atividade foi escolhida a fala como material onde os alunos se apresentaram a professora contando sobre sua família e seu dia-dia, o objetivo seria o entendimento do contexto abrangente que cada aluno possui, e fazer entende-los como ser humano que também possui dificuldades e que eles também precisam de apoio afetivo no contexto escolar. Após essa atividade a professora procurou-me para agradecer por fazer ter entendido que cada aluno possui dificuldades e que é mais fácil quando todos se entendem e se sentem, assim pode notar que o caminho afetivo é eficaz e pode ser introduzido na sala de aula.

RESULTADO E DISCUSSÃO

Neste local foi observado a dificuldade na relação aluno professor no âmbito comunicação e conseqüentemente afetividade, nesta ocasião se mostrou necessário a aproximação de professores para com alunos no sentido de que o professor pode ser muito mais que uma figura de autoridade, senhor do saber. Também mostrou uma necessidade de diminuição de ansiedade que os alunos demonstraram dentro de sala de aula.

Atividade proporcionou um grande gasto de energia dos alunos como consequência a diminuição da ansiedade e junto a esse resultado foi possível uma abertura na comunicação e aproximação dos alunos e professores. A apresentação proporcionou um entendimento por parte do professor da vida da criança em seus variados contextos, sendo assim foi possível propor com que o aluno e professor possam entender que a relação pode ser muito mais que um professor-aluno, a interação se fez necessária para que a afetividade possa surgir nesse processo, uma espécie de “quebra gelo” para que seja possível que a afetividade tenha um caminho a percorrer.

Como respostas as atividades os alunos e professores mudaram seu estado de humor abrindo caminho para que a relação aluno professor, sendo essencial, sentimentos como emoção, motivação, dentre outros que possam se aflorar no ambiente escolar, estes que são fundamentais para a aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo tem como objetivo a conclusão do estágio básico III e o aprimoramento das técnicas sugeridas pela teoria no campo da psicologia. Assim foi possível entender a importância da experiência em campo para formação como aluna e como futura profissional, dentre isso foi possível observar e clarificar como funciona o dia-dia escolar dentro de seus objetivos e limitações

O objetivo final foi um aprimoramento discente que se desenvolve na prática com a junção da teoria assim criando hipóteses sobre as interações que estão ocorrendo dentro de sala de aula sejam elas de aprendizagem, dificuldades de aprendizagem ou ajustamento. A observação tem também como objetivo identificar dificuldades de aprendizagem, comportamentais, emocionais, distúrbios ou até mesmo algum problema psicológico no contexto escolar e desenvolver uma intervenção que possa de alguma forma contribuir para o desenvolvimento destes.

Sendo possível a realização da atividade foi possível notar a importância da relação com afeto do aluno e professor no contexto escolar, e assim quanto mais cedo essa relação for estabelecida mais produtivo será a educação escolar dos indivíduos presente em escolas, trazendo assim um desenvolvimento não somente aos alunos

como também aos professores. Conduto é importante ressaltar que os resultados foram visualizados pelos professores presente em sala de aula, proporcionando um entendimento sobre a afetividade e o impacto que esta mesma pode exercer sobre o ambiente escolar.

REFERÊNCIAS

CASTRO, Luana. **O fortalecimento das relações afetivas entre professor e aluno contribui para um rendimento escolar?** 2011. Disponível em:

<http://hdl.handle.net/10183/49231>. Acesso: 18 de set. 2017.

CIPRIANO, Marcia. **Afetividade na Relação Professor-Aluno: Significado Sob o Olhar do Professor de Ensino Médio.** Disponível em:

<http://www.uece.br/ppge/dmdocuments/disserta%C3%A7%C3%A3o%20M%C3%81RCIA.pdf> Acesso: 13 de novembro de 2017.

LUCIA, Carmem. **Afetividade, Aprendizagem e Tutorial Online.** Disponível em:

<https://seer.ufs.br/index.php/edapeci/article/view/565/469>. Acesso: 05 de novembro de 2017.

MORALES, Pedro. A relação professor-aluno. Oque é e como se faz. Disponível em:

https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=9JEwPS0CDUcC&oi=fnd&pg=PA15&dq=A+efic%C3%A1cia+da+afetividade+na+rela%C3%A7%C3%A3o+aluno-professor+&ots=Z_CmZOhdhx&sig=gKto9x1AYyKaQI5Z8kOZSB2p8CQ#v=onepage&q&f=false

NÓVOA, António. **Para uma análise das instituições escolares.** 1999. Disponível em:

<http://www.escolabarao.com.br/pdf/texto2/files/publication.pdf>. Acesso: 05 de novembro de 2017.

PORTAL EDUCAÇÃO: **Qual a função da escola?** 2011. Disponível em:

<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/pedagogia/qual-a-funcao-da-escola/10318>. Acesso em: 17 de set. de 2017.

A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO BÁSICA: UM RESUMO EPISTEMOLÓGICO

Gabriel Antonio Bendlin¹
Natalie De Castro Almeida²

“Um indivíduo consegue hoje um diploma de curso superior sem nunca ter aprendido a comunicar-se, a resolver conflitos, a saber o que fazer com a raiva e outros sentimentos negativos”

Carl Rogers

RESUMO: A importância da Educação Básica: um resumo epistemológico diz respeito a uma análise mais assertiva sobre as bases educacionais do país, problematizando as qualidades de função exercidas pelo professor em decorrência de suas consequências imediatas, a resposta do aluno e do instrumento de aprendizagem. Este estudo declara como propósito a obtenção de dados situacionais presentes em uma sala de aula, buscando decifrar os obstáculos que servem de barreira para a educação. Munido de arcabouço teórico e conhecimento prático, é de viés impar categorizar a insuficiência educacional por um espectro muito mais amplo que a limitação generalista se deve (indisciplina, má formação profissional e falência sociocultural). Destarte, o presente artigo funciona como uma ponte para problematizar alguns segmentos dentro do âmbito educacional para, se não a proposição de maneiras plausíveis de correção, revelar os pontos de atuação para psicólogos e demais profissionais comprometidos com o destino que acerta o país, e que começa cedo nos corredores das escolas públicas.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Aprendizagem. Professor / aluno.

ABSTRACT: The importance of Basic Education: an epistemological summary refers to a more assertive analysis about the educational bases of the country, problematizing the qualities of function exerted by the teacher because of its immediate consequences, the student's response and the learning instrument. This study states the purpose of obtaining situational data present in a classroom, seeking to decipher the obstacles that serve as a barrier to education. With a theoretical framework and practical knowledge, it is an odd bias to categorize educational insufficiency by a broader spectrum than generalist limitation (indiscipline, poor professional training and sociocultural failure). Thus, the present article acts as a bridge to problematize some segments within the educational scope for, if not the proposition of plausible ways of correction, to reveal the points of performance for psychologists and other professionals committed to the destiny that hits the country, and that starts early in the corridors of public schools.

KEYWORDS: Education. Learning. Teacher / Student.

1 INTRODUÇÃO

“Base”, que vem do latim *basi.is* e do grego *básis*, corresponde àquilo que serve de sustentação, suporte. O conhecimento, por sua vez, deriva do latim

¹ Acadêmico do Curso de Psicologia das Faculdades Integradas do Vale do Iguaçu – UNIGUAÇU, União da Vitória, Paraná, Brasil.

² Psicóloga e professora supervisora do estágio básico II, curso de Psicologia, das Faculdades Integradas do Vale do Iguaçu – UNIGUAÇU, União da Vitória, Paraná, Brasil. Graduada em Psicologia, Perita em Psicologia do Trânsito, Pós-graduada em Neuropsicologia e Especialista em Psicologia do Trânsito.

“*cognoscere*” e compreende a “obtenção de conhecimento”. A Educação Básica, portanto, representa um alicerce primordial para o bem comum dos cidadãos e da sociedade oferecendo um suporte sólido para a construção do saber de cada cidadão. Segundo Barros (2004), o processo de educar é transformar o indivíduo para que ele seja produtivo e atenda aos propósitos da esfera social onde está inserido, ou seja, a Escola não funciona apenas como formadora de cidadãos, mas de indivíduos capazes de responder a exigências maiores. É de grande importância as bases educacionais durante a formação de cidadania e instrução do aluno, assim como é necessário também compreender as nuances por detrás deste processo.

Esta importância se propõe em uma etapa já avançada no ramo educacional que é, apesar das dificuldades e obstáculos, prever uma execução adequada de um projeto para o pensamento e conhecimento exigido não apenas para interesses terceirizados, mas também seus primeiros e maiores interessados, os próprios alunos. É função e obrigação social da escola, portanto, incentivar o interesse e busca pelo conhecimento, embora sejam perceptíveis os obstáculos que limitam o aprendizado, é preciso estar atento para sua aplicabilidade em sala de aula e como o professor faz uso dela, pois como aponta Almeida (2002): uma perspectiva reducionista à contenção de conhecimento e simples memorização competem ao aluno um sentimento não de direito, mas de obrigação inócuo ao passo que a motivação se esvai junto com dificuldades de aprendizado já acumuladas.

As condutas disfuncionais supracitadas podem invariavelmente atingir a níveis de indisciplina, atritos com professor, evasão escolar entre outros problemas que são generalizados ou, na pior das hipóteses, negligenciados.

2 DESENVOLVIMENTO

O decurso da aprendizagem é produção direta do aluno, e corresponde a ele grande parte da responsabilidade sobre seu aprendizado, alçando-o a uma parte mais ativa na produção do pensamento; cobrando, assim, uma postura mais desperta e funcional do seu desempenho nas instituições de ensino. Portanto, professores e Academias de Formações Básicas são responsáveis por mediar o conhecimento a ser

adquirido preservando o maior interessado que deve ser aquele que ingressa nas bases do conhecimento (ALMEIDA, 2002).

Para tanto, existem alguns empecilhos que dificultam as práticas e propostas da educação, transformando-as em medidas unilaterais e gerando consequências de passividade. Atributos que são importantes para a aprendizagem, como: o processo de atenção, o aprender, o pensar e a retenção de informações por parte do aluno. Isto é, considerando elementos de base como função para o aprendizado, deve-se considerar mais que o simples ato de memorizar os conteúdos ministrados em sala de aula, e compreender a apreensão do conteúdo sem tê-lo de fato assimilado como falha nesse processo. O conteúdo acaba não sendo incorporado em seu repertório e apenas toma um espaço momentâneo na memória individual, o que não pode ser considerado como aquisição de conhecimento. Pois como sugere Almeida (2002):

Por esse fato, defende-se que deve haver um maior investimento, e para isso os professores teriam de estar preparados, no treino dos alunos no aprender, pensar, conhecer e resolver problemas. Socialmente existe a consciência que a escola deve, cada vez mais, favorecer a aquisição e a destreza de tais competências cognitivas.

Esse obstáculo toma início antes mesmo da sala de aula e representa uma seqüela de uma possível falha educacional que só pôde ser percebida quando sua implicação é vista no reflexo descontente dos alunos observados diretamente em sala de aula. O professor acaba por tomar parte em um problema que é muito maior que ele, mas que dele depende diretamente para ser investigado, pois como afirma a autora:

A escola, como um todo, passa por uma crise de sentido; os alunos não sabem porque vão a ela, a falta de significação do que é estudar, a evasão, a reprovação e a violência que existem nas mais diferentes formas acabam por transformar esta relação professor-aluno ainda mais conflitante e difícil de ser trabalhada (OLIVEIRA-SILVA, 2008).

É importante definir a função exata da Escola, do professor e do aluno em meio ao processo educacional. Mais do que aplicar medidas de correção ou mudar com rigor as regras, é necessário demonstrar aos alunos a consciência de suas funções como membros pertencentes a uma sociedade e de seus direitos como cidadãos que devem ser reclamados. Assim como sugere Oliveira-Silva (2008), “a possibilidade de mudança [...] do cotidiano escolar não deve ser negada. Ela é fundamental para a

adaptação da instituição para atender os anseios de seu público, porém, não pode perder de vista seus objetivos”. Em outras palavras, as implicações da Educação Básica vão além dos objetivos comuns dos alunos.

2.1 ALÉM DAS BARREIRAS SOCIOEDUCATIVAS

A posição exercida pelo professor é de fundamental importância para tornar acessível o conhecimento, seguindo as ideias de Moran (2000) na execução das tarefas em sala de aula:

Procuraremos aproximá-las o máximo que pudermos deles, partindo do que eles valorizam, do que para eles é importante. Mas se, mesmo assim, a resposta é fria, poderemos apelar para algumas formas de impor tarefas, prazos, avaliações mais frequentes, de forma madura, mostrando que é pelo bem deles e não como forma de vingança nossa. O professor pode impor sem ser autoritário, sem humilhar, colocando as tarefas de forma clara, calma e justificada. A imposição é um último recurso do professor, não primeiro e único.

A forma de se aproximar do aluno corresponde a alcançar seus interesses, a tornar o conhecimento acessível ao que lhe é de valor. As ferramentas que o professor pode fazer uso são as atividades avaliativas que funcionam pelo sistema de recompensa e punição. É suficiente para a adesão da tarefa, mas contígua para a resistência do aprendiz, como aponta Oliveira-Silva (2008), “por se tratar de uma relação humana, será, sempre ou quase, conflitante[...]”. É necessário reiterar que a consciência do estudo é tão propriamente importante quanto o estudo em si, pois diminuiria o aspecto resistente e aumentaria o potencial de aprendiz por parte dos alunos.

2.2 O OFÍCIO DA ATIVIDADE PROPOSTA

Ao longo de todo o tempo em que se deu a observação na turma do primeiro ano do Ensino Médio, foi possível averiguar a metodologia de alguns professores e o que dela resultou na relação aluno-professor. Para Viécili e Medeiros (2002), o uso de métodos coercitivos assegura a presença e atenção, mas podem vir a gerar

represálias se encontradas em excesso. É verdade constatar o domínio dos professores para com a turma, raramente existindo fortes resistências ou comportamentos-problema durante o período observado, e sempre que havia comportamentos dissonantes, medidas corretivas eram aplicadas.

Na ausência de agravantes em uma sala de aula, a atividade que fora cumprida tinha o objetivo de elucidar, de maneira lúdica, como é estar em frente a uma situação onde ao mesmo tempo que é possível delimitar certas condições, ainda sim, parte resultante da dinâmica foca em estar exposto a uma situação na qual não se tem controle. Desta forma, os grupos desenvolveram desafios um para o outro sem saber que teriam eles mesmo de cumprir com o desafio. O objetivo foi desenvolver nos alunos habilidades de empatia, cooperação e integratividade, de modo que eles exerçam ciência sobre como é estar em uma situação em que eles mesmos estabeleceram como desafio para o outro. Estimulando, assim, novas experiências de conhecimento, como aponta Moran (2000): “[...] num clima de confiança, interações pessoais e grupais [...] ultrapassam o conteúdo para, através dele, ajudar a construir [...] conhecimento”.

Com a aquisição de conhecimento torna possível para o aluno enfrentar os desafios que permeiam o meio social em que vive, sendo portanto objetivo primordial da Escola, do Professor e da atividade proposta em razão do desenvolvimento deste artigo científico. Segue o autor afirmando a intenção do processo de educação: “fazer com que as pessoas estejam aptas a lidar com a realidade em que vivem (e com que se defrontam) de maneira a transformá-la em uma direção significativa” (VIECILI & MEDEIROS, 2002).

3 MÉTODO

Fora realizada atividade em uma Escola municipal na cidade de Porto União pertencente ao estado de Santa Catarina de cunho exploratório, a fim de destacar empiricamente conhecimentos teóricos abarcados pela supervisão de Estágio Básico III, e demais conteúdos administrados ao longo do curso de Psicologia da Faculdades Integradas Vale do Iguaçu - Uniguaçu.

Destarte, o objetivo consistiu em expor os alunos de uma sala de aula do primeiro ano do Ensino Médio, a uma atividade com o intuito em atribuir níveis de cooperação, assimilação, recebimento de ordens e, sobretudo, estimular a habilidade de empatia nos alunos através da atividade proposta. Com auxílio do professor, foi expedida a ordem para em uma primeira etapa que os alunos formassem dois únicos grupos de um montante de 16 alunos, no total. Participando 8 alunos em cada equipe, fora proposto que cada grupo, de modo integrativo e consonante, delimitasse um desafio, ou seja, propusesse uma tarefa ao grupo rival; assim sendo, tendo-a que executar à frente de todos. Para o exercício de idealizar este desafio, foi estipulado tempo livre a ambas as equipes, de modo que não houvesse pressa ou tensão (mais que o comum) na proposição da tarefa. Finalizado o tempo concedido, cada grupo disse em voz alta o que deveria ser executado pelo grupo rival. O grupo 1 propôs o desafio para o grupo 2 em executar uma dança coreografada; em contrapartida, o grupo 2 desafiou o grupo 1 a ir na sala ao lado para explicar uma proposta de razão celebrativa.

Concluída a tarefa, que durou cerca de trinta (30) minutos, os alunos voltaram à atividade comum pertencente à grade estabelecida para aquele dia. Houve breve explanação das motivações que fundamentaram a atividade e o propósito final da mesma, sendo presente também um exemplo acerca da mesma atividade que os grupos desenvolveram em outro âmbito educacional. Foi agradecido a cooperação e auxílio tanto para o professor como para com os alunos encerrando cordialmente a tarefa atribuída.

4 RESULTADOS

A problemática acerca do destino da Educação Básica no país e de suas responsabilidades e implicações sociais, fomentaram a curiosidade em avaliar com maior cuidado o desenvolvimento pleno das atividades escolares, mais especificamente, o seu funcionamento detalhado a partir de uma sala de aula. A relação aluno-professor, e como ela acontece destacam potencial exemplo de como podemos atuar para melhorar o futuro educacional, ao mesmo tempo em que surgem

indagações sobre a eficácia da atividade aplicada na turma do primeiro ano em uma Escola no município de Porto União – SC.

Ficou claro a importância do professor durante o processo de ensino-aprendizagem, e de como sua figura é recebida de forma diferente, respondendo a como o próprio professor se posiciona em sala de aula (ou seja, sua postura) e como ele trata os seus alunos; com respeito e estima. Ademais, destaca-se que as ferramentas de coerção (sistema avaliativo e punitivo) são eficientes para garantir a atenção e silêncio do montante de alunos. Atitude que, se em excesso ou mal aplicada, geraria apenas frustração e comportamentos extenuantes.

A atividade executada teve como interesse estimular o nível de cooperação dos alunos em si e atribuir-lhes habilidade para conseguir projetar-se na situação do outro, deste modo, compreendendo melhor a figura de seu professor. Destarte, expondo os alunos a uma situação na qual eles mesmos provocaram as consequências pode incitar, de maneira lúdica, aspectos importantes para o convívio social com atributos como empatia, cooperação, criatividade, habilidades de adaptação e recebimento de ordens.

Foi atingido o objetivo da tarefa e sua execução se deu de forma branda e adequada, o professor cedeu gentilmente seu tempo de aula proporcionando auxílio e destacando a importância para todos a adesão total durante a dinâmica. O colégio e todos os funcionários contribuíram para a execução do Estágio Básico III como um todo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA. Leado S. **Facilitar a aprendizagem: ajudar aos alunos a aprender e a pensar.** Acessado em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572002000200006 na data 19 / 09 / 2017 às 17: 25 h.

MENESES, JOÃO GUALBERTO DE CARVALHO; BARROS, ROQUE SPENCER MANCEL DE; NUNCES, RUY AFONSO DA COSTA; HAIDAR, MARIA DE LOURDES MARIOTTO; TANURI, LEONOR MARIA; AZANHA, JOSÉ MARIO PIRES; DIAS, JOSÉ AUGUSTO; FAUSTINI, LOYDE A.; CASTRO, AMÉLIA AMERICANDO

DOMINGUES DE; FONSECA, JOÃO PEDRO DA; SILVA, JAIR MILITÃO DA; MELCHIOR, JOSÉ CARLOS DE A.; MARTELLI, ANITTA FÁVARO. **Estrutura e Funcionamento da Educação Básica**. Editora ABDR, São Paulo – SP

MORAN, José. **Mudar a forma de ensinar e de aprender transformar as aulas em pesquisa e comunicação presencial-virtual.**

http://www.eca.usp.br/prof/moran/site/textos/tecnologias_eduacacao/uber.pdf.

Acessado em 19/11/ 2017 às 17:45.

OLIVEIRA-SILVA, Janaina. **O aluno, a escola, o professor: relações do aprender.**

Acessado em <http://www.uniesp.provisorio.ws/revista/revista6/pdf/4.pdf> na data 20/10/2017 às 18 h.

VIECILI, Juliane; MEDEIROS, José Gonçalves. **A coerção e suas implicações na relação professor-aluno.** Acessado em

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712002000200012 na data 19/09/2017 às 17:25 h.

A IMPORTÂNCIA DO RELACIONAMENTO INTERPESSOAL, DAS HABILIDADES SOCIAIS E DA BOA CONVIVÊNCIA PROFESSOR ALUNO NA ESCOLA

Camila Mitura Roberto¹
Natalie de Castro Almeida²

RESUMO: O seguinte artigo tem como finalidade demonstrar a complexidade e proporção do trabalho do profissional da psicologia dentro das diversas esferas de relacionamento interpessoal, neste caso, a psicologia escolar. Abrangendo a importância das habilidades sociais para um bom relacionamento e como ela resulta em produtividade. Foram realizadas observações e atividades práticas em uma turma de Ensino Fundamental em uma Escola Estadual na cidade de São Mateus do Sul – PR. Assim, foi possível observar as consequências positivas de um bom relacionamento interpessoal e das habilidades sociais bem desenvolvidas no grupo. Além da importância dos profissionais docentes em desenvolver suas habilidades sociais tornando o ambiente escolar mais produtivo e agradável, do ponto de vista docente e discente.

PALAVRAS-CHAVE: Psicologia. Desenvolvimento Interpessoal. Habilidades sociais. Psicologia de Grupo. Psicologia Escolar.

ABSTRACT: The following article aims to demonstrate a complexity and magnitude of the work of psychology professionals within the various spheres of interpersonal relationship, in this case, school psychology. Covering the importance of social skills for a good relationship and how it results in productivity. Observations and practical activities were carried out in a class of Elementary School in a State School in the city of São Mateus do Sul – PR. Therefore, it was possible to observe the positive consequences of a good interpersonal relationship and well developed social skills in the group. Besides the importance of teaching professionals to develop their social skills, making the school environment more productive and pleasant, from a teacher and student point of view.

KEYWORDS: Psychology. Interpersonal Development. Social Skills. Group Psychology. School Psychology.

1 INTRODUÇÃO

A psicologia da educação é uma ciência a qual se relaciona com os demais eixos de aplicação da psicologia, nela se acredita convictamente que a psicologia pode contribuir para promover melhorias significativas na educação. Porém, delimitar a psicologia educacional apenas no processo de ensino aprendizagem pode ser um erro, haja vista que a psicologia contribui com uma infinidade de teorias, técnicas, propostas e objetivos. (COLL; MARCHESI; PALACIOS, 2004).

Desse modo, Goullart (2002, p. 13) afirma que:

Considerando-se a evolução histórica da linha de pensamento europeu ou norte-americano, verifica-se que a Psicologia Educacional não pode ser

¹ Acadêmica do Curso de Psicologia das Faculdades Integradas do Vale do Iguaçu – UNIGUAÇU, União da Vitória, Paraná, Brasil.

² Psicóloga e professora supervisora do estágio básico II, curso de Psicologia, das Faculdades Integradas do Vale do Iguaçu – UNIGUAÇU, União da Vitória, Paraná, Brasil. Graduada em Psicologia, Perita em Psicologia do Trânsito, Pós-graduada em Neuropsicologia e Especialista em Psicologia do Trânsito.

identificada como uma área consagrada de estudos e que os psicólogos educacionais não têm uma identidade própria. Pode-se, em vez disso, identificar um corpo de pesquisa que ora se inclina para a Psicologia, ora para a Educação, ora para um espaço intermediário entre as duas.

Assim, ao mesmo tempo que a escola é um espaço para ensino-aprendizagem, também é um grupo. De acordo com Zimerman (2010), qualquer conjunto de pessoas que se relaciona entre si é considerado um grupo, e é característico do ser humano buscar não só sua identidade de maneira subjetiva, mas também a identidade do grupo. A inserção do indivíduo nos grupos se inicia na infância onde é inserido socialmente na família, escola, igreja e demais locais.

Toda essa inserção e interação ocorre de diferentes formas, sendo ou não voluntária resultando de forma positiva e negativa, nos extremos entre simpatia e aversão, comunicação e introversão, colaboração e conflitos. Dessa forma, sempre existirá uma interação. Não é possível que um indivíduo fique ileso a presença de outro, mesmo que de forma não verbal a complexidade da comunicação humana. (MOSCOVICI, 2003).

Assim, um olhar, um sorriso, um gesto, uma postura corporal, um descolamento físico de aproximação ou afastamento constituem formas não-verbais de interação entre pessoas. Mesmo quando alguém vira as costas ou fica em silêncio, isto também é interação – e tem um significado, pois comunica algo aos outros. O fato de “sentir” a presença dos outros já é interação. (MOSCOVICI, 2003, p. 33).

Moscovici (2003) salienta que existe um ciclo com a seguinte tríade: Atividades, interações e sentimentos. Ele enfatiza que em situações como de trabalho existem tarefas que devem ser cumpridas e elas resultam de uma interação, resultando alguns sentimentos, positivos ou negativos: “comunicação, cooperação, respeito, amizade [...] antipatia e rejeição.” (MOSCOVICI, 2003, p. 34). Os sentimentos positivos terão como consequência um ciclo mais produtivo entre os indivíduos, da mesma forma que os sentimentos negativos irão enfraquecer o ciclo, como um distanciamento diminuindo a interação e enfraquecendo os laços interpessoais.

2 DESENVOLVIMENTO TEÓRICO

Como elencado por Murta (2005) as relações interpessoais estão dentro de um contexto de relacionamento natural de todos os indivíduos, ocorrendo em esferas de

relacionamento familiar e com amigos. Porém, são necessárias manutenções e trabalho específico para amparar as falhas através do treinamento das habilidades sociais. As atividades de intervenção para habilidades sociais podem ser utilizadas em uma infinidade de grupos e abrangem as três formas de atenção, sendo elas de prevenção primária, secundária e terciária. Na atenção primária o público alvo são pessoas as quais não possuem problemas interpessoais, mas possuem fatores de vulnerabilidade com seu grupo de relacionamento mais próximo. A prevenção secundária se aplica a pessoas já inseridas em situações que afetam suas habilidades sociais: “tais como crianças agressivas criadas por pais com problemas em práticas educativas parentais”. (MURTA, 2005, p. 283). Já as intervenções terciárias tendem suavizar problemas já existentes nos relacionamentos interpessoais sem a finalidade de alcançar a cura, para melhorar a qualidade de vida dessas pessoas, como indivíduos com esquizofrenia e autismo. (MURTA, 2005)

Vinha e Tognetta (2009) grifam a presença de conflitos no ambiente escolar ou fora dele, gerando agressões físicas, verbais ou virtuais entre alunos (as) a também professores (as). De forma tradicional, os conflitos são relacionados a algo negativo e nocivo ao bom relacionamento e convivência entre os membros, dessa forma são tomadas medidas drásticas e punitivas. Outra medida comumente tomada pela escola frente as dificuldades é a solução de forma rápida, simples e menos custosa: “Desse modo, os educadores transferem o problema para a família ou especialistas; dão as soluções prontas; utilizam mecanismos de contenção e punições; incentivam a delação; culpabilizam [...]” (VINHA; TOGNETTA, 2009, p. 533). Os autores salientam que estas medidas clássicas têm sim sua efetividade, porém de maneira momentânea e tendem a agravar o problema com o passar do tempo.

Para Vinha e Tognetta (2009), os conflitos estarão presentes de forma muito mais acentuada nas salas de aula com maior interação dos membros. Uma escola que vise crescimento social e moral dos alunos, com maior abertura para diálogos e questionamentos certamente será um pouco mais barulhenta e tumultuada do que o local onde são apenas valorizadas notas e cumprimento de conteúdos programáticos. Os (as) professores (as) com uma perspectiva construtivista possuem uma base teórica a qual promove um melhor entendimento dos conflitos, os quais priorizam a forma encontrada para resolvê-los – não apenas a sua solução da maneira mais breve

possível – e fazem um aproveitamento geral que pode ser exteriorizado além da sala de aula e do corpo docente. A forma que os (as) alunos (as) solucionam seus problemas cotidianos sem a interferência e imposição do (a) professor (a).

[...] Ao agir assim, o educador demonstra reconhecer a importância de desenvolver-se nas crianças e jovens habilidades que os auxiliem na resolução de conflitos interpessoais e, conseqüentemente, favorecer a formação de pessoas autônomas. (VINHA; TOGNETTA, 2009, p. 534)

Moscovici (2003) ressalta que para que isso ocorra, alguns profissionais, como os da área docente, também necessitam de um bom desenvolvimento das aquisições de aptidão interpessoal, da mesma forma que os profissionais da psicologia, assistência social e demais serviços que atendam público humano, sendo fator de extrema valia em conjunto com o conhecimento teórico da sua área.

Em resumo, Moscovici (2003) afirma que, com o relacionamento interpessoal saudável, é possível realizar uma infinidade de tarefas com a cooperação e respeito mútuo, a reciprocidade dos membros permite um maior aproveitamento escolar, no trabalho, e em todos os âmbitos de relacionamento do ser humano. Se as diferenças são aceitas e tratadas em aberto, a comunicação flui fácil, em dupla direção, as pessoas ouvem as outras, falam o que pensam e sentem e têm possibilidades de dar e receber feedback.

Se as diferenças são negadas e suprimidas, a comunicação torna-se falha, incompleta, insuficiente, com bloqueios e barreiras, distorções e 'fococa'. As pessoas não falam o que gostariam de falar, nem ouvem as outras, só captam o que reforma sua imagem das outras e da situação. (MOSCOVICI, 2003, p. 35)

Dessa forma, pode-se entender que a não aceitação da diferença do outro tem impactos diretos no relacionamento interpessoal, quando o outro não é aceito em um grupo o impacto sofrido não é apenas sobre àquele que não foi aceito, mas em todos devido as barreiras que ali se instalam.

3 MÉTODO

O Estágio Básico III é uma disciplina obrigatória no curso de Psicologia das Faculdades Integradas do Vale do Iguaçu – UNIGUAÇU. A disciplina tem carga

horária total de 48 horas divididas em 24 horas de observação de campo, elaboração de hipótese diagnóstica e intervenção de acordo com as habilidades adquiridas no decorrer do curso. As demais 24 horas são de supervisão realizadas com a professora Natalie de Castro Almeida.

O estudo foi realizado em uma Escola Estadual da cidade de São Mateus do Sul – PR, em uma turma com cerca de vinte e cinco alunos com idades de 10 a 11 anos. A turma não demonstrou alterações atípicas e possui um bom relacionamento com colegas, docentes e equipe pedagógica. Além disso apresentam bom desempenho escolar e de acordo com a equipe pedagógica todas as famílias são muito participativas.

Todas as atividades foram aplicadas juntamente com a acadêmica Naiara Zakrczewski Padilha (ver artigo A psicologia no ambiente escolar e o relacionamento interpessoal, nesta mesma edição desta revista). Todas as atividades descritas a seguir foram baseadas em dinâmicas do site Mais Psicologia, estas dinâmicas foram utilizadas como apoio, pois foram realizadas diversas modificações de acordo com a demanda da turma.

As atividades descritas a seguir foram aplicadas no dia 01 de novembro de 2017 às 10h00min. Ao receber os alunos após o intervalo foi solicitado que os mesmos organizassem a sala, tirando as mesas e deixando apenas as cadeiras em forma de círculo, posteriormente foram iniciadas as atividades.

A primeira dinâmica teve como objetivo estimular o trabalho em equipe entre os mesmos. Cada aluno recebeu um pirulito para si e foi instruído que não poderiam utilizar as próprias mãos para desembulha-lo e colocá-lo na boca. O objetivo é que eles auxiliem uns aos outros, a atividade também funcionou como um quebra gelo.

Para a realização da segunda dinâmica foram utilizadas canetas, papéis e uma fita crepe. Os alunos foram organizados em círculo e instruídos a colar uma folha nas costas do colega da sua direita, em seguida escrever nesta folha uma ou mais qualidades do seu colega. Assim que todos fizeram, foi questionado o que eles sentiram ao escrever nas costas de seus colegas e em sequência foi solicitado que poderiam ler o que os colegas escreveram em suas costas, as reações foram observadas e foi pedido que comentassem como se sentiram em relação a isso. Assim, foi trabalhado a importância do *feedback* e a comunicação entre as pessoas

do grupo, aproximação entre os membros que não se conhecem direito, dentre vários outros aspectos.

Na terceira atividade, cada aluno recebeu uma pequena tira de papel, caneta e uma bexiga. Foi solicitado que escrevam um problema que enfrentam no seu cotidiano em apenas uma palavra, para facilitar foram dados exemplos como: Brigas, fofoca, intrigas, competições e inimizades. Após cada aluno escrever, os mesmos colocaram a tira de papel dobrada dentro da bexiga que receberam anteriormente e encheram a bexiga. Todos foram convidados a se levantar e ir ao centro da roda jogar a bexiga para cima, sem que ela caia no chão. Após um curto período jogando a bexiga, alguns alunos foram selecionados aleatoriamente para sentar e deixar a bexiga com os colegas. Com a diminuição drástica dos participantes, o processo de manter as bexigas sem tocar o chão se tornou mais difícil e nesse momento foram observadas principalmente as reações dos participantes que permaneceram sentados observando o empenho dos demais colegas e sem poder auxiliar. Todos foram convidados a sentar segurando uma bexiga e foi conduzido um diálogo sobre a importância da união e da ajuda da união e da participação de todos frente a dificuldades. Para encerrar esta atividade os (as) alunos (as) estouraram as bexigas e puderam tomar conhecimento dos problemas enfrentados pelos colegas.

A última atividade foi dedicada a uma reflexão individual, cada aluno (a) recebeu uma folha e um envelope. Os (as) alunos (as) seguiram a instrução de fechar os olhos e pensar em quem são no presente (dia da dinâmica), em seguida foi instruído a se imaginar no ano de 2037, utilizando o mesmo dia e mês da dinâmica. Foi questionado como querem estar, onde querem estar, com quem, se querem ter uma família e um bom emprego. Foi deixado um tempo para que os alunos conversassem entre si e com as aplicadoras das atividades sobre suas expectativas com o futuro.

Foram questionados o que pode ser feito para que os sonhos para o futuro se concretizem e se torne realidade, de forma que entendessem a necessidade de planejamento e organização nas ações atuais as quais trarão resultados a médio e longo prazo. Para finalizar, cada aluno (a) pode escrever uma carta para si mesmo ler daqui vinte anos e guarda-a para si.

4 RESULTADOS

As atividades planejadas foram muito bem recebidas pela turma em geral, foi possível observar o entusiasmo, concentração e cooperação dos (as) alunos (as) em todos os momentos. Foi possível observar como resultados das atividades a imaginação a cerca do futuro e o entendimento da importância das ações do presente, além da importância cada membro no desenvolvimento do grupo. Os (as) alunos (as) se expressaram espontaneamente durante todas as atividades demonstrando suas ideias, pensamentos, sensações e opiniões. Alguns compartilharam seus planos profissionais para o futuro, outros disseram que almejam construir uma família e viajar para o exterior. Em todos os momentos foi possível observar a harmonia da turma, o diálogo entre todos (as) os (as) membros e o respeito durante os momentos de silêncio solicitados nas orientações das atividades.

De acordo com Moscovici (2003) essa interação é a grande responsável pela produtividade da turma. O ciclo de atividades, interações e sentimentos não cessa e age de forma recíproca e flui a cada nova experiência, a cada diferença dos membros que é respeitada, a cada diálogo, a cada diferença comportamental, de opiniões e todas as experiências de seres subjetivos que convivem harmoniosamente dentro da sala de aula.

REFERÊNCIAS

COLL, C.; MARCHESI, A.; PALACIOS, J. **Desenvolvimento psicológico e educação**: Psicologia de educação escolar. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

GOULART, I. **Psicologia da Educação**. 9.ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

SOUZA, M. P. R. **Psicologia Escolar e Educacional em busca de novas perspectivas** Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v13n1/v13n1a21>>. Acesso em: 16 set. 2017.

VINHA, T. P.; TOGNETTA, L. R. P. **Construindo a autonomia moral na escola:** os conflitos interpessoais e a aprendizagem dos valores. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/1891/189114443009/>>. Acesso em: 02 nov. 2017.

MOSCOVICI, F. **Desenvolvimento Interpessoal:** treinamento em grupo. 13. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

MURTA, S. G. **Aplicações do Treinamento em Habilidades Sociais:** Análise da Produção Nacional. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/prc/v18n2/27480.pdf>>. Acesso em: 28 out. 2017.

ZIMERMAN, D. E. **Fundamentos básicos das grupoterapias.** 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

A PSICOLOGIA NO AMBIENTE ESCOLAR E O RELACIONAMENTO INTERPESSOAL

Naiara Zakrczewski Padilha¹
Natalie de Castro Almeida²

RESUMO: A psicologia escolar apesar de já ter sofrido diversas alterações e passado por um longo processo de evolução e mudanças, ainda é um assunto desconhecido. Esta atividade vem com o objetivo de mostrar um pouco mais sobre a função do (a) psicólogo (a) dentro das escolas, seu processo de evolução e mostrar como é realizado esse trabalho junto com a equipe pedagógica, ressaltando a importância do relacionamento interpessoal e como auxilia no processo ensino aprendizagem entre professor (a) e aluno (a) em sala de aula. A psicologia é somente uma entre outras ciências que trabalha com questões dentro do âmbito escolar, não apenas estuda o homem e a maneira como se comporta, mas trabalha outros temas envolvendo afeto, desenvolvimento, aprendizagem, dentre outros. Este artigo relata uma demanda observada em uma escola estadual na cidade de São Mateus do Sul – Paraná, e através do que foi analisado em sala de aula, uma proposta de quatro atividades que foram realizadas seguidas de seus resultados.

PALAVRAS-CHAVE: Psicologia escolar. Relacionamento interpessoal. Educação.

ABSTRACT: School psychology although it has already suffered various changes and passed through a long period of evolution and changes, it's still an unknown subject. This activity comes with the aim of showing a little about the function of the psychologist in schools its evolution process and show how this work is carried out together with the pedagogical team highlighting the importance of interpersonal relationships and how it helps in the teaching learning process between teacher and student in the classroom. Psychology is only one among other sciences that works with issues within the school context, not only studies the man and the way he behaves but works other themes involving affection, development, learning, among others. This article reports a demand observed in a state school in the city of São Mateus do Sul – PR and through what was analyzed in the classroom, a proposal of four activities that were carried out followed by their results.

KEYWORDS: School psychology. Interpersonal relationship. Education.

1 INTRODUÇÃO

Segundo Goulart (2002) a psicologia se desenvolveu no Brasil de forma diretamente ligada a área da educação, foi este o primeiro campo onde essa ciência começou a ser inserida e aplicada no país, não que a psicologia da educação derivasse da psicologia, mas sim a psicologia da psicologia da educação, já que desde o início do século, esta, tornou-se princípio básico da área da educação e somente na década de 60 apareceram os primeiros cursos de psicologia. Para Goulart (2002, p.9):

Tanto a Psicologia quanto a Educação estão inseridas num quadro histórico, político, econômico e social. A inserção da Psicologia da Educação neste quadro nos torna possível compreender as características bem específicas que esta ciência adquiriu no Brasil e ainda a variação de seu conteúdo

¹ Acadêmica do Curso de Psicologia das Faculdades Integradas do Vale do Iguaçu – UNIGUAÇU, União da Vitória, Paraná, Brasil.

² Psicóloga e professora supervisora do estágio básico II, curso de Psicologia, das Faculdades Integradas do Vale do Iguaçu – UNIGUAÇU, União da Vitória, Paraná, Brasil. Graduada em Psicologia, Perita em Psicologia do Trânsito, Pós-graduada em Neuropsicologia e Especialista em Psicologia do Trânsito.

conforme a relação entre o momento histórico e as teorias psicológicas ou educacionais nele dominantes.

Desde seus primeiros passos presentes no contexto escolar, a psicologia escolar sempre teve o propósito em buscar o bem-estar humano com um enfoque maior em crianças, sendo estas especiais ou não e em seguida incluindo os adolescentes e até mesmo os adultos que frequentam a mesma instituição, pais, professores e comunidade em geral. (WECHSLER, 2011)

Para Fontana e Cruz (1997) a psicologia é somente uma entre várias outras ciências que participam e realizam uma reflexão a respeito da psicologia escolar, como esta é uma ciência que estuda o homem e seu comportamento, também se preocupa em trabalhar e discutir a respeito de uma diversidade de temas como afetividade, desenvolvimento infantil, velhice, aprendizagem, relações sociais e institucionais, deficiência mental, saúde mental e vários outros temas. Mesmo grande parte das pesquisas e teorias psicológicas que hoje servem a prática pedagógica não terem sido elaboradas para esse fim, as questões e o atrativo dos (as) psicólogos (as) são muitas vezes mais globalizantes e restritos do que os colocados por agentes do processo educacional, haja vista que esses dois âmbitos, os quais envolvem o psicológico e o pedagógico dificilmente se assemelham, não podem nem devem ser confundidas. O papel social da escola é determinado pelo processo de transmitir e assimilar conhecimento, e a psicologia entra com suas contribuições para a área da pedagogia podendo auxiliar na compreensão a respeito de alguns aspectos e possíveis dificuldades sobre o ensinar e o aprender.

2 DESENVOLVIMENTO TEÓRICO

Segundo Coll, Marchessi e Palacios (2004) o objetivo do trabalho da psicologia junto da pedagogia é estudar possíveis mudanças de comportamentos que acontecem com as pessoas como consequência de sua interação no âmbito das atividades educacionais, isto é, concentra-se diretamente no estudo dos processos psicológicos.

A escola tem um papel essencial na vida de cada indivíduo e através de pesquisas, mostra-se que o relacionamento interpessoal e a aprendizagem são duas

coisas de caminham juntas considerando os grandes problemas do cotidiano que as instituições de ensino possam enfrentar. (SILVA, PAULA E OLIVEIRA, 2015).

Para Silva, Paula e Oliveira (2015) *apud* Georgen (2015):

As relações interpessoais referem-se á relações humanas, englobando assim as relações públicas, relações comunitárias etc. As relações humanas ocorrem a partir do processo de interação sendo dividida em relação interpessoal (a interação entre duas ou mais pessoas, no lar, na empresa, na igreja na escola, etc.) e intrapessoal (a comunicação que mantemos conosco mesmo).

Como cita Mosconivi (2003) dividir o mesmo ambiente e trabalhar bem com as outras pessoas nunca foi tarefa fácil, haja vista que não vemos as coisas da mesma forma, interpretamos, pensamos, agimos de maneiras diferentes. Por que é uma tarefa tão difícil ser objetivo e deixar os problemas pessoais, sentimentos afastados? Este é um tema que vem sendo estudado por diversos escritores ao longo dos anos. As pessoas convivem entre si e trabalham juntas reagindo a si mesmas quando entram em contato, este pode ser positivo ou negativo, tendo em conta que as mesmas podem simpatizar, se atrair, desenvolver vínculo ou sentir aversões e entrar em conflito, demonstrando rivalidade. Para Moscovici (2003, p.32):

Essas interferências ou reações, voluntárias ou involuntárias, intencionais ou inintencionais, constituem o processo de interação humana em que cada pessoa na presença de outra pessoa não fica indiferente a essa situação de presença estimuladora. O processo de interação humana é complexo e ocorre permanentemente entre pessoas, sob forma de comportamentos manifestos e não-manifestos, verbais ou não-verbais, pensamentos, sentimentos, reações mentais e/ou físicos-corporais.

Freschi e Freschi (2013) mostram que quando se tem um bom relacionamento interpessoal com todos que participam de seu ambiente de trabalho, isso irá refletir em um desempenho positivo. No ambiente escolar não funciona diferente, quando se fala em bom relacionamento, este envolve tanto a equipe pedagógica, quanto os alunos. Quando uma dessas relações se mostram afetadas, pode faltar motivação, prejudicando o trabalho.

As relações interpessoais são fundamentais quando se fala em convivência de professor (a) e aluno (a) em sala de aula, haja vista que podem ser extremamente facilitadoras no processo de ensino e aprendizagem, considerando o crescimento proporcionado para ambos com a troca de conhecimento e de experiências que

podem acontecer dentro de sala de aula, fazendo com que tudo auxilie de maneira positiva no processo, embora muitas vezes o (a) professor (a) não consiga estabelecer vínculo com a turma por acreditar que afeto e disciplina não são atos compatíveis. Se esse vínculo for estabelecido de maneira adequada sem que se perca a postura da turma e a ética do profissional atuante, fará com que o processo ensino aprendizagem ocorra de forma mais harmoniosa e prazerosa para ambos. (FRESCHI E FRESCHI, 2013).

Dentro de uma sala de aula, geralmente depara-se com um grande grupo, o qual é composto por uma diversidade de pessoas que costumam pensar e agir de formas diferentes. O relacionamento das mesmas dentro de sala de aula precisa também acontecer de forma harmoniosa buscando sempre o respeito e a cooperação especialmente entre os alunos, pois assim, se evita constrangimentos ou até mesmo a vergonha de fazer perguntas durante o andamento das aulas. O professor pode ser um auxiliador desse processo ao fazer com que seus alunos descubram suas diferenças e convivam com elas sempre buscando manter o respeito. (FRESCHI E FRESCHI, 2013).

Para Freschi e Freschi (2013):

Desde os primeiros anos escolares é interessante que os alunos tenham consciência da importância do companheirismo e da cooperação na construção de relações firmes e duradouras com os colegas. Aprender a respeitar a opinião dos colegas, dividir tarefas, discutir sobre metodologias e resultados de pesquisa ajudam o aluno a construir seus pontos de vista, tornando-se assim, sujeito de sua aprendizagem. Essas práticas, se bem trabalhadas vão ser importantes não somente na escola, mas em diversas situações da vida do indivíduo.

Quando se consegue desenvolver tais capacidades, nota-se o quanto estas podem se tornar úteis e positivas na vida do indivíduo (a), não somente no momento em que o mesmo (a) estará no ambiente escolar, mas irá lhe auxiliar em muitos aspectos no futuro, como no ambiente de trabalho, relacionamentos interpessoais futuros, entre vários outros aspectos, já que um bom relacionamento interpessoal é a base para saber trabalhar em equipe, ser cooperativo, e manter um ambiente agradável gerando como consequência sempre um desempenho positivo.

3 METODO

O Estágio Básico III é uma das disciplinas obrigatórias no curso de psicologia das Faculdades Integradas do Vale do Iguaçu – UNIGUACU, sendo esta realizada a partir de observação, coleta de dados, formação de uma hipótese diagnóstica seguida de pequenas atividades de acordo com o que fora observado. A disciplina possui a carga horária de 48 horas, divididas em 24 horas de observação, prática em campo, leituras e as outras 24 em supervisão as quais foram realizadas com a professora Natalie de Castro Almeida.

Este estudo foi desenvolvido em uma escola estadual no município de São Mateus do Sul, Paraná com crianças de onze anos, estudantes do 6^a ano do ensino fundamental os quais fazem parte de uma turma de cerca de vinte e cinco a trinta alunos, além da mudança de comportamento e agitação significativa durante a troca de aulas e de professores a turma não demonstrou nenhum comportamento diferente ou anormal e se revelou muito colaborativa tanto no relacionamento entre os próprios alunos quanto para com professores e demais funcionários. Eles são alunos muito elogiados, apresentam bom desempenho escolar e suas famílias são bem participativas.

A atividade foi aplicada por mim Naiara Zakrczewski Padilha junto da acadêmica Camila Mitura Roberto, (ver artigo A importância do relacionamento interpessoal, das habilidades sociais, e do bom relacionamento professor aluno na escola nesta mesma edição desta revista) do sexto período do curso de Psicologia das Faculdades Integradas do Vale do Iguaçu – Uniguaçu. As atividades descritas a seguir foram retiradas do site: Mais Psicologia (<http://maispsicologia-ro.blogspot.com.br>) foram dinâmicas utilizadas como apoio já que durante a realização das mesmas foram feitas algumas alterações.

Antes da realização das atividades será solicitado que os alunos coloquem as mesas nos cantos da sala e deixem apenas as cadeiras formando um círculo. A primeira dinâmica escolhida para ser realizada com o grupo de alunos (as), será com o objetivo de estimular o trabalho em equipe entre os mesmos. A mesma utilizará pirulitos de acordo com o número de alunos presentes e cada aluno receberá um. Na sequência será solicitado aos participantes que formem um círculo e serão instruídos

a desembulhar e comer o pirulito, mas sem utilizar as próprias mãos. É importante que a bandeja seja colocada no chão. O objetivo é que eles auxiliem uns aos outros.

Para a realização da segunda dinâmica será utilizado caneta, papel e uma fita crepe. Em círculo cada aluno (a) deverá colar nas costas do colega da direita a folha de papel que recebeu, eles serão instruídos a escrever uma qualidade do seu colega. Assim que todos (as) tiverem feito, será o momento de perguntar o que eles sentiram ao escrever nas costas de seus colegas e em sequência será pedido para que leiam o que foi escrito em seus próprios cartões e perguntar também, como se sentiram com isso. Pode ser também trabalhado a importância do *feedback* e a comunicação entre as pessoas do grupo, aproximação entre os membros que não se conhecem direito, dentre vários outros aspectos.

Na terceira atividade, cada aluno (a) receberá uma pequena tira de papel, caneta e uma bexiga. Será solicitado que escrevam um problema que enfrentam no seu cotidiano em apenas uma palavra, para facilitar serão ditos exemplos como brigas, fofoca, intrigas, competições e inimizades. Após cada aluno (a) escrever, os mesmos deverão colocar a tira de papel dobrada dentro da bexiga que receberam anteriormente e enchê-la. Todos serão convidados a se levantar e deverão ir ao centro da roda de e jogar a bexiga para cima, ela não poderá cair no chão. Após um curto período jogando a bexiga, alguns alunos serão selecionados aleatoriamente para sentar, e sua bexiga irá permanecer no centro.

Com a diminuição drástica dos participantes, o processo de manter as bexigas sem tocar o chão se tornará mais difícil e nesse momento serão observadas principalmente as reações dos participantes que permaneceram sentados observando o empenho dos demais colegas sem poder auxiliar. Por fim, serão convidados todos (as) a voltarem e cada um pegará uma bexiga e irá se sentar, nesse momento será conduzido um diálogo para que eles expressem como se sentiram, tanto os que estavam mantendo as bexigas no ar e sobrecarregados quanto os que estavam sentados sem poder ajudar. Será solicitado que estourem as bexigas e reflitam acerca de como se relacionam os problemas de cada um com a atividade da bexiga, observando a importância do todo para enfrentar os problemas do cotidiano. Da mesma forma que ocorreu a reflexão acerca das palavras será introduzido o que foi trabalhado naquela dinâmica, dando ênfase nas falas feitas pelos (as) próprios (as)

alunos (as) e incluindo a importância do trabalho de equipe e a importância do esforço individual que cada um fez em todos os momentos que colaboraram entre si.

A última prática será dedicada a uma reflexão individual, a mesma ocorrerá dentro da sala de aula e cada aluno (a) receberá uma folha e um envelope. Os (as) alunos (as) deverão seguir a instrução de fechar os olhos e pensar em quem são hoje, em seguida devem se imaginar no ano de 2037, utilizando o mesmo dia e mês da dinâmica. Solicitar que imaginem como estão, o que fazem e quem está com eles. Será então solicitado que ao abrir os olhos, imaginem de maneira lúdica que todos os presentes na sala estão na data mencionada anteriormente. Nesse momento eles terão um tempo que será determinado de acordo com a observação do diálogo da turma, e poderão compartilhar com os colegas como se imaginaram. Depois deverão fechar os olhos novamente e abrir voltando a data atual. Após escrever será encerrada a atividade com um breve diálogo.

Serão realizadas perguntas acerca da dificuldade de se imaginar no futuro, e o que mais lhes chamou a atenção durante a atividade. Questionar o que pode ser feito para que os sonhos para o futuro se concretizem e se torne realidade, explicando a necessidade de planejamento e organização nas ações atuais as quais trarão resultados a médio e longo prazo.

Para finalizar, cada aluno (a) poderá escrever uma carta para si mesmo, a mesma será selada e todos entrarão em acordo da data que irão abri-la e fazer a leitura.

A atividade foi realizada no dia 01 de novembro de 2017 às 10h00min depois do intervalo dos alunos, utilizando as duas últimas aulas. Foi solicitado que eles ajudassem a organizar a sala formando um círculo somente com as cadeiras, e iniciamos com as dinâmicas na sequência como foram descritas acima.

4 RESULTADOS

Desde o momento em que entraram na sala os (as) alunos (as) demonstraram muito entusiasmo ao receberem a notícia que algumas atividades seriam realizadas, foram muito cooperativos (as) quando os foi solicitado para que nos ajudassem a organizar a sala, evidenciaram muito trabalho de equipe. Quando demos início as

atividades, pode-se perceber que nem todos estavam se sentindo à vontade para realiza-las, mas no momento da dinâmica de quebra gelo, notou-se uma melhora significativa desses alunos (as), ao notar que os demais estavam participando.

Em todas as atividades realizadas, houve participação de todos os alunos e demonstração de um grande interesse, fizeram tudo que lhes foi pedido, faziam silêncio nos momentos de reflexão e alguns gostavam de compartilhar a forma com que se sentiram realizando determinada atividade com a turma. No momento em que foi lhes pedido para escrever uma qualidade nas costas do colega, levaram muito a sério trazendo aspectos muito positivos de cada um ali presente, gerando muitos sorrisos espontâneos e alguns de surpresa, na última atividade realizada eles realmente se imaginaram no futuro compartilhando com todos o desejo de ter filhos, casamento, suas profissões gerando um ambiente muito agradável.

O objetivo com as atividades era de unir a turma, melhorar o relacionamento entre eles em sala de aula, misturar os subgrupos que se mostravam bem visíveis. Como cita Moscovici (2003) as relações interpessoais se desenvolvem a partir da interação uns com os outros, logo, os sentimentos positivos por exemplo, tendem a sempre aumentar a interação entre os mesmos repercutindo em uma maior produção do grupo. Quando acontece um bom relacionamento interpessoal e se permite o trabalho em equipe, incluindo a divisão de esforços, compartilhar energia, troca de experiências se encontra o que chamamos de sinergia, só trará aspectos positivos. (MOSCOVICI, 2004).

Foi o que pode se observar com a turma, já todos demonstraram um ótimo senso de trabalho em equipe, os subgrupos que haviam na sala se uniram rapidamente e todos se ajudaram na realização das atividades, sem ao menos parar para pensar nas divisões. A positividade e boa energia que se instalou com a realização das atividades, fez-se confirmar o quanto a turma pode se tornar produtiva e apresentar um bom desenvolvimento nas atividades propostas quando se trabalha um bom relacionamento interpessoal.

REFERÊNCIAS

COLL, César; MARCHESSI, Álvaro; PALACIOS, Jesús. **Desenvolvimento psicológico e educação**. 2.ed. Rio Grande do Sul, artmed, 2004.

FONTANA, Roseli; CRUZ, Nazaré. **Psicologia e trabalho pedagógico**. 1.ed. São Paulo, Atual editora, 1997.

FRESCHI, Elisandra; FRESCHI, Márcio. **RELAÇÕES INTERPESSOAIS: A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO ARTESANAL NO AMBIENTE ESCOLAR**. Disponível em: <http://www.ideal.com.br/getulio/restrito/upload/revistasartigos/20_1.pdf>. Acesso em 08 nov. 2017.

GOULART, Iris. **Psicologia da Educação**. 9.ed. Petrópolis, Editora Vozes, 2002.

MARQUES, J. Roberto. **Dicas de Relacionamento Interpessoal**. Disponível em: <<http://www.jrmcoaching.com.br/blog/dicas-de-dinamica-de-relacionamento-interpessoal/>>. Acesso em 21 set. 2017.

MOSCOVICI, Fela. **Desenvolvimento Interpessoal**. 13^a.ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 2003.

SILVA, Carliane; PAULA, Érika; OLIVEIRA, Maria. **Relacionamento Interpessoal no âmbito escolar**. Disponível em: <<http://www.seduc.mt.gov.br/Paginas/A-imprescind%C3%ADvel-a%C3%A7%C3%A3o-das-rela%C3%A7%C3%B5es-interpessoais-no-%C3%A2mbito-escolar.aspx>>. Acesso em 08 nov. 2017.

WESCHSLER, Solange. **Psicologia Escolar**. 4^a.ed. São Paulo, Alínea Editora, 2011.

AFETIVIDADE EM ÊNFASE NO ENSINO FUNDAMENTAL

Lauriane Bogdan¹
Natalie de Castro Almeida²

RESUMO: O objetivo desta pesquisa fora analisar o comportamento dos alunos do período vespertino, de uma turma de 5º ano, do ensino fundamental, de uma escola pública, do município de Cruz Machado – Estado do Paraná. Nesta turma fora observado/analísado a metodologia utilizada em sala de aula pelo professor regente, contrapondo com o conhecimento teórico, adquirido durante o decorrer das disciplinas desenvolvidas pelo curso de Psicologia, das Faculdades Integradas do Vale do Iguaçu. Objetivando ainda analisar como é a interação dos alunos com a professora, dos alunos entre si e com o ambiente do cotidiano escolar, para que assim através das observações e juntamente com a contribuição de conversas com professora, pedagoga, diretora, pudesse ser levantada uma hipótese diagnóstica da turma observada. Baseando-se a partir dos dados coletados através da observação e diálogo com a professora, fora realizada uma proposta de intervenção, a qual teve como finalidade trabalhar o fator de afetividade, em sala de aula, o qual já é muito positivo, porém foi o único e exclusivo fator possível a ser trabalhado, tendo em vista ser uma turma sem fatores disfuncionais aparentes, como indisciplina, mau comportamento, rebeldia, entre outros comportamentos que possam ser considerados inadequados. Após a observação, fora realizado a proposta de intervenção, conversado com a professora a respeito de sua opinião sobre a atividade, e então após este momento, fora aplicada a atividade, a qual resultou frutífera, como previamente já era se o esperado, obtendo um resultado positivo.

PALAVRAS-CHAVE: Psicologia. Estágio básico. Ensino fundamental. Afetividade.

ABSTRACT: The objective of this research was to analyze the behavior of the pupils of the afternoon period of a 5th grade class of elementary school from a public school in the municipality of Cruz Machado - Paraná State. In this group the methodology used in the classroom by the teacher regent was observed / analyzed, in opposition to the theoretical knowledge acquired during the course of the courses developed by the Psychology course of the Integrated Faculties of the Iguaçu Valley. Aiming also to analyze how the students interact with the teacher, the students with each other and with the environment of the school daily, so that through the observations and together with the contribution of conversations with teacher, pedagogue, director, a hypothesis could be raised of the observed class. Based on the data collected through observation and dialogue with the teacher, a proposal for intervention was made, which had as purpose to work the affectivity factor, in the classroom, which is already very positive, but was the unique and exclusive factor to be worked, in order to be a group with no apparent dysfunctional factors, such as indiscipline, bad behavior, rebelliousness, among other behaviors that may be considered inappropriate. After the observation, the intervention proposal had been made, discussed with the teacher about her opinion about the activity, and then after that moment, the activity had been applied, which was fruitful, as was previously expected, positive result.

KEY WORDS: Psychology. Basic stage. Elementary School. Affectivity.

¹ Acadêmica do Curso de Psicologia das Faculdades Integradas do Vale do Iguaçu – UNIGUAÇU, União da Vitória, Paraná, Brasil.

² Psicóloga e professora supervisora do estágio básico II, curso de Psicologia, das Faculdades Integradas do Vale do Iguaçu – UNIGUAÇU, União da Vitória, Paraná, Brasil. Graduada em Psicologia, Perita em Psicologia do Trânsito, Pós-graduada em Neuropsicologia e Especialista em Psicologia do Trânsito.

1 INTRODUÇÃO

É muito importante conhecer o ambiente escolar da criança, e para o estagiário as experiências em ação ajudam a compreender as especificidades do estágio, permitindo que seja encontradas alternativas de intervenção, sendo na supervisão alertado sobre essa conscientização da importância de entrar no ambiente escolar, pois é nesse espaço que pode se visualizar os problemas da criança, os quais envolvem o indivíduo (aluno)-família-escola-sociedade, podendo neste espaço levantar dados como é a relação entre aluno e professor, aluno e disciplina, aluno e escola, tendo uma grande relevância este conhecimento, para concluir o por que a criança tem determinado comportamento. (ASBAHR e colaboradores, 2011).

Asbahr e colaboradores (p. 169, 2011) informam que:

O contato com a escola aconteceu no meio do semestre e houve oportunidade para troca, com os professores, de informações sobre o desenvolvimento do aluno, e em muitos casos a criança passou a ser vista como alguém com capacidade para aprender.

Segundo Eccheli (2008, p. 201), os professores devem motivar os alunos ao estudo esse é um mecanismo para a prevenção da indisciplina, os professores são a ponte do conhecimento, então eles devem trabalhar como esse conhecimento chega ao aluno, não quer dizer que o aluno disciplinado é o que está aprendendo, disciplina não é sinônimo de aprendizagem. Por isso a motivação dos alunos é importante, o aluno deve estar ativo e participativo nas aulas, ainda com o autor Eccheli (2008, p. 201) é conceituado que [...] essa participação ativa do aluno nas atividades escolares é expressão de energia e entusiasmo, fruto de uma aprendizagem significativa [...].

2 DESENVOLVIMENTO

Para a motivação dos alunos estar ativa, o professor tem a função de reforçá-lo positivamente quando seus comportamentos são agradáveis, e também de reforçar negativamente quando preciso (ECCHELI, 2008).

Porém não é só o aluno que deve estar motivado, o professor também deve estar motivado, para que ele obtenha um bom desempenho e isso venha

sucessivamente a motivar o aluno também como uma consequência. Sendo a maior fonte de satisfação do professor simplesmente o ato de ensinar, porém este tem outras fontes de satisfação também, como as recompensas intrínsecas, extrínsecas e suplementares. A recompensa intrínseca, é voltada pela satisfação em se relacionar com o aluno, o crescimento pessoal e profissional através do aluno, a recompensa extrínseca, está relacionada ao salário, status e poder, e as suplementares, são segurança, férias, estabilidade nos rendimentos, entre outros. (MOREIRA, 1997).

Dessen et al (2007), dizem que, a escola e a família tem funções sociais, políticas e educacionais, sendo estas funções primordiais para a formação do cidadão, pois estas emergem como duas instituições fundamentais, para desencadear os processos evolutivos, atuando como propulsoras ou inibidoras do seu crescimento físico, intelectual, emocional e social. Os objetivos da escola são voltados no processo de ensino-aprendizagem, e ao contrário a família, volta-se ao processo de socialização, proteção, condições básicas de sobrevivência e o desenvolvimento de seus membros no plano social, cognitivo e afetivo.

A família é o primeiro ambiente de socialização do indivíduo, esta é considerada a primeira instituição social que busca assegurar a continuidade e o bem estar dos seus membros e da coletividade, incluindo a proteção e o bem estar da criança, sendo esta responsável pela transmissão de valores, crenças, ideias e significados presentes na sociedade, tendo uma grande influência no comportamento principalmente das crianças, aprendendo as diferentes formas de existir, de ver o mundo, construir suas relações sociais, aprender a administrar e resolver conflitos, a controlar as emoções, expressar os sentimentos que constituem as relações interpessoais, a lidar com as diversidades e adversidades da vida, ou seja, a família é a matriz da aprendizagem humana (DESSEN et al, 2007).

Dessen et al (p. 27, 2007), conceituam que:

Os laços afetivos, estruturados e consolidados tanto na escola como na família permitem que os indivíduos lidem com conflitos, aproximações e situações oriundas destes vínculos, aprendendo a resolver os problemas de maneira conjunta ou separada.

Ainda conforme a teoria de Dessen et al (2007), a escola é um contexto diversificado de desenvolvimento e aprendizagem, o qual, reúne diversos tipos de conhecimentos, atividades, regras e valores, sendo permeado por conflitos, problemas e diferenças, e a partir deste ambiente físico, psicológico, social e cultural que os indivíduos processam o seu desenvolvimento global, mediante as atividades programadas e realizadas tanto dentro como fora da sala de aula, podendo também, ser construído laços afetivos e preparando a inserção desses indivíduos na sociedade.

3 MÉTODO

Após o levantamento da hipótese diagnóstica, obtida através de uma sucinta observação no 5º ano do ensino fundamental, fora proposto uma dinâmica como intervenção, para trabalhar a afetividade, visando uma interação entre os alunos e que estes demonstrassem os seus sentimentos perante seus colegas de turma.

Para trabalhar com este fator, foi sugerido que no primeiro momento fosse voltado para a aplicação da proposta de intervenção, em que a estagiária conduzisse uma explanação sobre o que é o amor e as suas formas de amar, seguidamente a realização de uma roda onde será explicada a dinâmica proposta, que tem como objetivo promover a integração entre os participantes e assim trabalhar a afetividade.

O material necessário para realizar está atividade será apenas lápis de cor e papel, o seu desenvolvimento ocorrerá da seguinte maneira: será distribuído tiras de papel aos participantes, solicitando que cada qual escreva o seu próprio nome da forma que quiser, sendo só escrevendo ou colorindo, e depois dobre, seguidamente irá ser recolhido os papéis, misturados e distribuídos novamente, pedindo que cada um verifique se não tirou o próprio nome, então cada participante deverá ler para si o nome da pessoa que tirou e pensar porque ama essa pessoa, que qualidades ela tem que mais lhe admira, então cada um deverá dizer o nome da pessoa que tirou e dizer em voz alta porque ama essa pessoa, uma sugestão foi de iniciar falando “eu amo essa pessoa porque ela tem tais e tais qualidades”, por fim, mencionar o nome da pessoa a quem está se referindo.

Após a dinâmica, foi explicado que está fora realizada para que eles vejam as qualidades de seus colegas e como cada pessoa tem algo bom dentro de si.

4 RESULTADOS

No dia 19 de outubro de 2017, fora colocado em prática a proposta de intervenção, a qual teve em média três horas de duração. No primeiro momento foi realizado uma roda com todos os alunos, e seguidamente explicado que se alguém não quisesse participar não era obrigado, e então iniciou-se a conversa com as crianças sobre o amor, se eles sabiam o que era realmente o amor, e que este não é apenas o amor de namorado, mas o amor pelo colega, pela professora, o amor em realizar alguma atividade, entre outras maneiras de amar.

No começo da atividade as crianças estavam envergonhadas, algumas dando risada quando fora conversado sobre o amor, mas tudo ocorrendo de uma forma saudável. Após a breve explanação sobre o tema, foi explicado que aconteceria uma atividade com eles a qual foi explicada, e então foi distribuído um pequeno papel para que cada um coloca-se o seu nome, colorisse se quisessem, após cada um terminar de escrever o seu nome foi sendo recolhido os papéis e redistribuídos novamente, cada um verificando se não havia pego o seu próprio nome, depois que cada um pegou o papel com o nome do colega, era visível os rostinhos de vergonha, o que será que eu vou falar, pensativos e algumas risadas. Foi concedido um tempo para que eles pensassem em que iriam falar, então foi começado pela ordem da roda a dinâmica, a qual iniciou-se por um menino, então foi pedido para que falasse em voz alta e em pé, e conta-se para a turma o por que ele ama o seu colega, e depois contasse o nome do colega que ele havia tirado no papelzinho e assim sucessivamente com todos os colegas, no começo eles estavam rindo bastante e envergonhados, então foi explicado novamente que amar não significa que eles estavam querendo namorar com o colega, que era uma forma de dizer que gostam, admiram o coleguinha.

Durante a atividade eles falaram bastante qualidades um dos outros, por exemplo, eu amo a B. por que ela é inteligente ou eu amo o E. por que ele muito engraçado, mas ocorreu tudo de uma forma saudável e positiva, as risadas e vergonhas eram de se esperar pois, para a criança é “engraçado” falar no amor e ainda mais falar que ama outra pessoa que não seja seus pais, mas como já era o

esperado, tendo em vista ser uma turma muito participativa e produtiva, a proposta de intervenção foi bem aceita e realizada com sucesso.

Após a atividade realizada, foi entregue um pacotinho com doces para cada aluno e agradecido pela recepção, uma demonstração de afetividade da turma foi que todos levantaram-se e calorosamente abraçaram-me, de uma forma muito amorosa.

O 5º ano analisado neste estágio, pode ser visto como um modelo entre os demais 5º anos, tendo vista o bom rendimento, participação e boa educação, digamos que esta seria não exatamente a turma ideal, mas uma turma da qual pode-se colher bons frutos, porém, o incentivo deve estar presente ao longo da caminhada destas crianças, para que o conhecimento e a curiosidade por este sempre esteja indagado. Pois, podemos analisar ou comparar esta turma de 5º ano, com os demais alunos de 5º ano do período matutino, não colocando os outros alunos como tendo uma conduta inapropriada, mas, observando os dois viés da vida e os seus resultados, temos então, turmas de 5º do período matutino com baixo rendimento, desempenho, desmotivados, sem aquela curiosidade pelo conhecimento, pelo novo, como a turma ora observada no presente estágio, porém, chegamos a pergunta, por que isto acontece, analisamos então o histórico dessas crianças, as que estudam de manhã vem de famílias disfuncionais, as quais são de baixa renda, residem em bairros com alto índice de violência, muitas vezes estas não são criadas por uma família formada por pai e mãe, e sim por avós, ou por terceiros que cuidam destes, pois foram abandonados pelos genitores, ao contrário da turma que foi realizado a observação, a qual é formada por crianças de índice sócio econômico melhor que as outras, são formadas por famílias saudáveis e incentivadoras do saber, não que as outras não sejam, mas qual é o sentimento, motivação, carinho que estas crianças recebem dentro de seus lares, para chegarem até a escola e sentirem vontade de estudar e descobrirem coisas novas, então o que as crianças são na escola depende muito de como estas vem de suas casas, de suas vivências emocionais, por esta razão a afetividade é frisada com ênfase, neste trabalho, tendo em vista a supra importância desta no desenvolvimento saudável das crianças e também auxiliando a proporcionar a estas um maior interesse pelos estudos.

Por isso, a afetividade é importante e um fator a ser muito trabalhado pela psicologia escolar, tendo em vista que cada vez mais as crianças estão desamparadas

do afeto, outro fator além do que já fora mencionando anteriormente, é que hoje em dia os pais trabalham demais, deixando seus filhos o dia todo com babás ou na escola, e quando estão em casa a sua atenção é voltada para smartphones e tablets, esquecendo dos momentos mais valiosos que é a infância do seu filho e os momentos passados ao lado deste, brincando, conversando, ajudando nas tarefas da escola, situações que parecem comuns, mas que hoje em dia observamos outras pessoas desempenhando esses papéis de pai e mãe.

As atividades realizadas nas escolas são de grande importância para o desenvolvimento saudável da criança, obviamente ela não supre o afeto que está em falta no âmbito familiar, mas ela pode ser riquíssima para o bom desenvolvimento da criança, e assim mudando totalmente o contexto desta, fazendo com que ela obtenha mais interesse e motivação para ir atrás do conhecimento.

Como demonstrado e já mencionado na atividade desenvolvida no estágio básico, todas as crianças foram afetivas, participativas e calorosas, estas apresentaram ter uma base afetiva positiva, pois, se fosse diferente, algumas não iriam nem aceitar participar da atividade falando sobre seus sentimentos, pois quando os sentimentos e emoções são questionados, pode causar uma possível revolta ou inibição em falar sobre.

REFERÊNCIAS

ASBAHR, Flávia da Silva, Ferreira, MARTINS, Edna, MAZZOLINI, Beatriz Pinheiro, Machado. **Psicologia, formação de psicólogos e a escola: desafios contemporâneos.** Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/pe/v16n1/a19v16n1.pdf>. Acessado em 08 de setembro de 2017.

DESSEN, Maria Auxiliadora, POLONIA, Ana da Costa. **A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano.** Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v17n36/v17n36a03>. Acessado em 09 de setembro de 2017.

Revista Renovare de Saúde e Meio Ambiente – Ano 5 – Volume Especial – União da Vitória – Paraná.
Março de 2018. ISSN: 2359-3326.

ECHELII, Simone Deperon. **A motivação como prevenção da indisciplina.**

Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/er/n32/n32a14>. Acessado em 04 de setembro de 2017.

INCLUSÃO ESCOLAR: UMA PRÁTICA A SER ELABORADA

Marcelly Ferreira Gasparello¹
Natalie de Castro Almeida²

RESUMO: A inclusão escolar é uma prática que tem como objetivo a inserção de todas as pessoas independente de seu gênero, classe social, etnia e condições físicas e psicológicas, no ensino regular. O artigo tem como intenção trazer a trajetória desta nova teoria, intercalando com a prática, analisando justamente de que forma esta se insere nas práticas educativas, frisando como a atuação das escolas, dos professores deveria ser efetuada para a eficiência da mesma. Sabe-se que em uma nova teoria instaurada, as utilizações de experiências antigas não são adequadas, dessa forma em muitas escolas inclusivas a execução da teoria muitas vezes não ocorre da maneira que deveria, não havendo um enquadre dos profissionais para a aplicação da mesma, desencadeando ainda assim uma educação restrita. Observa-se ainda na realidade escolar, uma dificuldade de enquadre de muitos alunos inclusos e também dos alunos regulares em introduzi-los ao convívio social. O objetivo maior deu-se a desenvolver atividades de cunho interpretativo para que os mesmos pudessem fazer reflexões sobre suas condutas perante o próximo, deixando uma inspiração e incentivos para os professores a desenvolver mais exercícios lúdicos voltados a exames de consciência dos alunos. Pode se dizer que a inclusão social ainda está em construção na cultura escolar, contudo ainda faz-se necessário um aprofundamento e uma fundamentação teórica de estudos futuros para que os benefícios e os danos da mesma possam ser mencionados.

PALAVRAS-CHAVE: Inclusão escolar. Prática. Alunos. Lúdico. Reflexão.

ABSTRACT: School inclusion is a practice that aims at the insertion of all people regardless of gender, social class, ethnicity and physical and psychological conditions in regular education. The article intends to bring the trajectory of this new theory, interspersing with the practice, analyzing exactly how it is inserted in the educational practices, emphasizing how the performance of the schools, of the teachers should be effected for the efficiency of the same. It is known that in a new theory established, the uses of old experiences are not adequate, so in many inclusive schools the execution of theory often does not occur in the way that it should, and there is no professional framework for the application of it, still triggering a restricted education. It is also observed in the school reality, a difficulty of setting many included students and also of the regular students in introducing them to the social life. The major goal was to develop activities of an interpretative nature so that they could reflect on their behavior towards the next, leaving an inspiration and incentives for teachers to develop more recreational exercises for the students' examinations of conscience. It can be said that social inclusion is still under construction in the school culture, however it is still necessary a deepening and theoretical foundation of future studies so that the benefits and harms of the same can be mentioned.

KEYWORDS: School inclusion. Practice. Students. Recreational. Reflection.

¹ Acadêmica do Curso de Psicologia das Faculdades Integradas do Vale do Iguaçu – UNIGUAÇU, União da Vitória, Paraná, Brasil.

² Psicóloga e professora supervisora do estágio básico II, curso de Psicologia, das Faculdades Integradas do Vale do Iguaçu – UNIGUAÇU, União da Vitória, Paraná, Brasil. Graduada em Psicologia, Perita em Psicologia do Trânsito, Pós-graduada em Neuropsicologia e Especialista em Psicologia do Trânsito.

1 INTRODUÇÃO

A necessidade de uma nova perspectiva de ensino faz com que as maneiras de se olhar para a educação venham sendo alteradas e postas em prática em nossa sociedade atual. Em 1969 nos países ao norte da Europa surgem questionamentos sobre a contingência da normalização entre alunos de classes especiais no ensino regular. Nessa mesma época, começa-se a aderir nesses países, essa alternativa, porém para que o aluno de classe especial conseguisse transitar em escolas comuns, este devia passar por uma “seleção” prévia, preenchendo quesitos perto de serem funcionais, se adaptando a escola. (MANTOAN, 2006). Neste caso, a chamada integração acabava por não acontecer, visto que boa parte estaria excluída desta funcionalidade.

A experiência com a integração escolar e as interfaces que esta promoveu, rechaçando inúmeros alunos das classes especiais, deu o pontapé inicial para uma nova execução chamada de inclusão escolar. A ideia da escola inclusiva regulamentada pela Lei Brasileira de Inclusão (Lei 13.146/2015) foi criada em 06 de julho de 2015 e entrou em vigor 02 de janeiro de 2016, com a tentativa de incluir alunos no ensino regular que eram até então registrados nas classes especiais, justamente pelo motivo destes sofrerem preconceito e guardarem sentimentos de menosprezo julgados pelos demais. (MANTOAN, 2006). Logicamente a concepção vem como uma tentativa de maior inserção deste aluno na sociedade, incluindo-o em novas possibilidades que até então eram barrados e possivelmente seriam excluídos no futuro. Pensar no outro, no diferente, na diversidade, é pensar na possibilidade de reduzir e eliminar as barreiras do preconceito, da discriminação e da desigualdade. (COSTA, GONÇALVES JUNIOR, 2008).

2 DESENVOLVIMENTO

Para Paula, (2006, p.13) “Incluir significa oferecer aos alunos uma escola adaptada as suas diferenças individuais que contemple suas necessidades educativas especiais, de fato e não só na promessa ou no texto constitucional”. Essa ideia parte do princípio de sobressair do padrão, dando oportunidade do aluno incluso se adaptar

a situações diferentes, assim mostrando-se pleno e capaz. De acordo com Sanches; Teodoro (2006) todos os alunos devem pertencer à escola e não estar apenas em presença física, sendo responsabilidade da escola adaptar a pedagogia da escola de acordo com as necessidades do aluno. Porém, analisando mais a fundo, adentra-se a questão polêmica da inclusão, a qual se trata de como esta vem sendo realizada. Pela existência da lei ainda mostrar-se recente, o real acaba sobressaindo o ideal, as práticas muitas vezes não se fazem presentes da forma em que deveriam. Segundo Sá, (2012):

A escola inclusiva exige novas estruturas e novas competências. Observa-se que as escolas públicas não têm correspondido às características individuais e socioculturais diferenciadas de seu alunado, funcionando de forma seletiva e excludente.

A implantação da nova ideia somente faz-se vigente se uma nova concepção da matriz escolar seja desenvolvida. Para inserir algo novo, práticas velhas precisam ser alteradas. A escola de uma maneira geral precisa estar integrada, professores, alunos, funcionários e novas práticas pedagógicas. Para Mantoan (2006), as escolas inclusivas refletem muitas vezes no professor. Muitos professores ainda mantêm uma didática pautada em recursos pedagógicos básicos, pois estão habituados a esta realidade. A inovação permeia entre um ensinamento de qualidade, aderindo a uma forma de conhecimento, de construção de condutas que incluam todos os alunos sem exceção.

De acordo com Sanches; Teodoro (2006 apud Ainscow, 1997, p.16) três fatores chaves influenciam a criação de aulas mais inclusivas:

Planificação para a classe, como um todo: a preocupação central do professor tem que ser a planificação das atividades para a classe, no seu conjunto e não para um aluno, em particular. Utilização eficiente de recursos naturais: valorizando os conhecimentos, experiências e vivências de cada um, reconhecendo a capacidade dos alunos para contribuir para a respectiva aprendizagem, reconhecendo que a aprendizagem é uma processo social, desenvolvendo o trabalho a pares/cooperativo, criando ambientes educativos mais ricos, desenvolvendo a capacidade de resposta dos professores ao feedback dos alunos, no decorrer das atividades. Improvisação: o professor deve ser capaz de fazer uma alteração de planos e atividades em resposta às reações dos alunos, encorajando uma participação ativa e a personalização da experiência da aula.

Na prática atual, ainda há uma dificuldade de enquadre dos professores em sistemas da prática inclusiva, indo além das teorias. Nesse sentido, segundo Mantoan (2006), é preciso questionar sobre as deficiências do sistema, porém devem ser mencionadas maneiras que possibilitem ao professor possa ir além de seus padrões. Dessa forma, disponibiliza-se aos mesmos novos cursos de especialização sobre educação inclusiva, implantação da disciplina educação inclusiva em cursos superiores voltados para a educação e saúde, oficinas e outros eventos de inovações e aprimoramento, para que os professores possam desempenhar seu papel com sucesso.

3 MÉTODO

O presente estudo realizou-se através da reformulação do Estágio Básico III, com o objetivo de avaliar a demanda existente dentro das escolas. A avaliação ocorreu em uma Escola Municipal de São João do Triunfo – PR, no segundo semestre do ano de 2017, com uma carga horária de 24 horas, em uma turma de 5^o ano, com cerca de 22 alunos com idades entre 10 a 15 anos. Os instrumentos utilizados para a coleta de dados partem de observações em sala de aula, analisando os comportamentos dos alunos, conversações com os professores e administradores locais, sobre a problemática existente e as possíveis formas de amenizá-la, ao menos dando possíveis nortes.

Após algumas observações em sala de aula, a demanda encontrada partiu de inúmeras relações de uma turma desintegrada, agitada, apresentando alunos inclusivos com dificuldades de interações e de aprendizagem. Buscando melhoria em uma das situações encontradas, a proposta de intervenção tem como objetivo desenvolver nos alunos a consideração com os demais colegas, sabendo respeitar as diferenças existentes dentro da sala de aula e na própria realidade cotidiana, venerando os educadores dentro da escola, juntamente com a tentativa de criar formas mais proveitosas de aprendizagem com o lúdico. Em um primeiro momento, esta parte-se da realização de contação da história: O menino de todas as cores, fazendo-os relacionar a história com toda a diversidade existente em nosso mundo, partindo de gênero, características físicas, psicológicas, entre outras. Sabe-se que a

prática de contar histórias iniciou-se desde os primórdios com a tentativa de entreter, distrair, despertar interesse de toda a população. Mais tarde para com as crianças a ideia repetiu-se. À medida que foi desencadeando melhores formas de educar, viu-se uma ferramenta para as práticas educacionais. (SOUZA; BERNARDINO, 2011).

A segunda medida adotada parte da implementação de uma “gincana das diferenças”. A ideia tem como base deixar os alunos cientes das diferenças existentes na sala de aula, como nos âmbitos sociais, fazendo estes colocar-se no lugar do “outro”, do injustiçado, do oprimido, para reforçar ainda mais a ideia da diversidade, do respeito às ideias contraditórias. A sala foi dividida em três equipes com cinco participantes e uma equipe com seis. As oito provas realizadas englobavam dificuldades que pessoas com necessidades especiais enfrentam, sendo elas físicas, (correr com um pé só, corrida do saco, encher bexigas sem as mãos, correr com os pés amarrados, andar com os olhos vendados, adivinhar mímicas, dança da laranja) como também psíquicas, (encenar um episódio onde pessoas estão sofrendo preconceito, onde existe uma pessoa opressora e uma altruísta). Após a realização da atividade, um questionário contendo oito perguntas objetivas foi aplicado para a turma, analisando se o que foi observado e exercido relaciona-se com a demanda existente e se ambas tiveram um bom resultado.

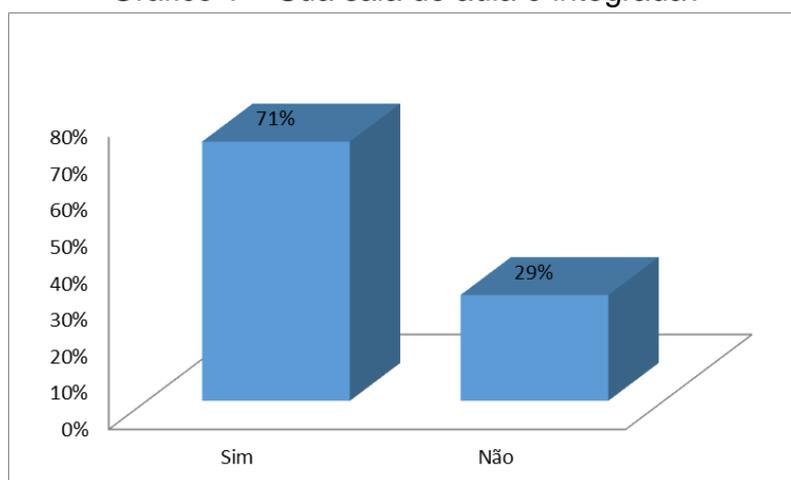
4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A partir dos dados observados em sala de aula durante 24 horas, o seguimento se deu na aplicação das atividades propostas acima, com uma abordagem reflexiva para alunos e professores. A realização das atividades deu-se com um sucesso momentâneo, onde primeiramente os raciocínios mencionados pelas crianças sobre a história contada foram condizentes com o esperado, argumentos como: “se todos fossem iguais não teria graça”, “as diferenças existem, mas devemos respeitar”. Na segunda atividade desenvolvida, a “gincana das diferenças”, houve uma participação significativa de todos os alunos, mostrando-se empenhados com esta, dando o máximo de si. Na última prova aplicada, na qual teriam que desenvolver uma cena

onde existem preconceitos e o que poderiam fazer para ajudar, os alunos colocaram-se no lugar do que sofre a opressão muitas vezes, e ajudando o colega.

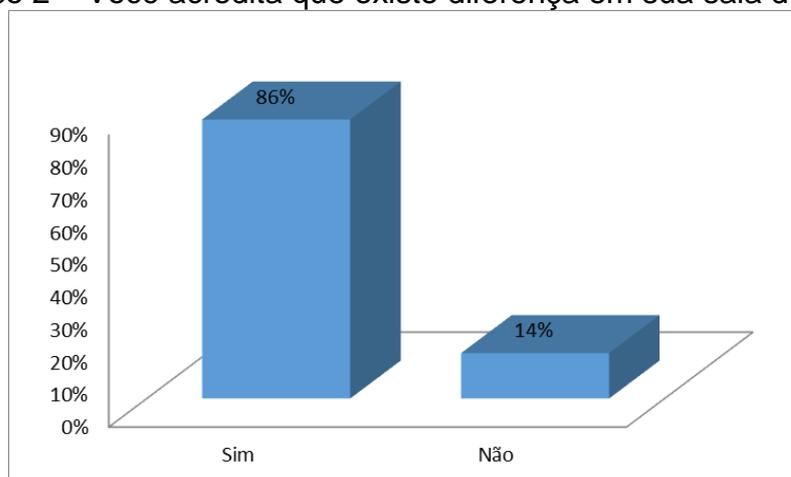
As reflexões por parte dos alunos foi bastante produtiva, onde demonstraram naquela situação ter compreendido o que havia sido proposto. A professora vigente demonstrou um contentamento com a atividade e mencionou a possibilidade de desenvolver mais atividades no mesmo sentido para a solução de outros possíveis problemas elencados. Após a execução das atividades, foram coletados dados através dos vinte e um questionários aplicados aos alunos, e desenvolvidos gráficos. Sendo assim, a partir deles elaborou-se uma análise quantitativa da sala de aula em um geral e de como os problemas destacados afetam suas rotinas diárias em âmbitos escolares.

Gráfico 1 – Sua sala de aula é integrada?



Quando questionados sobre a integração dos alunos em sala de aula, a questão demonstrou-se um tanto contraditória, visto que 71% afirmou que um envolvimento de todos os alunos é existente e somente 29% afirmou não haver. Para Delors (1998), entre os pilares necessários para a educação encontra-se a necessidade de conviver com os outros, compreender o outro, desenvolver a percepção da interdependência, da não-violência e administrar conflitos. A ambiguidade se apresenta na medida em que se observam “panelinhas” divididas em diversas situações e que dificilmente as mesmas separam-se interagindo com outros subgrupos.

Gráfico 2 – Você acredita que existe diferença em sua sala de aula?

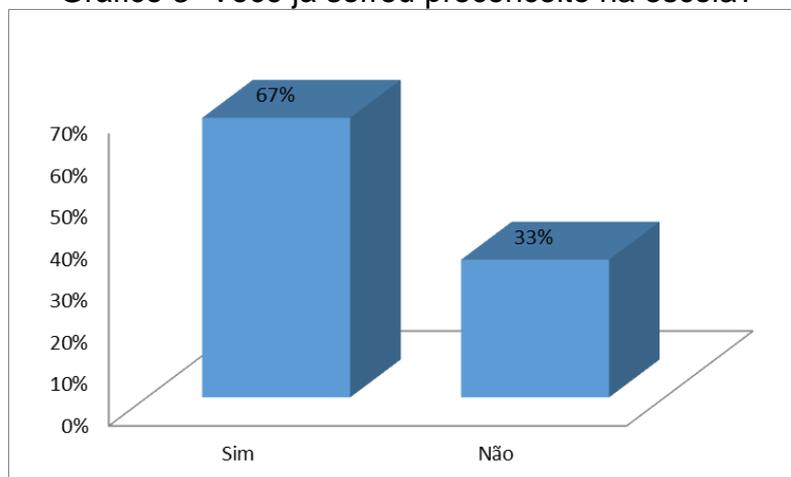


A questão apresenta-se como ponto chave para a experiência desenvolvida, onde os 86% dos alunos destacados acreditam haver diferenças em sua sala de aula e apenas 14% acreditam não haver ambiguidades. Segundo Santos (2008):

Um dos aspectos a ser desenvolvido em nossos alunos é a cidadania, que pressupõe respeito às diferenças, não com a intenção de acentuar as desigualdades, mas de respeitar as diversidades entre os indivíduos. Cada aluno é único, portanto, tem suas características particulares que merecem ser consideradas pelo professor e pela escola.

As diversidades são existentes e não devem ser reprimidas do ensino escolar, pelo contrário, devem ser trabalhadas, fazendo o aluno perceber que cada pessoa tem sua forma de agir, de se portar e estes devem respeitar.

Gráfico 3- Você já sofreu preconceito na escola?

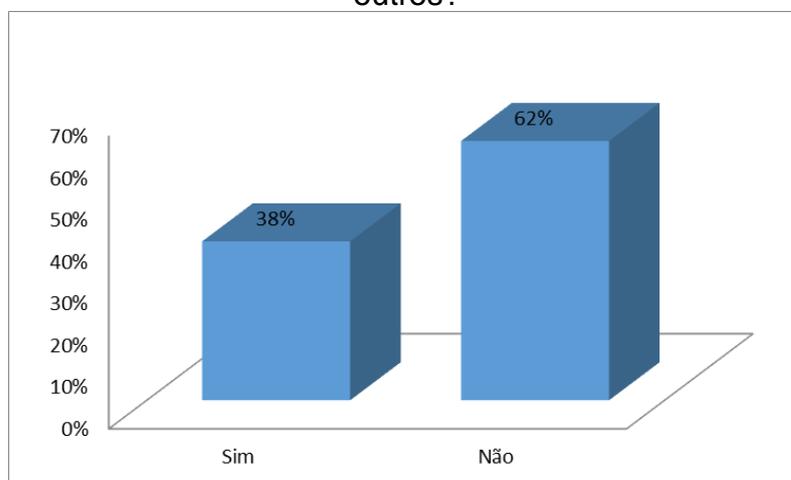


O preconceito faz parte do cotidiano das pessoas. As divergências existentes muitas vezes não são encaradas tão facilmente, e como consequência as pessoas agem com ação discriminatória. Segundo AQUINO (1998 apud Itani, 1998):

Frequentemente nos defrontamos com atitudes preconceituosas, seja em atos ou gestos, discursos e palavras. A sala de aula não escapa disso. E trabalhar com essa questão, ou mesmo com a intolerância não está dentre as tarefas mais fáceis do professor. [...] Para poder trabalhar com estas questões, é preciso compreendê-las, saber como se manifestam e em que bases são expressas, notadamente se levarmos em conta que elas não podem ser analisadas fora de seus contextos.

No questionário a teoria se aplicou, visto que 67% afirmaram já ter sofrido preconceito em sua escola e 33% apenas avaliaram não ter sofrido. Dessa forma, atividades podem ser desenvolvidas para trabalhar essa relação nas práticas escolares, voltadas para o lúdico.

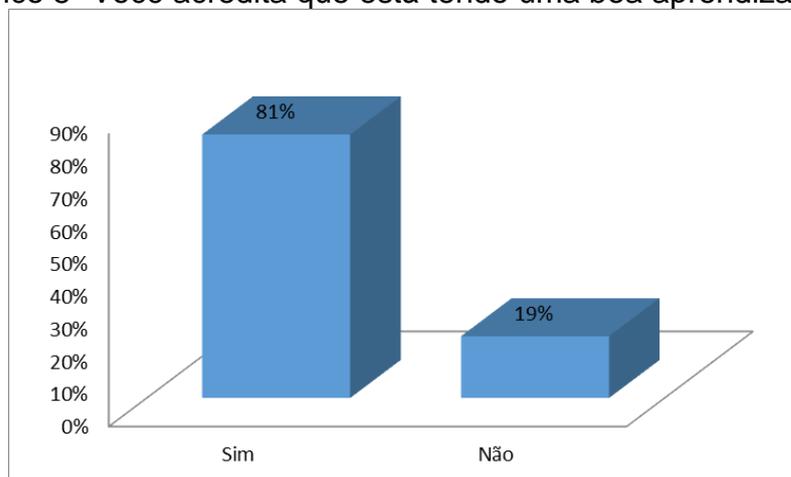
Gráfico 4- Você acredita que existe respeito seu e dos seus colegas em relação aos outros?



De acordo com o gráfico 38% dos alunos acreditam existir respeito dos colegas para com os demais. Em contrapartida 62% acreditam não existir respeito dos alunos no ambiente em que convivem. Essa questão apresenta-se também como parte imprescindível para o desenvolvimento das atividades, abordando questões que façam aumentar o senso de consciência e de altruísmo dos alunos em relação aos colegas, aos professores. Segundo Freire (1996, p.27) “O respeito, a autonomia e a dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos conceder uns aos outros”. Dessa forma, o respeito é um dos quesitos básicos para a

convivência em sociedade, sendo na sala de aula imprescindível para o bom relacionamento e produtividade escolar.

Gráfico 5- Você acredita que está tendo uma boa aprendizagem?

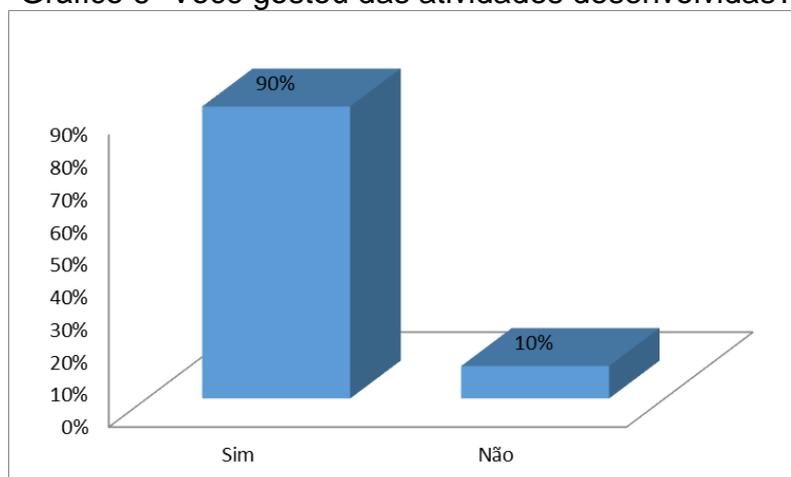


Segundo os dados do gráfico registrado, 81% dos alunos acreditam estar tendo uma boa aprendizagem na sala de aula inclusiva e apenas 19% afirmam não estar aprendendo. De acordo com Luckesi (2013):

Para aprender a agir com avaliação da aprendizagem, necessitamos de colocar à nossa frente esse desejo, 313oma-lo em nossas mãos, dedicando todos os dias atenção à ele, agindo e refletindo sobre nossa ação, fazendo diferente do que já foi, em compatibilidade com o que efetivamente significa avaliar.

A avaliação da aprendizagem no ensino regular ainda ocorre lentamente. Muitas vezes as práticas não são revistas, analisando se realmente estão englobando todos os alunos. Dessa forma, deve tornar-se uma prática comum para as escolas inclusivas, refletindo sobre a mesma.

Gráfico 6- Você gostou das atividades desenvolvidas?

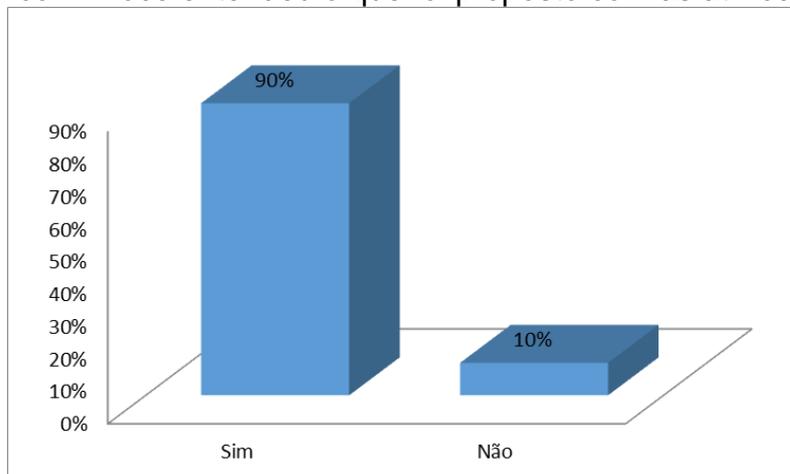


Em razão aos resultados, pode-se perceber que 90% dos alunos, tiveram um bom consentimento com as atividades aplicadas, a maior parte se desempenhou, prestou atenção, demonstrou interesse, realmente se envolveu com as atividades aplicadas. O entrosamento e a participação nas atividades desenvolvidas apresentam-se como atitudes supostamente elencadas ao brincar, onde envolvem situações agradáveis que estimulam o aluno a querer aprender. Para Santos (2010):

A metodologia, de forma lúdica e prazerosa, proporcionará, com a aprendizagem, à criança estabelecer relações cognitivas junto às experiências vivenciadas. Isso se deve ao fato de que, no ato de brincar, com certeza não se aprende somente os conteúdos escolares, se aprende sobre a vida, e se adquire experiências para lidar com situações de enfrentamento, quando necessário. Brincando, a crianças e diverte, faz exercícios, constrói seu conhecimento e aprende a conviver com outras crianças.

Dessa forma, a ludicidade, apresenta-se como uma das ferramentas possíveis de serem utilizadas no ensino, como fator de assimilação de conteúdos que muitas das vezes apenas com a teoria não são totalmente enfatizados.

Gráfico 7- Você entendeu o que foi proposto com as atividades?



O percentual para este gráfico mostrou-se 90% para os alunos que entenderam o que foi proposto com as atividades e apenas 10% afirmando ao contrário. Pode-se dizer que em detrimento da prática desenvolvida com aprovação dos alunos, a mesma descreve-se com sucesso.

De acordo com o observado, muitas razões ainda impedem o bom resultado nas salas de aula. A prática exercida serve ainda como uma ponte para outras que possam surgir, reflexões sobre o processo, consciência da escola em investir mais em aspectos voltados para os alunos inclusos, em especializações para funcionários, dos professores a buscar mais atividades para aplicar em seus alunos, em analisar como poderia incluir ainda mais o aluno incluso na aprendizagem diária, entre outras situações que podem ser desenvolvidas mais a fundo pensando na implementação ainda maior da inclusão.

A inclusão escolar é uma prática ainda em evolução, com definições muitas vezes desconhecidas e com inúmeras ideias a serem implantadas. Ainda são encontradas diversas barreiras, como dificuldades dos professores em implantar medidas para um ensino igualitário, dificuldades da escola em fornecer materiais acessíveis para o aluno incluso e falta de instruções para como agir diante dessa nova concepção escolar. Pode se dizer que mais pesquisas precisam ser praticadas para o desenvolvimento da inclusão, em materiais para a própria consulta sobre o assunto, em didáticas diversificadas, englobando todos os alunos sem exceção no ensino. Em

atividades lúdicas, voltadas para reflexões sobre os colegas, sobre as diferenças existentes, sobre a importância da interação e união de todos os alunos.

5 REFERÊNCIAS

COSTA, Vanderlei Balbino; GONÇALVES JUNIOR, Luiz. **Inclusão, educação e diversidade: múltiplos olhares**. Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUC-PR, 2008. Disponível em: http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/621_435.pdf. Acesso em: 11 de set, 2017, às 10:30h.

DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir**. São Paulo, Cortez, 1998.

FERNANDES, Ione. **Cooperação e respeito mútuo: Aprendendo com o outro em sala de aula**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/71911/000880309.pdf?sequence=1>. Acesso em: 30 de nov. de 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 23. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?**. São Paulo: Moderna, 2003. (Col. Cotidiano Escolar).

SÁ, Elizabeth Dias. **Necessidades Educacionais Especiais na Escola Plural**. Disponível em <http://intervox.nce.ufrj.br/~elizabeth/plural.htm>. Acesso em 08 de set. 2017, às 11:20h.

SANCHES, Isabel, TEODORO, António, **Da integração à inclusão escolar: cruzando perspectivas e conceitos**. Revista Lusófona de Educação, 2006, Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=34918628005>> ISSN 1645-7250. Acesso em 27 de out. de 2017, às 14:38.

SANTOS, Ivone Aparecida. **Educação para a diversidade: uma prática a ser construída na Educação Básica**. Universidade Estadual do Norte do Paraná: Cornélio Procopio, 2008. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2346-6.pdf>. Acesso em: 27 de out. de 2017, às 15:16.

SANTOS, Simone Cardoso. **A importância do lúdico no processo ensino aprendizagem.** Rio Grande do Sul: Monografia de especialização, Universidade Federal de Santa Maria, 2010. Disponível em: http://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/393/Santos_Simone_Cardoso_dos.pdf?sequence=1. Acesso em: 26 de out. de 2017, às 14:32.

INDISCIPLINA ESCOLAR: DISCUSSÃO E ESTRATÉGIAS COGNITIVO COMPORTAMENTAIS

Tailine Janciely Rosa Machado¹
Natalie de Castro Almeida²

RESUMO: O presente artigo constitui-se de uma reflexão acerca da indisciplina dos alunos que vem afetando cada vez mais as escolas, bem como algumas técnicas da abordagem psicológica cognitivo comportamental que auxiliam o educador na questão da indisciplina. São relatadas também as dinâmicas utilizadas para intervenção no Estágio Básico III realizado em escola. O conceito de indisciplina pode ser interpretado de diversas formas, podendo ser descrita como um comportamento desviante diante de uma norma, e é caracterizado em grande parte das vezes por interrupções em sala de aula por meio de bagunças, conversas paralelas, conflitos entre alunos ou aluno-professor, indo até casos mais graves envolvendo situações de violência, agressão e vandalismo contra a escola. Podem ocorrer por diversos motivos, sendo eles relacionados ao próprio aluno, problemas familiares, a escola, o professor, sendo de suma importância uma observação precisa para a identificação da origem dessa indisciplina. Para o desenvolvimento desse trabalho, utilizaram-se os referenciais Juliana de Barros Martinez (2016), Elaine Lopes Novais (2004), Luís Picado (2009), Jorge Antonio Peixoto da Silva (2008) e Mara Lucia Araujo Bavoso.

Palavras-chave: indisciplina; conversas; estratégias comportamentais.

ABSTRACT: The present article is a reflection on the indiscipline of students that is increasingly affecting schools, as well as some techniques of the cognitive behavioral psychological approach that help the educator in the issue of indiscipline. Also reported are the dynamics used for intervention in the Basic Stage III carried out in school. The concept of indiscipline can be interpreted in a different number of ways and can be described as deviant behavior in the face of a norm, and is often characterized by classroom disruptions through clutter, parallel conversations, conflicts among students or student conflicts - professor, going to more serious cases involving situations of violence, aggression and vandalism against the school. They can occur for several reasons, being related to the student himself, family problems, the school, the teacher, being of the utmost importance a precise observation to identify the origin of this indiscipline. For the development of this work, we used the references Juliana de Barros Martinez (2016), Elaine Lopes Novais (2004), Luís Picado (2009), Jorge Antonio Peixoto da Silva (2008) and Mara Lucia Araujo Bavoso.

Keywords: indiscipline; conversations; behavioral strategies.

1 INTRODUÇÃO

Tornou-se rotina para os professores trabalhar com as manifestações de indisciplina. É uma das palavras que mais se ouve na sala dos professores, nos conselhos de classe, nos corredores da escola, sendo assim, uma grande

¹ Acadêmica do Curso de Psicologia das Faculdades Integradas do Vale do Iguaçu – UNIGUAÇU, União da Vitória, Paraná, Brasil.

² Psicóloga e professora supervisora do estágio básico II, curso de Psicologia, das Faculdades Integradas do Vale do Iguaçu – UNIGUAÇU, União da Vitória, Paraná, Brasil. Graduada em Psicologia, Perita em Psicologia do Trânsito, Pós-graduada em Neuropsicologia e Especialista em Psicologia do Trânsito.

preocupação para os que estão ligados ao ensino, uma vez que afeta todo o funcionamento da escola e das aulas. Os alunos cochicham, fazem piadas maldosas, são desrespeitosos, jogam bolinhas de papel, entram e saem da sala diversas vezes sem ser necessário, e a forma como a própria escola age diante dessas situações influencia positivamente ou negativamente na tentativa da resolução desses problemas.

Os atos de indisciplina também podem estar ligados a algumas patologias. De acordo com BAVOSO (p.5):

A indisciplina escolar frequentemente está associada a "falta de atenção". A importância da atenção para a efetivação da aprendizagem está historicamente ligada ao déficit de atenção, que remete ao atendimento clínico especializado, eximindo os professores da responsabilidade sobre sua ocorrência, bem como da intervenção sobre a mesma.

Alguns casos podem indicar também "transtorno ou distúrbio de conduta", precisando assim de atendimento especializado. Para WINNICOTT (1965, apud BAVOSO, p.6) "os distúrbios de conduta são manifestações clínicas da tendência antissocial, que pode ser encontrada em um indivíduo normal e implica esperança já que, às vezes, é a única forma de agir e manter-se vivo".

Muitas vezes, o mau comportamento está relacionado à autoridade do professor, ou a falta dela. O professor precisa estabelecer limites e se mostrar autoritário, claro que sem exageros, para o bom andamento das aulas. Como cita BATISTA (1997, apud NOVAIS, 2004, p. 23) o ato de repreender e ser repreendido faz com que os alunos reconheçam o professor como autoritário, que impõe normas, as quais são capazes de alterar o comportamento dos alunos.

2 DESENVOLVIMENTO

Um dos grandes elementos constituintes da indisciplina são as conversas paralelas, que atrapalham o andamento da aula, provocam a desconcentração de vários alunos que saem prejudicados por perder a explicação do professor. De acordo com DOZENA (2008, p.116):

A participação em aula deve sempre ser muito estimulada e estimulante. No entanto, quando o aluno expõe suas ideias de forma "cochichada", não as tornando coletivas, contribui para que as aulas se tornem barulhentas, dificultando a aprendizagem e a elaboração do raciocínio por todos.

Quando os alunos cochicham entre si e não compartilham com a turma, perde-se uma colaboração que poderia ser relevante, e facilitar a explicação do conteúdo, além de muitas vezes por conta de um ou dois alunos cochichando, a aula se torne uma bagunça.

A indisciplina pode ser também um reflexo do professor, quando este se apresenta desmotivado e sem inovação em suas aulas, causa o desinteresse dos alunos. É interessante que se dê um sentido ao conteúdo que esteja sendo aprendido, demonstrando ao aluno para que serve, onde usará e como observar isso no dia-a-dia, sem deixar que tudo vire apenas um decoreba.

Partindo para o contexto da Psicologia, a abordagem cognitiva comportamental pode contribuir de diversas formas auxiliando os educadores na questão da indisciplina. Porém, as técnicas utilizadas irão depender da personalidade do aluno, o nível de gravidade da situação, e sempre com o foco no comportamento atual do indivíduo.

Para que ocorra a mudança de comportamento, é preciso obter algumas informações, por exemplo, por meio de uma observação cuidadosa identificar os comportamentos que se deseja alterar, saber sobre o contexto em que o mesmo ocorre e seus antecedentes, e ao focar na mudança propriamente dita, eliminar o comportamento desejado, substituí-lo por outro comportamento positivo que se mantenha ao passar do tempo.

Algumas das técnicas muito usadas nessa abordagem são, por exemplo, o reforço social, que consiste em elogiar o aluno após uma tarefa realizada, parabenizá-lo quando este for bem, reforços como um sorriso também faz com que esse comportamento se repita com mais frequência. De acordo com PICADO (2009 p.5) “a sala de aula pode ser um local pouco reforçador para um aluno com maus resultados, poucos amigos, ou que se sinta desprezado pelo educador/professor. Se este, no entanto, lhe prestar atenção, a vida do aluno poderá mudar completamente”.

A punição também é uma técnica a ser usada, sendo que, se o reforço faz com que o comportamento se repita, logo, a punição tende a fazer com que o comportamento desapareça. Porém, é importante ficar ciente de que, como cita BANDURA (1969, apud PICADO, 2009) “o castigo apenas é útil para controlar o mau

comportamento, mas não ensinará, por si só, o comportamento desejado”. Portanto, deve ser usado em últimos casos, pois pode estabelecer um nível de tensão na classe e reduzir o envolvimento desse aluno nos trabalhos em sala.

Estratégias cognitivas como a representação de papéis são usadas, no intuito de o aluno vivenciar situações de conflito, e aprender a desempenhar os papéis dos demais, observando os diferentes comportamentos sociais através de uma dramatização. É importante para o professor também, que durante as dramatizações, pode compreender os sentimentos e problemas dos alunos.

O auto-estudo é uma técnica que deveria ser realizada em todas as situações, não somente em casos de indisciplina. Consiste em uma autocompreensão feita individualmente ou em grupo, onde o educador questiona suas práticas, são feitas discussões abertas abordando a maneira como o educador se comporta em grupo, suas atitudes, os sentimentos que isso causa nas outras pessoas. É importante para autoconhecimento, saber onde está acertando e errando, para assim poder mudar sua postura se preciso for.

Por fim, mas não menos importante, é de grande relevância realizar discussões em grupo, para que os alunos expressem seus sentimentos, as queixas que tem a realizar, mesmo que essas sejam relacionadas ao educador. É importante que se dê voz aos alunos, abertura para que falem do que não está indo bem, os problemas da turma, para que medidas possam ser tomadas a fim de resolver os problemas.

Tais técnicas e estratégias apresentadas aqui visam auxiliar o educador, para evitar que pequenos problemas se tornem indisciplina, gerando situações desagradáveis, tanto para a escola, para os professores, a turma em si e a família desse aluno.

3 METODOLOGIA

A realização do Estágio Básico III foi em uma escola em Porto União - Santa Catarina, sendo em uma turma de 3º ano de magistério, e dividiu-se em observações e atividades realizadas de acordo com a análise situacional do campo e a hipótese diagnóstica.

A dinâmica que será aplicada chama-se Pássaros no Ar. Tem o objetivo de exercitar a escuta, a atenção, trabalhar a percepção dos alunos para que compreendam a importância da concentração através da escuta, além de descontrair o grupo. O tempo de duração estimado é de 15 minutos, podendo ter até 30 participantes. O material usado é apenas a história pássaros no ar. Os alunos devem formar um círculo e permanecer sentados, enquanto o facilitador diz que irá contar uma história e que em determinadas palavras que disser deverão fazer os seguintes movimentos: quando o nome de um pássaro for dito, todos deverão erguer a mão direita e fazê-la flutuar, imitando o voo de um pássaro; quando for mencionado um grupo de pássaros, ambas as mãos deverão flutuar; quando disser outro animal que não voe, todos deverão ficar imóveis e com as mãos sobre os joelhos. Quem errar deixa de participar da dinâmica e ajuda o facilitador na observação dos demais e na eliminação de quem errar, onde quem ficar até o final é o vencedor. A história que deverá ser contada é a seguinte:

“Esta manhã levantei-me cedo. O dia estava magnífico. O sol de primavera animava toda natureza e os pássaros (duas mãos) cantavam sem cessar. Ao abrir a janela do quarto, um pardal (mão direita), sem cerimônia, invadiu a casa, pondo o gato (mãos no joelho) em polvorosa. O papagaio (mão direita) que estava no jardim de inverno irritou-se com a correria do gato (mãos no joelho) e pôs-se a berrar assustando os canários (duas mãos), que tranquilamente cantavam em suas gaiolas. O pardal (mão direita) acabou saindo pela janela de onde entrou, deixando o gato (mãos no joelho) já resignado com a perda de seu pardal (mão direita) que planejava ter para o café da manhã. Sucessivamente acalmaram-se o papagaio (mão direita) e os canários (duas mãos). Continuando a contemplar a natureza, observei que se aproximou de um lindo vaso de flores um beija flor (mão direita). Aí pensei comigo, vai começar tudo de novo. O gato (mãos no joelho) felizmente, nesta altura se mantinha concentrado brincando com o cachorro (mãos no joelho) e não percebeu a aproximação do beija flor (mão direita). O papagaio (mão direita) se divertia com uma corrente pendurada em sua gaiola e os canários (duas mãos) cantarolavam mais tranquilamente em suas gaiolas, saldando o lindo dia que iniciava...”

Após o término dessa dinâmica, outra será realizada, com o mesmo objetivo de estimular a concentração e atenção, onde em pé os alunos deverão olhar para o

facilitador, que falará as partes do corpo que os alunos deverão tocar, mas para confundi-los será falado, por exemplo, cabeça, mas colocando as mãos na barriga. E assim sucessivamente falando várias partes do corpo, quem errar sai do jogo e quem permanecer por último vence.

No dia oito de novembro de 2017 foi aplicado a dinâmica Pássaros no Ar, bem como, a dinâmica das partes do corpo. Foi feito com 12 alunos, os quais estavam presentes na sala. Primeiramente, pedi que formassem um círculo com as cadeiras e que ficassem sentados. Como facilitadora, expliquei como funcionaria a dinâmica e o que teriam que fazer. Em seguida, comecei a ler o texto. No começo, poucos alunos estavam na sala participando, e alguns chegaram atrasado, como eram bastantes pessoas, parei, pedi que se juntassem ao círculo e passei as instruções a eles, e após isso recomecei o texto. Todos participaram da dinâmica e conseguiram fazer corretamente sem errar. Na segunda dinâmica realizada, a grande maioria participou, começaram a fazer os movimentos conforme eu falava, a medida que foram errando saíram e ajudaram a cuidar quem mais errava. Apenas uma aluna chegou ao final, ganhando os parabéns dos colegas. Foi possível perceber que estavam atentos, dispostos e focados a conseguir fazer sem errar.

4 RESULTADOS

Ao término da dinâmica, foi questionado aos alunos sobre o que acharam da dinâmica, se conseguiram se concentrar e qual a maior dificuldade deles, como foram muito participativos, responderam que gostaram e que a maior dificuldade era conseguir prestar mais atenção no que a aplicadora falava do que no que ela fazia, porque os deixavam confusos sobre o que deveriam fazer ao certo. Um debate breve ocorreu depois sobre a importância da concentração, da atenção, de que muitos estímulos externos podem atrapalhar o aprendizado, inclusive as conversas paralelas.

Pode-se perceber a grande importância da realização de dinâmicas no contexto escolar. Como cita KOLB (1984, apud SILVA, 2008, p.90):

A dinâmica de grupo é um instrumento por meio do qual é possível vivenciar uma experiência importante porque “uma situação simulada, desenvolvida para se criar experiências para aqueles que aprendem, serve para iniciar o seu próprio processo de investigação e aprendizado”.

As dinâmicas proporcionam grandes aprendizados, criam possibilidades de se expressar e levam a reflexões sobre assuntos importantes, até mesmo a auto avaliação. Além de que, as dinâmicas em grupo ajudam na relação e na interação da turma, a resolver possíveis conflitos, a diminuir o nível de tensão, descontrair e deixar as aulas mais animadas e harmoniosas.

A intervenção realizada na escola proporcionou essa autorreflexão nos alunos acerca da atenção, e foi de grande importância para uma possível mudança nas aulas.

REFERÊNCIAS

BAVOSO, Mara Lucia Araujo. **Indisciplina e violência na escola: um desafio para os profissionais da educação.** Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/63-4.pdf>

DOZENA, Alessandro. **Uma Breve Análise Sobre A Postura Dos Alunos Em Sala De Aula: Pontos De Vista Sobre A Indisciplina.** 2008. Acesso em: 22/09/17
Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/article/view/2356>

MARTINEZ, Juliana de Barros. **Novos olhares sobre a indisciplina escolar.** 2016. Disponível em: <https://psicologado.com/atuacao/psicologia-escolar/novos-olhares-sobre-a-indisciplina-escolar> Acesso em: 19/11/2017

NOVAIS, Elaine Lopes. **É possível ter autoridade em sala de aula sem ser autoritário?** Linguagem & Ensino, Vol. 7, No. 1, 2004. Disponível em: http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Revista/edicoes/v7n1/C_Elaine2.pdf

PICADO, Luís. **A indisciplina em sala de aula: uma abordagem comportamental e cognitiva.** 2009. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0484.pdf>
Acesso em: 19/11/2017

SILVA, Jorge Antonio Peixoto da. **O uso de dinâmicas de grupo em sala de aula. Um instrumento de aprendizagem experiencial esquecido ou ainda incompreendido?** Revista Saber Científico, 2008. Disponível em: <http://revista.saolucas.edu.br/index.php/resc/article/view/22/ED25> Acesso em: 23/11/2017

INTER-RELAÇÕES NA PRÉ-ADOLESCÊNCIA

Marcelise Silva¹
Natalie de Castro Almeida²

RESUMO: O presente artigo aborda a influência das inter-relações na fase da pré-adolescência. Fase onde, o adolescente busca respostas e referências para sua vida, escolhas e ações. Foi desenvolvido observações e atividades dentro de um grupo terapêutico, por meio do Estágio Básico III oferecido pelo curso de Psicologia das Faculdades Integradas do Vale do Iguaçu - Uniguaçu/ União da Vitória, entre pré-adolescentes do sexo masculino, com faixa etária entre 10 á 13 anos que vivem em um Instituto no município de União da Vitória, totalizando 23 horas no campo do estágio. As observações e atividades realizadas permitiram conhecer a visão que estes meninos adquiriram e ainda irão formar sobre a vida e o meio que encontram-se. Realizar o estágio de observação é de extrema valia para a consolidação dos conhecimentos necessários para um bom desempenho e, conseqüentemente, para uma formação profissional. Assim, constata-se então, que as atividades que possibilitem a construção de um novo pensar, do agir e fazer, são questões que devem ser trabalhados de forma aberta e continua, pois é um processo em construção continuada. Trabalhar o desenvolvimento do indivíduo de forma que faça o mesmo a ter diversos pontos de referências para si, enfatiza o dever de trabalhar suas relações e toda e quaisquer experiências vividas e que venha a viver.

PALAVRAS-CHAVE: Psicologia, Estágio Básico, desenvolvimento, pré-adolescência, atividades

ABSTRACT: This article discusses the influence of interrelationships in the pre-adolescence phase. Stage where, the adolescent seeks answers and references to his life, choices and actions. Observations and activities were developed within a therapeutic group, through the Basic Stage III offered by the Psychology course of the Integrated Faculties of the Iguaçu Valley - Uniguaçu / União da Vitória, among male pre-adolescents, aged between 10 and 13 years living in an Institute in the municipality of União da Vitória, totaling 23 hours in the field of the internship. Observations and activities made it possible to know the vision that these boys have acquired and will still form on the life and the environment that they find themselves. Performing the observation stage is extremely useful for consolidating the knowledge necessary for a good performance and, consequently, for professional training. Thus, it can be seen that the activities that enable the construction of a new thinking, of acting and doing, are issues that must be worked openly and continuously, since it is a process under continuous construction. Working the development of the individual in a way that does the same to have several points of reference for you, emphasizes the duty to work your relationships and any and all experiences lived and come to live.

1 INTRODUÇÃO

O Estágio Básico III tem como objetivo envolver o (a) aluno (a) de Psicologia, fazendo com que correlacione na prática, a teoria vista em sala de aula. Esta atividade tem também como objetivo fazer a interação do acadêmico juntamente aos pré-adolescentes que compõem o grupo terapêutico, onde o estágio foi realizado.

¹ Acadêmica do Curso de Psicologia das Faculdades Integradas do Vale do Iguaçu – UNIGUAÇU, União da Vitória, Paraná, Brasil.

² Psicóloga e professora supervisora do estágio básico II, curso de Psicologia, das Faculdades Integradas do Vale do Iguaçu – UNIGUAÇU, União da Vitória, Paraná, Brasil. Graduada em Psicologia, Perita em Psicologia do Trânsito, Pós-graduada em Neuropsicologia e Especialista em Psicologia do Trânsito.

O artigo baseia-se na fase da pré-adolescência, a qual se encontra em transição, física e psicológica. O adolescente necessita de referências e que seja escutado, diálogos e atividades que englobem essas necessidades, trazem para ele novas possíveis formas de agir e pensar.

Para PIAGET e INHELDER (1976, p.260):

O pensamento do adolescente tem a necessidade de construir novas teorias sobre as concepções já dadas, no meio social, tentando chegar a uma concepção das coisas que lhe seja própria e que lhe traga mais sucesso que seus antecessores.

Ao decorrer das observações notou-se necessidade de trabalhar o desenvolvimento social do indivíduo como um todo. Todos os pontos que englobam as relações dentro do ambiente de convívio, entre o indivíduo e pessoas que o rodeiam. Trabalhar as inter-relações nesta fase da pré-adolescência é algo extremamente rico, pois todo conhecimento, experiências, dúvidas entre outros quesitos, vão se concretizando a partir desta fase, desta faixa etária. Outro ponto a ser trabalhado, necessitando pouco mais de atenção, foi à comunicação, pois a vontade de dialogar sobre variados temas, era algo latente em grande maioria, o desejo dos membros em explanar assuntos, os quais tinham curiosidade, receio, vergonha e até certo conhecimento, era notado na maioria dos encontros. O conhecimento que tinham, provinha de suas próprias vivências e pelas trocas de ideias entre eles e com os outros indivíduos que passaram por alguma situação a qual o assunto relacionava-se.

2 DESENVOLVIMENTO

O Estágio de Observação relata as experiências a partir das observações realizadas em campo, utilizando na prática os métodos, informações e técnicas vistas durante o curso de Psicologia. A atividade feita dentro do grupo terapêutico, no qual foram realizadas as observações, deu-se a partir dos pontos observados, os quais precisavam de maior atenção. Foi realizado em um Instituto local, supervisionado pela Psicóloga do mesmo, onde são feitos diariamente os encontros do Grupo Terapêutico,

além da supervisão também semanal da Professora Orientadora de Estágio do decorrente curso.

A atividade foi elaborada e desenvolvida para trabalhar as inter-relações na pré-adolescência, fase na qual se dá a necessidade de construir novas teorias acerca da própria vida e de assuntos que cercam seu cotidiano. A escolha dos temas para a atividade dentro do grupo terapêutico se correlacionavam entre si, como as inter-relações, a comunicação, o desenvolvimento intelectual, a formação de conceito e a relação de cooperação, todas enfatizando um melhor desenvolvimento social de qualidade.

Ao falar sobre comunicação, é sempre algo que traz bons frutos, pois trabalha todo o indivíduo, desde uma simples comunicação consigo a com outras pessoas. Desta forma a comunicação, as relações internas e externas, são os meios que lhes podem trazer maiores informações, com isso poderiam sentir-se seguros ao falar sobre qualquer tema, expressariam de forma clara e ao mesmo tempo conseguiriam também entender o que lhes é dito. A comunicação nesta fase é o ponto chave para construir uma personalidade sadia, é a fase onde muitos pontos e pessoas tornam-se referências para estes jovens.

Segundo REICHERT e WAGNER (2007), a família tem um papel fundamental para potencializar a comunicação entre seus membros e assim estabilizar relações mais sadias. É nesta fase que a criança/pré-adolescente, tende a começar seus questionamentos sobre as crenças familiares, os valores da sua e de outras famílias, é a partir desse ponto, os pais surpreendem-se com as atitudes dos (as) filhos (as), os quais ficam mais questionadores e instáveis. Nesta fase de transição a comunicação precisa ser trabalhada corretamente, para que a formação do indivíduo ocorra de maneira saudável e correta. Para trabalhar o desenvolvimento da criança é necessário trabalhar todas as formas de desenvolvimento, uma delas a intelectual, a qual dá seguimento às outras.

Segundo Duarte (2001), Piaget distingue dois aspectos no desenvolvimento intelectual da criança, em primeiro, o que ela aprende por transmissão da família e da escola, a educativa em geral e depois, o desenvolvimento espontâneo, o psicológico, o qual consiste no desenvolvimento da inteligência da mesma, aquilo que a criança aprende sozinha, o que ela mesmo descobre.

Segundo PIAGET & INHELDER (2002, p. 07):

A psicologia da criança estuda o crescimento mental ou, o que vem a dar no mesmo, o desenvolvimento das condutas (isto é, dos comportamentos, incluindo a consciência), até a fase de transição constituída pela adolescência, que marca a inserção do indivíduo na sociedade adulta.

Quando se fala em desenvolvimento intelectual logo correlacionamos com as relações sociais, a relação de coação contradiz esse tipo de desenvolvimento e relação.

Para Piaget, citado por LA TAILLE et al (1992, p 19):

Todo indivíduo se depara durante sua vida a dois tipos de relação social, a coação e a cooperação. Para o indivíduo que está em uma relação de coação, o mesmo necessita de outro membro como figura de prestígio ou autoridade. Este mesmo indivíduo não tem voz ativa e na grande maioria das vezes apenas aceita o conceito final que lhe é apresentado, em uma relação assim nenhum dos indivíduos tem ligações, estão isolados em seus pensamentos e ideias, não há um desenvolvimento mental nesse caso.

Este modelo de relação social é o que mais se adequa a um grupo terapêutico, principalmente quando o mesmo se trata de crianças em fase de transição.

Segundo a Teoria de Piaget, por LA TAILLE et al (1992) ao pensar em realizar uma atividade dentro do grupo, o foco principal era elaborar algo onde pudesse ser trabalhado a fase que os indivíduos estão, justamente, numa fase transitória de vida, onde há mudanças em um todo, desde o intelectual até o físico.

Este seria o ponto principal da atividade realizada no grupo terapêutico, dar voz aos membros para que houvesse um desenvolvimento mental e de inteligência, não havendo um membro impondo questões ou formas de pensar, apenas alguém que conduzisse um diálogo aberto. Assim o mais correto a ser trabalhado era uma relação de cooperação, aonde houvesse possibilidade de um desenvolvimento social e intelectual, esta operação entre duas ou mais pessoas, possibilita inúmeras trocas de ideias e pensamentos.

Para Piaget, citado por LA TAILLE et al (1992, p. 58):

Para ele, assim como não existe O Indivíduo, pensado como unidade isolada, também não há A Sociedade, pensada como um todo ou um ente ao qual uma só palavra pode remeter. Existe, isto sim, relações interindividuais, que podem ser diferentes entre si, decorrentemente, produzir efeitos psicológicos diversos. Piaget divide as relações interindividuais em duas grandes categorias: a coação e a cooperação.

Segundo LA TAILLE et al (1992) as relações de cooperação, são realizadas a partir da reciprocidade, relações onde se pede acordos entre os membros. O desenvolvimento intelectual e moral ocorrem apenas com a cooperação de seus membros, quando os mesmos saem do centro de sua visão para poder compreender o ponto de vista alheio, logo a cooperação deriva do respeito mútuo e da autonomia. As relações entre crianças são as que geram mais as relações de cooperação, pois a mesma é constituída entre membros de certa forma iguais.

Vê-se que a cooperação é o tipo de relação interindividual que representa o mais alto nível de socialização, sendo também o tipo de relação interindividual que promove o desenvolvimento. (LA TAILLE et al, 1992).

Segundo a Teoria de Piaget, citado por LA TAILLE et al (1992, p. 20):

Quando eu discuto e procuro sinceramente compreender outrem, comprometo-me não somente a não me contradizer, a não jogar com as palavras etc., mas ainda comprometo-me a entrar numa série indefinida de pontos de vistas que não são os meus. A cooperação não é, portanto, um sistema de equilíbrio Estácio, como ocorre no regime da coação. É um equilíbrio móvel. Os compromissos que assumo em relação a coação podem ser penosos, mas sei aonde me levam. Aqueles que assumo em relação à cooperação me levam não sei onde. Eles são formais, e não materiais.

Para Vygotsky, segundo LA TAILLE et al (1992) toda criança interage com os elementos do mundo real em que estão inseridas, estes conceitos se desenvolvem a partir das atividades que a criança realiza e o meio, juntamente com suas interações sociais.

Para Vygotsky, citado por LA TAILLE et al (1992, p. 31):

O processo de formação de conceitos refere-se aos conceitos cotidianos ou espontâneos, isto é, aos conceitos desenvolvidos no decorrer da atividade prática da criança, de suas interações sociais imediatas. Esse tipo de conceitos chamados conceitos científicos, que são aqueles adquiridos por meio do ensino, como parte de um sistema organizado de conhecimentos, particularmente relevantes nas sociedades letradas, onde as crianças são submetidas a processos deliberados de instrução escolar.

Para se trabalhar de forma correta, onde os membros de um grupo estejam acolhidos e sintam-se confiantes em dialogar sobre o meio em que convivem é necessário trabalhar de forma positiva as emoções que emergem a cada fala.

Para Wallon segundo LA TAILLE et al (1922) toda emoção tende a esculpir de certa forma o corpo, tomando forma e consistência, Wallon chamou esta forma de atividade de Proprioplástica, esta atividade muscular, permite que estados emocionais se exteriorizem, logo tomando consciência pelo indivíduo. Proprioplástica refere-se a todo ser como um ser emocional, que ao decorrer do tempo, de forma lentamente torna-se racional.

Para ter conquistas nesta terapia de grupo, a forma de abordagem é de extrema importância, o modelo de atividades realizadas dentro do mesmo, é o que fara surgir efeitos positivos e sucesso na mesma. A escolha pelas atividades realizadas durante um encontro terapêutico necessita de uma análise prévia, para concluir, se esta mesma, é adequada numa totalidade e trará resultados.

Segundo YALOM & LESZCZ (2006) a terapia em grupo pode ter bons resultados, e é um modelo de terapia que vem se destacando saindo da terapia tradicional.

Dentro desse contexto, a psicoterapia em grupo tem se destacado como alternativa para a realização de um trabalho com uma abrangência maior, para alcançar todas as camadas da sociedade (SOUZA, 2011).

YALOM & LESZCZ (2006) afirmam que a psicoterapia de grupo pode ter resultados semelhantes ou até mais significativos do que os alcançados em uma psicoterapia individual.

Para YALOM & LESZCZ (2006) uma boa atividade a realizar em grupo, são os exercícios estruturados, onde o objetivo do mesmo é trabalhar cada indivíduo, ajudando-os a ter um maior contato com suas suprimidas emoções, as quais em alguns casos são desconhecidas. O propósito deste exercício é direcionar todo o grupo para o presente, o aqui e agora. Este modelo de exercício favorece muito a atividade realizada, pois traz ao terapeuta diversos dados sobre os indivíduos que fazem a composição do grupo.

3 MÉTODO

O Estágio Básico III tem como objetivo envolver o (a) aluno (a) de Psicologia, fazendo com que correlacione na prática, a teoria vista em sala de aula. A realização

de uma atividade que englobe esses dois pontos, é de extrema importância para um fechamento sobre o que é o Estágio Básico. Esta atividade tem também como objetivo fazer a interação do acadêmico com os componentes do grupo terapêutico, onde o estágio está sendo realizado.

O local onde foram realizadas as atividades de observação do Estágio Básico III, conta com um grupo terapêutico com dez meninos, os mesmos estão na fase da pré-adolescência, com idade entre 10 a 13 anos. Estudam no período da manhã na escola municipal de séries iniciais do ensino fundamental anexada ao instituto, nos outros períodos realizam atividades diárias como aulas de artesanato, música, informática, praticam esportes, entre outras atividades extras. Os alunos permanecem durante a semana no Instituto, retornando as suas casas nos finais de semana e feriados.

A instituição encontra-se situada no município de União da Vitória – Paraná, conta com uma ótima infraestrutura para seus internos e grande área externa verde, possui ginásio de esportes, marcenaria, estufa – para a produção de mudas de hortaliça, sala de jogos, sala de TV e vídeo, auditório para teatro, cozinha, consultório odontológico, enfermaria, lavanderia, sala de estudos, refeitório, sala de pintura, piscina, sala de informática, padaria, biblioteca, parquinho, sala de música, oficinas de manutenção, artesanato, quadras poliesportivas, carros e ônibus para o transporte dos meninos e capela. Além disso, possui também uma chácara e uma granja de onde provem o leite, a carne, o peixe e os ovos consumidos pelos internos.

A atividade consistiu em trabalhar a comunicação, o expressar de suas ideias, a interação com o meio, as inter-relações entre os componentes, experiências já ouvidas ou até mesmo vivenciadas por alguém do grupo. Esta atividade intitulada “Fale sobre” trouxe ao grupo temas imponentes e alguns deles polêmicos, cada tema fez com que o integrante pensasse, refletisse e expusesse sua ideia sobre.

Os temas trabalhados foram: homossexualidade, drogas, estupro, pedofilia, alcoolismo, racismo, roubo, agressão contra mulher, machismo, honestidade e ser gentil. Todos temas polêmicos e que estão cada dia mais presentes no cotidiano das pessoas, até mesmo na vida dos participantes do grupo, que ainda são, a maioria crianças entrando na pré-adolescência. Esta atividade tem o intuito de discutir assuntos, trocar experiências e refletir sobre cada tema abordado.

Ao embasar temas que envolvam o desenvolvimento intelectual, social e físico, pode-se trabalhar toda a interação do indivíduo com o meio, podendo assim trabalhar da melhor maneira seus pontos negativos e enaltecer os pontos positivos, visando sempre uma melhoria da vida do indivíduo e de todos que o rodeiam.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir das observações realizadas dentro do grupo, notou-se grande anseio dos integrantes em poderem expor o que pensam sobre diversos temas, alguns deles bem polêmicos, apesar da pouca idade, todos os componentes já tem uma ideia formada de tudo que os rodeiam, pelo fato das inúmeras experiências que já vivenciaram, conversas com outras pessoas, adultos ou crianças com a mesma faixa etária deles, as histórias que ouvem dos próprios amigos de instituto e situações que são abordadas no grupo terapêutico. Era notável o quanto a realização de uma atividade que pudesse englobar todos os integrantes juntamente com os assuntos do cotidiano, seria benéfica para eles, os quais poderiam expor suas ideias e até mesmo, caso houvesse necessidade expor alguma experiência pessoal envolvendo o tema discutido.

A partir do grupo formado em círculo; para que desta forma todos pudessem enxergar um ao outro, cada participante recebeu um tema, o qual foi colado em sua testa, sem que pudesse olhar o que está colado em si, o participante, assim, estaria exposto aos outros membros, para que eles discutissem e dessem suas opiniões sobre o tema, essa ação geraria comportamentos e olhares diferentes para o integrante exposto, o qual passaria a sentir-se como se, estivesse fazendo o que está escrito em sua testa, ao decorrer das falas o participante que estava em foco tentava adivinhar, a partir do que lhe foi dito, qual tema estava sendo exposto, a seguir este integrante pode expor como sentiu-se a cada reação de seus colegas, caso não conseguisse adivinhar, ao final da apresentação de todos os temas era revelado o que cada participante tinha colado em si.

A ideia inicial da atividade era que decorresse em trinta minutos, mas a mesma estendeu-se por todo o encontro, tendo duração de uma hora e meia. Ao chegarem na sala de encontro os componentes do grupo, sentaram-se em forma de roda e logo

deu-se início a atividade. Foi explicado como a mesma seria e após a explicação foi sanado algumas dúvidas. A atividade decorreu de forma tranquila, espontânea e livre. No início alguns participantes estavam mais retraídos e introvertidos, quando perguntados sobre algo, respondiam apenas “sim” ou “não”, muitas vezes apenas um balançar de cabeça. Conforme a atividade foi seguindo, todos eles foram cooperando, contando histórias que tinham ouvido, relatando casos em que seus próprios familiares estavam envolvidos e descrevendo situações que eles mesmos tinham vivenciado. Foram extremamente cooperativos com a atividade, apesar da pouca idade e sendo submetidos a refletir sobre temas bastante polêmicos da nossa sociedade atual, todos tinham uma ideia formada sobre cada um deles. Cada criança, do seu jeito, alguns com uma fala mais espontânea, outra mais tímida, foram criando um vínculo de qualidade entre suas opiniões e o que estavam sendo questionados.

Toda atividade, seguiu com tranquilidade, a cada novo tema, mais e mais troca de ideias, a cada palavra dita por eles mais conteúdos emergidos vinham à tona, muita informação sobre cada criança, sua vida antes do instituto, suas famílias, a vida atualmente como esta sendo vivida, como veem o futuro e o que almejam para si e para quem estará ao seu lado. Uma atividade relativamente simples, que pode trazer consigo muitos conteúdos, a fala dentro deste grupo terapêutico teve muita importância para cada um dos membros, pois muitos tinham grande vontade de falar sobre a sua própria vida e suas experiências, ali viram o momento de relatar casos, contar sobre situações e até mesmo desabafar. A participação de todos os pré-adolescentes, membros da terapia foi de extrema importância, algo que enriqueceu ainda mais a atividade.

Este modelo de atividade que foi realizado com os membros do grupo foi de grande valia, não apenas para os membros em si, mas como para cada acadêmico (a) que se encontrava no ambiente durante a atividade.

REFERÊNCIAS

DUARTE, Newton. **Vigotski e o “aprender a aprender”:** crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

LA TAILLE, Yves de, OLIVEIRA, Marta Kohl de, DANTAS, Heloysa **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão.** São Paulo: Summus, 1992

PIAGET, Jean, INHELDER, Bärbel **A psicologia da criança.** 18ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002

PIAGET, Jean. e INHELDER, Bärbel. **Da lógica da criança a lógica do adolescente.** São Paulo: Ed Pioneira, 1976

REICHERT, Claudete Bonatto; WAGNER, Adriana. Autonomia na adolescência e sua relação com estilos parentais. PSICO, Porto Alegre, PUCRS, 2007.

SOUZA, Camila André de, **Psicoterapia de Grupo em uma abordagem fenomenológico-existencial: Um estudo exploratório.** Psicologia. Pt Portal dos Psicólogos, 2011. Disponível em <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0289.pdf> Acessado em 03 de Nov. 2017

YALOM, Irvin; LESZCZ, Melyn. **Psicoterapia de grupo: teoria e prática.** 5.ed. Porto Alegre, Artmed, 2006

O DESENVOLVIMENTO DAS HABILIDADES SOCIAIS E O AUTOCONHECIMENTO

Lucas Renan¹
Natalie de Castro Almeida²

RESUMO: O objetivo inicial do presente artigo é descrever uma demanda específica por meio da observação direta em um grupo terapêutico de adolescentes com onze a quinze anos, após a identificação da mesma o objetivo é aplicar uma atividade com intuito de prestar auxílio terapêutico ao grupo. O grupo de adolescentes apresenta frequência semanal com dez participantes ao total, o mesmo é voltado para o desenvolvimento das habilidades sociais e a reflexão, após observações realizadas no grupo e a identificação da demanda foi possível realizar a escolha de uma dinâmica de grupo para possivelmente através da mesma proporcionar o auxílio terapêutico. A dinâmica escolhida para proporcionar tal auxílio se chama “Como eu me vejo?” e tem intuito de proporcionar reflexões sobre a visão do indivíduo sobre o eu e também sobre os comportamentos relacionados ao eu, há também possibilidade de proporcionar reflexão sobre seus atos futuros e o fortalecimento do vínculo do grupo, que é um dos fatores centrais do mesmo. Através da aplicação da dinâmica no grupo terapêutico, foi possível perceber grande quantidade de conteúdo emergido pela mesma, onde alguns indivíduos vieram a refletir sobre seus atos, personalidade e até mesmo figuras paternas. Apesar de nem todos os membros estarem presentes na aplicação da mesma foi possível perceber as relações feitas por dois ou mais membros do grupo voltados á aspectos pessoais, como por exemplo, o desempenho escolar e algumas dificuldades pessoais. Pode-se compreender que no geral, os integrantes do grupo tiveram uma experiência positiva ligada a dinâmica escolhida e também podendo dizer que a mesma teve êxito em seu objetivo de provocar a reflexão sobre autoconhecimento e aspectos da personalidade que podem ser melhorados para obter um bom desempenho e também possivelmente melhorar seus relacionamentos interpessoais.

Palavras-chave: Habilidades sociais, autoconhecimento, reflexão, relacionamentos interpessoais.

ABSTRACT: The initial objective of this article is to describe a specific demand through direct observation in a therapeutic group of adolescents aged eleven to fifteen, after the identification of the same the objective is to apply an activity in order to provide therapeutic assistance to the group. The group of adolescents presents weekly frequency with ten participants to the total, the same one is directed to the development of the social skills and the reflection, after observations realized in the group and the identification of the demand it was possible to realize the selection of a group dynamics for possibly through it provides the therapeutic aid. The dynamics chosen to provide such help is called "How do I see myself?" And is intended to provide reflections on the individual's view of the self as well as on the self-related behaviors, there is also the possibility of reflecting on their future actions and the strengthening of the bond of the group, which is one of the central factors of it. Through the application of the dynamics in the therapeutic group, it was possible to perceive a great amount of content emerged by the same, where some individuals came to reflect on their acts, personality and even paternal figures. Although not all members were present in the application of the same it was possible to perceive the relations made by two or more members of the group focused on personal aspects, such as school performance and some personal difficulties. It can be understood that, in general, the group members had a positive experience linked to the chosen dynamics and also being able to say that it succeeded in its objective of provoking the reflection on self-knowledge and aspects of the personality that can be improved to obtain a good performance and also possibly improve your interpersonal relationships.

Keywords: Social skills, self-knowledge, reflection, interpersonal relationships.

¹ Acadêmico do Curso de Psicologia das Faculdades Integradas do Vale do Iguaçu – UNIGUAÇU, União da Vitória, Paraná, Brasil.

² Psicóloga e professora supervisora do estágio básico II, curso de Psicologia, das Faculdades Integradas do Vale do Iguaçu – UNIGUAÇU, União da Vitória, Paraná, Brasil. Graduada em Psicologia, Perita em Psicologia do Trânsito, Pós-graduada em Neuropsicologia e Especialista em Psicologia do Trânsito.

1 INTRODUÇÃO

Estudos envolvendo a Terapia Cognitivo Comportamental (TCC) focada em crianças e adolescentes começaram a surgir no início dos anos 80, a prática da TCC com crianças e adolescentes é estruturada, orientada para o problema, estratégica e colaborativa, baseada na formulação cognitivo comportamental dos fatores das dificuldades dos pacientes. Já que a TCC com crianças e adolescentes baseia-se em capacidades verbais e cognitivas, deve-se levar em consideração a faixa etária do paciente, suas habilidades sociocognitivas e adaptar o nível da intervenção a estas variáveis dependentes do paciente. Existem diversas técnicas utilizadas na TCC, a utilização das mesmas depende do protocolo e do tratamento, são elas: a psicoeducação, relaxamento, reestruturação cognitiva, resolução de problemas, reforço de contingência, modelagem e procedimentos baseados na exposição (REINECKE; DATILLIO E FREEMAN, 2009).

O Treino de Habilidades Sociais (THS) alcançou maior destaque na psicologia da Inglaterra e dos Estados Unidos, a partir da década de 1970, com sua aplicação em pacientes psiquiátricos (DEL PRETTE & DEL PRETTE, 1999). Os melhores resultados foram obtidos na Inglaterra, mostrando que pacientes submetidos á THS permaneciam um período mais longo fora do hospital e tinham menos reinternações quando comparados aos que não participaram desse tipo de intervenção (DEL PRETTE & DEL PRETTE, 1999). Praticamente todas as teorias do desenvolvimento abordam as questões sociais e a importância da interação social enquanto fatores da saúde mental e seu desenvolvimento. Alguns autores como Bellack e Hersen (1997) e Matson, Sevin e Box (1995) expressaram preocupação com as consequências relacionadas ao déficit de habilidades sociais em etapas formativas da vida do indivíduo, reconhecendo que esses déficits podem comprometer fases posteriores do seu ciclo vital. Essa preocupação é reforçada pelas evidências de correlação entre esse déficit e diversos problemas psicológicos, como a delinquência juvenil, desajustamento escolar, suicídio e alguns problemas conjugais (DEL PRETTE & DEL PRETTE, 1999).

2 DESENVOLVIMENTO TEÓRICO

Na base do desenvolvimento do conceito “Habilidades Sociais” que se refere a um conjunto de comportamentos e competências pode-se levar como de acordo com Dell Prette e Dell Prette (2001, p 31): “O termo Habilidades Sociais aplica-se á noção de existência de diferentes classes de comportamentos sociais no repertorio do individuo para lidar com as demandas das situações interpessoais.”

O desenvolvimento de habilidades sociais é um fator terapêutico que opera em todos os grupos de terapia, em grupos para adolescentes o foco nas habilidades sociais se torna indispensável, dado que os membros do grupo estão em desenvolvimento, facilitando a modificação dos comportamentos e hábitos dos membros. Em outros grupos a aprendizagem social é mais rápida, em grupos de terapia dinâmica é possível estabelecer regras básicas que estimulam comentários abertos, que podem obter informações sobre comportamentos sociais mal adaptativos (LESZCZ & YALOM, 2006).

Uma das técnicas usada na Terapia Cognitivo Comportamental é o Treino de Habilidades Sociais (THS), embora que as crianças são naturalmente sociais, elas tem necessidades socioemocionais que quando supridas através de interações com o cuidador e o ambiente, permitem alguns ganhos cognitivos e motores (REINECKE; DATILLIO; FREEMAN, 2009). A meta do THS é fornecer um repertório amplo e variado de comportamentos sociais mais adaptativos, diminuindo assim a sensação de impotência ou raiva, considerando assim as características presentes no indivíduo e o grupo social em que o mesmo está inserido. O THS basicamente concentra-se na aprendizagem de habilidades sociais necessárias para um bom relacionamento interpessoal, por meio da modelação do terapeuta, *feedback* de correção, reforço social, ensaio comportamental e o treinamento realizado fora da sessão por meio de tarefas de casa (REINECKE; DATILLIO; FREEMAN, 2009).

Do ponto de vista técnico o THS tem duas etapas, a de avaliação e a de intervenção, onde á avaliação visa a identificação de déficits e excessos comportamentais, seus antecedentes e conseqüências, e também crenças disfuncionais que contribuam para a realização de comportamentos que os

prejudiquem. As técnicas utilizadas podem ser realizadas através do fornecimento de instruções ou *feedback* verbal, tarefas de casa e até mesmo em vídeo (DEL PRETTE & DEL PRETTE, 1999).

Durante a infância o treinamento de habilidades sociais se torna fundamental para a prevenção de comportamentos problemáticos e também de suas consequências, observa-se a ocorrência de comportamentos adaptativos através do THS, um bom repertório de habilidades sociais tem sido considerado um fator positivo e de proteção, podendo contribuir para o desenvolvimento sadio do indivíduo e sua adaptação de maneira mais efetiva ao meio em que está inserido.

O autoconhecimento também é um fator importante para o desenvolvimento do indivíduo, dado que este processo é de origem social, quando o mundo privado de uma pessoa se torna interessante para as demais, acaba se tornando importante para ela própria. Um indivíduo que se torna consciente sobre si mesmo está em condições melhores para controlar seu próprio comportamento. O autoconhecimento é necessário para que a pessoa possa se automonitorar, e então observar, descrever e avaliar qual comportamento é adequado para determinada situação (SKINNER, 1957).

3 MÉTODO

O estudo foi realizado através da observação direta, com encontros semanais, em um Instituto que é uma entidade filantrópica que atende crianças e jovens em situação de risco e os auxilia na formação humana, social e profissional dos indivíduos que necessitam de seus serviços, o mesmo é localizado em União da Vitória-PR.

A atividade prática atendendo a demanda identificada, os indivíduos observados e analisados no presente estágio são adolescentes de onze a quinze anos, estudantes do ensino fundamental, os mesmos fazem parte de meios familiares com questões disfuncionais e desestruturas morais e emocionais, pois carecem de uma presença materna ou paterna, tais adolescentes permanecem no Instituto pois carecem de seus serviços prestados a eles. Os adolescentes fazem parte de um grupo terapêutico realizado no instituto, carecendo de atenção, comunicação e motivação pela psicóloga do local, o grupo é realizado com intuito de discutir assuntos como sexualidade,

drogas, boa conduta e experiências dos mesmos, tendo como objetivo principal refletir sobre tais assuntos. Com as observações realizadas em campo foi possível perceber as dificuldades de comunicação de alguns membros do grupo, tendo então que fazer o uso do treinamento das habilidades sociais para a interação dos membros do grupo. Tal interação é necessária para o funcionamento do grupo e do processo terapêutico, há também grande importância para o desenvolvimento de cada membro do grupo, dado que os mesmos são adolescentes e precisam de auxílio, haja vista que alguns possuem famílias disfuncionais e se encontram longe dos membros de sua família.

A investigação por meio da observação e análise situacional foi feita com objetivo de aplicar uma dinâmica que auxilie o processo terapêutico do grupo, tendo em vista que os membros interagem entre si, mas possuem algumas dificuldades em expor certas opiniões ou até mesmo de se expor perante a um determinado grupo, há também o individualismo e a diversificação de personalidades, porém em alguns indivíduos é possível perceber certas limitações em relação à comunicação e vínculos estabelecidos por seu meio social.

A proposta utilizada neste ambiente de estágio será centrada em uma dinâmica, tem a função de integrar, estabelecer vínculo e fazer com que os indivíduos do grupo façam ressignificações em relação a sua personalidade e comportamentos perante o meio social e suas expectativas em relação ao futuro, utilizando o presente como fator predeterminante.

A dinâmica oferece um amplo campo de possibilidades para auxiliar o processo terapêutico, pois tem seu objetivo e foco principal na percepção de alguns aspectos comportamentais ou até mesmo de sua personalidade, tendo uma possibilidade de reflexão e ressignificação para os indivíduos que irão participar da mesma. Cabe lembrar que esta dinâmica não tem função terapêutica, apenas tem função de auxílio para o processo terapêutico.

A atividade escolhida para trabalhar neste ambiente é chamada de “Como eu me vejo?”, onde tem objetivo de causar reflexão sobre a autoimagem do indivíduo e também fazer com que o mesmo perceba suas dificuldades em si que também podem estar presentes nos outros membros do grupo, tendo também o objetivo de integrar o grupo, trabalhando a reflexão individual e do grupo como um todo, dado que a

atividade reflete a visão do outro sobre o próprio indivíduo. O material utilizado para o desenvolvimento da dinâmica são folhas em branco e lápis de escrever.

Na realização da dinâmica o condutor deve distribuir folhas e lápis de cor, explicando que, cada indivíduo deve responder as perguntas formuladas na folha com base no que acredita e vê de si mesmo, usando apenas sua interpretação sobre ele e suas supostas qualidades, em sua visão e na visão do outro. As perguntas utilizadas na dinâmica são:

- Como eu me vejo?
- Como eu acho que os outros me veem?
- Como eu quero ser?
- Como os outros gostariam que eu fosse?
- Como eu tenho medo de ser?
- Como eu realmente sou?

Após todos os membros responderem tais perguntas, há um segundo momento onde o condutor da atividade deve realizar as seguintes perguntas para a conclusão da tarefa:

- O que você descobriu sobre você mesmo?
- O que você descobriu sobre o grupo?
- O que você gostaria de mudar em você mesmo?
- O que você gostaria de mudar em seu grupo?
- Você é o que você gostaria de ser?
- O que você está fazendo para mudar o que você realmente é?
- Você está satisfeito com o que você realmente é?

No momento final da dinâmica há um espaço para *feedback* e discussão, onde serão explorados os aspectos ou pontos importantes sobre a reflexão proporcionada na realização desta mesma dinâmica, de modo que cada indivíduo terá oportunidade para compartilhar sua experiência em relação á atividade realizada e seu ponto de vista em relação aos resultados obtidos.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A realização da tarefa como qualquer outra pode vir a acontecer algumas mudanças em seu processo de aplicação, algumas variáveis incontroláveis como a ausência de alguns membros do grupo no dia da aplicação, porém apesar desta variável foi possível ter resultados emergentes do processo, onde de dez indivíduos do grupo apenas seis estavam presentes. Com a realização da tarefa escolhida para tal demanda, foi possível identificar que alguns dos indivíduos do grupo vieram a refletir até mesmo sobre as figuras paternas ou sobre indivíduos que eles têm como referência pessoal, relacionados aos atos dos mesmos e até a situação em que o indivíduo vem a se encontrar, refletindo sobre tal situação e então se colocando no lugar do outro, podendo então avaliar melhor tais condições, expectativas de futuro e escolhas que os levam a chegar a tal ponto.

Os dados obtidos com a dinâmica escolhida foram positivos, dado que proporcionou autorreflexão com as perguntas escolhidas para os indivíduos, proporcionando a eles um momento de refletir sobre o presente e o futuro, envolvendo condutas éticas, morais, e até mesmo comportamentos em determinados ambientes como na escola ou em casa. Foi possível perceber também a importância de fazê-los refletir sobre si mesmos, trabalhando este autoconhecimento os mesmos avaliaram seus comportamentos, condutas e situações desagradáveis que poderiam se submeter com determinados comportamentos ou maneiras de se comportar em determinado ambiente já que de acordo com Skinner (1993, p.105): “conhecer é comportar-se perante um estímulo, é discriminar estímulos.

Um dos objetivos do treinamento das habilidades sociais é proporcionar diversos temas para a discussão que incluam habilidades de comunicação e também comportamentos sociais adaptativos que os levem a diminuir a sensação de incapacidade para mudar de situação (DEL PRETTE & DEL PRETTE, 2003). Com a realização da tarefa foi possível perceber possíveis ganhos nesse quesito, já que a tarefa proporcionou autorreflexão sobre si mesmo e seus comportamentos, automaticamente proporcionando autoconhecimento para então haver mais controle sobre seus atos e condutas futuras. As habilidades sociais e o autoconhecimento estão muito próximos, podendo ser até mesmo dependente um do outro, o THS

proporciona alguns comportamentos necessários para um bom relacionamento, através do *feedback* ou modelação.

Pode-se perceber também o autoconhecimento imediato após a reflexão sobre as perguntas feitas na dinâmica, onde em um momento em que houve o *feedback* da dinâmica os indivíduos relataram a dificuldade de responder determinadas perguntas ou até mesmo avaliar suas qualidades pessoais, surge então a importância do autoconhecimento para a realização de determinadas tarefas. Após a aplicação da dinâmica e discussão dos resultados apresentados pelos membros do grupo, pode-se perceber que os mesmos relacionaram algumas dificuldades e qualidades pessoais, aumentando seus vínculos e compartilhando entre si fatos que os incomodam em relação a sua personalidade. Como o objetivo da tarefa era fazê-los refletir sobre si mesmo e suas condutas, o mesmo foi alcançado, podendo ser considerada uma forma de sucesso em relação á aplicação da tarefa.

Houve também a reflexão sobre as condutas tomadas para as mudanças de situações, ligadas a desempenho escolar, boa conduta nos relacionamentos interpessoais, uma ampla reflexão a cerca da totalidade de sua personalidade e alguns pontos específicos que precisam ser modificados a ponto de fazer alguma mudança a fim de beneficiar o indivíduo em determinada situação, seja relacionada a suas condutas e comportamentos em determinados ambientes

Pode-se compreender que no geral, os integrantes do grupo tiveram uma experiência positiva em relação à dinâmica escolhida para ser trabalhada no ambiente terapêutico, pois os mesmos relataram que houve reflexão para a realização da tarefa, fazendo os pensar sobre alguns pontos de sua personalidade e até mesmo sobre seus comportamentos que estavam os proporcionando um mal desempenho escolar, a reflexão os proporcionou autoconhecimento, podendo modificar determinados comportamentos que envolvem relacionamentos interpessoais e a adaptação dos mesmos. Pode-se então concluir a importância do autoconhecimento e da adaptação proporcionada pelo THS, já que o mesmo refletiu sobre alguns aspectos inesperados como figuras paternas e condutas que os fizeram a chegar em determinada situação social.

Pode-se concluir que a experiência proporcionou uma reflexão e interpretação sobre aspectos que são importantes para os membros do grupo, um exemplo é a

preocupação que emergiu com comportamentos relacionados á escola e sua vida cotidiana, essa experiência pode ser considerada importante pois no momento da realização da mesma, os indivíduos submetidos á ela fazem uma reflexão sobre si mesmo e sua situação atual, tendo oportunidade de avaliar suas condutas morais e comportamentais em diversos ambientes, sejam eles na escola ou em sua vida particular, podendo haver modificação dos comportamentos e hábitos dos indivíduos, dado que os mesmos estão em desenvolvimento então tornando este processo de modificação mais fácil (LESZCZ & YALOM, 2006).

5 REFERÊNCIAS BIBLIGRAFICAS

DEL PRETTE, Z. A. P. & DEL PRETTE, A. **Habilidades sociais, desenvolvimento e aprendizagem**: Questões conceituais, avaliação e intervenção. Campinas: Editora Alínea, 2003.

Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. **Psicologia das habilidades sociais na infância: teoria e prática**. Petrópolis: Vozes, (2005).

DEL PRETTE, Zilda, A.P; DEL PRETTE, Almir. **Psicologia das habilidades sociais: terapia e educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

FRIEDBERG, R. D.; MCCLURE, J. M. **A prática clínica de terapia cognitiva com crianças e adolescentes**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

TOURINHO, EMMANUEL Z, **O autoconhecimento na psicologia comportamental de B.F. Skinner** - Belém: UFPA. CFCH, 1993.

Tourinho, E. Z. **O surgimento do Behaviorismo Radical de B. F. Skinner. Em O autoconhecimento na psicologia comportamental de B. F. Skinner** (p. 1-23). Belém: Editora UFPA, 1995.

YALOM, Irvin; LESZCZ, Melyn. **Psicoterapia de grupo: teoria e prática**. 5.ed. Porto Alegre, Artmed, 2006.

O DESENVOLVIMENTO PSICOSSOCIAL DE CRIANÇAS INSTITUCIONALIZADAS

Francieli Dayane Iwanczuk ¹
Natalie de Castro Almeida ²

Resumo: O presente trabalho aborda uma temática imprescindivelmente ligada à condição humana, mas que pouco é divulgado ou discutido socialmente. Trata-se de uma tentativa, através de ações programadas, de atender e proporcionar situações de vida consciente para crianças em vulnerabilidade familiar e social que são atendidas em institutos. Nesse aspecto, precisa-se ter em mente de forma clara que ao abordar o tema infância remete-se a um ser frágil, que está em formação, decorrendo de uma grande necessidade de acompanhamento. A problemática da discussão se estende quando se associa este tipo de criança a uma condição deveras negligente e a influência que isso pode trazer para situações futuras. Pensar nesses pontos que acometem os direitos de um menor torna-se então uma situação bem mais complexa e que muitas vezes não possui a atenção que merecem. Nessa perspectiva e pensando numa melhora serão pontuadas algumas possíveis ações para viabilizar para a criança e/ou adolescente subsídios para uma formação física, social e emocional adequada. Com base nisso, buscou-se trabalhar com atividades que pudessem ressaltar o relacionamento interpessoal com crianças que permanecem institucionalizadas, carentes de todo tipo de afeto e situações que lhes façam acreditar num relacionamento humano pautado no respeito.

Palavras-chave: Infância. Afeto. Negligencia. Institucionalização. Carência.

Abstract: The present work deals with a theme that is fundamentally linked to the human condition, but which is little known or discussed socially. It is an attempt, through planned actions, to attend and provide situations of conscious life for children in family and social vulnerability that are attended in institutes. In this regard, it needs to be clearly understood that when addressing the theme of childhood is referring to a fragile being, which is in formation, due to a great need for follow-up. The problem of the discussion extends when this type of child is associated with a very neglected condition and the influence that this can bring to future situations. Thinking about negligent situations that affect the rights of a minor then becomes a much more complex situation and often does not have the attention they deserve. From this perspective and thinking of an improvement will be punctuated some possible actions to enable for the child and / or adolescent subsidies for adequate physical, social and emotional training. Based on this, we sought to work with activities that could highlight the interpersonal relationship with children who remain institutionalized, lacking all kinds of affection and situations that make them believe in a human relationship based on respect.

Key words: Childhood. Affection. Neglect. Institutionalization. Lack.

INTRODUÇÃO

Para que um indivíduo possa ser compreendido, é necessário conhecê-lo, bem como interpretar seu desenvolvimento; sendo assim, a família vem a ser um microsistema que proporciona o primeiro modelo de desenvolvimento para uma criança. Esse grupo não precisa necessariamente ser constituído apenas pelo pai e

¹ Acadêmica do Curso de Psicologia das Faculdades Integradas do Vale do Iguaçu – UNIGUAÇU, União da Vitória, Paraná, Brasil.

² Psicóloga e professora supervisora do estágio básico II, curso de Psicologia, das Faculdades Integradas do Vale do Iguaçu – UNIGUAÇU, União da Vitória, Paraná, Brasil. Graduada em Psicologia, Perita em Psicologia do Trânsito, Pós-graduada em Neuropsicologia e Especialista em Psicologia do Trânsito.

pela mãe, mas diante de um grau de parentesco próximo, como tios, primos, avós, etc (SIQUEIRA E DELL'AGLIO, 2006).

Quando uma criança nasce, inicia seu processo de formação emocional, cognitiva, sensorial e física. Um ambiente adequado se faz totalmente necessário para que esse desenvolvimento ocorra e supra às necessidades que são expostas a ela. O local onde o ser humano está inserido é que lhe proporcionará sentimentos de confiança e segurança para que ele sinta-se capaz de descobrir o mundo a sua volta. Além disso, é salientada que aquele que está cuidando da criança é a principal referencia para ela, bem como a ausência de uma relação afetiva traz grandes danos ao desenvolvimento, porque a sensação de ser protegido e amado é uma indispensabilidade da personalidade de cada um, principalmente quando o assunto se relaciona com a falta materna ou de algum parentesco (BARROS E FIAMENGI, 2007).

DESENVOLVIMENTO

Alexandre e Vieira (2004) mencionam que cada ocorrência na vida de uma pessoa, dependendo do grau e da intensidade, permanecerá marcada no progresso ou no prejuízo de seu desenvolvimento. Ambas as situações regem o comportamento do sujeito, bem como influenciam na forma de pensar e sentir. A posição de apego que é desenvolvida por uma criança, que por sua vez busca estar próximo a alguém que lhe passe segurança, já o comportamento de apego se diferencia pela busca da proximidade com alguém específico, por exemplo, a mãe. Trata-se também de outro ponto importante, que é a relação estabelecida propriamente dita: quando é boa, traz sentimentos bons; quando possui eventos ameaçadores, condiz com o lado negativo. Diante disso, fazendo uma analogia com a figura materna, percebe-se que a ausência dela, por qualquer razão que seja, trará prejuízo social, intelectual, físico e muitas vezes, acarretam nos surgimentos de psicopatologias.

Uma criança que é submetida a entrar em uma instituição de abrigo passa por rupturas com entes, familiares ou responsáveis e associa-se a rejeição. Quando um laço primordial é cortado, as futuras relações são ameaçadas. Quanto mais o ambiente físico for similar á uma casa, por exemplo, melhor será a habituação do institucionalizado, bem como a hesitação de termos que remetam a condição de

instituição ou abrigo; a ideia central é de que o cotidiano da criança deve ser realizado em uma perspectiva familiar, onde os profissionais estejam aptos para atender as necessidades e sempre dispostos a compreender a singularidade de cada qual. Além disso, as atitudes daqueles que estão trabalhando com essa solicitação são um espelho, afinal, eles são sua nova família (LUVIZARO e GALHEIGO, 2011).

Portanto, a principal característica da aplicação de uma intervenção é a busca por fortalecimento dos vínculos que as crianças possuem dentro do âmbito institucional, bem como levar até elas um conhecimento maior sobre o amor e as emoções, para que assim, elas possam compreender melhor o que sentem, bem como possibilitar um momento de afeto entre as mesmas. Como a literatura trás, muitas vezes o abrigo não proporciona um local apropriado para o desenvolvimento produtivo e normal de uma criança. Dentro dessa perspectiva e de todas as observações que foram realizadas, buscou-se trabalhar com uma atividade que proporcione um contato interpessoal e desenvolva nas crianças envolvidas, uma diferente percepção sobre amor, logo, a aquisição de autoconhecimento.

MÉTODO

O presente estudo tem como objetivo proporcionar uma melhoria na relação interpessoal de crianças, que apresentam grande dificuldade nas relações com as demais que se encontram dentro de uma instituição, manifestando uma carência afetiva muito grande, decorrente da necessidade de atenção. O local não tem fins lucrativos e está localizado na cidade de União da Vitória – Paraná, sendo exclusivamente voltado para atendimento de meninas, que não tem a obrigatoriedade de permanecer no local, perante a nenhum tipo de ordem judicial, porém, os pais ou responsáveis acabam recorrendo a este órgão, devido à dificuldades encontradas no âmbito familiar, como negligência, uso de drogas ou abuso por parte de parentes, dificuldades financeiras, enfim, inúmeras situações que acarretam na ida de meninas. As mesmas permanecem durante os dias de semana, retornando para seus lares e/ou casa abrigo na sexta-feira à tarde e em feriados. Os dados foram obtidos através de observação das atividades realizadas no decorrer de dois grupos terapêuticos, iniciadas em maio de 2017, com supervisão de uma psicóloga.

Atividade proposta: “PORQUE EU AMO VOCÊ”

Objetivo: promover a integração entre os participantes. Melhorar a relação interpessoal dentro do instituto, demonstrando como cada uma vê a outra pessoa e a convivência entre as mesmas. Expressão através da fala e expressão através do desenho de forma simbólica.

A atividade foi iniciada com a distribuição de tiras de papel para as participantes solicitando que cada qual escreva o seu próprio nome de forma bem legível, decorando-a da maneira que desejar e depois dobre. Em seguida, recolher os papéis dentro de uma caixa, mistura-los e pedir para que cada qual pegue um papel dobrado. Cada participante devera ler para si o nome da pessoa que tirou e pensar porque ama essa pessoa, que qualidades ela possui, bem como características físicas e descrevê-la. Cada um devera dizer o nome da pessoa que tirou e dizer em voz alta porque ama essa pessoa. Outra variação seria iniciar falando “eu amo essa pessoa porque ela tem tais e tais qualidades”, por fim, mencionar o nome da pessoa a quem está se referindo.

A atividade concreta foi realizada através do desenho referente a uma pessoa especial na vida de cada uma. Em seguida dar o molde da porta retrato e pede para que seja enfeitado. Ao final da atividade, quando o porta-retratos estiver pronto, cada uma vai para a parte de fora para fazer uma gravação de quem é essa pessoa e o porquê escolheu e o significado que tem em sua vida, mostrando a atividade. Essa gravação será mostrada no dia da devolutiva do trabalho realizado. É importante escolher uma música de fundo para deixar a atividade mais dinâmica e proporcionar um momento calmo e tranquilizante.

Material necessário: Sulfite colorido cortado em tiras em que cada qual deve escrever o seu nome, dobrar e colocar em uma caixa que por sua vez pode ser decorada, canetas coloridas, giz de cera, lápis de cor, tiras prontas, cartolina ou papel cartão branco para o desenho, cola glitter, lantejoulas, tinta guache, pincel, cola quente, barbante, palito de churrasco ou palito de picolé, potes, jornal para forrar a mesa, régua, tesoura, lápis grafite.

Cronograma: Duas tardes de segundas-feiras, com duração de duas horas cada atividade, com grupos de nove integrantes. Realização entre a primeira e terceira semana de outubro de 2017.

A realização da atividade busca trabalhar aspectos como: afetividade, relações interpessoais, amor, emoções, subjetividade provinda do ambiente em que cada uma foi criada. Para que isso ocorra, segue a descrição da atividade que visa estabelecer uma relação entre todas as características citadas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A aplicação da atividade foi dada em dois momentos, havendo a divisão do Grupo um e Grupo dois. Em outubro de 2017 ocorreu a primeira parte da aplicação da seguinte forma: primeiramente a confecção do seu nome nas tiras de papel sulfite colorido, podendo conter desenhos. Cada tira é dobrada e guardada dentro da caixa decorada, em seguida, é solicitada a saída da sala para um ambiente diferente, que tenha espaço para a formação de um círculo, onde é colocada uma música e pede-se para que os participantes façam alguns movimentos ou exercícios de acordo com a música que está tocando com intuito de criar um clima mais descontraído. São distribuídos pirulitos para cada qual com a frase “Você é especial” e dada às instruções para que pegue, dentro da caixa decorada, um papel dobrado, avaliando os motivos que tornam a pessoa em questão especial, e na sequência, descrevê-la, indo até ela, dando o pirulito e também um forte abraço.

Ainda na primeira aplicação, os cartazes com as frases sobre o tema são mostrados e são levantados questionamentos como, por exemplo: “o que é amor para você?”. Logo, é realizada uma fala sobre o assunto, pautando os pontos mais importantes e explicando as frases demonstradas anteriormente. O grupo volta para a sala, onde recebem um pedaço de papel-cartão e é solicitado que um desenho seja realizado e este será entregue para uma pessoa importante. Quando o desenho é finalizado, são distribuídos moldes de um porta-retratos, feito com palitos de picolé. Na medida em que forem terminados, é dado um porta-retratos para cada qual, e coloca-se em uma mesa, separadamente, forrada com jornais, tinta guache, pinceis e um recipiente com água para que estes sejam lavados cada vez que mudar a cor e também pode ser disponibilizado cola glitter. Os porta-retratos são finalizados com a colagem do desenho, que deve ser feita pelo aplicador da atividade, com cola quente.

A última parte consiste na gravação de um vídeo, onde cada participante fala para quem foi feito o desenho, o porquê e o que significa o amor.

A segunda parte da aplicação também aconteceu no mês de outubro de 2017, com um grupo de idade entre dez e dezessete anos. Foi realizada a mesma atividade, entretanto ocorreram algumas alterações, bem como houve a supervisão da psicóloga no decorrer da aplicação, que aconteceu da seguinte forma: foi disponibilizado um pedaço de papel sulfite colorido para que cada qual escrevesse seu nome, podendo colori-lo ou não, ao ser finalizado, deveria ser dobrado e colocado dentro da caixa. Os integrantes do grupo foram retirados da sala e levados para um espaço maior onde pudessem fazer um círculo e receberam uma bexiga com pirulitos dentro e com a frase: “você é especial”. Não houve música de fundo, mas foi realizado um diálogo, através de questionamentos como “o que você entende pela palavra AMOR?”; em seguida, uma explicação acerca do assunto com a demonstração de cartazes com frases. Com intuito de proporcionar a interação entre todos, solicitou-se que cada um pegasse um papel que foi deixado na caixa e pensasse em motivos que tornam a pessoa em questão especial. Logo, foi pedido para que as características fossem sendo relatadas, mas que o nome só fosse mencionado ao final, e ao terminar, fosse até a pessoa, desse-lhe um abraço e também entregasse para ela a bexiga. Quando a parte anterior foi terminada, todos voltaram para a sala de grupo e receberam um papel cartão, onde poderiam escrever ou desenhar algo para uma pessoa importante, que por sua vez, poderia ser de dentro do local, ou alguém de fora, bem como a questão de ser entregue ou guardar para si, ficou em aberto, dependendo da decisão individual de cada um. Na medida em que foram sendo finalizados, passavam para a etapa seguinte, que consistia no recebimento de um pequeno porta-retratos, feito com palitos de picolé, bem como iam para uma mesa ao lado, onde estavam dispostos potes de tinta guache e glitter e assim, poderiam enfeitá-lo da forma que lhes agradassem. Ao ser terminado, o papel cartão era colado no porta-retratos pelo aplicador, já que a colagem deve ser feita com cola quente, devido a sua melhor e mais rápida eficiência. Não houve a gravação do vídeo com este grupo.

Ambos os grupos possuem a mesma rotina dentro do âmbito institucional, o que lhes difere é a faixa etária e veio a ser um dos fatores determinantes no que

compete a conclusão da atividade de modo positivo, bem como desencadeante do oposto.

O grupo um apresentou enorme resistência, em praticamente todos os momentos da atividade, bem como falta de desinteresse na confecção. É importante mencionar que não houve a supervisão da psicóloga que realiza os grupos terapêuticos. Em contrapartida, o que se pode perceber é a importância de uma relação afetuosa principalmente na infância, onde a concepção de mundo está sendo formada e isso será refletido no futuro. Quando acontecem problemas que coloquem a criança em risco, principalmente quando relacionadas com grau de parentesco, é fundamental que a lei se prontifique e proteja os direitos que a menor possui. A própria literatura traz os acontecimentos que levaram a criação de âmbitos que sejam responsáveis por crianças que sofrem com negligência, vítima de maus tratos, violência, enfim, várias situações que sejam prejudiciais para sua formação.

Foi por volta de 1970 que ocorreram movimentos que buscassem defender a infância e a adolescência, surgindo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, Lei Nº. 8069, 1990) para que visassem à proteção dos direitos das crianças, que até então, em um período colonial, eram abandonados e muitas vezes criados por famílias que não pudessem ter filhos ou como empregados, que recebiam teto e comida em troca do seu trabalho. O ECA visa que toda criança tem o direito de ser criada por sua família e caso ocorra qualquer tipo de negligência, ela pode ser substituída, desde que possua segurança e seus direitos não sejam violados. Quando são infringidos, existe a necessidade da lei intervir e o Estado passa a ser o responsável legal, disponibilizando o processo de institucionalização, desde que esse âmbito cumpra com as políticas do ECA que são relacionados com a participação da família nesse processo, bem como a integração social da criança (BRASIL, 1970).

O grupo dois veio a surpreender as expectativas, já que o primeiro havia demonstrado pouco interesse na confecção, o esperado era que o mesmo acontecesse com o segundo. Porém, a psicóloga esteve presente, o que pode ter sido um dos fatores que resultaram em uma atividade bem sucedida. Outro ponto observado foi que a diferença de idade foi uma das influências, visto que a aplicação que obteve maiores aspectos positivos envolveu meninas que tem uma visão diferente do conceito abordado, o amor.

Sendo assim, mesmo com uma boa qualidade de vida apresentada dentro do local que foi observado, a marca deixada jamais será esquecida, fazendo-se extremamente necessário o trabalho do afeto e das boas relações entre as componentes do local; assim, será uma forma de reforçar que os sentimentos bons devem prevalecer, mesmo após presenciarem situações de negligência dentro da própria família.

Como a literatura trás, muitas vezes o abrigo não proporciona um local apropriado para o desenvolvimento produtivo e normal de uma criança, afinal de contas, são inúmeras crianças, convivendo com outras, das quais não possuem parentesco algum, mas precisam aprender a conviver como irmãos, dividindo não somente o espaço físico, mas também a atenção de seus responsáveis dentro do âmbito institucional. Em uma circunstância de repúdio, embora a criança tenha cuidados básicos dentro de uma instituição, ela está sendo privada da relação familiar, ainda que tenha varias pessoas próximas dentro do local em que foi inserida, ela precisa aprender a dividir a atenção com mais crianças, menores, da mesma faixa etária e também com mais velhas, até porque, como abordam Alexandre e Vieira (p. 208, 2004): “[...] há uma proporção grande de crianças em relação a adultos. Assim, o eventual afeto recebido dos funcionários tem que ser dividido entre as crianças”.

Uma dificuldade que é encontrada durante a passagem da casa para o novo ambiente é justamente a mudança dos papeis que decorre disso e torna-se para a criança ou adolescente uma ocorrência assustadora, por assim dizer. Quando um indivíduo é retirado dos familiares e passa a conviver com pessoas de diferentes culturas, deixando de exercer o papel de filho, é considerado normal que se sinta acuado e com medo, afinal, esta sendo exposto a um diferente percurso, sobre o qual precisa aprender a lidar. A comunicação vem a ser primordial durante esse procedimento, contando com a ajuda de profissionais que estejam aptos para realizar uma conversa inicial, explicando o que vai acontecer daquele momento em diante. (VASCONCELOS, YUNES, e GARCIA, 2009).

Com isso, nota-se a importância de atender a demanda que vem para dentro das instituições e dar a ela o suporte e a confiança para que os membros sintam-se amparados, nas mais variadas queixas, indo além do abuso, da negligência e demais fatores já citados, sendo de máxima relevância a colaboração de todos os

profissionais envolvidos, dando ênfase para todos os casos que ali estiverem mantidos. Logo, quando se trata de crianças, é ainda mais pertinente que esse processo siga um padrão de normas, bem como afetos, afinal, é na infância que ocorre a formação psíquica e por sua vez, interfere no decorrer de sua vida (HABIGZANG E COLABORADORES, 2008).

Os pais são fundamentais para que, além de darem o suporte, forme-se a personalidade da criança, sentindo-se amada, respeitada e disposta a conhecer o mundo, haja vista que na ausência da maternidade e da paternidade, aspectos característicos são extremamente afetados, recorrente disso, toda vida futura é colocada em risco. Porém é importante mencionar que cada caso traz suas individualidades. Embora a atividade tenha trazido duas situações diferentes, foi levado para os familiares o mesmo tema, com intuito de dar o retorno, tanto para eles, quanto para o local que disponibilizou o espaço de observação e a aplicação final. É extremamente importante que esse retorno ocorra, para que todos os pontos que foram vistos, sendo eles positivos ou negativos sejam ressaltados, no intuito de mantê-los, reforçá-los ou buscar meios diferentes para que o desenvolvimento físico, social e emocional de crianças que vivem em condições de abrigo ocorra da melhor forma possível.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, D. T. E VIEIRA, M. L. (2004). **Relação de apego entre crianças institucionalizadas que vivem em situação de abrigo** Disponível: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v9n2/v9n2a07.pdf>

Data de acesso: 18 de maio de 2017, 21hrs13min.

BARROS, R. C. e FIAMENGHI Jr., G. A. (2007). **Interações afetivas de crianças abrigadas: um estudo etnográfico.** Disponível: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v12n5/18.pdf>

Data de acesso: 18 de maio de 2017 16hrs30min

Estatuto da Criança e do Adolescente. 3ª Edição Fevereiro/2012 Disponível: <http://www.sintratel.org.br/site/index.php/publicacoes/legislacao/15-estatuto-da-crianca-e-do-adolescente/file>

Data de acesso: 18 de maio de 2017, 17hrs12min.

HABIGZANG, L. F.; CORTE, F. D.; HATZENBERGER, R.; STROEHER, F.; e KOLLER, S. H. (2008). **Avaliação psicológica em casos de abuso sexual na infância e adolescência.** Disponível:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722008000200021

Data de acesso: 21 de maio de 2017, 20hrs43min.

LUVIZARO, N. A. E GALHEIGO, S. M. (2011). **Considerações sobre o cotidiano e o habitar de crianças e adolescentes em situação de acolhimento institucional em abrigo.** Disponível: <http://www.revistas.usp.br/rto/article/view/14137/15955>

Data de acesso: 18 de maio de 2017, 22hrs42min.

MOTA, C. P. E MATOS, P. M.(2008). **Adolescência e institucionalização numa perspectiva de vinculação.** Disponível:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822008000300007

Data de acesso: 18 de maio de 2017, 18hrs45min.

SILVA, E. R. A. e ANDRADE, L. M. R. A. (2005). **Os abrigos para crianças e adolescentes e o direito à convivência familiar e comunitária.** Disponível:

http://ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/politicas_sociais/ENSAIO3_Enid11.pdf

Data de acesso: 18 de maio de 2017, 19hrs29min.

SIQUEIRA, A. C. E DELL'AGLIO, D. D.(2006). **O impacto da institucionalização na infância e na adolescência: uma revisão de literatura.** Disponível:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822006000100010

Data de acesso: 18 de maio de 2017, 21hrs33min.

VASCONCELOS, Q. A.; YUNES, M. A. M e GARCIA, N. M. (2009). **Um estudo ecológico sobre as interações da família com o abrigo.** Disponível:

<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v19n43/09.pdf>

Data de acesso: 20 de maio de 2017, 23hrs09min.

O ESTIGMA DA VALORIZAÇÃO PESSOAL NAS MULHERES USUÁRIAS DO CRAS

Graciele Bianca Santos¹
Natalie de Castro Almeida²

RESUMO: Esse estudo teve como objetivo permitir que o grupo observado de um determinado CRAS na cidade de União da Vitória, pudesse ter mais espaço para demonstrar sua expectativa enquanto mulheres entre si e sociedade. Cada semana um tema diferente era levado até as reuniões, assim, aos poucos o conceito de autoestima e autoimagem foi se tornando frequente e familiar para o grupo, demonstrando capacidade de valorização como indivíduo único e participativo no âmbito familiar, social e psicológico. A atividade levada até o grupo é simples e pacífica demonstrando que a subjetividade está presente sem deixar que o coletivo seja desmembrado. As usuárias têm dilemas que aos poucos são demonstrados através do vínculo terapêutico, o grupo se torna assim um terreno onde são depositadas as histórias e esperanças em busca da valorização pessoal e expectativa de futuro, já que o CRAS trabalha com parcerias, e dentre elas disponibiliza cursos nas áreas de nutrição e informática, aulas em diferentes disciplinas para que as mulheres possam concluir seus estudos e posteriormente ingressar no mercado de trabalho confiantes de sua capacidade. A dinâmica foi usada para que as usuárias pudessem expressar de forma criativa e sincera como enxergam as companheiras para que essas percebam em si qualidades e virtudes que não são percebidas no dia a dia ou ignoradas de modo a não valorizar o que fazem e o quanto são fortes. O grupo é composto por quinze mulheres beneficiadas por programas governamentais, o que as obriga a participar das reuniões oferecidas pelo CRAS. A atividade foi desenvolvida em comum acordo com a psicóloga responsável pela unidade em questão, trabalhando para que a autoestima e autoimagem estejam presentes e sejam motivo de orgulho de cada membro e posteriormente sirvam de base para que a vida particular de cada uma tenha uma melhora significativa.

Palavras-chave: Autoimagem. Grupo. Fortalecimento de vínculo.

ABSTRACT: This study aimed to allow the observed group of a particular CRAS in the city of União da Vitória, could have more space to demonstrate their expectation as women among themselves and society. Each week a different theme was brought to the meetings, so gradually the concept of self-esteem and self-image became frequent and familiar to the group, demonstrating a capacity for appreciation as a unique and participatory individual in the family, social and psychological spheres. The activity carried to the group is simple and peaceful demonstrating that subjectivity is present without letting the collective be dismembered. The users have dilemmas that are gradually demonstrated through the therapeutic link, the group thus becomes a ground where the stories and hopes are placed in search of personal appreciation and expectation of the future, since CRAS works with partnerships, and among them makes available courses in the areas of nutrition and computer science, classes in different disciplines so that women can complete their studies and subsequently enter the job market confident of their ability. The dynamic was used so that the users could express in a creative and sincere way how they see the companions so that they perceive in themselves qualities and virtues that are not perceived in the day to day or ignored in order not to value what they do and how much they are strong. The group consists of fifteen women who benefit from government programs, which compels them to attend the meetings offered by CRAS. The activity was developed in agreement with the psychologist responsible for the unit in question, working so that self-esteem and self-image are present and are a source of pride for each member and subsequently serve as a basis for the private life of each one to have a significant improvement.

Keywords: Self-image. Group. Bonding.

¹ Acadêmica do Curso de Psicologia das Faculdades Integradas do Vale do Iguaçu – UNIGUAÇU, União da Vitória, Paraná, Brasil.

² Psicóloga e professora supervisora do estágio básico II, curso de Psicologia, das Faculdades Integradas do Vale do Iguaçu – UNIGUAÇU, União da Vitória, Paraná, Brasil. Graduada em Psicologia, Perita em Psicologia do Trânsito, Pós-graduada em Neuropsicologia e Especialista em Psicologia do Trânsito.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo salientar a necessidade de atenção para a autoestima dentro dos programas sociais e como é possível viabilizar com ações simples e efetivas. Já que se faz necessário o uso da imagem e autoconhecimento para sucesso profissional dentro do âmbito social que o mundo vive atualmente. Há um bombardeio constante de informações que possuem a capacidade de enfraquecer a imagem feminina ao natural de modo a vender uma imagem de beleza construída a partir do consumo, que trará felicidade e plenitude. A autoimagem é outro fator a ser observado, pois é a partir dela que a autoestima é construída.

A possibilidade da auto-observação consiste na necessidade de abrir caminhos para que o eu interior seja compreendido como frágil e que necessita de cuidados, e essa fragilidade não deve ser tratada como problema, mas como a chance de compreender que é uma teia de fatores que tornam a estabilidade emocional uma ferramenta que pode beneficiar o indivíduo e suas relações.

2 DESENVOLVIMENTO

A população feminina busca por seu espaço na sociedade desde os primórdios da vida. Aprendemos que ao longo da história que não era considerado bom agouro, nem motivo de alegria ou orgulho quando nascia uma menina. Não daria continuidade ao sobrenome da família, nem era forte o suficiente para trabalho braçal, não possuía inteligência para articular estratégias de guerra, nem proporcionaria momentos de glória. Estes argumentos eram frequentemente usados. Manuel Pinto (1997, p.45) firma que:

A referência do contexto cultural e social torna-se particularmente pertinente na abordagem da socialização, uma vez que os processos, quer os conteúdos, quer os agentes, registram variações assinaláveis de cultura para cultura e de sociedade para sociedade, como os estudos antropológicos e sociológicos evidenciam.

Ao longo da vida a mulher aprendeu que não podia ser apenas uma figura terceirizada na casa e na família, além de mantenedora e cuidadora ela passou a administrar e desenvolver uma cultura dentro do seu lar. Ainda que a palavra final

pertencesse ao patriarca, uma gama de aspectos deixou de ser função dele, ou pelo menos, a mulher passou a fazer parte de algumas decisões que anteriormente só cabiam aos homens. A revolução industrial teve uma parcela no desenvolvimento do altruísmo feminino, visto que, cada centelha que era movida em prol da liberdade feminina era um avanço que podia levar décadas, prova disso é a aceitação de que as mulheres podiam fazer parte do eleitorado, já que muitas dispunham do cargo de chefe de família, donas de comércio, tabernas, fazendas e conseqüentemente, contribuía para a riqueza do estado. Nesse sentido Carlos Hasenbalg e Nelson do Valle Silva (1984, p. 37) afirmaram:

As mulheres não só tendem a conseguir uma melhor distribuição na estrutura ocupacional, como também a abandonam os setores de atividade que absorvem a força do trabalho mais qualificada e pior remunerada, para ingressar em proporções crescentes na indústria e nos serviços modernos. As tendências observadas permitem sugerir, de maneira provisória, a possibilidade de uma diferenciação dos mercados de trabalho para as mulheres.

Como as famílias eram numerosas, tornou-se comum que os filhos mais velhos cuidassem dos mais novos para que as mães pudessem dedicar a outras tarefas, deixando de lado o cuidado pessoal como a aparência. Nas casas tradicionais da época ainda era possível notar roupas finas acompanhadas de penteados e cosméticos; o que não acontecia nas famílias menos abastadas. Ao longo das décadas esse costume acabou perpetuando-se e é frequente os casos em que as mães deixam seu lado feminino de lado após a maternidade. Com isso problemas conjugais aparecem porque os parceiros não encontram mais atração por suas esposas e na maioria dos casos o diálogo não existe e as esposas passam a ser apenas mãe em período integral, esquecendo-se de como é ser mulher ou como desempenhar outros papéis dentro do núcleo familiar.

No grupo que foi observado para esse estágio é notório que a autoestima está abalada. Por se tratar de um grupo composto por mulheres de diferentes faixas etárias, foi mais fácil perceber que os conflitos familiares acabam esbarrando na aparência e na necessidade de aceitação. O CRAS oferece diversas atividades em diferentes projetos, sendo um deles o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCSV), podendo ser desde um “roda de chimarrão” até oficinas que possam

ensinar opções para desenvolver fontes de renda onde casa usuária tem uma função para que um produto ou serviço seja criado, angariando fundos para uma possível cooperativa. Segundo Rangel (2008, p. 38):

Conforme a PNAS, o CRAS é uma unidade pública municipal de assistência social localizada em área de maior índice de vulnerabilidade e risco social. Presta serviços e desenvolve programas socioassistenciais de proteção social básica às famílias. Desenvolve também a articulação destes serviços no seu território de abrangência visando potencializar a proteção social, atuando na perspectiva da intersetorialidade.

No grupo em questão, as mulheres estão abaladas com conflitos de segurança, homogeneidade e ambivalência do seu “eu”, já que se trata de um estigma social que elas sejam fortes e lutem por seus direitos. O CRAS/SUAS (2008, p. 28) faz destaque sobre os serviços que são utilizados dentro do programa e que permitem ao psicólogo nortear a realização de tarefas que visem a inclusão e a própria aceitação dos limites e possibilidades de cada usuária, são eles:

1. Serviços: socioeducativo-geracionais, intergeracionais e com famílias; sócio-comunitário; reabilitação na comunidade; outros; 2. Benefícios: transferência de renda (bolsa-família e outra); Benefícios de Prestação Continuada – BPC; benefícios eventuais – assistência em espécie ou material; outros; 3. Programas e Projetos: capacitação e promoção da inserção produtiva; promoção da inclusão produtiva para beneficiários do programa Bolsa Família – PBF e do Benefício de Prestação Continuada; projetos e programas de enfrentamento à pobreza; projetos e programas de enfrentamento à fome; grupos de produção e economia solidária; geração de trabalho e renda.

E como lutar? Entram então os órgãos públicos com os programas e a Constituição Federal (1998), onde fala que homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações. Faz-se necessário dar voz a essas mulheres para que consigam transpor seus obstáculos. O grupo observado é composto por aproximadamente quinze mulheres em situação de vulnerabilidade, o grupo não tem um número exato porque faltas são frequentes, outras vezes existe a participação de mais mulheres que são usuárias de outros grupos que são realizados pelo CRAS durante a semana. Passando a ideia de aceitação e compreensão dos valores e desejos femininos, visando a homogeneidade do grupo.

A autoestima depende da postura diante da vida, e por se tratar de um grupo em vulnerabilidade elas se acostumam a não precisar se sentir bem, buscam a

felicidade, mas não é o norte para suas realizações; a ambição dá lado à aceitação e a ambiguidade do papel que desempenham. São avós, mães, irmãs e filhas destinadas e seguir os passos da figura materna que se submete aos padrões de onde vive. O padrão vai se formando e se torna difícil mudá-lo, não impossível; algumas técnicas foram sendo usadas ao longo dos encontros, dinâmicas e propostas que pudessem quebrar esse estigma de inferioridade. Comportamentos negativos como o de se comparar com outra pessoa em posição diferente que causam baixa autoestima e levam a insegurança, interferindo ainda na saúde física, podendo ocasionar a somatização. Surgindo quando o indivíduo passa por uma situação que gera estresse ou insegurança de modo que o organismo reage em forma de dor, geralmente dores musculares, de cabeça, mãos tremulas.

Em função disso é necessário autoconhecimento e a auto-observação, já que estes são os primeiros passos para a eliminação da baixa autoestima. Algumas observações podem ser feitas como: a dificuldade em dizer não e se posicionar, sentimento de culpa, dificuldade nas relações, mágoa e raiva. E para que esses quesitos sejam trabalhados a fim de suavizar o que lhes causa dor e sofrimento é preciso aprender a ter domínio de si próprio o autoconhecimento é fundamental. Entender quais são os pontos de apoio e crenças de cada uma facilita no processo do fortalecimento de vínculo dentro do grupo e isso só é possível quando a própria pessoa permite. Diante disso foi levada uma proposta que deixou transparecer o que algumas mulheres gostariam de falar para as outras

3 MÉTODO

Para a realização da atividade foi feito o uso da dinâmica QUEM EU SOU FAZ A DIFERENÇA, que tem por objetivo demonstrar como cada indivíduo é único e necessário, e que está diretamente ligado à autoimagem e autoestima. Para isso, foram usadas pequenas placas e fitas com a frase que dá nome à dinâmica e uma história contada que serve como base para que as participantes pudessem ir absorvendo e refletindo acerca do tema antes da conclusão da mesma que pode levar de uma hora a uma hora e meia para ser finalizada. Participaram quinze mulheres que estavam acompanhadas por filhos e netos que realizavam outra atividade fora da sala.

Os grupos terapêuticos vão se tornando importantes para cada membro a partir do momento em que são vistos como um núcleo social com aspectos de família, já que cada um manifesta comportamentos que normalmente desenvolve na família. Ali aprende a reconhecer, modificar ou fortalecer tais comportamentos. Em seu livro, Yalom complementa (2008, p. 33):

[...] O grupo de terapia se parece com uma família em muitos aspectos: existem figuras de autoridade/parentais, figuras de irmãos/fraternas, revelações pessoais profundas, emoções fortes e uma intimidade profunda, bem como sentimentos hostis e competitivos. De fato, os grupos de terapia muitas vezes são liderados por uma equipe de homens e mulheres terapeutas em um esforço deliberado de estimular a configuração parental ao máximo possível. Quando o desconforto inicial é superado, é inevitável que, mais cedo ou mais tarde, os membros interajam com os líderes e com outros membros de forma semelhante à suas interações com seus pais e irmãos.

Dessa forma, a escolha da dinâmica foi baseada nesse conceito. A realização aconteceu de maneira positiva e abrangente, já que o grupo existe a mais de dois anos. Onde cada mulher devia entregar a placa/fita que recebera no início do encontro para outra usuária que no seu julgamento fazia a diferença. Posteriormente a entrega da placa deveria verbalizar o porquê da sua escolha, e assim por diante. Fica claro que o estigma que cada uma tem de si reflete no que pensam sobre as demais; mantendo o cuidado para não demonstrar suas inibições e deixando que as frustrações sejam expostas, mas não debatidas, pois o grupo não tem como objetivo tratar cada usuária de forma individual, mas, englobar o que é comum do grupo e trabalhar em cima disso. O fortalecimento do vínculo se faz necessário como ferramenta para que elas sintam-se capazes de reconhecer a fragilidade com que mantem as relações familiares e como isso as afeta, impedindo que seja referência para filhos, visto que os pais são os primeiros indivíduos a serem imitados e admirados pela prole. É importante salientar que os motivos pelos quais as mulheres têm filhos atualmente mudaram, Simone de Beauvoir nos traz essa questão em seu livro *O Segundo Sexo* (1980):

Não é a natureza que define a mulher, pois esta é que se define retomando a natureza em sua afetividade. É pela maternidade que a mulher realiza integralmente seu destino fisiológico; é a maternidade sua vocação natural e todo seu organismo se acha voltado para a perpetuação da espécie. Porém, a sociedade humana não está abandonada à natureza. Nesse sentido, a função reprodutora já não é mais comandada pelo acaso biológico e, sim, pela vontade.

Com o crescimento e a compreensão dos fatos, as crianças vão tomando suas decisões e muito do que lhes é ensinado vai perdendo o valor, dessa forma, quando uma mãe designa uma tarefa e essa é realizada de forma desleixada, ela pensa que é responsável pelo fracasso da tarefa. Aos poucos passa a se desvalorizar e seu papel vai se tornando secundário, sem que se dê conta, se torna coadjuvante de sua própria vida.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A autoestima é intrínseca, portanto, o indivíduo é o único capaz de mudar seu quadro de forma positiva ou negativa. O que o meio externo pode fazer é disponibilizar ferramentas que possam elevar a autoestima até o ponto em que a pessoa possa trabalhar seus conceitos e entender os mesmos. O momento em que as opiniões são expostas é o mais frágil delicado no grupo, já que se trata de expressar possíveis argumentos que não serão validados diante da ideia de que é preciso querer para conseguir fazer a diferença.

O entrosamento do grupo passa a ser peça fundamental para que a dinâmica obtivesse sucesso. Porém, quando indagadas sobre quem as usuárias gostariam de entregar a placa/fita, fizeram silêncio e desviaram os olhares com medo da confrontação. Hora estivessem inseguras, hora estivessem desinteressadas, elas foram criando coragem e começaram a falar sobre as qualidades que fazia da futura dona da placa até então sua. Aos poucos foram desinibindo e começaram a verbalizar sentimentos de amizade e gratidão, que foi abrindo espaço para uma conversa agradável e sugestiva, demonstrando que gostavam da ideia de expressar o envolvimento que tem no cotidiano, visto que, a maioria reside no mesmo bairro

É percebido que a segurança para falar mesmo em um grupo que tem entrosamento, mas não está habituado com essas demonstrações precisa de uma fundamentação inicial e um bom ponto de apoio que esclareça a necessidade de participação, de que se expuser precisa, sua palavra será aceita. Estudos apontam que o conceito da autoimagem pode está diretamente ligado ao poder de crítica, quanto mais o indivíduo consegue estabelecer relações de aceitação as criticas e

entender que se isso acontece (positivamente ou não), alguma coisa pode ser melhorada na sua maneira de agir, pensar ou socializar.

Quanto mais a pessoa está presa nos conceitos de padrão social menos possibilidades de livre-arbítrio ela tem. O conceito de autoestima não está ligado ao que o ser possui, mas ao que o deixa com sensação de prazer e bem-estar. Estudos neurológicos demonstram a sensação de possuir algo desejado causa uma elevação considerável na produção de neurotransmissores que dão sensação de prazer, mas que esse prazer é diferente quando o prazer vem de sentimentos criados através de vínculos afetivos.

Quanto mais a terapia desfizer a autoestima negativa do paciente por meio de novas experiências relacionais, mais efetiva será. Também é interessante considerar dados sobre a popularidade do grupo, uma variável intimamente relacionada com a estima pública. (YALON et al., 2006, p.71)

Assim, há uma identificação com o que é desagradável, porém, de certa forma comum entre algumas pessoas o que torna-os semelhantes e por isso faz com que sejam capazes de começar a trabalhar em seu consciente a funcionalidade e a necessidade de elevar a autoestima para que consigam desfrutar das oportunidades e benefícios da vida.

REFERÊNCIAS

PINTO, M; SAREGENTO, M. J. **As Crianças contextos e identidades** 1997. Disponível

em:https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/40377/1/MP_MJS_1997_criancas_contextos.pdf Acesso em: 13/11/17.

Direito do Trabalho da mulher: da proteção à promoção, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/cpa/n26/30398.pdf> Acesso em: 13/11/2017.

A Terapia Comunitária como Estratégia de Promoção à saúde mental: o caminho para o empoderamento, 2009. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fen/article/view/33252/17588> Acesso em: 14/11/17

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo Sexo.** Disponível em: <http://brasil.indymedia.org/media/2008/01/409660.pdf> Acesso em: Setembro, 2017.

YALOM, Irvin; LESZCZ, Molin: **Psicoterapia de grupo;** Teoria e Prática.5ª Reimpressão. São Paulo: Artmed. 2006

RANGEL, Elisete de Fátima. **A implementação e implantação dos CRAS – Centros de Referência de Assistência Social em São José dos Campos: um estudo do CRAS – Eugênio de Melo.** São Paulo, 2009. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp111713.pdf> Acesso em: Outubro, 2017.

BRANDEN, Nathaniel. **Poder da auto-estima.** São Paulo: Saraiva, 1998. Disponível em: <http://bonscursos.com/solidario/downloads/autoestima.pdf> Acesso em 22/11/2017.

CRAS: Marcos legais. São Paulo, 2009. Disponível em: http://www.desenvolvimentosocial.sp.gov.br/a2sitebox/arquivos/documentos/biblioteca/publicacoes/Vol1_CRAS.pdf Acesso em: 16/11/2017.

Referências Técnicas para atuação do(a) psicólogo(a) no CRAS/SUAS. Brasília, 2008. Disponível em: <http://crepop.pol.org.br/novo/wp-content/uploads/2010/11/referenciascras.pdf> Acesso em 16/11/2017.

Constituição Federativa do Brasil de 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm Acesso em: 12/10/2017.

Orientações técnicas sobre o PAIF. 1ª Ed. Brasília, 2012. Disponível em: <https://psicodrama.org.br/wp-content/uploads/2012/06/Orientacoes-Tecnicas-sobre-o-PAIF-Trabalho-Social-com-Fami.pdf> Acesso em: 12/10/2017.

BOFMAN, Gilberto. **Psicoterapias: Psicoterapia psicodinâmica do grupo.** 1 ed. Porto Alegre: Artmed. 2008.

PICHON-RIRIÈRE, Enrique. **Teoria do Vínculo.** São Paulo: Martins Fontes, 1982.

FLORIANI, F. M. *et al*; **Autoestima e Autoimagem: A relação com a Estética;** Itajaí, 2010. Disponível em: <http://siaibib01.univali.br> Acesso em: 22/11/2017.

CARNEIRO, Soeli. **Mulheres em Movimento.** São Paulo, 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010340142003000300008&lang=pt Acesso em: 15/11/2017.

HASENBALG, Carlos e VALLE, Nelson Silva. **Industrialização, emprego e estratificação social no Brasil.** Rio de Janeiro, 1984.

O PROCESSO DE ORIENTAÇÃO VOCACIONAL NO ÂMBITO ESCOLAR

Maiara Nizer Corrêa¹
Natalie de Castro Almeida²

RESUMO: O processo de orientação vocacional é um trabalho que abrange diversas questões para que o mesmo seja realizado com eficácia, sendo que um dos locais que normalmente iniciam-se esse trabalho, é a instituição escolar, visto que normalmente nos anos finais do ensino médio o aluno necessita orientar-se em relação a seus interesses e fazer a escolha que lhe satisfaça, perante as diversas circunstâncias que o rodeia. De início, é necessário levar em conta as características do aluno, seus desejos, conhecimentos, habilidades e aptidões. Após a identificação dessas informações é necessário que as mesmas ajustem-se dentro de uma determinada área e possam estar ligadas aos interesses e motivações do aluno em conhecer e adentrar a essa profissão. O objetivo principal da orientação vocacional é proporcionar ao indivíduo seu autoconhecimento, ou seja, é orientar e não definir a escolha do estudante. No entanto, esse processo é realizado na grande maioria da vezes, por um profissional psicólogo que estará habilitado para essa área, o qual utilizará alguns métodos e procedimentos para a realização de um satisfatório trabalho, como questionários, entrevistas com pais e alunos, aplicação de testes psicológicos, entre outras intervenções pertinentes a demanda específica. Nesse trabalho, aplicou-se intervenções em nível acadêmico, isto é, os testes aplicados não foram psicológicos, pois não cabe ao estudante de psicologia a aplicação dos mesmos, apesar disso é possível elucidar os resultados da atividade executada no contexto escolar com base na aplicação de um teste informativo sobre inteligências múltiplas, descritas no decorrer desse trabalho que podem ser relacionados a um trabalho psicológico. Portanto cabe ainda enfatizar que a formulação da hipótese diagnóstica em relação a necessidade da realização do processo de orientação vocacional, foi identificada através do levantamento de dados, a partir de observações, questionários e coleta de informações com alunos e professores em sala de aula.

PALAVRAS-CHAVE: Orientação vocacional. Aluno. Autoconhecimento. Atividades. Resultados.

ABSTRACT: The process of vocational guidance is a work that covers several questions so that it is carried out effectively, and that one of the places that normally start this work is the school institution, since normally in the final years of high school the student needs to orient in relation to your interests and make the choice that satisfies you, in the face of the various circumstances surrounding you. At the outset, it is necessary to take into account the characteristics of the student, their desires, knowledge, skills and aptitudes. After identifying this information, it is necessary that they adjust within a certain area and can be linked to the interests and motivations of the student in knowing and entering into this profession. The main purpose of vocational guidance is to provide the individual with self-knowledge, that is, to guide and not define the student's choice. However, this process is carried out in the great majority of cases, by a professional psychologist who will be qualified in this area, which will use some methods and procedures to perform a satisfactory job, such as questionnaires, interviews with parents and students, application of psychological tests, among other interventions relevant to specific demand. In this work, interventions were applied at the academic level, that is, the tests applied were not psychological, because it is not the student of psychology to apply them, nevertheless it is possible to elucidate the results of the activity performed in the school context based on application of an informative test about multiple intelligences, described in the course of this work that can be related to a psychological work. Therefore, it should be emphasized that the formulation of the diagnostic hypothesis in relation to the need to carry out the vocational guidance process was identified through data collection, from observations, questionnaires and information collection with students and teachers in the classroom.

KEY WORDS: Vocational orientation. Student. Self knowledge. Activities. Results.

¹ Acadêmica do Curso de Psicologia das Faculdades Integradas do Vale do Iguaçu – UNIGUAÇU, União da Vitória, Paraná, Brasil.

² Psicóloga e professora supervisora do estágio básico II, curso de Psicologia, das Faculdades Integradas do Vale do Iguaçu – UNIGUAÇU, União da Vitória, Paraná, Brasil. Graduada em Psicologia, Perita em Psicologia do Trânsito, Pós-graduada em Neuropsicologia e Especialista em Psicologia do Trânsito.

1 INTRODUÇÃO

O trabalho de orientação vocacional é destinado na maioria das vezes aos adolescentes, pois acredita-se que essa é uma fase que emergem diversas dificuldades (e soluções) em relação ao processo vocacional. Essa idade é definida entre os quinze e dezenove anos, onde o adolescente começa a se identificar com o mundo adulto, relacionando-se principalmente a eventos ocupacionais (BOHOSLAVSKY, 2015).

No entanto o autor Levenfus (1997 *apud* Zavarese 2008 p.2) ressalta: “[..] orientação profissional não abrange somente informações das profissões, mas sim o conhecimento próprio, pessoas, familiares e sociais, promovendo uma integração e a afinidade dessas características em relação ao trabalho”.

O diagnóstico realizado pelo psicólogo na perspectiva da orientação vocacional define-se a partir das estratégias, táticas e técnicas. Portanto a estratégia caracteriza-se uma síntese entre o ver, pensar e atuar sobre os aspectos da entrevista. Entretanto a estratégia do pensar é que define o momento do diagnóstico e ainda é imprescindível para todo o processo de entrevista (BOHOSLAVSKY, 2015).

2 DESENVOLVIMENTO

O processo de orientação vocacional é realizado por pessoas habilitadas, como profissionais psicólogos, é um trabalho muito importante para os indivíduos que se encontram indecisos no momento de optarem pela área de estudos a qual mais se identificam. Realmente, é uma decisão difícil pois envolve muitas questões, como influência familiar e de amigos, afinidade com determinadas áreas, salários, aptidões, entre outros diversos aspectos.

O ambiente familiar no qual o jovem está inserido influencia muito em suas decisões, mas a convivência em grupos e escola, em todos aspectos da sociedade desenvolve mecanismos de percepções, e ainda ajudará na aquisição das experiências os quais também contribuem para suas escolhas (JORDANI et al., 2014).

Portanto o processo de orientação vocacional abrange o conhecimento das seguintes áreas, necessárias para seu estabelecimento, que envolve o contexto sócio-familiar, tendencial, aptitudinal, de eficiência, caracterológica e pessoal do indivíduo.

A compreensão dessas áreas, faz-se extremamente necessárias para que a orientação seja eficiente (MIGUEL, 1975).

O trabalho de orientação vocacional envolve o conhecimento das profissões, o processo de autoconhecimento e a análise da realidade atual do mercado de trabalho de uma profissão específica. Assim alguns centros de orientação vocacional e escolas, oferecem esse trabalho realizado através de intervenções feitas por psicólogos, que buscam direcionar os adolescentes em áreas que possui mais afinidades, através de técnicas específicas (LUZ; MARIUZZI; GELAIN, 2014).

O orientador profissional pode prever o sucesso de um aluno através de um sucedido trabalho de orientação em direção a uma determinada profissão, ou seja, pode orientar o aluno para que suas aptidões e habilidades sejam exploradas ao máximo, tanto na área pessoal como social (MIGUEL, 1975).

Sendo assim, é possível destacar que a orientação profissional também é de extrema importância, pois ajudará o jovem a descobrir suas habilidades, interesses, aptidões, ou seja, proporcionará ao aluno o processo de autoconhecimento. Sendo assim a orientação profissional, “deve estar disponível a todos os alunos [...], independente de sua classe econômica, proporcionando-lhes informações sobre a realidade do mercado de trabalho e do país, e permitindo o conhecimento de si mesmo”. (JORDANI et al.,2014, p.27).

Alguns estudantes desde a sua infância já tem definido o que desejam estudar, no entanto, essas ideias podem modificar-se ao longo do caminho, em razão da idade juntamente com o amadurecimento e ainda a experiência de vida que adquirem. Portanto é normal que ideias da infância não se perpetuem na vida adulta, mas em alguns casos essas escolhas da infância podem continuar.

Nesse aspecto, ainda é possível salientar para a forma com que o sujeito reage às pressões dos relógios sociais e biológicos pode gerar mudanças internas compartilhadas. São as mudanças biológicas e sociais que ocorrem na infância, na adolescência e na vida adulta que possibilitam a formação de um “arcabouço para um conjunto de mudanças previsíveis na personalidade, estilo de pensamento, valores” (BEE, 1997 *apud* SHEILA 2012, p.109).

Apesar de tantos conflitos que os jovens percorrem, ainda enfrentam a pressões sociais nessas escolhas, pois a sociedade estabelece que essa escolha

deve ser a “certa”, a mais benéfica em todas as circunstâncias, ou seja, a melhor possível e isso acaba provocando muitas vezes nos jovens um estado de angústia e ansiedade.

Como afirma o autor Fernandes et al. (2011, p.5):

[...] Com esse olhar a sociedade, de certa forma, “impõe” que os jovens escolham suas profissões e trabalhem nela o resto da vida, talvez esse seja o grande problema ou o grande medo de escolher uma profissão, pois eles têm que decidir qual profissão seguir, e esta tem que ser uma “boa” profissão que o valorize, de dinheiro e ainda por cima o faça feliz, esse é o grande paradoxo, ao invés das pessoas que norteiam os jovens a seguir uma profissão o ajudarem criticamente, de forma que questionem a realidade em que vivemos com relação ao trabalho, não, apenas coagem fazendo com que os jovens pensem e copiem a dita “eficiência” que já existe no mercado de trabalho.

Porém, esse tema constantemente é abordado de forma equivocada pelas pessoas, ou seja, sem o auxílio correto que o jovem necessita, pois muitas vezes ele é apenas julgado sem receber ajuda. Sendo que a escolha profissional deveria ser muito mais aprofundada e questionada nas relações com os jovens, de maneira informativa e reflexiva, pois sabe-se que a escolha profissional é um fator importante para a satisfação pessoal, o bem estar social, econômico e psicológico para a pessoa inserida no contexto social.

3 MÉTODO

A coleta de dados para essa pesquisa realizou-se em um Colégio Estadual, localizado na cidade de São Mateus do Sul- PR. O Colégio oferta Ensino Fundamental (6º a 9º ano), Ensino Médio e Educação Profissional. A sala que disponibilizou-se para o estágio era composta por alunos de um curso profissionalizante que possuía no total vinte e nove alunos, na faixa etária de dezessete anos.

Portanto, essa vivência consistiu em observar o contexto escolar, considerando todos os aspectos presentes dentro da sala de aula. Destacando em maior proporção os comportamentos, aprendizagens, relacionamentos, e interesse dos alunos. Objetivou ainda, analisar como é a interação dos alunos com os professores, dos alunos entre si e com o ambiente no cotidiano escolar, contrapondo com o conhecimento teórico.

Os instrumentos utilizados para a construção da hipótese diagnóstica foram a observação, coleta de informações com professores/estudantes e ainda a participação de vinte e dois alunos em um questionário estruturado fechado, contendo dezesseis perguntas, relacionadas a seus estudos, interesses profissionais, convívio em sala de aula e ao final um espaço livre para comentários.

Entretanto percebeu-se a partir dos resultados do questionário aplicado, um aspecto em maior evidencia, onde expressou que 86% dos alunos apresentavam interesse em participar de uma orientação vocacional e outros 14% dos alunos declararam pouca relevância ao assunto. Levando em consideração que o número dos interessados em participar de uma orientação vocacional foi considerável a formulação da atividade referiu-se a esse tema, a qual foi fundamentada a partir de teorias de vários autores.

Portanto a atividade proposta aos alunos foi responder um teste de inteligências múltiplas, que tem como intenção contribuir para o autoconhecimento dos estudantes. É importante salientar que o teste aplicado não se trata de teste psicológico e sim informativo.

Aplicou-se o teste de inteligências múltiplas o qual é dividido em cinco grupos, com o total de 35 afirmações que deveriam seguir uma escala para respostas de 6 a 0, sendo que 0 para a qual tem menos afinidade e 6 a que combina mais com o indivíduo. Conforme o resultado obtido através da somatória, o aluno poderia ter conhecimento de sua área com maior predominância de habilidades, contemplando sete delas: lógico-matemática, espacial-visual, cinestésica corporal, linguística, musical, interpessoal ou intrapessoal.

Porém, após a aplicação os alunos responderam a um segundo questionário referente ao contentamento em relação a atividade, o qual será ilustrado através de dados quantitativos descritos nos resultados.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na data da realização da atividade estavam presentes vinte e sete alunos, dois estavam ausentes, a aplicação totalizou quatro horas. Portanto os resultados coletados a partir do segundo questionário, após a aplicação do teste de inteligências múltiplas, serão ilustrados e discutidos através de gráficos.

Tabela 1- Questionário estruturado fechado para coleta de dados

Perguntas	Respostas
Esse teste contribuiu para seu autoconhecimento?	() Sim () Não
Os resultados obtidos através do teste foram os esperados?	() Sim () Não
A profissão que tinha em mente foi a mesma obtida através do teste	() Sim () Não

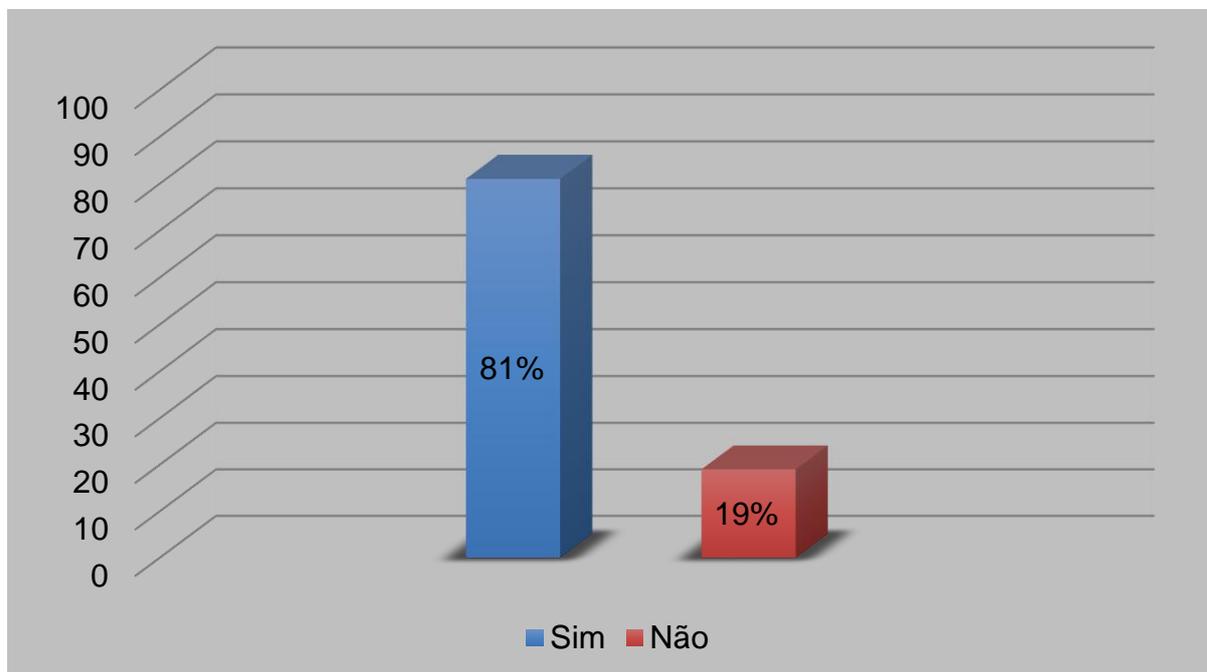
Fonte: A autora, 2017.

Ainda é possível contemplar segundo Valore (2008, p.68) como é delicada a escolha profissional no cotidiano do indivíduo:

Fatos observados, no cotidiano das relações de trabalho, como o desemprego, a concorrência acirrada no mercado, as aposentadorias em idade precoce, as condições críticas impostas pelo contexto socioeconômico nacional e internacional, as inovações tecnológicas e científicas, o surgimento contínuo de novas ocupações, a crescente demanda de qualificação profissional (e a desproporcionalidade entre o número de vagas no Ensino Superior e o número de candidatos), as mudanças nos critérios de empregabilidade, bem como aspectos observados no cotidiano das instituições educativas como a evasão no ensino fundamental, médio e, sobretudo, no ensino superior, e os inúmeros pedidos de reopção de curso na Universidade fornecem motivos suficientes para justificar a existência de serviços de Orientação Profissional.

A orientação vocacional é muito mais do que um momento para a descoberta da profissão a seguir, pois juntamente com ela emergem muitos conflitos, estereótipos e muitas vezes, até mesmo o preconceito, são aspectos que necessitam ser trabalhados para sua superação. No entanto, o autoconhecimento é algo que adquire status a partir do que se constrói na relação com o outro e não como algo que acontece a partir de uma reflexão isolada, ela é construída ao longo do tempo, que envolve o social e que se conquista por meio do esforço pessoal. (BOCK et al., 2011).

Gráfico 1- Esse teste contribuiu para seu autoconhecimento?



Fonte: A autora, 2017.

Portanto através dessa pesquisa foi possível verificar o nível de contentamento dos alunos em relação ao teste, sendo que 81% relataram que o mesmo contribuiu para o processo de autoconhecimento e outros 19% descreveram não ter ajudado. No entanto observou-se que a grande maioria dos estudantes se beneficiaram com o teste, pois sabe-se que o autoconhecimento é muito importante para a decisão profissional.

Sendo assim o autoconhecimento “[...] ajuda a entender como "se tem sido", quais são "nossos" valores, habilidades e características pessoais para pensar quem se pretende ser, que aspectos podem/devem ser modificados e que outros, ainda não trabalhados, podem ser desenvolvidos”. (MONTEIRO, 2006, p.3).

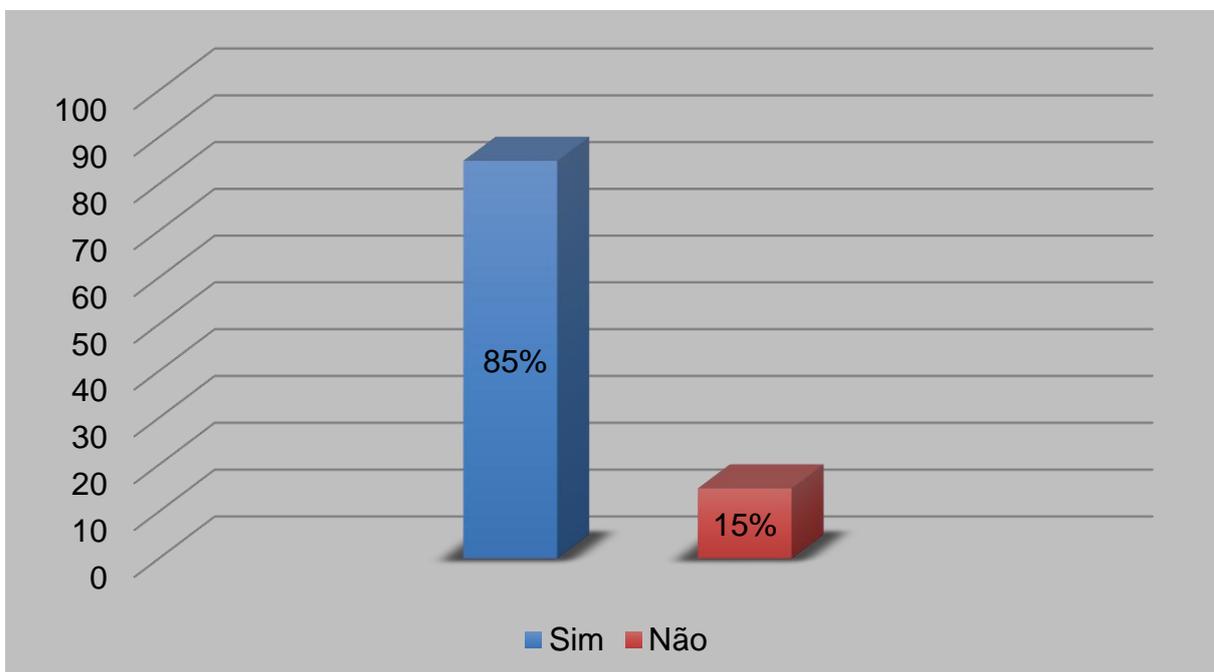
Segundo Neiva (1945 *apud* Moura, 2011, p.23) o autoconhecimento é essencial no momento de escolher uma profissão:

[...] saber “quem eu sou” e “como sou” é que permite escolher “o que fazer” e “como fazer”. É pelo processo de autoconhecimento que o adolescente pode formular aspirações profissionais realistas e compatíveis com suas características pessoais, interesses, potencialidades e habilidades. Para essa autora, conhecer as características pessoais, é fundamental para a formação de uma autoimagem real e autentica, a qual permitirá o desenvolvimento de aspirações profissionais coerentes. [...] O adolescente que tem consciência de suas possibilidades e, também, de suas limitações, tenderá a leva-las em conta, ao estabelecer seu projeto profissional.

Portanto muitos autores apontam que o desenvolvimento do autoconhecimento é o objetivo inicial da orientação, eles não descartam a importância durante o processo, pois até mesmo nas fases em que os aspectos ocupacionais estão sendo abordados, o autoconhecimento pode acontecer pelo confronto em relação as informações específicas de cada profissão. (MOURA, 2011).

Dessa forma, é possível destacar que o autoconhecimento é a chave para uma eficaz orientação vocacional que também contribui para a melhor decisão do indivíduo. Como pode-se perceber é um processo contínuo, que envolve diversos fatores e que precisa levar em consideração todas as características pessoais do estudante. Nesse caso de acordo com a pesquisa realizada identificou-se que o teste realizado proporcionou o autoconhecimento aos alunos e isso dispõe de uma grande valia, pois contribui de certa forma para o crescimento em relação as escolhas profissionais da grande maioria de estudantes.

Gráfico 2- Os resultados obtidos através do teste foram os esperados?



Fonte: A autora, 2017.

A partir desses dados pode-se constatar que 85% dos estudantes relataram ter obtido os resultados esperados no teste, ou seja, pode ser que os resultados obtidos tem conexão com interesses já definidos anteriormente. E outros 15% expuseram que os resultados obtidos não foram os esperados, no entanto esses dados alcançados

podem ter relação com a descoberta de novas habilidades em áreas desconhecidas e com isso o estranhamento no primeiro contato.

Assim sendo, perante esses dados destaca-se a importância da continuidade e abrangência em um processo de orientação vocacional para que aconteça a elucidação de perguntas que ficaram em aberto. Portanto o profissional orientará e questionará o indivíduo diante dos resultados, realizando outras intervenções pertinentes e contribuindo para o autoconhecimento do(a) estudante. Evitando, assim que o mesmo se sinta frustrado ou angustiado perante a escolha profissional.

No campo da orientação [...], os testes podem desempenhar uma função valiosa, mas nunca poderão substituir a função do psicólogo. Por outro lado, é conveniente destacar que não existem testes de orientação vocacional. Existem, sim, testes que, por suas características, permitem ao psicólogo proporcionar dados sobre aspectos mais ou menos específicos da personalidade do sujeito. (BOHOSLAVSKY, 2015, p. 92).

O autor Bock et al. (2011) destaca também o uso adicional de um teste no diagnóstico de orientabilidade, esse sendo psicológico denominado TAT (Thematic Apperception Test) desenvolvido por Henry Murray. O uso do TAT no momento do diagnóstico e do prognóstico pode ser valioso, principalmente quando a entrevista não fornece todas as informações referentes a orientabilidade.

No entanto o autor Tavella, (1962 *apud* Bohoslavsky, 2015, p. 93) informa sobre o uso dos testes em relação ao processo de orientação:

A “tomada de consciência”, que é imprescindível para uma boa escolha, não dependerá da informação obtida pelos testes, mas da validade, aceitação e elaboração das interpretações que o psicólogo formule ao entrevistado sobre seu comportamento, durante o processo de orientação.

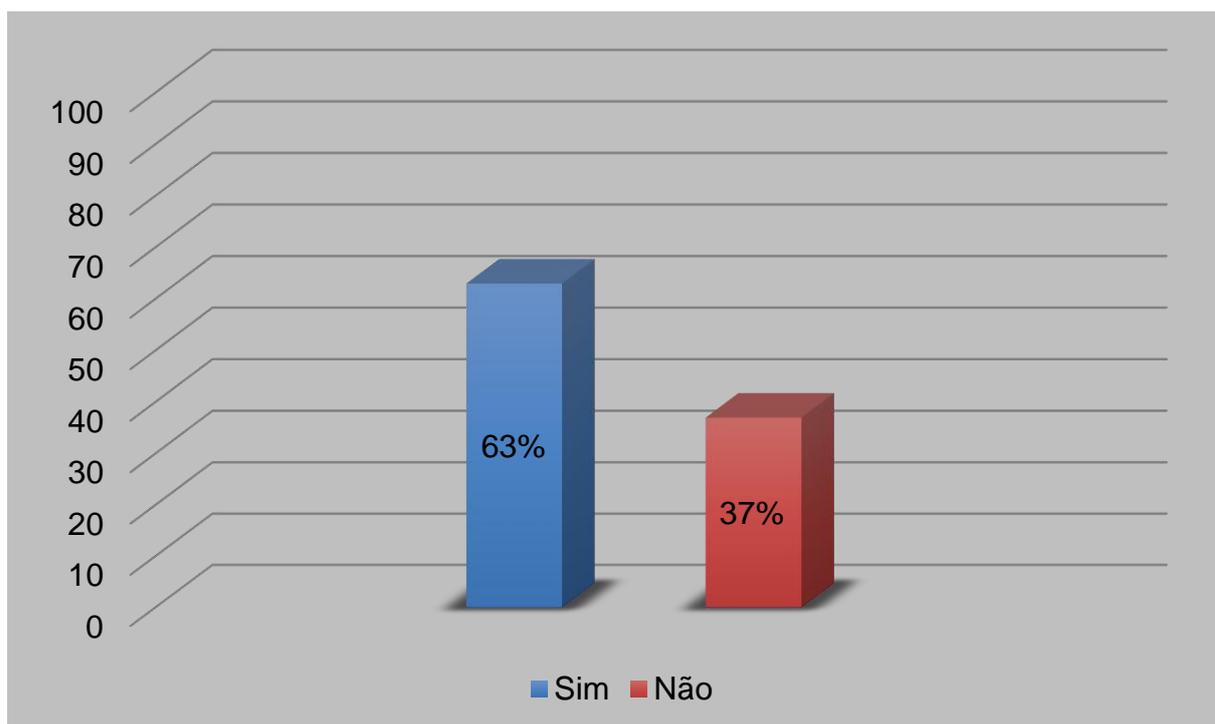
Além disso, cada indivíduo tem sua maneira peculiar de ser, portanto a maneira de trabalhar e os métodos (instrumentos) serão diferenciados para cada um dos casos, sendo que algumas pessoas podem identificar-se em pouco tempo outras podem necessitar de um acompanhamento e orientação mais prolongados, pois cada indivíduo possui seu tempo para se conhecer. Esses são aspectos fundamentais para entender o cliente e produzir um trabalho adequado.

Entretanto os autores Oliveira, Silva e Silva Neto (2009, p. 9302) elencam fatores históricos e sociais envolvidos nesse processo de orientação que devem ser levados em consideração:

Nessa perspectiva, o homem, abordado como um ser histórico e social tem o seu processo de constituição subjetiva atrelado ao meio onde vive e às suas condições de vida nos planos material, social e cultural. Sendo o seu mundo psíquico construído a partir das suas interações com este meio, ou seja, sua subjetividade tem uma origem social. Com tal argumentação, o autor sugere que a adolescência é construída historicamente e tem o seu processo de constituição e duração atrelado e determinado pela forma de organização e estruturação de cada sociedade em particular.

Além dessa características próprias que devem ser levadas em consideração a escolha também implica nas relações com a sociedade como a economia do país no momento, as especializações dentro das carreiras, a suposição da demanda de profissionais em relação a profissão. Como o próprio momento da escolha é socialmente determinado em função dos estudos e a própria preparação para a profissionalização estão inseridos em um sistema global. (BOCK et al., 2011).

Gráfico 3 – A profissão que tinha em mente foi a mesma obtida através do teste?



Fonte: A autora, 2017.

Todavia 63% dos alunos comunicaram que a profissão que tinham interesse foi a mesma adquirida no teste e outros 37% disseram não ser a mesma que procuram conhecer. No entanto é muito comum que não aconteça essa identificação, pois sabe-se que uma avaliação não se restringe somente a resultado de um teste. Por outro

lado o número de pessoas que se identificaram-se foi significativo em relação aos resultados do teste.

Assim em todos os contextos, características subjetivas de cada indivíduo devem ser analisadas para que o profissional consiga entender os resultados ou até mesmo as discrepâncias dos resultados obtidos nos testes. “Do ponto de vista clínico, também devemos prestar atenção ao significado dado pelo entrevistado a aplicação de testes psicológicos, pois o comportamento do sujeito, numa situação de teste, também tem seu “teste”, “contexto” e “subtexto”.” (BOHOSLAVSKY, 2015, p.93)

Além de tudo, a decisão envolve uma certa dificuldade, principalmente com os adolescentes, pois enfrentam as dificuldades próprias da fase, tendo que administrar todas as mudanças que ocorrem: corporais, psicológicas e sociais. Eles também precisam fazer a escolha profissional. Decidir-se por uma profissão parece complicado, porque existem diversas ocupações a serem consideradas nesse processo. (MOURA, 2011).

[..] pensamos haver na demanda da orientação [...] um pedido de ajuda sobre a dúvida, entendida como um conflito entre aquilo que o jovem deseja, isto é, aquilo que escolhe, e os obstáculos a esse desejo. Dentro do referencial da psicanálise, o objetivo da orientação está, portanto, voltado para a compreensão da dúvida e de seus desdobramentos: o desejo do jovem e os obstáculos a esse desejo. (BOCK et al., 2011, p.134).

Sabendo que a orientação vocacional realizada por um psicólogo é de extrema importância, convém as escolas, pais, profissionais e a sociedade em um geral auxiliarem principalmente os jovens nessas escolhas. Portanto, os resultados dessa pesquisa a campo demonstrou que essa é uma temática importante para o crescimento profissional. Portanto mais estudos podem ser feitos dentro dessa área para que o interesse e conhecimento sobre o tema agreguem mais informações, com isso acontecerá o desenvolvimento da área de uma forma ampla do fenômeno.

REFERÊNCIAS

BOCK, Ana Mercês Bahia (Org). et al. **A escolha profissional em questão**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

BOHOSLAVSKY, Rodolfo. **Orientação vocacional: a estratégia clínica**. 13 ed. São Paulo: Martins Fontes- selo Martins, 2015.

FERNANDES, Bruno (Org). et al. **Influências no processo de orientação profissional.** O portal dos psicólogos: 2011.

Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0264.pdf>>. Acesso em: 12 de set. de 2017 às 11:55 horas.

JORDANI Paulo Sergio (Org). et al. **Fatores determinantes na escolha profissional:** um estudo com alunos concluintes do ensino médio da região Oeste de Santa Catarina. Revista ADMpg Gestão Estratégica, Ponta Grossa, v. 7, n. 2, p.25-32, 2014. Disponível em: <www.admpg.com.br/revista2014_2/Artigos/3%20-%20Artigo_3.pdf>. Acesso em 30 de ago. de 2017 às 11:47 horas.

LUZ, Ariele Faverzani da; MARIUZZI, Janaina; GELAIN, Denise.

Orientação vocacional e adolescência: encontros e desencontros com a profissão. A arte de fazer ciência: problematizar, pesquisar e publicar-VIII Mostra de Iniciação Científica IMED, 2014. Disponível em: <https://www.imed.edu.br/Uploads/micimed2014_submission_27.pdf>. Acesso em: 10 de out. de 2017 às 15:30 horas.

MIGUEL, Godeardo Baquero. **Métodos e técnicas de orientação educacional.** 5 ed. São Paulo: Edições Loyola, 1975.

MONTEIRO, Mariliane Adriana. **O autoconceito e a escolha profissional.** Campus Santo Ângelo/RS: Fórum Internacional integrado de cidadania- educação, cultura, saúde e meio ambiente: Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, 2006. Disponível em: <http://www.urisan.tche.br/~forumcidadania/pdf/O_AUTOCONCEITO_E_A_ESCOLHA_PROFSSIONAL.pdf>. Acesso em: 31 de out. de 2017 às 15:30 horas.

MOURA, Cynthia Borges de. **Orientação profissional.** 3 ed. Campinas, SP: Editora Alínea, 2011.

OLIVEIRA, Wanderlei Abadio de; SILVA, Jorge Luiz da; SILVA NETO, Walter Mariano de Faria. **A escolha profissional na adolescência:** motivações e apontamentos para a atuação em psicopedagogia. Curitiba: IX Congresso Nacional de Educação- EDUCERE III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia, 2009.

SHEILA Maria Rosin. **Psicologia da aprendizagem de jovens e adultos.** Maringá – PR: Cesumar- centro universitário de Maringá, 2012.

Disponível em: <<http://www.ead.cesumar.br/moodle2009/lib/ead/arquivosApostilas/1244.pdf>>. Acesso em: 12 de set. de 2017 às 11:06 horas.

VALORE, Luciana Albanesa. **A problemática da escolha profissional:** a possibilidades e compromissos da ação psicológica. Rio de Janeiro: Scielo Books, 2008. pp. 66-76. ISBN: 978-85-99662-88-5. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/hn3q6/pdf/silveira-9788599662885-07.pdf>>. Acesso em: 31 de out. de 2017 às 10:44 horas.

ZAVARESE, Taís Evangelho. **O papel da orientação profissional na escolha profissional do adolescente.** O portal dos psicólogos:2008.

Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0446.pdf>>

Acesso em: 06 de set. de 2017 às 10:39 horas.

OBSERVAÇÃO, INTERVENÇÃO E RESULTADOS EM UMA ESCOLA DE PORTO UNIÃO/SC

Adrielen Larissa Zamboni¹
Natalie de Castro Almeida²

RESUMO: Sabemos que a Psicologia Escolar é uma área relativamente nova e que está em constante expansão, visto que com o passar do tempo os psicólogos estão conseguindo um espaço fixo no quadro de funcionários nas instituições de ensino. A formação acadêmica acaba por ser o ponto chave deste crescimento no ramo da Psicologia, pois é através das universidades que inserem os alunos nas escolas e instituições de ensino para que sejam realizadas investigações de problemas e realizações de práticas educativas que são influências positivas que contribuem para que então haja expansão da área. Desta forma, analisamos a grande importância deste profissional nas escolas, notou-se a necessidade de observar e intervir positivamente no comportamento e aprendizado dos alunos durante o Estágio Básico dos graduandos do curso de Psicologia. Este momento na escola favoreceu o entendimento da interação entre alunos, alunos e professores e alunos com a comunidade escolar em geral. Por isso para que futuramente tenhamos bons profissionais psicólogos capacitados, vê-se a importância de propor uma intervenção de acordo com a instituição de ensino e suas necessidades, onde deste modo teremos bons resultados para os jovens de nossa futura geração. Podemos ver então que as escolas são ambientes com grande valia na aprendizagem e aquisição de informações para futuros profissionais da Psicologia, em que esta interação com as instituições de ensino possibilita um conhecimento teórico-prático desta vivência da realidade da atuação do psicólogo na área da educação. Durante a realização do estágio, os acadêmicos em campo, podem ter contato direto com toda a comunidade escolar, ampliando conhecimentos e a comunicação com os mesmos, se adequando ao real funcionamento, podendo refletir e se aprofundar em questões que apenas podem ser notadas e entendidas quando estão inseridos no meio educacional.

Palavras-chave: Estágio Básico. Psicologia. Psicologia Escolar. Intervenção.

ABSTRACT: We know that School Psychology is a relatively new area that is constantly expanding, since with the passage of time psychologists are achieving a fixed space in the staff in the educational institutions. Academic training turns out to be the key point of this growth in the field of Psychology, because it is through universities that students are inserted in schools and educational institutions to carry out investigations of problems and achievements of educational practices that are positive influences that contribute to that there is expansion of the area. In this way, we analyzed the great importance of this professional in the schools, it was noticed the need to observe and intervene positively in the behavior and learning of the students during the Basic Stage of the graduates of the Psychology course. This moment in the school favored the understanding of the interaction between students, students and teachers and students with the school community in general. Therefore, in order to have good professionals trained psychologists in the future, we see the importance of proposing an intervention according to the educational institution and its needs, where we will have good results for the young people of our future generation. We can see then that the schools are environments with great value in the learning and acquisition of information for future professionals of Psychology, in which this interaction with the educational institutions allows a theoretical-practical knowledge of this experience of the reality of the psychologist's performance in the area of education. During the internship, academics in the field can have direct contact with the entire school community, expanding knowledge and communication with them, adjusting to the actual functioning, being able to reflect and delve into issues that can only be noticed and understood when they are inserted in the educational environment.

KEYWORDS: Basic Education. Psychology. School Psychology. Intervention.

¹ Acadêmica do Curso de Psicologia das Faculdades Integradas do Vale do Iguaçu – UNIGUAÇU, União da Vitória, Paraná, Brasil.

² Psicóloga e professora supervisora do estágio básico II, curso de Psicologia, das Faculdades Integradas do Vale do Iguaçu – UNIGUAÇU, União da Vitória, Paraná, Brasil. Graduada em Psicologia, Perita em Psicologia do Trânsito, Pós-graduada em Neuropsicologia e Especialista em Psicologia do Trânsito.

INTRODUÇÃO

Sabemos que a Psicologia escolar tem passado por diversas reformulações e críticas com o passar dos anos, de forma que as práticas possíveis de atuação foram bastante instáveis. Guzzo (2010) como citou acima, ainda acrescenta os acontecimentos históricos desde a primeira república, que se iniciou em fins do século XIX, foram cenários para a criação de novas políticas e reflexões sobre o papel da Psicologia na educação. Assim, a própria Psicologia, enquanto ciência, no final do século XIX, acontecia predominantemente em laboratórios, sem haver necessariamente, o contato com a realidade escolar.

Segundo Souza (2010), as opções teórico-metodológicas para a aproximação da escola ao psicólogo escolar têm-se dado na direção de analisar a vida diária da escolar, as formas, as maneiras, as estratégias e os processos que constituem o cotidiano da escola e suas relações. É nesse espaço que contém contraindicações, conflitos e esperanças. Deste modo, a psicologia escolar é uma área aplicada e cabe ao psicólogo à ação transformadora, necessitando da compreensão para chegar a uma atuação precisa.

Analisando assim a importância da Psicologia Escolar, vê-se a necessidade de observar e intervir positivamente no comportamento dos alunos de uma determinada escola de educação básica na cidade de Porto União-SC, que ocorreu entre os meses de agosto de novembro de 2017, através do Estágio Básico III, com uma acadêmica do curso de Psicologia das Faculdades Integradas do Vale do Iguaçu. Obteve-se então como base os fundamentos da Psicologia Escolar, dinâmicas em grupo e técnicas de observação, que foram necessários para o desenvolvimento do estágio, contemplando os acadêmicos com um válido e proveitoso aprendizado, além da possibilidade de entrelaçar a teoria com a prática.

DESENVOLVIMENTO

Um dos pontos mais visíveis durante o decorrer do estágio foi a indisciplina, em que La Taille (1996) considera a indisciplina em sala de aula como decorrente do enfraquecimento do vínculo entre moralidade e sentimento de vergonha; e este enfraquecimento explica diversos comportamentos dos alunos considerados indisciplinados, como conversas durante explicações que acabam interrompendo os

professores. Podemos dar atenção ainda a maneira como expressa Aquino (1998), citando que o comportamento indisciplinado do aluno sinalizaria que algo na escola e/ou na sala de aula ou algo externo não vai bem, sabendo que não devemos culpar apenas o aluno, mas analisar o contexto como um todo para ver o que não está bem e como pode-se resolver.

Podemos acrescentar Freller (2001), complementando acerca do assunto que:

A indisciplina é definida como uma forma que as crianças têm de comunicar que algo não vai bem. Para esta autora, por trás do comportamento do aluno, existem problemas de alguma natureza, sejam psicológicos, familiares ou que se referem ao cotidiano da sala de aula. Tanto a família quanto a escola precisam estar atentos aos sentimentos, medos, dúvidas e necessidades que a criança comunica constantemente, através do seu comportamento.

Já Garcia (2002) e Amado (2001), compreendem que a indisciplina em sala de aula é algo construído, ou seja estabelecido na escola, onde os alunos indisciplinados possuem atitudes, expectativas, forma de se relacionar e aprender, que podem ou não ser correspondida pelos demais.

Para Garcia (2002, p. 376), indisciplina:

[...] se refere às condutas, atitudes, modos de socialização, relacionamentos e desenvolvimento cognitivo, que demonstram os estudantes, e que tendem a não reproduzir, divergir ou mesmo negar as orientações, expectativas ou oportunidades apresentadas pela escola.

Amado (2001) conceitua indisciplina:

[...] indisciplina é uma realidade construída na própria aula, resultante de um processo de interação entre os participantes, professores e alunos, possuindo todos eles expectativas mútuas, percepções e pontos de vista muito próprios de tudo o que acontece com eles e à sua volta. (COHEN; COHEN, 1987; ATKINSON et al, 1988 apud AMADO, 2001, p. 35).

Ferreira (2012) também propõe pensar que o aluno com sua função sentimento mais diferenciada, necessita em seu processo de aprendizagem e nas relações estabelecidas em sala de aula, de um contato mais afetivo. Quando esse aluno não consegue estabelecer um vínculo com seu professor como, por exemplo, quando esse não lhe proporciona atenção em sala de aula, não o valoriza, poderá apresentar dificuldades de relacionamento. Desta maneira a autora salienta que a indisciplina na relação professor-aluno pode ser compreendida de forma inadequada de expressão do aluno que possui um sentimento com diferenciais e então sua aprendizagem e socialização não foram supridas ou respeitadas.

Deste modo, para que possamos entender a indisciplina do aluno e quais são os motivos que causam determinado comportamento, faz necessário ter uma boa comunicação com o aluno, de modo com que ele consiga expressar e relatar o que acontece. Mas para que se tenha um resultado efetivo nesta comunicação do aluno para com os outros, mostrando e expressando o que não vai bem e os incomoda, é necessário que o indivíduo tenha autoconhecimento sobre si mesmo, sabendo ter empatia, controlar suas emoções e principalmente saber o que lhes causa estresse. Minto e Cols (2006) citam que:

Autoconhecimento é a capacidade de reconhecimento que cada indivíduo tem em si mesmo, das suas habilidades e limites; relacionamento interpessoal é a habilidade de fazer, manter, aprofundar e terminar um relacionamento; empatia é a capacidade de se colocar no lugar do outro, imaginando como este se sente, procurando compreender e não julgar; lidar com os sentimentos diz respeito à capacidade de reconhecer as próprias emoções e as do outro, tomar consciência de quanto elas influenciam o comportamento e como manejá-los adequadamente; lidar com o estresse é a capacidade de reconhecer as fontes de estresse e identificar ações para reduzi-las ou eliminá-las; comunicação eficaz é quando agimos assertivamente com as opiniões, os sentimentos, as necessidades e os desejos; pensamento crítico é definido como a capacidade de analisar informações e/ou situações a partir de diferentes ângulos; pensamento criativo é quando temos a capacidade de explorar alternativas disponíveis no dia a dia; tomada de decisão é quando analisamos os benefícios, riscos e consequências de uma situação; resolução de problemas é a capacidade de enfrentar construtivamente as situações adversas, utilizando capacidades pessoais e recursos do meio.

Este autoconhecimento acaba por proporcionar aos (as) alunos (as) um momento de reflexão muito válido, em que muitas vezes nós mesmos acabamos por não parar e refletir e analisar nossos gostos, sentimentos, emoções, além de nossas aptidões, conhecendo sempre nossos limites, até onde podemos ir. Com isso, o público que realizar a atividade, terá um momento de se autoconhecer e se autoanalisar, percebendo também quais atitudes são corretas, quais não e que influenciam positiva ou negativamente nos objetivos pretendidos.

O trabalho realizado sobre autoconhecimento com os (as) alunos (as) do segundo ano do ensino médio, para que possa se entender nesta fase da adolescência, em que estão em constante mudança e no final do desenvolvimento da personalidade. Este trabalho proporcionará ao grupo uma troca de experiências, onde o adolescente poderá falar sobre si mesmo, seus sentimentos, crenças e atitudes, que favorece o desencadear de habilidades sociais, favorecendo o desenvolvimento no ambiente social. (Minto & Cols, 2006).

Através disso, poderão analisar e refletir sobre suas atitudes e neste momento terão a possibilidade de mudá-los, reduzindo a indisciplina em sala de aula. Assim, perceberão o quão prejudicados são pela bagunça e conversas paralelas em aula, que atrapalha a atuação do docente e aprendizado dos demais, alterando as capacidades de comportamento socialmente habilidosos que implicam no conjunto de iniciação e manutenção de conversações; falar em grupo; expressar amor, afeto e agrado; defender os próprios direitos; solicitar favores; recusar pedidos; fazer e aceitar cumprimentos; expressar as próprias opiniões, mesmos desacordos; expressar justificadamente quando se sentir molestado, enfadado, desagradado; saber se desculpar ou admitir falta de conhecimento; pedir mudança de comportamento do outro e saber enfrentar as críticas recebidas. (CABALLO, 1997, CARRACA & BETETTO, 2009).

MÉTODO

Segundo Barreto (2006), o Estágio é uma exigência da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (nº 9394/96), o qual é necessário à formação profissional, com intuito de adequar a formação às expectativas do mercado de trabalho, onde o futuro profissional irá atuar, sempre aliando a teoria à prática.

Durante o estágio, podemos ter o primeiro contato com alunos e professores em um de nossos campos de atuação. Desse modo, poderemos entender qual a importância da escola, aluno, professor e todo o processo educacional, seja na formação acadêmica ou experiência primária. Como cita Rossi (2012):

O estágio é um meio que pode levar o acadêmico a identificar novas e variadas estratégias para solucionar problemas que muitas vezes não imaginávamos encontrar em nossa área profissional. Com isso desenvolvemos mais o raciocínio, a capacidade e o espírito crítico, além de toda a liberdade do uso da criatividade.

Deste modo, o estágio básico III teve como objetivo a obtenção de horas necessárias para a complementação do curso de Psicologia na Uniguaçu, supervisionado pela professora Natalie de Castro Almeida. O estágio foi realizado em uma escola de educação básica da cidade de Porto União, que atende à demanda de alunos a nível de Ensino Médio e Profissionalizante, onde a estagiária tinha como propósito cumprir 48 horas, dividido entre supervisões na faculdade, observações e

intervenção no campo de estágio, onde a intervenção foi proposta pela mesma de acordo com as observações realizadas.

Primeiramente o estágio iniciou com supervisões para obtenção de conhecimento sobre como agir e como iria proceder o momento em campo. Posteriormente aconteceu o contato com a instituição que ocorreria o estágio como um todo, observações e intervenção. No próximo momento, iniciou-se então as observações da turma escolhida, que ocorreu no mês de agosto/2017, durante 5 dias corridos, no período matutino. Através das observações notou-se que na turma há bastante indisciplina e que pouco se era feito para mudar a situação. Pode-se observar também que os professores já estavam em um momento em que não havia mais punição que tivesse solução parcial ou integral.

Nos momentos de observações, notou-se que não havia muita consideração da parte da equipe pedagógica e direção da escola em que ocorreu o estágio, onde não avaliavam e procuravam entender o que acontecia com os alunos para que pudessem chegar a determinadas soluções, visto que a indisciplina é algo que acontece por motivo de influências externas. Deste modo a indisciplina dos alunos do 2º ano do ensino médio era constante em determinadas disciplinas, podendo ser então a maneira e atitudes de alguns professores em sala.

Desta maneira, a acadêmica observou que este mal comportamento era devido aos alunos não obterem autoconhecimento suficiente para lidar com as mudanças que ocorreram e ainda ocorreram nesta fase da vida deles. Visto isso, propôs a escola aplicar uma atividade sobre autoconhecimento, em que explanou sobre o assunto para os alunos e então entregou uma folha sulfite com questão sobre o autoconhecimento em que continha questões sobre eles e sobre o que pretendem do futuro. Deste modo, refletiram e analisaram suas atitudes, comportamentos e puderam notar mais a sua própria imagem.

Ter consciência de si corresponde ao comportamento de discriminar comportamentos próprios e variáveis que os controlam. O autoconhecimento é autoconsciência, então, autoconhecimento é auto discriminação de comportamentos e estímulos a eles relacionados. Autoconhecimento é um comportamento verbal discriminativo; expressa um conhecimento sobre o próprio comportamento (Skinner, 1993).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A atividade foi desenvolvida e aplicada no dia 23 de outubro de 2017 e teve duração de 45 minutos. Neste dia haviam cerca de 17 alunos, de ambos os sexos e 3 professoras. A acadêmica iniciou falando sobre o motivo da atividade e qual sua importância para a mesma e logo em seguida explanou sobre o autoconhecimento, explicando e mostrando o quão é importante e necessário para nossas vidas, em qual fase estamos. Neste momento os alunos foram participativos e colaboraram com a explicação.

No próximo momento quando encerrou a primeira parte e entregou a folha para responderem as questões, os alunos acabaram por ficar dispersos, assim como eram em sala, evidenciando a indisciplina. Muitos deles ficaram de brincadeiras e deboches, atrapalhando os demais que queria fazer a atividade. Foi necessário chamar a atenção de alguns, frisando novamente a importância daquele momento para a estagiária, além de que aquilo não era apenas um passatempo.

Pode-se analisar que a atividade não obteve todo o desempenho e qualidade que deveria alcançar, pois faltou colaboração dos adolescentes. Ainda acredita-se ter sido proveitoso para a minoria que normalmente era mais participativa nas aulas e realiza as atividades solicitadas. Entretanto, houve um momento e experiência de grande valia para a acadêmica, que pode visualizar ainda mais a falta de autoconhecimento e de auto controle dos alunos da turma. Da mesma maneira, não se pode esquecer que a escola no geral não preocupa-se com o que ocorre em sala de aula, deixando os alunos sem punição e orientação, deixando os alunos sem voz, o que pode contribuir ainda mais para a indisciplina. É necessário um outro olhar aos alunos, um olhar sobre quem é o homem, como se desenvolve, quais são suas necessidades à medida em que se desenvolve e quais valores são necessários enquanto sujeito em construção.

Nesta situação de indisciplina, cabe também a instituição de ensino como um todo participar de um momento com os alunos, fazendo avaliações da instituição, professores e comunidade escolar em geral, além da auto avaliação dos alunos, que faz com que eles possam analisar suas condutas em meio a escola e professores e que muitas vezes acaba por prejudicar o aprendizado dos mesmos. Isto então

prejudicará também o futuro profissional, em que não terão conhecimentos necessários para chegar aonde almejam e tanto sonham.

O autoconhecimento por fim, proporcionou aos alunos uma reflexão sobre si mesmo, seus atos e atitudes, comportamentos e quais suas influencias na sociedade como um todo que estão inseridos e onde querem chegar da maneira que agem.

REFERÊNCIAS

AMADO, João da Silva. **Interação pedagógica e indisciplina na aula**. Porto: Asa, 2001.

BARRETO, Cristiane Santos. **Relatório do Estágio Supervisionado I**. Vitória da Conquista-BA, 2006. Disponível em: <https://robertaferreira.files.wordpress.com/2010/04/relatorio-de-estagio-c-s-barreto1.pdf> Acessado em: 12/09/2017, às 15:36.

CABALLO, Vicente E. **Manual de Técnicas de Terapia e Modificação do Comportamento**. São Paulo: Santos, 1997.

CARRARA, Kester; BETETTO, Mariana de Freitas. **Formação ética para a cidadania: uma investigação de habilidades sociais medidas pelo inventário de habilidades sociais**. Campinas, 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2009000300007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 22 de novembro de 2017 às 11:31.

FERREIRA, Adriana Martins. **A indisciplina na relação professor-aluno: uma análise com base na teoria dos tipos psicológicos de Jung**. Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2012.

GARCIA, Joe. **A gestão da indisciplina na escola**. Lisboa. Universidade de Lisboa, 2002.

GUZZO, R. S. **Psicologia e educação no Brasil: uma visão da história e possibilidades nessa relação.** Psicologia: Teoria e Pesquisa, 2010.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação.** Brasília-DF. 1996. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf
Acessado em: 20/09/2017 às 16:48.

ROSSI, D. F. **A importância do estágio supervisionado.** São Paulo: ETEC de Tiquatira, 2012. Disponível em: <http://www.etectiquatira.com.br/estagio.pdf> Acessado em: 12/09/2017, às 14:53.

SKINNER, B. F. **Ciência e comportamento humano.** São Paulo, 1993. Martins Fontes.

OBSERVAÇÕES DE RELAÇÕES ESCOLARES EM ESCOLA PÚBLICA NO INTERIOR DO PARANÁ

Suelen Dulce Franco¹
Natalie de Castro Almeida²

RESUMO: O referente artigo foi baseado em uma pesquisa realizada em uma sala do 8º ano do ensino fundamental de uma escola pública do município de Paula Freitas – Estado do Paraná. Através da observação científica e direta, com embasamento teórico, determinou-se analisar o ambiente e o clima dentro da sala de aula, a relação entre professor/aluno e aluno/aluno e as dificuldades encontradas no processo de ensino, sendo o objetivo a partir destas, analisar a situação e elaborar uma hipótese diagnóstica. Foram identificados problemas como a indisciplina, falta de motivação dos alunos, uso de celular para fins não didáticos e uma causa secundária; o estresse dos professores, deste modo prejudicando significativamente o processo de ensino aprendizagem e sua efetividade. A partir desta análise e diagnóstico foi realizada a proposta de intervenção, do qual envolveu os 16 alunos presentes, sendo que a mesma teve como enfoque questões de seguir ordens, sensibilidade, motivação e construção de identidade, pré-conceitos e relações interpessoais. A intervenção ocorreu de modo positivo.

PALAVRAS-CHAVE: Psicologia. Ensino fundamental. Indisciplina. Desmotivação.

ABSTRACT: The article was based on a research carried out in a room of the 8th year of primary education of a public school in the municipality of Paula Freitas - Paraná State. Through scientific and direct observation, with theoretical basis, it was determined to analyze the environment and climate within the classroom, the relationship between teacher/student and student/student and the difficulties encountered in the teaching process, being the objective to analyze the situation and develop a diagnostic hypothesis. Problems such as indiscipline, lack of motivation of students, use of cell phones for non-didactic purposes and a secondary cause were identified; the stress of the teachers, thus significantly harming the process of teaching learning and its effectiveness. From this analysis and diagnosis the intervention proposal was carried out, involving the 16 students present. The focus of this study was on following orders, sensitivity, motivation and identity construction, preconceptions and interpersonal relationships. The intervention occurred in a positive way.

KEY WORDS: Psychology. Elementary School. Indiscipline. Demotivation.

1 INTRODUÇÃO

É comum na atualidade encontrar nas salas de aula falta de motivação dos alunos, onde não demonstram interesse pelos conteúdos abordados pelos professores, não se interessam em realizar as atividades propostas ou prestar atenção na explicação dos mesmos. Segundo Piaget (1996) a aprendizagem deve ser significativa, e para que isto ocorra, a interligação entre aluno, conteúdo e professor são essenciais, para ele, o conteúdo precisa ser claro relevante e apresentar funcionalidade para aquele aluno e este precisa estar motivado para aprender, e o

¹ Acadêmica do Curso de Psicologia das Faculdades Integradas do Vale do Iguaçu – UNIGUAÇU, União da Vitória, Paraná, Brasil.

² Psicóloga e professora supervisora do estágio básico II, curso de Psicologia, das Faculdades Integradas do Vale do Iguaçu – UNIGUAÇU, União da Vitória, Paraná, Brasil. Graduada em Psicologia, Perita em Psicologia do Trânsito, Pós-graduada em Neuropsicologia e Especialista em Psicologia do Trânsito.

professor ser a ponte, para instigar e levar o aluno a construir seu conhecimento a partir dos já existentes (COLL, PALÁCIOS E MARCHESI, 1996).

Para Piaget (1996) o principal agente do processo de aprendizagem é o aluno, é ele quem irá construir o conhecimento, a partir de um conteúdo que está lhe apresentando utilidade e interesse onde ele irá poder fazer ligações com conteúdo existentes e tornar mais complexo seus esquemas mentais. Para isto, a motivação deste aluno é essencial, caso isto não ocorra haverá apenas uma memorização do conteúdo que com o tempo irá ser excluído da memória (COLL, PALÁCIOS E MARCHESI, 1996).

É um grande desafio, conseguir passar por estas transformações, lidar com diversas demandas de alunos, equilibrar problemas sociais e familiares sem deixar interferir no seu trabalho ou vice-versa, de modo que o docente sente-se sobrecarregado e sem auxílio em situações estressoras, de modo que problemas mais sérios podem aparecer.

2 DESENVOLVIMENTO

A motivação pode ser extrínseca, quando realiza-se uma tarefa interessado em recompensas externas ou sociais, como o objetivo de agradar os pais e professores, para ter reconhecimento externo, elogios ou evitar punição e a motivação intrínseca, que é aquela direcionada para dentro, o aluno realiza as tarefas porque é interessante e geradora de satisfação, alunos com este tipo de motivação trabalham nas atividades, pois as consideram agradáveis. É um desafio proporcionar subsídios para que estes alunos sintam-se intrinsecamente motivados, pois não demonstram nem motivação extrínseca, outro fator a se levar em conta é a fase da adolescência, onde esta é marcada por frustrações, temores, dúvidas, expectativas, construção de valores, em que se acentua a busca da formação da identidade, e que esta depende das circunstâncias sociais, culturais e históricas, que podem facilitar ou dificultar esse processo (BERTOL e SOUZA, 2010; SIQUEIRA e WECHSLER, 2016).

Segundo MONTEIRO et. al. (2010), o que pode vir acarretar este fato, são diversos fatores, dentre eles o ambiente da sala de aula, as atitudes do professor, os aspectos emocionais, as questões relacionadas à falta de envolvimento do aluno com

situações de aprendizagem, o uso inadequado de estratégias de aprendizagem, entre outras.

Uma grande problemática de muitos colégios é a indisciplina, segundo VASCONSELLOS (2004); muitas escolas trabalham com uma disciplina autoritária, levando a punição e a construção de uma disciplina obrigatória, não deixando o aluno “pensar” “criar” “falar”, tendo um controle sobre o mesmo, mas não obtendo a disciplina consciente e levando os alunos a se revoltarem contra o “sistema” imposto. A alienação é presente, tendo um sistema rígido de controle, buscando uma obediência obrigatória, mas não é este tipo de disciplina ideal, o que se busca é:

Conseguir o autogoverno dos sujeitos participantes do processo educativo, e dessa forma as necessárias condições para o trabalho coletivo em sala de aula (e na escola), onde haja o desenvolvimento da autonomia e da solidariedade, ou seja, as condições para uma aprendizagem significativa, crítica, criativa e duradoura. Almejamos uma disciplina consciente e interativa, marcada pela participação, respeito, responsabilidade, construção do conhecimento e formação do caráter e da cidadania (VASCONSELLOS, 2004, p.49).

Dessa forma, afirmando que a disciplina deve sim, apontar os limites, como já faz, mas também mostrar as possibilidades que geralmente estão esquecidas. Não há como impor a disciplina a alguém, e nem o aluno por si só espontaneamente disciplinar-se, é um processo de construção e troca mútua, mediados pela realidade. O professor pode assumir a responsabilidade da disciplina, levando a classe progressivamente a assumi-la também, ocorrendo um processo de construção da auto regulação do sujeito e do grupo, que ocorre pela interação social, transformando e adaptando para atingir conscientemente um objetivo (REBELO, 2003; VASCONSELLOS, 2004).

Outra problemática presente nas salas de aula é o uso de celular em momentos inadequados para fins não didáticos, como uso de redes sociais. Este fator também esta integrado no processo de conscientizar e motivar o aluno a deixar o celular desligado e focar na aprendizagem:

O professor e a escola devem trabalhar para que essa tecnologia possa ser utilizada pelos alunos de forma consciente e ética. É necessário ensiná-los que poder acessar as informações por um celular onde e quando quiserem não significa que eles devam fazer isso a todo momento. Como o uso desses aparelhos faz parte hoje da construção da identidade desses jovens, a escola pode partir desse interesse para se aproximar desses estudantes. Menosprezar a cultura que os alunos trazem da sua realidade é desperdiçar uma oportunidade de diálogo e parceria. A escola pode trabalhar com os

alunos para o uso consciente da tecnologia, dando base para uma sociedade mais colaborativa, inteligente e criativa (NAGUMO, 2014, p. 91).

Percebe-se que “lutar” contra é uma das tentativas, mas mostrou-se mais efetiva adequar este uso, trabalhar utilizando-a a favor, como auxílio para assim tentar “chamar” estes alunos e orienta-los no mundo virtual, a fim de utilizá-lo como uma ferramenta, dando possibilidade de uso devido e limites referente à quando, como e porque.

Devido a todas estas questões problemáticas já mencionadas, ocorre uma causa secundária, o estresse dos professores. Segundo o IPCS³ o stress atinge cerca de 32% da população adulta brasileira, e segundo o mesmo instituto, 40% dos docentes apresentam stress. As principais fontes causadoras são a quantidade de mudanças ocorridas na profissão, novas tecnologias, a necessidade de se adaptar, a generalização do seu trabalho, atuar em várias áreas, que muitas vezes não é sua especialização ou trabalhar com alunos desmotivados, desrespeitosos, excesso de alunos, pais que não apresentam interesse e não colaboram na construção do conhecimento de seu filho, muitas vezes a escola também não apresenta condições básicas de segurança e de ensino e o salário inadequado. O profissional se sente desmotivado, e os sintomas físicos e psicológicos aparecem, refletindo na sua vida pessoal e profissional. Cansaço físico e mental aparecem como principais sintomas, acarretando problemas em várias áreas da vida do profissional, e desencadeando doenças fisiológicas (SANTOS et.al, 2014).

SANTOS et. al (2014, p. 1) em seu artigo sobre o estresse como fator na qualidade de vida dos professores e baseado em uma citação de Paulo Freire, argumenta que:

O professor precisa apresentar inovações capazes de adaptar-se às transformações impostas pela sociedade, necessita ter amplitude de visão da realidade, liderança, criatividade, entre outras, para que ocorra nos alunos a transformação frente à sociedade.

No modelo quadrifásico de Lipp, Stress passa por quatro fases, de alerta, de resistência, de quase exaustão e exaustão, em um primeiro momento, o stress é considerado positivo, pois causa um desequilíbrio interno, a adrenalina é liberada e a pessoa se conseguir lidar com a situação usa-a a seu favor, utilizando a energia para

³ Instituto de Psicologia e Controle do Stress

produzir, e depois do desconforto gerado, volta a homeostase interna e uma sensação de bem-estar aparece. Se esta pessoa não esta conseguindo lidar bem o estressor e este permanece por um período longo, a sensação boa da primeira fase desaparece, e o organismo usa toda a reserva de energia para se equilibrar novamente. A fase de quase exaustão acontece a quebra do limite gerenciável, o organismo não se equilibra mais, ainda consegue trabalhar, ser funcional em alguns momentos, mas já esta vulnerável a doenças e estas começam a aparecer, ansiedade toma conta. Na ultima fase o indivíduo não é mais funcional e chega a exaustão psicológica, doenças graves podem aparecer e os sintomas aumentam, a pessoa não consegue lidar mais sozinha com a situação e precisa de ajuda (SANTOS et.al, 2014).

Percebe-se que esta doença que atinge muitos professores, precisa ser levada em conta e trabalhada, políticas de prevenção e auxilio deveriam ser feitas, e uma atenção especial aos primeiros sintomas para que não prejudique e avance, tornando o profissional improdutivo e levando a exaustão geral. Como já foi mencionado acima, por inúmeros fatores, falta de valorização da profissão pelo meio social, financeiro, estímulos estressores, entre outros, este profissional sente-se desmotivado na realização do seu trabalho. É um grande desafio ser professor nos dias de hoje (SANTOS, 2014).

A motivação é um aspecto tão importante para o aluno como para o professor, este agente na sala de aula é capaz de motivar ou desmotivar seus alunos também, percebe-se que professores que gostam do que fazem, são motivadores, estão sendo reconhecidos, inspiram alunos, mostram a paixão por uma profissão que acarreta nos alunos à vontade por aprender aquilo, já o professor que esta ali sem motivação acarreta apatia em seus alunos. Quando se ama aquilo que faz, esse amor transporece, transborda sobre tudo que fala, faz e ensina (SANTOS, 2014).

Para que se tenha cada vez mais profissionais que inspiram e motivem seus alunos, a profissão precisa ser valorizada, tanto no meio social como dentro da própria instituição, suporte psicológico aos professores, ouvi-los, debater, trabalhar unificado dentro do colégio, para que se consiga buscar estes alunos desorientados em um mundo que oferece pouco aos seus olhos, quebrar muros e correntes e mostrar que há um mundo inteiro de possibilidades.

3 MÉTODO

A intervenção iniciará com uma dinâmica de aquecimento, denominada “Como seguir instruções”, esta possui como objetivo promover um clima de descontração, estimular a atenção e o autocuidado e explorar questões relativas ao tempo e a impulsividade. Será possível ao final desta associar com as características que fazem parte da adolescência, comportamentos de riscos, vulnerabilidade, prevenção e muitos outros assuntos que surgirem no fechamento desta.

O tempo necessário será de aproximadamente 20 minutos, o material necessário será uma caneta para cada integrante e uma folha de “Como seguir instruções” para cada um. O coordenador irá passar para o grupo as instruções:

- a) Desse momento em diante todos devem permanecer em silêncio. Durante a execução do exercício, não é permitido conversar com os colegas.
- b) A folha de exercício deve ser entregue com o lado escrito voltado para baixo. Só serão viradas quando o coordenador disser: “Podem começar”.
- c) A tarefa deve ser feita em menor tempo possível.
- d) O coordenador avisa: “Podem começar”. E marca o horário do início do exercício.
- e) Conforme cada participante for terminando, simplesmente deve virar a folha e permanecer no seu lugar, em silêncio.
- f) O coordenador e/ou assistente passará anotando no verso da folha a ordem do término.
- g) Passados 3 minutos o coordenador informa: “Passaram três minutos, o tempo está acabando”.
- h) Passados 5 minutos o coordenador torna a informar: “Passaram cinco minutos, o tempo acabou. Aqueles que terminaram, por favor, parem, independente do quanto foi respondido”.
- i) Na sequência, o coordenador deixa livre para que todos possam falar. Neste momento, é esperado que alguém aponte a única ordem a ser efetivamente cumprida: “Leia toda a folha antes de fazer qualquer coisa, mas trabalhe o mais rapidamente possível”. Caso não aconteça, o coordenador fala.

A discussão, a partir da ordem que deveria ter sido obedecida, deve contemplar alguns aspectos como: atenção, cuidado, agir por impulso, resultados, consequências, ônus entre outros. O coordenador deve estimular o debate, solicitando exemplos de diferentes situações do cotidiano, nas quais os adolescentes se envolvem. Para tanto, deve tomar cuidado para não emitir pré-julgamentos, preconceitos ou entrar no mérito de juízo de valores. O fechamento será associar as características inerentes a adolescência com a atividade e abrir para discussão sobre como eles são, suas características, se há algumas delas pode estar prejudicando suas vidas e as demais demandas de assuntos que surgirem.

Após o término da primeira dinâmica, realiza-se um relaxamento muscular progressivo seguido de um relaxamento visual para o início da dinâmica de sensibilização.

A intervenção seguirá com uma dinâmica de sensibilização, chamada de “cadeira vazia”, que possui como objetivo possibilitar aos participantes um espaço para autorreflexão e autoconhecimento de si mesmo. Possibilitando dar espaço para uma reflexão de quem eles são e quem gostariam de ser, mobilizando emoções, e colocando a ideia de controle da própria vida e a questão de escolha sobre suas atitudes e comportamentos. O tempo necessário será de aproximadamente 90 minutos. O material necessário será 2 cadeiras vazias no centro da sala, uma de frente pra outra com uma distância de aproximadamente um metro entre elas.

1. O coordenador solicita que o grupo se acomode sentado em círculo. No centro da sala estarão posicionadas as duas cadeiras. Segue o desenvolvimento da dinâmica:
 - a) O grupo ficará em silêncio por 2 a 3 minutos para essa reflexão. O coordenador convida os participantes a refletirem sobre si mesmos e seus objetivos, arrependimentos, medos, angustias, objetivos entre outros;
 - b) Propor ao grupo que pense sobre o seu passado, presente e futuro;
 - c) O que cada um desejava, e o que conseguiu realizar até agora. O que não conseguiu, quais os motivos supostos desses impedimentos. Quais obstáculos concretos foram encontrados. O que acha que está por vir, por acontecer em sua vida;
 - d) Quanto tempo acha que vai demorar para alcançar o que quer;

- e) Como imagina ultrapassar as dificuldades;
- f) Como está se sentindo no momento atual;
- g) Como está o seu projeto de vida;
- h) Como imagina que estará daqui a 5 anos e daqui a 10 anos;
- i) Quais são os seus maiores defeitos e erros sob sua própria ótica;
- j) O que pode, por si mesmo, melhorar.

Depois de transcorrido o tempo de reflexão, cada participante vai ao centro da sala, senta-se em uma cadeira e deixa a outra à sua frente vazia, como e onde está. A pessoa terá de 5 a 8 minutos para falar em voz alta de forma que ela e todo grupo escute o que ela tem a dizer ao seu espelho (cadeira vazia à sua frente) sobre os temas propostos. O coordenador e o(s) assistente(s) devem ajudar se algum participante se perder em suas palavras/ideias. Devem ajudar também na desinibição e agilizar se o participante for muito prolixo.

Discussão: depois que todos os participantes tiverem passado pela experiência de conversarem consigo mesmo, através de cadeira vazia, retirar as duas cadeiras do centro da sala e todos permanecem em círculo para iniciar a discussão.

Serão abordados os seguintes temas, mesmo que não apareçam na fala dos componentes do grupo: viabilidade dos objetivos, projetos e sonhos de vida, que caminho estão traçando para alcançar seus objetivos, o que devem mudar ou alterar para alcançar seus objetivos sejam pessoal, escolar, profissional, emocional, financeiro, espiritual e saúde física, o que está faltando, o que está em excesso, como imagina o seu futuro a curto, médio e longo prazo, o que mais atrapalha (evitar que o grupo projete para o mundo externo todos os obstáculos), e que medidas elas mesmos podem tomar para melhorá-las, perdão a si mesmo, por todas as promessas que fazemos a nós mesmos e não conseguimos até agora. Aproveitar para trabalhar com o grupo o chavão “quando eu crescer”, valorizar esse encontro pessoal, enfatizar para o grupo que neste momento, não há espaço para crítica a outras pessoas.

A última dinâmica é de vivência grupal, busca trabalhar o pré-conceito, a questão de rótulos, apelidos, presentes na sala do referido estágio. O objetivo é Propiciar a vivência e estimular a reflexão acerca de pré-julgamentos. O tempo será de aproximadamente 30 minutos. Os materiais necessários serão fita crepe, fichas em forma de placas com os rótulos.

Seguirá da seguinte maneira: Todos em pé, formando uma fila indiana ou uma roda. Os cartões com os “rótulos” são coladas nas costas dos participantes pelo coordenador e/ou pelo assistente, sem o conhecimento do conteúdo, pelos integrantes.

- a) Na sequência, é solicitando ao grupo que transitem livremente pela sala, porém sem conversar. Toda comunicação deverá ser feita utilizando mímica.
- b) Um colega não pode contar ao outro o que está escrito nas suas costas, porém deve agir com os parceiros de acordo com o “rótulo” que o mesmo ostenta.
- c) Por exemplo: DORMINHOCO – um participante pode pegá-lo pela mão e tentar coloca-lo para dormir; assim como outro pode procurar acordá-lo; através de movimentos.
- d) Todos os participantes devem receber um *rótulo*. E compete ao coordenador ser enfático ao informar que estes *rótulos* não têm nenhuma associação com o comportamento pessoal dos integrantes da equipe, bem como não deve ter conotação pejorativa no decorrer do encontro e, principalmente, após o evento.
- e) À medida que os participantes interagem e o portador do rótulo procura identificar o que lhe foi atribuído, não deve falar. Este deve simplesmente assumir a postura daquilo que lhe foi determinado. Caso não esteja correto, os colegas continuarão a trata-lo de forma compatível. O assistente e o coordenador podem dizer se está ou não correto, nada além disso.
- f) É esperado que exista mais de uma reação á mesma característica.
- g) Deixar que o grupo faça suas observações, sem verbalização, e atuem por 10 minutos no máximo.

Independente de ter ou não descoberto o seu rótulo, este não será retirado. Todos irão retomar seus lugares, sentados em círculo, e um a um discorrerá acerca de experiência vivida; relatando o que as pessoas faziam quando se aproximavam e quais eram suas sensações, sentimentos, seu imaginário e sua conclusão sobre seu rótulo.

À medida que os acertos forem se apresentando, o rótulo é retirado. Aqueles que demonstram maior dificuldade carecem de incentivos para se dirigir ao centro da roda e um ou dois colegas atuarão com a pessoa, visando a facilitar sua percepção

do rótulo a ele atribuído. Caso não consiga, o coordenador retira o seu rótulo, dá para que ele próprio leia e faça as associações com as ocorrências.

Quando todos já tiverem tomado ciência do seu rótulo, abrir espaço para discussão. Ao final, o coordenador sintetiza a experiência do grupo, direcionando o foco para os riscos existentes ao se rotular alguém. Aproveitar para salientar aspectos relativos ao preconceito que tanto podem ser causa como consequência um rótulo e sofrimento a quem o recebe.

Ao final das três dinâmicas, que foram retiradas do livro “Trabalhando em grupo com adolescentes: um guia prático para o dia-a-dia, de Maria Regina Domingues Azevedo, será realizado uma fala com eles sobre a sala de aula, como eles acreditam que esta o andamento, se eles estão aproveitando o tempo e oportunidade, propor atitudes de mudanças e refletir sobre o assunto, ao final encerrar a intervenção.

4 RESULTADOS

A atividade foi realizada na referida turma, contando com a aplicação de um teste de neurolinguística, para identificar qual o estilo de aprendizagem de cada aluno (a), que podem ser através de três formas de obter e reter as informações, visual, auditivo e cinestésico. Como foi possível observar a necessidade exacerbada dos alunos de falar, andar, brincar, cantar, o teste constatou que dos 16 alunos presentes no dia de aplicação, 7 (43,75%) são cinestésicos, obtém e retém a informação com maior facilidade a partir do movimento, 1 (6,25%) é auditivo e cinestésico, 2 (12,5%) são visuais, auditivos e cinestésicos, 1 (6,25%) é auditivo, 3 (18,75%) são visuais e 2 (12,5%) são visuais e cinestésicos. A partir deste dado percebe-se que a maioria necessita de uma abordagem metodológica que trabalhe o movimento, que seja dinâmico, alteração de voz, movimento com braços, que eles possam “pegar” o que estão aprendendo, (na medida do possível), montar, produzir trabalhos manuais, de modo a tentar motiva-los, chamar atenção e tentar buscar a disciplina consciente e interativa que VASCONSELLOS (2004) nos afirma ser o ideal para que o processo de ensino aprendizagem seja efetivo.

No dia da intervenção apresentavam-se 16 alunos, a professora entrou na sala realizou a chamada e os avisou que os mesmo ficariam com a acadêmica durante três

aulas de 45 minutos cada. Foi iniciada a atividade pedindo a colaboração de todos durante o processo de aplicação e questionado se eles estavam dispostos a participar, tendo a afirmação de todos, foi distribuído a folha de “como seguir instruções” virada para baixo e pedido que todos aguardassem a instrução para vira-la. Explicado a atividade e iniciada, apenas uma aluna seguiu a primeira instrução que seria ler toda a folha antes, sendo assim percebeu-se que era apenas para realizar a primeira e segunda instrução que seria colocar seu nome na folha, terminando a atividade por primeiro, os outros foram realizando-as uma por uma, ignorando a primeira instrução. Ao final foi lida com eles a folha, quando perceberam que fizeram as outras instruções inutilmente, ficaram indignados e deram risada. Então foi feita uma fala sobre a importância de existir as regras, de pensar antes de agir, sobre a impulsividade deles, sobre seguir instruções, de forma dinâmica, do qual eles respondiam e acrescentavam a fala.

Como afirma GOMIDE (2014) em seu livro “Pais presentes pais ausentes regras e limites” tanto em casa, quanto na sala de aula as regras são importantes, sendo preciso estas serem estabelecidas de forma consciente e flexível, de modo que possam ser cumpridas e não abrir exceções, pois se as regras forem aplicadas em alguns momentos e em outros não, ocorre reforços intermitentes, ou seja, as vezes concedem o que eles querem abrindo mão das regras, sendo reforçados e outras vezes não, aumentando a probabilidade dos comportamentos ocorrerem e tornando-se mais difícil de extingui-lo.

Depois deste momento foram tiradas as carteiras e sentaram-se em círculo apenas com as cadeiras, depois disso foi iniciado um relaxamento muscular progressivo, seguido de um relaxamento visual, onde 50% conseguiram se concentrar, outros 50% não conseguiram, logo após foi trazido questionamentos sobre quem eles eram, quem foram, quais as mudanças ocorridas, quais seus objetivos de vida, trazendo questões reflexivas aos mesmos, logo após foi pedido para que um de cada vez fosse até o meio, onde estavam duas cadeiras, uma de frente para a outra, e falassem com seu espelho, 65% da sala realizou a dinâmica, o restante não quis falar mas permaneceu na roda e ouviu os colegas. Três depoimentos chamaram atenção. L. um menino de 16 anos, considerado pelos professores como “um dos piores alunos” SIC, que durante as observações demonstrou comportamentos

indisciplinados, falta de respeito com professores e colegas, realizou a dinâmica, falou sobre como ele se vê, “um cara engraçado” SIC e que possui o sonho de ser médico veterinário, foi questionado sobre o que ele estava fazendo para realizar este sonho, se ele considerava importante a escola e o conteúdo que ele estava aprendendo e iria aprender, entre outros pontos de reflexão que foram propostos, após isto ele manteve-se quieto e retornou ao seu lugar.

D. uma menina de 13 anos, falou que não era feliz, que se enxergava diferente de todas as outras meninas de sua idade “eu não sei quem eu sou” SIC, e que “mesmo rodeada de pessoas eu me sinto sozinha, sempre” SIC. Foi questionado como ela se sente em relação a sua sala, “eles me excluem, me sinto muito sozinha” SIC, então foi questionado se ela teria algo para falar á eles, ela disse que sim e continuou “eu gostaria que vocês não me deixassem de lado, me convidassem para os grupos e tivessem mais paciência comigo, nos esportes principalmente, eu tenho muita dificuldade, tenham paciência, por favor, eu não aguento mais só ter dias ruins aqui” SIC, neste momento as expressões faciais eram de espanto, e o silêncio predominou na sala. D. chorou durante toda a sua fala. Após o término da intervenção, D. pediu para conversar com a acadêmica, contou sua historia de vida que envolve abandono materno e rejeição, explicando em partes seu sentimento de inferioridade. Contou que se auto mutila por se sentir culpada pela fato de ser diferente. É falado a ela sobre subjetividade, mencionando que ela não tem culpa pela atitude dos outros, e que iria ser repassado seu caso a equipe pedagógica. É sugerido a D. que faça um diário, onde possa escrever sobre seus sentimentos e acontecimentos.

J. uma menina de 15 anos, iniciou sua fala questionando a acadêmica “quando alguém se corta, isso significa o que?” SIC, é respondido a seu questionamento dizendo que depende de cada caso, mas pode ser uma forma de se auto punir, ela continua “quando meu irmão faleceu eu me cortava” SIC, J. menciona que se sente culpada pela morte do irmão, que ocorreu por acidente, ao explorar mais esta culpa, ela menciona que no dia do ocorrido seu pai culpou ela, sua mãe e irmãos pela morte do referido e então ela assumiu, continuou a falar e contou que para tirar essa culpa que ela carrega, “eu bebo, começa com álcool, dai vai pro cigarro normal e depois... aah você sabe” SIC. É questionado se esta forma de tirar a culpa não trás prejuízos depois, ela afirma que sim mas que é a única maneira que ela encontra de tirar a culpa

por algumas horas. É questionado se ela gostaria de encontrar outra maneira de tirar esta culpa, J. manteve-se em silêncio.

Ao final J. e F. questionam sobre algumas drogas e seus efeitos, é esclarecido algumas dúvidas e proposto retornar ao colégio para realizar rodas de conversa com a sala sobre este tema. Após isto é encerrado a dinâmica, com uma fala sobre autoconhecimento, responsabilidade sobre as escolhas e suas consequências, empatia, entre outros.

Após foi realizado a dinâmica dos rótulos, questionando se todos sabiam o que era rótulos, estereótipos, preconceitos, e assim iniciando a vivência. 80% da sala participou, onde o rótulo ficava nas costas de um aluno e o outro tentava, através de mímica, que ele adivinhasse qual rótulo era. Foi um momento de descontração. Foi encerrado, questionando como foi a experiência, onde mencionaram que gostaram e perceberam o quanto rotulam as outras pessoas.

Ao final foi proposto uma reflexão sobre as três dinâmicas questionando sobre como eles acreditam que estava o andamento da sala, se eles estão aproveitando o tempo e oportunidade, sendo proposto atitudes de mudanças e reflexão sobre o assunto, encerrando a intervenção agradecendo a colaboração de todos.

A devolutiva foi realizada a equipe pedagógica, comentando sobre como foi a intervenção e repassando os casos de D. e J. recomendando psicoterapia as mesmas. A curiosidade sobre as drogas e o uso das mesmas citadas pela aluna foram mencionados, a equipe demonstrou interesse e solicitou que fosse feita a fala sobre drogas com esta turma e com as demais do colégio.

Percebe-se que muitas vezes um momento para ouvir os alunos se faz necessário e eficaz dentro de uma sala de aula, dar espaço para que falem e expressem o que sentem é um modo de olhar para este adolescente, que se encontra em uma fase de transição conflituosa, tentar compreender a dinâmica da sala, como ela funciona e as peculiaridades de cada aluno é algo que faz diferença no processo de ensino aprendizagem.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Maria Regina Domingues. **Trabalhando em grupo com adolescentes: um guia prático para o dia-a-dia**. São Paulo. Atheneu Editora, 2009.

BERTOL, Carolina Esmanhoto; SOUZA, de Mériti. **Transgressões e Adolescência: Individualismo, Autonomia e Representações Identitárias.** Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v30n4/v30n4a12> Acesso em 29 de novembro de 2017.

COLL, César; MARCHESI, Alvaro; PALÁCIOS, Jesús. **Desenvolvimento psicológico e educação.** Vol.2. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

GOMIDE, Paula Inez Cunha. **Pais presentes, pais ausentes: regras e limites.** 13. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MONTEIRO, Rebecca de Magalhães; SANTOS, Acácia Aparecida Angeli dos; ZENORINI, Rita da Penha Campos. **Motivação para aprender: relação com o desempenho de estudantes** Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103863X2011000200003&I Acesso em 09 de setembro de 2017.

NAGUMO, Estevon. **O uso do aparelho celular dos estudantes na escola.** Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/16856/1/2014_EstevonNagumo.pdf Acesso em 09 de setembro 2017.

REBELO, Rosana Aparecida Argento. **Indisciplina escolar: Causas e sujeitos.** 2ª Edição. Petrópolis. Editora vozes. 2003.

SANTOS, Vera Maria Gonçalves Santos, FONSECA, Janete das Graças Gonçalves, MUSSALEM, Marilourdes Maranhão, COELHO, Michelle Fonsêca. **Stress: Fator Influyente na Qualidade de Vida dos Professores do Ensino Fundamental.** Disponível em: <http://www.ismabrasil.com.br/trabalho/17> Acesso em 09 de setembro de 2017.

SIQUEIRA, Luciana Gurgel Guida; WECHSLER, Solange M. **Motivação para a**

aprendizagem escolar, uma possibilidade de medida. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677047120060001000

04 Acesso em 09 de setembro de 2017.

VASCONCELLOS, Celso dos S. **(In) Disciplina, construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola.** 15ª Edição. São Paulo. Libertad, 2004.

OS CAMINHOS DAS ATIVIDADES LÚDICAS NA ADESÃO DA HIGIENE CORPORAL NA PROMOÇÃO DA SAÚDE E DO BEM-ESTAR NO 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Adrielle Caroline Krinski¹
Natalie de Castro Almeida²

RESUMO: O presente artigo tem como tema a higiene e saúde na escola, sendo um assunto emergente dentro do âmbito escolar, onde foi desenvolvido por meio do estágio básico III oferecido pelo curso de Psicologia das Faculdades Integradas do Vale do Iguaçu- Uniguaçu/ União da Vitória, sobre a observação e atividade de intervenção desenvolvida durante os meses de julho a novembro, com os alunos, que contribuem para o bem-estar e uma melhor qualidade de vida dos mesmos. O estudo emerge a partir de uma pesquisa exploratória, teórica bibliográfica apoiada em pesquisa de campo. Participaram da pesquisa, doze crianças de ambos os sexos com idades entre oito e dez anos selecionados pela direção da escola, na Escola Municipal na área rural, regularmente matriculadas no 3º ano do Ensino Fundamental, no município de União da Vitória. Foram realizadas nove observações e atividades em sala de aula totalizando trinta e três horas e trinta e cinco minutos horas/aula, no período do 3º e 4º bimestre do ano letivo de 2017. Observaram-se várias peculiaridades, porém abordam-se com maior ênfase os aspectos da falta de higiene corporal, onde buscou-se saná-las no decorrer da atividade interventiva, com utilização da estratégia lúdica, associados a vários recursos didáticos confeccionados pela própria bolsista. A experiência permitiu conhecer as diversas características das crianças e planejar orientações compreensíveis e significativas aos alunos. Realizar o estágio de observação e participação ativa é primordial e extremamente válido para a consolidação dos conhecimentos necessários para um bom desempenho e, conseqüentemente, para sua formação profissional. Constatou-se então, que as intervenções e atividades lúdicas possibilitam a construção do agir, saber e fazer que devem ser trabalhados continuamente, pois não são um fim em si mesmo, mas um processo em construção.

PALAVRAS-CHAVE: Psicologia. Estágio Básico III. Higiene corporal. Saúde. Ludicidade.

ABSTRACT: This article is about hygiene and health in the school, being an emerging subject within the school context, where it was developed through the basic stage III offered by the Psychology course of the Integrated Faculties of the Iguaçu Valley - Uniguaçu / União da Vitória, on observation and intervention activity developed during the months of July to November, with the students, which contribute to the well-being and a better quality of life of the same. The study emerges from an exploratory, theoretical bibliographical research supported in field research. Twelve children of both sexes between the ages of eight and ten selected by the school board in the Municipal School in the rural area, regularly enrolled in the 3rd year of Elementary School, in the municipality of União da Vitória, participated in the study. Nine observations and activities were performed in the classroom totaling thirty-three hours and thirty-five minutes of class hours, in the period of the 3rd and 4th bimester of the 2017 school year. Several peculiarities were observed, but they were approached with greater emphasizing the aspects of the lack of corporal hygiene, where it was tried to heal them during the intervention activity, using the ludic strategy, associated to several didactic resources made by the scholarship holder. The experience allowed us to know the diverse characteristics of the children and to plan comprehensible and meaningful orientations to the students. Performing the stage of observation and active participation is paramount and extremely valid for the consolidation of the knowledge necessary for a good performance and, consequently, for their professional training. It can be seen that interventions and playful activities enable the construction of action, knowing and doing that must be worked on continuously, because they are not an end in itself, but a process under construction.

¹ Acadêmica do Curso de Psicologia das Faculdades Integradas do Vale do Iguaçu – UNIGUAÇU, União da Vitória, Paraná, Brasil.

² Psicóloga e professora supervisora do estágio básico II, curso de Psicologia, das Faculdades Integradas do Vale do Iguaçu – UNIGUAÇU, União da Vitória, Paraná, Brasil. Graduada em Psicologia, Perita em Psicologia do Trânsito, Pós-graduada em Neuropsicologia e Especialista em Psicologia do Trânsito.

KEY WORDS: Psychology. Basic Stage III. Body hygiene. Cheers. Playfulness.

1 INTRODUÇÃO

A realização de Estágio é uma prática bastante utilizada em cursos de graduação, sendo fundamental para reunir informações de diversos autores e relacioná-los com métodos e técnicas desenvolvidas durante todo o curso. Além disso, possibilita a reflexão sobre a atividade de estágio, sendo um exercício de estudo, fixação e elaboração da experiência vivida.

Com isso, a ideia inicial da proposta de atividade, foi a de consolidar uma atuação preventiva visando à promoção de saúde no contexto escolar. Neste sentido, o estágio Básico III foi realizado em uma escola Municipal da rede pública do Município de União da Vitória - Paraná, entre o período de julho a novembro de 2017, através da realização de observações e atividades com crianças do 3º ano do Ensino Fundamental.

O diferencial deste trabalho foi à proposição da ludicidade como ferramenta auxiliar para a aplicação da atividade proposta a seguir neste estudo, que trabalha enfatizando os hábitos de higiene. Nesta perspectiva, salienta-se que as atividades lúdicas garantem uma aprendizagem significativa para a criança, bem como, busca soluções diante dos problemas no processo de construção da aprendizagem no que resulta numa nova dinâmica de ação, possibilitando uma construção significativa que vise à eficácia da qualidade de vida e bem-estar dos alunos.

2 DESENVOLVIMENTO

Por meados do século XVIII, na Idade Média, a Europa passava por uma época onde os bons modos e a aparência era de fundamental importância, pois a higiene passou a ser considerada um ato de civilidade, principalmente dentro da própria corte. E ao chegar ao Brasil, no século XIX, a corte trouxe esses hábitos ao povo Brasileiro, o qual aderiu a esses costumes (SABATOVICZ, 2013).

Nesta mesma época, no Brasil, ocorreu uma cruzada higiênica, a qual mobilizou muitos profissionais que estavam ligados de alguma forma as instruções públicas, como médico, educadores, engenheiros, entre outros. Neste movimento, tais pessoas, reivindicavam por uma nova renovação pedagógica, a qual visava

principalmente à implantação da higiene do corpo no âmbito escolar (PYKOSZ & OLIVEIRA, 2009).

Com isso, Pykosz e Oliveira, (p.137, 2009), citam Bolufer Peruga, 2000; Guereña, 2000; Vigarello, 2005; Viñao, 2000), os quais relatam que:

[...] a escola tornava-se naquele contexto um lugar de disseminação das pretensões quanto ao progresso da nação e a civilização da sociedade, visto que era na criança que se identificava o meio mais proveitoso de se inculcar novos hábitos e costumes, aspecto que tem suas raízes já lançadas no séc. XVIII europeu.

Neste sentido, pode-se dizer que a higiene, segundo Oliveira (2006), apud Pykosz e Oliveira, (2009, p.138) “vem associado a transformações não só na cultura e na sociedade brasileiras, mas pelo menos em toda a modernidade ocidental”. Por meio da higiene, o Governo poderia “higienizar” seus cidadãos desde muito cedo, e qual o melhor lugar para que isso acontece em massa? Na escola, pois nela encontra-se todos os tipos de classes sociais, desde pobres até ricos, fazendo da escola, um alvo para o início de uma higienização na infância.

Faria e Monlevade (2008, p.14) discutem a ideia de que a higiene,

[...] é uma palavra que veio da Grécia. Vem de *hygeinos*, que significa, em grego, “o que é são”, “o que é sadio”. Antes, em sua origem, era um adjetivo usado para qualificar a saúde. As pessoas deviam ter uma “saúde higiênica”. Depois, a palavra virou um substantivo, um conjunto de hábitos que se deve ter para conseguir o bem-estar e a saúde.

Portanto, a higiene pode ser concebida, como os hábitos adotados para manter o bem-estar e a saúde, que auxilia no crescimento e desenvolvimento saudável da criança. Deste modo, destaca-se a Psicologia da Saúde, que adentra nas propostas de uma boa qualidade de vida, como enfatiza Ribeiro (2011, p. 24):

A primeira definição de Psicologia da Saúde deve-se a Stone, em 1979, que, num dos primeiros livros que tinha no título a expressão “Psicologia da Saúde”, dizia que esta é, qualquer aplicação científica ou profissional de conceitos e métodos psicológicos, a todas as situações próprias do campo da saúde, não apenas nos cuidados de saúde mas também na saúde pública, educação para a saúde, planificação da saúde, financiamento, legislação [...].

Partindo deste pressuposto, a promoção de educação para a saúde, deve ser planejada de acordo com a demanda, e “que tenham um caráter amplo e respondam ao compromisso ético de melhorar o potencial de saúde [...]” (ALVES & EULÁLIO, 2011, p. 67). Além disso, Almeida e Malagris (2011, p.199) complementam que “A

Psicologia da Saúde busca compreender o papel das variáveis psicológicas sobre a manutenção da saúde, o desenvolvimento de doenças e comportamentos associados à doença”. Ou seja, realizar a manutenção da saúde é de extrema importância, por isso, utiliza-se a intervenção preventiva primária que “deverá ser realizada antes que se encontre um problema concreto” (ALVES & EULÁLIO, 2011, p. 69). Destaca-se o fato, de que é possível trabalhar com as possibilidades antes de aparecer o problema.

Deste modo, a importância em se trabalhar os hábitos de higiene, na promoção da saúde e do bem-estar, decorre de vários motivos, como orientar os alunos das consequências da falta da higiene que podem prejudicá-los no âmbito individual, social, e no âmbito escolar em sua aprendizagem, pois a falta da higiene afeta não só o próprio aluno como todos que estão a sua volta.

Pode-se dizer que a higiene precária desencoraja as pessoas de chegarem umas perto das outras, julgando de maneira muitas vezes errônea a sua personalidade, por meio da aparência. É fato, que as crianças podem afastar-se de outras que tem cheiros desagradáveis, por evitarem cheiros e situações que lhes causam desconforto.

Neste sentido, uma boa higiene pessoal e corporal trará benefícios para a vida social. Por isso, é de suma importância trabalhar com as crianças, alguns tipos de hábitos de higiene como: escovar os dentes, lavar as mãos antes das refeições e após a ida no banheiro, trocar de roupa íntima e do dia-a-dia, tomar banho, limpar os ouvidos, usar produtos que auxiliam na limpeza corporal e cortar as unhas, pois, Jiménez (1983, p.218) afirma que: “não se poderá educar bem uma criança se não levar em consideração a sua higiene e não se consegue efetivar uma boa higiene sem uma boa educação”.

Trabalhar os hábitos de higiene na escola favorece a autonomia do aluno e previne uma série de doenças. Branco (2003) ressalta que através de um desenvolvimento saudável e a autonomia, é possível lidar com emoções, pressões, pensar de forma crítica e tomar decisões. Além disso, a autora discute o jogo como uma contribuição para a realização de atividades que propiciam uma importante oportunidade de aprendizado.

Com isso, a utilização do jogo ou o lúdico, pode ser considerada uma fonte de prazer, onde o aluno explora um mundo novo e aprende brincando, além disso,

estimula a sua criatividade e imaginação, auxiliando- o em todas as atividades que podem ser propostas pela professora no decorrer das aulas. Neste sentido, Teixeira (1995, p.23) argumenta que:

O lúdico apresenta dois elementos que o caracterizam: o prazer e o esforço espontâneo. Ele é considerado prazeroso, devido a sua capacidade de absorver o indivíduo de forma intensa e total, criando um clima de entusiasmo. É este aspecto de envolvimento emocional que o torna uma atividade com forte teor motivacional, capaz de gerar um estado de vibração e euforia. Em virtude desta atmosfera de prazer dentro da qual se desenrola, a ludicidade é portadora de um interesse intrínseco, canalizando as energias no sentido de um esforço total para consecução de seu objetivo. Portanto, as atividades lúdicas são excitantes, mas também requerem um reforço voluntário. [...] As situações lúdicas mobilizam esquemas mentais. Sendo uma atividade física e mental, a ludicidade aciona e ativa as funções psico-neurológicas e as operações mentais, estimulando o pensamento [...] as atividades lúdicas integram as várias dimensões da personalidade: afetiva, motora e cognitiva. Como atividade física e mental que mobiliza as funções e operações, a ludicidade aciona esferas motora e cognitiva, e à medida que gera envolvimento emocional, apela para a esfera afetiva. Assim sendo, vê-se que a atividade lúdica se assemelha à atividade artística, como elemento integrador dos vários aspectos da personalidade. O ser que brinca e joga é também, o ser que age, sente, pensa, aprende e se desenvolve.

Diante destas afirmações, observa-se que as brincadeiras e os jogos são ferramentas essenciais no espaço escolar, pois proporcionam atividades mais atraentes e prazerosas, por isso, é importante utilizar da metodologia lúdica, como uma forma de manter a atenção do aluno, a fim de ajudá-lo a manter o foco, e acontecer à aprendizagem.

Ansai (2012, p.62) menciona que :

O desenvolvimento do aspecto lúdico facilita a aprendizagem, o desenvolvimento de inteligências múltiplas, colabora com a formação de uma boa saúde mental, prepara para um estado interior fértil, facilita o processo de socialização, comunicação, expressão e de construção do conhecimento.

Pode-se dizer que cada criança aprende de uma maneira, cada uma com sua individualidade, subjetividade e singularidade, por isso, destaca-se o fato, de manter uma boa relação com o aluno, criando um vínculo afetivo e permitindo que ele estabeleça as interações com o próprio professor e seus colegas, a fim de desempenhar um trabalho satisfatório e com resultados positivos e qualitativos. Ou seja, a ludicidade é uma forma de abordar os conteúdos de uma maneira mais satisfatória e prazerosa para o aluno. Por isso, destaca-se a importância, de realizar atividades de forma diferente, pois através dos jogos o aluno compreende o que está sendo dito, além de ocorrer uma fixação de aprendizagem mais significativa.

De fato, é importante ressaltar, que este estudo abordará ainda, uma série de relatos de experiência por meio da observação e atividades desenvolvidas, que desencadearam a validação científica em pesquisa qualitativa e quantitativa por meio do questionário e dados obtidos.

3 MÉTODO

A pesquisa tem por finalidade “[...] colocar o pesquisador em contato direto com tudo aquilo que foi escrito sobre determinado assunto [...] para assim, fundamentar o pensamento do pesquisador” (MARCONI E LAKATOS, 2001, p.44). Ela constitui-se por meio de base teórica consistente, porém ela precisa de seleção criteriosa, pois segundo Guedes (1997, p.95):

Não pode explicar o que já está explicado, não pode ratificar o que já está ratificado. A pesquisa seja bibliográfica, ou de outra natureza, precisa resolver problemas, precisa confrontar resultados ou idéias, enfim, precisa ser crítica.

Deste modo, participaram da pesquisa doze alunos, entre oito e dez anos, sendo eles, sete meninos e cinco meninas, os quais, estão regularmente matriculados no 3º ano do Ensino Fundamental em uma Escola Municipal, da zona rural, do Município de União da Vitória.

A amostra da pesquisa é do tipo não probabilística e intencional por acessibilidade. Esta amostra segundo Ansai e Junges (2016, p.36) “[...] deve ser representativa e significativa, selecionadas a partir de procedimentos científicos específicos”. Portanto, para a composição da amostra, o critério a ser utilizado é o de pesquisar doze alunos selecionados pela direção da escola, devido às semelhanças encontradas ao trabalhar o assunto abordado.

O instrumento de coleta de dados utilizado como recurso primário do próprio pesquisador é a observação em sala de aula, afim de, analisar as variáveis comportamentais dentro da sala de aula. Através dela pode-se “[...] identificar e obter provas a respeito de objetivos sobre os quais os indivíduos não têm consciência, mas que orientam seu comportamento” (MARCONI & LAKATOS, 1996, p. 79).

Outro instrumento que será utilizado como procedimento para a coleta de dados, a fim de fundamentar o objetivo que rege a pesquisa, é o questionário estruturado, contendo sete perguntas que será aplicado com os próprios alunos.

Neste sentido, Cervo e Bervian (1975, p.147) explicam que o questionário é “[...] a forma mais usada para coletar dados, pois possibilita medir com melhor exatidão o que se deseja”.

Neste sentido, a finalidade desta pesquisa é relatar as observações e atividades realizadas com a turma, por meio do estágio básico III. Por conseguinte, o objetivo do estágio III é focar na Observação do comportamento humano para a possível intervenção, constituindo-se como um espaço para o exercício de habilidades e competências relacionadas a estas disciplinas, sob a supervisão de um psicólogo responsável.

A escolha do tema “Higiene e saúde na escola” justifica-se devido à constatação de que a maioria dos alunos da escola não apresenta bons hábitos de higiene, neste sentido, este problema exerce um fator negativo sobre o desempenho escolar dessas crianças, decorrentes da discriminação social e dos problemas de saúde acarretados pela ausência ou da higienização incorreta.

Logo, as atividades realizadas têm como objetivo promover ações que contribuam para o bem estar dos alunos visando uma boa qualidade de vida, além de, ressaltar a importância da higiene corporal, alertando-os dos riscos causados pela falta de higiene que de fato, prejudica na sua vida pessoal e no bom andamento de sua aprendizagem.

Tendo em vista as diversas situações de falta de higiene presenciadas na Escola, sentiu-se a necessidade de desenvolver atividades voltadas para as diversas formas de higiene, na tentativa de melhorar as condições de saúde e de qualidade de vida dos alunos, visando à conscientização e aprendizado dos meios corretos de realizar os hábitos de higiene.

De acordo com Shepherd (2003,) a América Latina provém um nível sócio econômico relativo à pobreza, e por isso, é necessário abordar questões de saúde e educação na população escolar. Deste modo, foram realizadas as intervenções por meio da ludicidade, nos dias vinte e sete e trinta do mês de outubro, utilizando material ecológico reciclável, disponibilizado pela própria acadêmica. A metodologia consiste em uma campanha de sensibilização com todos os alunos desta sala, para cuidar da sua higiene pessoal corporal.

Primeiramente, no dia vinte e sete de outubro, foi relatado sobre a importância da higiene pessoal, após isto foi feito alguns questionamentos, indagando os alunos às seguintes questões:

Levar o aluno a refletir e questionar sobre suas atitudes higiênicas.

O que posso fazer para conservar meu corpo limpo?

Que cuidados devo ter com meus cabelos, unhas e dentes?

Qual a melhor maneira de limpar as orelhas?

Como devo conservar os meus pés? Por quê?

Como devem estar às roupas que uso para ir à escola?

Que roupas devo usar para dormir?

E para passear?

Como devem ser as roupas nos dias de frio e calor?

Em seguida, os alunos confeccionaram os materiais mediante orientação da acadêmica, onde serão utilizados para discutir sobre os assuntos, em uma roda de conversa. Por exemplo, os dentes em litro pet, os quais auxiliaram na explicação das cáries e o que elas podem fazer se não cuidar da higiene bucal.

Após discutir sobre todos os assuntos, foi feito grupos de três e quatro alunos, onde os mesmos confeccionaram cartazes, frases, e desenhos para distribuir pela escola, sobre a conscientização da higiene. Além da montagem do mural na escola, sobre os hábitos de higiene diária.

No dia trinta de outubro, foi entregue aos alunos um kit de higiene bucal, produzido com materiais recicláveis, que consiste em um litro de 600 ml, rolinho de papel higiênico e copo plástico, contendo uma escova e creme dental. E para concluir, discutiu-se o que os alunos acharam sobre a atividade e o que aprenderam sobre tal assunto, orientando-os ainda, sobre algumas dúvidas em relação a higiene.

O estágio de observação e intervenção foi realizado nas quartas, quintas e sextas feiras nos meses de agosto a novembro de 2017, no período Matutino. Porém, também foram realizadas supervisões com a orientadora, no total de quatorze horas e trinta minutos, cumprindo a carga horária total obrigatória do estágio básico III, em quarenta e oito horas e cinco minutos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para analisar e discutir os resultados, foram levantados alguns dados em relação à higiene dos alunos por meio do questionário aplicado no dia da atividade de intervenção, sendo assim, elaborou-se gráficos para relacionar as observações aos dados obtidos. Vale ressaltar, que somente dez alunos do total de doze, responderam o questionário e participaram da atividade de intervenção.

A seguir, contém algumas informações em forma de perguntas, onde as quais foram respondidas em dados no gráfico 1.

- 1- Quantas vezes você toma banho por semana?
- 2- Com que frequência muda de roupa íntima semanalmente?
- 3- Com que frequência muda semanalmente de calças e de blusa?

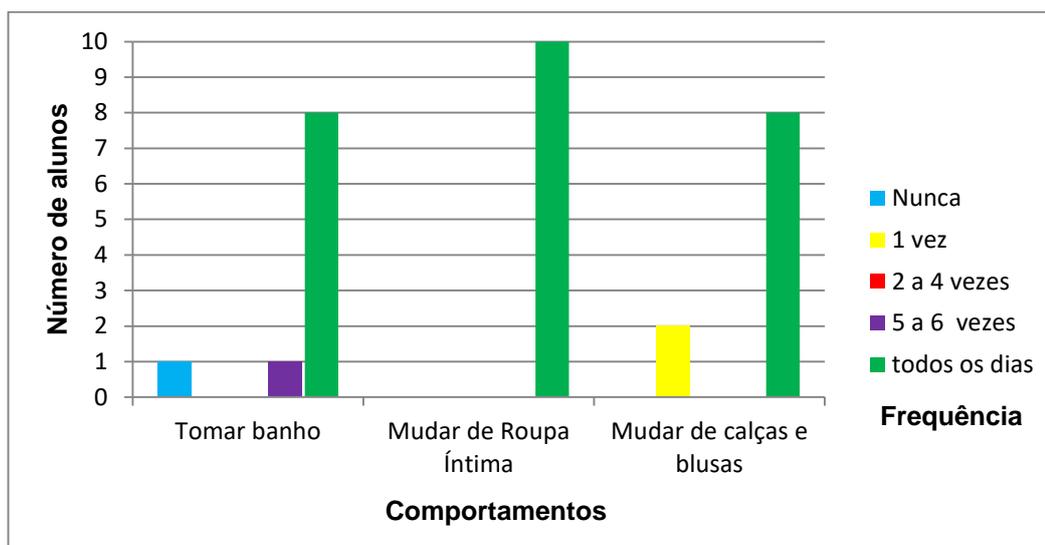


Gráfico 1- Hábitos de Higiene pessoal

Diante dos dados ressaltados acima, é importante discutir que os alunos no quesito “tomar banho” 10% nunca tomaram banho, 10% tomam banho de 5 a 6 vezes por semana e 80% tomam banho todos os dias. Logo, no quesito “Mudar de Roupa íntima” 100% dos alunos trocam de roupa todos os dias e 20% dos alunos trocam de calças e blusas uma vez por semana, e 80% dos alunos todos os dias.

O gráfico a seguir, demonstra alguns dados sobre o antes e depois dos comportamentos citados abaixo nas questões.

- 4- Costuma limpar seus ouvidos após o banho

5- Você costuma lavar as mãos antes das refeições?

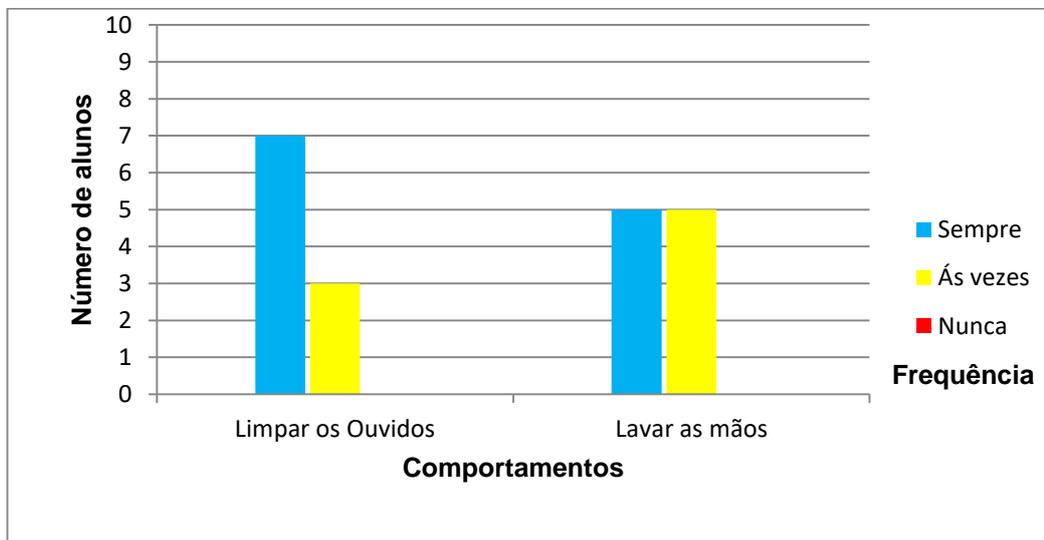


Gráfico 2- Hábitos de Higiene pessoal.

Pode se- dizer que 70 % dos alunos limpam seus ouvidos sempre, porém 30% limpam às vezes. Logo, ao analisar quantos alunos lavam suas mãos antes de comer, 50% sempre lava e 50% Às vezes.

No gráfico seguinte, analisa-se o hábito de cortar as unhas e escovar os dentes.

6- Quantas vezes você costuma cortar as unhas mensalmente?

7- Quantas vezes escova os dentes por dia?

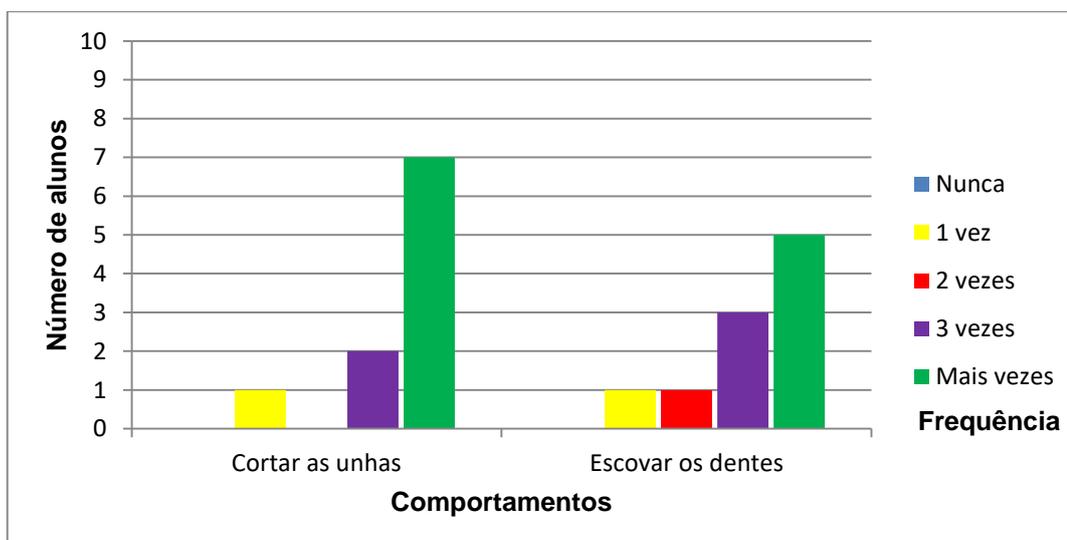


Gráfico 3- Hábitos de Higiene pessoal.

Ao analisar o gráfico, pode-se perceber que 70% dos alunos cortam suas unhas mais de 3 vezes ao mês, 10% somente 1 vez ao mês e 20% 3 vezes ao mês. E no

quesito “Escovar os dentes” 10% escovam 1 vez no dia, outros 10% 2 vezes ao dia, 30% escovam 3 vezes ao dia e 50% mais vezes ao dia.

Diante dos dados levantados, relacionados às observações, pode-se dizer que os alunos distorceram a realidade, ou seja, os dados coletados através do questionário apontaram que a higiene pessoal dos alunos, é relativamente boa, pois a maioria dos alunos apresenta uma ótima frequência em manter seus hábitos corporais.

Neste sentido, ao observar os alunos, percebe-se a necessidade de trabalhar a higiene com os mesmos, porque há a falta dela dentro da sala de aula. Com isso, essa necessidade é apresentada de diversas maneiras, onde, por exemplo, os alunos em vez de lavar as mãos antes de comer saem correndo para o lanche, ou então, usam a mesma roupa a semana inteira, e na semana seguinte esta com a mesma novamente e assim por diante.

Deste modo, percebe-se que a emergência inicial em se trabalhar a higiene, devido à falta dela, foi visto pelos alunos no questionário como algo não emergente, devido ao resultado positivo encontrado em dados. Ou seja, estes dados, contradizem a realidade que é observável e que apresenta um alto índice de hábitos de higiene precária.

Alves e Kobayashi relatam que (2015, p.1430) “As crianças receberam as propostas com muita animação, gostaram das brincadeiras e também da sistematização das mesmas, os jogos foram muito bem aceitos, [...]” Neste sentido, as crianças participaram ativamente das atividades, onde atingiu-se os objetivos propostos, sendo produtivo e qualitativo o que foi desenvolvido.

Com isso, é possível descrever os benefícios que as atividades trouxeram para os educandos do 3º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal do município de União da Vitória, pois os alunos ao final da atividade apresentaram uma significativa iniciativa em relação aos seus hábitos de higiene, mostrando ser autônomos e realizando tais hábitos sem nenhuma ordem superior a eles.

Chegou-se a conclusão de que as atividades realizadas exerceram um papel de suma importância para a aprendizagem pessoal dos educandos, e que o lúdico aplicado a prática pedagógica não apenas contribui para a aprendizagem do

educando, como também possibilita ao educador tornar as aulas mais dinâmicas e prazerosas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Raquel Ayres de; MALAGRIS, Lucia Emmanoel Novaes. **A prática da psicologia da saúde.** Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582011000200012 Acesso em: 20/10/2017

ALVES, Deise Luci Santana; KOBAYASHI, Maria Do Carmo Monteiro. **Aprendizagem e ludicidade: brincadeira é coisa séria.** Disponível em: http://200.145.6.217/proceedings_arquivos/ArtigosCongressoEducadores/6217.pdf Acesso em: 15/09/2017 às 19:40min

ALVES, Railda Fernandes; EULÁLIA, Maria do Carmo. **Abrangência e níveis de aplicação da Psicologia da Saúde.** In ALVES, Railda Fernandes. Psicologia da saúde: teoria, intervenção e pesquisa. Campina Grande: EDUEPB, 2011. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/z7ytj/pdf/alves-9788578791926.pdf> Acesso em: 18/10/2017

ANSAI e col. **Caderno pedagógico: uma mão amiga nas dificuldades de aprendizagem.** União da Vitória: Editora, 2012.

BRANCO, Viviane Manso Castello. **Desenvolvendo Habilidades para a Saúde e Qualidade de vida.** In: **Manual: Escola Promotora de Saúde.** São Paulo: Neste Nutrição, 2003.

CERVO, Amado Luís.; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia científica: para uso dos estudantes universitários.** Sao Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1975.

DUTRA, Nathalia Santos. et al. **Oficinas Lúdicas e o Resgate do Sucesso Escolar.**

Disponível em:

http://ojs.unesp.br/index.php/revista_proex/article/viewFile/971/981 Acesso em:
16/10/2017

GÓMEZ, Ana Maria S., TERÁN, Nora Espinosa. **Dificuldades de aprendizagem:** dificuldades na matemática. Rio de Janeiro: Cultural S.A, 2009.

GUEDES, Enildo Marinho. A Pesquisa. IN:_____.**Curso de Metodologia Científica.** Curitiba: HD Livros, 1997.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Pesquisa Bibliográfica. In: _____. **Metodologia do Trabalho Científico.** São Paulo: Atlas S.A, 2001.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria.. **Técnicas de pesquisa:** planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. São Paulo: Atlas, 1996.

PYKOSZ, Lausane Corrêa; Marcus OLIVEIRA, Aurelio Taborda de. **A higiene como tempo e lugar da educação do corpo:** preceitos higiênicos no currículo dos grupos escolares do estado do Paraná. Disponível em:
<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol9iss1/articles/7-pykosz-oliveira.pdf> Acesso em: 18/10/2017.

RIBEIRO, José Luís Pais. **A Psicologia da Saúde.** In ALVES, Railda Fernandes. Psicologia da saúde: teoria, intervenção e pesquisa. Campina Grande: EDUEPB, 2011. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/z7ytj/pdf/alves-9788578791926.pdf> Acesso em: 18/10/2017

SABATOVICZ, Soilene. **Historia da higiene no Brasil até o século XIX.** In: Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor pde:

produções didático-pedagógicas. Disponível em:
http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_unicentro_hist_pdp_soilene_sabatovicz.pdf Acesso em: 18/10/2017

SHEPHERD, Josefa Ippolito. **A promoção da saúde no âmbito escolar:** A iniciativa regional escolas promotoras de saúde. In: **Manual:** Escola Promotora de Saúde. São Paulo: Neste Nutrição, 2003.

TEIXEIRA, C. E. J. **A Ludicidade na Escola.** São Paulo: Loyola, 1995.

PELO VIÉS DE DUAS EXTREMIDADES: ABANDONO E INSTITUCIONALIZAÇÃO

Ana Carolina Mochnacz¹
Natalie de Castro Almeida²

RESUMO: O número de crianças e adolescentes institucionalizados tem crescido gradativamente, e é importante ter como prioridade o devido conhecimento sobre as consequências de um processo tão doloroso e significativo na vida desses jovens; o presente trabalho tem como objetivo identificar através da teoria e prática as melhores formas de trabalhar com o afeto e as relações interpessoais, que muitas vezes tornam-se resistentes por conta das poucas demonstrações emocionais e afetivas dos pais e cuidadores. Tem como prioridade colocar a importância das relações familiares, indo ao encontro com as leis e diretrizes que garantem que os jovens mesmo em sua imaturidade possuem direito de proteção e saúde para o desenvolvimento de uma vida digna e saudável. Dentro deste contexto é possível identificar o trabalho do psicólogo institucional bem como a importância do mesmo neste âmbito, além da intervenção realizada no Município de União da Vitória-PR que teve como público alvo dezoito meninas abrigadas parcialmente, das quais possuem diversas demandas como negligência, abandono, violência sexual, dentre outros. Com esse conjunto de informações é possível compreender que o ato de institucionalização dependendo da forma como é realizado pode trazer consequências positivas ou negativas para a vida desses jovens.

Palavras-Chave: Família. Negligência. Instituição. Relações Afetivas. Desenvolvimento Infantil.

ABSTRACT: The number of institutionalized children and adolescents has grown steadily, and it is important to prioritize due knowledge of the consequences of such a painful and significant process in the lives of these young people; the present work aims to identify through theory and practice the best ways of working with affection and interpersonal relationships, which often become resistant because of the few emotional and affective demonstrations of parents and caregivers. You have to prioritize the importance of family relationships, in keeping with the laws and guidelines that ensure that young people, even in their immaturity, have the right to protection and health for the development of a dignified and healthy life. Within this context it is possible to identify the work of the institutional psychologist as well as the importance of the same in this field, besides the intervention carried out in the Municipality of União da Vitória-PR, which had as public target eighteen partially sheltered girls, of whom they have several demands such as neglect, abandonment, sexual violence, among others. With this set of information it is possible to understand that the act of institutionalization depending on the way it is carried out can have positive or negative consequences for the lives of these young people.

KEYWORDS: Family. Negligence. Institution. Relations Affective. Child Development.

¹ Acadêmica do Curso de Psicologia das Faculdades Integradas do Vale do Iguaçu – UNIGUAÇU, União da Vitória, Paraná, Brasil.

² Psicóloga e professora supervisora do estágio básico II, curso de Psicologia, das Faculdades Integradas do Vale do Iguaçu – UNIGUAÇU, União da Vitória, Paraná, Brasil. Graduada em Psicologia, Perita em Psicologia do Trânsito, Pós-graduada em Neuropsicologia e Especialista em Psicologia do Trânsito.

1 INTRODUÇÃO

A partir da pesquisa bibliográfica e da prática obtida durante o processo de observação no contexto institucional, entende-se que a família é o primeiro e mais importante grupo social ao qual um indivíduo pertence, e frente a essa significativa relevância, ele tem um papel fundamental no desenvolvimento principalmente de crianças e adolescentes, a partir deste sistema é possível construir bases sólidas ou inconsistentes, tudo depende da forma como é formado.

Neste trabalho consta a descrição da permanente luta das Constituições por uma sociedade que respeite e proteja a integridade, física, mental, emocional e social das crianças e adolescentes, fazendo com que os altos índices de jovens negligenciados, abandonados e violentados sejam apenas um marco triste e degradante da história.

É relatada nesta mesma pesquisa, a importância das instituições de abrigo, que acolhem e buscam suprir as necessidades básicas dos jovens indefesos e que vem recebendo um número cada vez maior de indivíduos retirados temporariamente ou parcialmente de seus tutores, tendo em vista as dificuldades em fazer os responsáveis legais assumirem a responsabilidade de educar e permanecer presente na vida de seus filhos.

É descrito neste artigo a aplicação de uma dinâmica que teve como foco principal as demonstrações de afeto, amor, carinho e a percepção de relações interpessoais saudáveis dentro e fora do contexto institucional, abrangendo a importância do profissional da área da psicologia estar atento a essas percepções construídas por cada um individualmente, e reconhecendo processos transacionais inadequados.

Contudo descrevem-se os resultados obtidos de acordo com a aplicação da tarefa, e a compreensão frente às manifestações de agressividade, rebeldia e resistência que puderam ser relacionadas com o ambiente disfuncional, além da análise sobre a falta de estabilidade emocional para lidarem com processos de separação, como por exemplo, as transições de cuidadores.

2 DESENVOLVIMENTO

O grande índice de desenvolvimento das políticas públicas do Brasil relaciona-se a uma real necessidade de proteção física e moral das crianças e adolescentes que em sua imaturidade são incapazes de desenvolverem-se de forma adequada quando violentados direta ou indiretamente. Desta forma, as transformações sociais ficam claramente ligadas às leis que fazem jus ao reconhecimento da criança e adolescente como indivíduos munidos de direitos e reconhecidos perante a sociedade, essa por sua vez faz parte do acolhimento e apoio dos menores, que ao longo da história foram abandonados, violentados e expostos às incumbências de uma sociedade precária em amor, compaixão e solidariedade (CARVALHO, 2015).

A negligência familiar em suas diversas formas e contextos é uma das principais causas do abrigamento infantil; segundo Siqueira e Dell'Àglio (2006), o Levantamento Nacional de Abrigos para Crianças e Adolescentes indica que há cerca de 589 instituições no Brasil e cerca de 20 mil crianças e adolescentes nessas condições; os dados ainda apresentam que 87% dessa população possui família e 58% mantêm contato com os mesmos.

Neste sentido o contato familiar é de suma importância, assim como as vivências tidas nesse ambiente possuem um papel fundamental na vida dos indivíduos, determinando muitas vezes sua personalidade e influenciando em seus comportamentos. As crianças e adolescentes tem a família como principal grupo social pertencente (PRATTA; SANTOS, 2007 apud DRUMMOND; DRUMMOND, 1998), e a causa principal do afastamento parcial das famílias refere-se aos núcleos familiares deficitários e as repercussões nefastas que a negligência e exclusão social representam na realidade infanto-juvenil brasileira, essas, interrompem o desenvolvimento físico e emocional saudável e acarretam em consequências muitas vezes irreversíveis (SILVA; MELLO, 2004), além das complicações psicossomáticas e de vulnerabilidade constitucional; podendo chegar a um colapso no funcionamento orgânico de cada membro (ACKERMAN, 1986).

A consequência do abandono dos pais pode evadir-se para o âmbito educacional, pois em sua ingenuidade as crianças e adolescentes esperam de suas famílias amor, tolerância, compreensão, atitudes de cuidado e principalmente de

aceitação frente às suas diferenças (SOUZA, 2006), faz-se necessário compreender que as frustrações são relacionadas ao sentimento de abandono e a visão negativa de si, representada pela carência, resistência de convívio interpessoal pelo medo da rejeição ou até mesmo o fácil apego a qualquer um que demonstre sentimentos verdadeiros de carinho.

Os pais que possuem filhos institucionalizados dispõem de obrigações e cuidados para com seus dependentes; já “o responsável pelo abrigo é o guardião legal das crianças que ali residem, portanto o abrigo é uma guarda institucionalizada.” (MONTES, 2006), e juntos possuem a responsabilidade de amparar as crianças e adolescentes em suas necessidades físicas, cognitivas, emocionais e morais.

Com as constantes modificações entre definições de papéis parentais, e o grande índice de indivíduos abandonados, a psicologia como Guirado (2009), descreve, teve a necessidade de adentrar além das funções laboratoriais, psicodiagnósticas, psicoterápicas, de treinamento e seleção profissional, e a partir de J.Bleguer psiquiatra com orientação psicanalítica passou a desenvolver intervenções no âmbito institucional com a denominada psicologia institucional, que é produto de inserção da profissão para junto de instituições de saúde, educação e promoção social; como dever do profissional desta área Carvalho (2015, p.6) relata que é preciso “[...] atender a demanda das crianças e de suas respectivas famílias, além de atuar junto aos cuidadores e educadores da instituição”.

O psicólogo deve auxiliar os jovens a obterem consciência do real motivo de estar na instituição, esse trabalho é realizando tanto individualmente como em grupo terapêutico; é importante dialogar sobre as possibilidades de um retorno definitivo para junto de suas famílias, mas, só quando houver segurança no local e mudança no comportamento dos cuidadores.

Tudo o que será abordado neste trabalho refere-se á uma revisão integrativa da bibliografia e prática frente às demandas de crianças e adolescentes institucionalizadas, expondo a necessidade de a sociedade participar diretamente da garantia dos direitos e proteção desta população.

3 MÉTODO

No registro desta contextualização qualitativa de cunho etnográfico os levantamentos de dados possibilitaram uma mescla de teoria e prática a fim de desenvolver uma visão crítica e construtiva perante as necessidades infantis. Como melhor método a observação no âmbito institucional de União da Vitória-PR, se deu no decorrer de oito meses com acompanhamento de aproximadamente três horas semanais em um grupo terapêutico com dezoito meninas abrigadas por diversos fatores, entre eles negligência familiar, condições impróprias de moradia, agressão e violência física/verbal.

A população observada foi dividida em dois grupos, cada qual com nove integrantes, um deles com idade média entre seis á dez anos, e o outro com faixa etária entre onze á dezesseis anos, todas permanecem na instituição de abrigo durante a semana e nos finais de semana vão para a casa de seus responsáveis legais, para que assim mantenham contato com a família como determinação da Constituição, Art. 227 que descreve como:

Dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (BRASIL, 1988).

A instituição em que as crianças desta pesquisa fazem parte é conduzida pelas “irmãs dos pobres”, um grupo de três senhoras, duas italianas e uma africana, que doam sua vida para o cuidado dos mais necessitados; essa congregação atua no município desde 1989, e não possuem fins lucrativos, o espaço conta com apoio do governo Brasileiro e Italiano além das doações da comunidade, os voluntários também desenvolvem um papel importante; são eles os responsáveis pelas atividades educativas realizadas com as meninas, como por exemplo; aula de reforço, informática, pintura, bordado, culinária e dança; já o grupo terapêutico é direcionado pela psicóloga da instituição que atua a mais de seis anos com as demandas existentes.

A partir da coleta de dados obtida durante todo o processo de observação constatou-se a necessidade de abordar o assunto afetividade e relações

interpessoais, tanto no próprio grupo como na reflexão individual para com as pessoas externas do abrigo, como por exemplo; no contexto familiar.

O tema da atividade desenvolvida foi “Porque eu amo você”, a princípio uma colocação simples de sentimentos e reciprocidade seria a base para o desenvolvimento da tarefa, que não obteve o resultado esperado e pôde ser comparada pela falta de referência no assunto abordado, uma vez que a população da amostra encontrou-se resistente para falar e realizar a dinâmica.

É importante compreender que as respostas apresentadas serão de acordo com as referências subjetivas que cada um possui frente ao tema abordado, desta forma é possível analisar as ligações entre sentimentos e demonstrações de afeto. Neste caso específico foi trabalhado com um breve levantamento de informações sobre as formas de amor; essas foram representadas por três cartazes com frases e símbolos que proporcionariam uma visualização a partir do tema abordado.

A dinâmica se compõe por materiais didáticos como; lápis de cor, tinta guache, canetas coloridas, dentro dos tantos materiais existentes que possibilitem a criatividade, foi utilizado também papel sulfite colorido, papel cartão branco, palitos de picolé, e cola quente. Os participantes receberam o papel sulfite juntamente com os lápis de cor, tendo como finalidade de cada um descrever seu próprio nome e deixando livre para ilustrarem a folha; o papel cartão foi utilizado para a construção de uma imagem que foi anexada ao fundo do porta retrato construído com palitos de picolé; a tinta-guache é para decoração do porta retrato e a cola quente para moldura do mesmo.

O local aonde normalmente é feito os encontros terapêuticos possui uma mesa no centro com capacidade para dez pessoas, no ambiente ainda tem, duas janelas, dois móveis e duas carteiras individuais. Após o grupo terminar a primeira parte da atividade que era descrever seu próprio nome e decorá-lo, foram convidados para deslocarem-se para o ambiente externo (ao ar livre), tendo espaço para formar um grande círculo proporcionando uma visão geral de todos os envolvidos no processo.

O cronograma da dinâmica possibilitou ampliar a atividade incluindo música, bexigas; e exercícios como: dança, para promover integração do grupo.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos resultados obtidos diz respeito à afetividade, que de acordo com Rodrigues (2008), é um conceito amplo que engloba em seu interior os sentimentos, as emoções, as paixões e manifesta estados de sensibilidade, que vão de disposições orgânicas a sociais, ligadas também à percepção que o indivíduo tem de si mesmo.

O que foi observado durante a dinâmica é que muitas meninas abrigadas não possuem uma estrutura afetiva perante as demais integrantes do grupo, resultando em colocações que não caberiam na prática desenvolvida. Esse rompimento no conceito de amor, afeto, carinho e respeito demonstra uma infância de incertezas e debilidades cuja relação familiar é um dos fatores para a degradação da personalidade e dos convívios interpessoais, implicando em dificuldade de estabelecer vínculos e aumentando as frustrações (MONTES, 2006).

Através da trajetória de rotatividade e abandono recorrente há uma resistência em demonstrar sentimentos verdadeiros e por consequência, mecanismos de defesa são utilizados pelas crianças e adolescentes como forma de proteção de sua integridade moral, inconscientemente mantida pelo medo de uma relação próxima que venha a ser rompida por quaisquer que sejam os motivos.

Desta forma é importante que haja um trabalho psicológico realizado para que essas crianças aprendam a lidar com as necessidades de apego juntamente com a realidade de perdas, mais, jamais perdendo as oportunidades de criar vínculos, seja com os colegas, seja com os cuidadores ou até mesmo com a relação familiar.

Foi possível observar momentos de muita agressividade por disputa de material ou como forma de chamar atenção; em revisão literária Lisboa e Colaboradores (2002), descrevem que as meninas tendem a manifestar indiretamente a agressão, em forma de hostilidade ou verbalmente, e por conta deste comportamento ríspido a conduta na escola torna-se insociável causando rejeição por colegas e professores, o que gera maior sofrimento e estresse, afetando o processo de aprendizagem e relações de companheirismo.

Dentro de um ambiente como o abrigo é evidente que haja problemas de relacionamento entre as crianças por conta do tempo em que passam juntas e precisam adaptar-se as necessidades umas das outras, “elas são obrigadas á

conviver o dia todo com mais crianças [...] e desde cedo precisam resguardar o que é seu, ou seja, seus brinquedos, seus sentimentos, suas vontades” (BARROS; FIAMENGHI, 2007, p. 273), o que de certa forma não é saudável, pois não há nada que possam realmente chamar de seu, nem mesmo os cuidadores estão subordinados a suprir tal necessidade, isso pode gerar um sentimento de inferioridade, impotência e falta de privacidade.

Manita e Carvalho (2010) comenta que deve haver uma reestruturação dos sentimentos dessas crianças e adolescentes principalmente quando há um índice muito grande de provocações internas, mesmo que esse processo não seja fácil, haja vista que as instituições possuem muitas crianças e poucos cuidadores, e a atenção deve ser dividida tornando todo o processo padronizado.

Quando realizada a dinâmica com o primeiro grupo, composto pelas crianças menores imaginou-se não haver muitos problemas, pela relação firmada desde o início das atividades de observação, mas na realidade foi o grupo de mais difícil acesso, houve resistência de todas as formas, principalmente em aceitar a atividade que estava sendo proposta, e como consequência tudo foi levado na brincadeira; quando questionadas particularmente sobre o que significava; amor, afeto, carinho, elas diziam não saber, o que levou a acreditar que não houve experiências significativas destes sentimentos, e as demonstrações também não puderam ser declaradas.

A dificuldade de reconhecimento parece estar associada à falta de preparo e apoio para lidar com o tema, [...] percebe-se que situações de difícil solução, assim como a identificação com a dor das crianças, também aparecem como fatores que interferem no não reconhecimento das reações [...] (FRANCO; TINOCO, 2011, p. 432).

Com o segundo grupo que envolvia adolescentes, havia certa apreensão frente à aceitação em realizar o que seria proposto, mas a maioria surpreendeu com suas respostas e demonstrações afetivas com demais colegas, o que pode ser comparado por três fatores; primeiro: maturidade; segundo: relações menos conturbadas entre as integrantes; terceiro: uma possível estruturação de sentimentos partindo das relações interpessoais e amorosas tidas por essa faixa etária de idade.

No segundo grupo uma integrante em particular chamou a atenção, pela sua descrição totalmente negativa frente à colega a qual deveria falar, não havia maldade proposital em suas palavras e sim uma desconexão com a realidade, e partindo de

seu histórico de vida pode-se dizer que “é a violência dentro da família gerando a violência social” (MONTES 2006, p. 59).

Essas relações familiares conturbadas estão muito calejadas na vida e nos sentimentos, possivelmente de todas as demais crianças e adolescentes que passam pelo processo de institucionalização, pois perde-se totalmente as referências e a base que uma família saudável pode fornecer para o desenvolvimento de seus filhos.

Ao final de toda a atividade foi convidado que voltassem à sala de reuniões que também é utilizada para os encontros terapêuticos e foi solicitado para que fizessem um desenho para alguém que estivesse fora do contexto institucional, neste, deveriam representar o amor que sentem por esse indivíduo, e depois de pronto foram individualmente gravar um pequeno vídeo dizendo sobre o seu desenho, para quem ele foi criado e o motivo de ser para esta pessoa; neste exato momento pôde-se perceber o quanto a ruptura familiar degrada os princípios afetivos em relação a família, pois apenas uma das crianças simbolizou seu amor pela mãe e pelo pai, demais, fizeram para os professores, amigos, e até mesmo para o time de futebol, em alguns casos pediram para entregar a uma das irmãs do Instituto.

Perante a solicitação de toda a equipe que compõe o local foi realizada uma pequena palestra aos responsáveis pelas crianças, pais, avós, tios e irmãos; mas, nem todos compareceram. Com o grupo que se fez presente, foi discutida a importância da família e do apoio que devem fornecer no desenvolvimento infantil, bem como a responsabilidade que eles têm juntamente com a instituição a qual as crianças estão inseridas, em fornecer o suporte necessário para o crescimento físico, moral e psicológico.

Em forma de contextualização da necessidade dos pais estarem envolvidos no desenvolvimento das crianças foi realizada uma breve dinâmica reflexiva com os tutores, ao qual cada um recebia um pirulito e deveria tentar abri-lo com uma única mão, vendo a dificuldade dos participantes houve a possibilidade de comparar o pirulito com as crianças, a embalagem com o ambiente institucional e a mão que estava sem funcionalidade com o ambiente familiar; desta forma eles puderam compreender que cada um possui um papel na vida dessas crianças e que juntos podem construir um novo significado de amor, compreensão, carinho, respeito e afeto, não as deixando como responsabilidade apenas da instituição.

Após a conclusão de toda a dinâmica, a palestra com os pais e a devolutiva ao local, foi acompanhada a despedida de uma das integrantes da casa, uma irmã Italiana que estava no local há doze anos e esteve acompanhando as meninas durante todo esse período, mas que precisou se afastar e voltar ao seu país de origem; observou-se então a tristeza e angústia por parte das meninas em vê-la se despedindo, Franco e Tinoco (2011) relatam que “as mudanças e rompimentos vividos na instituição de abrigo [...] afetam todos os envolvidos no processo” essa ausência já estava prevista e segundo a psicóloga do local, pode ter sido um fator que desencadeou a difícil interpretação pela atividade proposta, uma vez que perante a inocência das crianças, esse afastamento pode significar um recorrente abandono e uma quebra nas relações afetivas entre a cuidadora e as jovens.

É importante reforçar que nestes momentos de perdas e nas demais rupturas emocionais, é essencial a presença da família para que as crianças e adolescentes não se sintam desprotegidas e inseguras, e que tenham a perda como algo destrutivo, mas que aprendam a lidar com essas separações da melhor forma possível, não deixando de expressar os sentimentos com aqueles que lhe tocam.

Compreende-se a partir de toda teoria e prática aqui relatada que as crianças são munidas de toda a inocência e carinho, suas formas agressivas e hostis dizem respeito ao sofrimento pela qual já enfrentaram e enfrentam no decorrer da vida. As adolescentes tentam adequar-se ao meio social a partir das referências tidas até o momento, que muitas vezes não foram as mais adequadas, e não pode julgá-las por esses comportamentos que nada mais são que uma forma de defesa.

É importante ressaltar que o trabalho de reinserção desses indivíduos não depende apenas do cuidado dos abrigos e instituições de acolhimento, mas, do amparo de toda a sociedade inclusive dos profissionais das mais diversas áreas, somente juntos é possível auxiliar em um processo de maturação adequado.

REFERÊNCIAS

ACKERMAN. N.W. **Diagnóstico e tratamento das relações familiares**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

BRASIL, C. (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.

BARROS, R.C; FIAMENGHI, G.A. **Interações Afetivas de Crianças Abridados:** Um estudo etnográfico. *Ciência e Saúde Coletiva*, v. 12, n. 4, Rio de Janeiro set/out 2007. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232007000500024 Acesso em 12 out. 2017.

CARVALHO, P.I.B. **A Atuação do Psicólogo em Abrigos de Acolhimento Institucional.** 2015. (Graduação) – Curso de Psicologia, Universidade Estadual da Paraíba Campus Campina Grande, 2015.

FRANCO, M.H.P; TINOCO, V. O Luto em Instituições de Abrigamento de Crianças. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 28, n. 4, p. 427-434, dez. 2011. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/260763451_Coping_with_bereavement_in_children%27s_sheltering Acesso em: 03 nov. 2017.

GUIRADO, M. Psicologia Institucional: o exercício da psicologia como instituição. **Rev. Interação em Psicologia.**; Curitiba, v. 13, n. 2, p. 323-333, jul/dez. 2009. Disponível em <http://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/9447> Acesso em: 01 de ago. de 2017.

LISBOA, C; e COLABORADORES. **Estratégias de Coping de Crianças Vítimas e Não Vítimas de Violência Doméstica.** *Psicologia Reflexão Crítica*; 2002. v. 15, n. 2, p. 345-362. ISSN 0102-7972. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010279722002000200012&script=sci_abstract&tlng=pt Acesso em 01 de ago. de 2017

MANITA, C.; CARVALHO, T. **Percepções de Crianças e Adolescentes Institucionalizados:** sobre o processo de institucionalização e a experiência na instituição, Portugal: Universidade do Porto. p. 3326-3335, fev. 2010. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/64468> Acesso em: 28 mar. 2017.

SOUZA, A.C.V. **Aspectos Psicológicos que Contribuíram para o Atendimento das Necessidades Afetivas da Criança Adotada.** 2006. TCC (Graduação) – Curso Psicologia, Universidade do Vale do Itajaí, Biguaçu, 2006.

MONTES, D.C. **O Significado da Experiência de Abrigo e a Auto-imagem da Criança em Idade Escolar.** 2006. (Dissertação de Mestrado) – Curso Enfermagem, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

PRATTA, E.M.M e SANTOS, M.A. **A Família e Adolescência: A influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros.** *Maringá*, v. 12, n.2, p. 247-256, ISSN 1413-7372. maio/ago. 2007. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141373722007000200005&script=sci_abstract&tlng=pt Acesso em: 01 de ago. 2017

RODRIGUES, S.A. **Expressividade e Emoções na Primeira Infância:** Um estudo sobre a interação criança-criança na perspectiva walloniana. (Dissertação Mestrado) Pós-graduação – Educação. Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2008.

SILVA, E.R.A.; MELLO, S.G. **O Direito á Convivência Familiar e Comunitária:** os abrigos para crianças e adolescentes no Brasil. Instituto de Pesquisa Econômica. Brasília, cap. 01. 21-39 p. 2004. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=%20com_content&view=article&id=5481 Acesso em: 21 out. 2017.

SIQUEIRA. A.C.; DELL'AGLIO. D. D. **O Impacto da Institucionalização na Infância e na Adolescência:** uma revisão de literatura. Psicologia & Sociedade; v. 18, n. 1, p. 71-80, jan/abr. 2006. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v18n1/a10v18n1> Acesso em: 21 de out. de 2017.

SOUZA, A.C.V. **Aspectos Psicológicos que Contribuíram para o Atendimento das Necessidades Afetivas da Criança Adotada.** 2006. TCC (Graduação) – Curso Psicologia, Universidade do Vale do Itajaí, Biguaçu, 2006.

TEIXEIRA. S.C.P. (Org.) et al. **Acolhimento da Criança e Adolescente em Situações de Abandono, Violência e Rupturas.** Porto Alegre, v. 25, n. 02, p. 3090-3099, mar. 2011. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722012000200021. Acesso em: 01 ago. 2017.

RELAÇÕES INTERPESSOAIS, AFETIVIDADE E COMUNICAÇÃO: UMA VISÃO ANALÍTICA DENTRO DE UM AMBIENTE ESCOLAR.

Adriana Bernadete Bueno Gelinski¹
Natalie de Castro Almeida²

RESUMO: O presente estudo tem por finalidade tratar a importância das relações interpessoais e a afetividade dentro do contexto escolar e sua influência no ensino aprendizagem. Uma das ferramentas mais importantes para um bom convívio nas relações entre as pessoas é a comunicação. Portanto, será apontado os aspectos importantes para as relações interpessoais, destacando a afetividade e a comunicação dentro da sala de aula. O estudo parte do relacionamento existente entre professores e alunos, onde a afetividade e a comunicação são importantes para uma relação significativa. O objetivo geral deste estudo é analisar a consequência da afetividade e da comunicação no contexto estudado. O método de estudo realizado foi a pesquisa de campo e a revisão bibliográfica, foi utilizado como instrumentos a observação, um recurso empírico do próprio observador e um questionário de levantamento de dados, com o intuito de confirmar ou excluir o que já tinha sido percebido com as observações em sala de aula. Os dois métodos utilizados apontaram para as mesmas questões, uma comunicação precária entre professores-alunos e alunos-professores e uma falta de afetividade entre eles, influenciando diretamente na aprendizagem. O estudo revelou que quando a afetividade e a comunicação estão presentes em sala de aula, há mais interação e as dificuldades que possam aparecer serão mais fáceis de serem resolvidas, favorecendo assim, o processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Afetividade. Relações interpessoais. Escola. Comunicação.

ABSTRACT: The present study aims to address the importance of interpersonal relationships and affectivity within the school context and its influence on teaching learning. One of the most important tools for a good relationship in relationships between people is communication. Therefore, the important aspects for interpersonal relations will be pointed out, highlighting affectivity and communication within the classroom. The study starts from the relationship between teachers and students, where affectivity and communication are important for a meaningful relationship. The general objective of this study is to analyze the consequences of affectivity and communication in the context studied. The method of study was field research and bibliographical review. Observational tools were used as tools, an empirical resource of the observer and a questionnaire to collect data, with the purpose of confirming or excluding what had already been perceived with the purpose of confirming or excluding what had already been perceived with the observations in the classroom. The two methods used pointed to the same issues, poor communication between teachers-students and students-teachers and a lack of affectivity between them, directly influencing learning. The study revealed that when affectivity and communication are present in the classroom, there is more interaction and difficulties that appear will be easier to solve, favoring the teaching-learning process.

KEY WORDS: Affectivity. Interpersonal relationships. School. Communication.

1 INTRODUÇÃO

A escola é um ambiente de importante representação na vida dos seus frequentadores, pois é um espaço em que os conhecimentos, os valores e a cultura

¹ Acadêmica do Curso de Psicologia das Faculdades Integradas do Vale do Iguaçu – UNIGUAÇU, União da Vitória, Paraná, Brasil.

² Psicóloga e professora supervisora do estágio básico II, curso de Psicologia, das Faculdades Integradas do Vale do Iguaçu – UNIGUAÇU, União da Vitória, Paraná, Brasil. Graduada em Psicologia, Perita em Psicologia do Trânsito, Pós-graduada em Neuropsicologia e Especialista em Psicologia do Trânsito.

da sociedade são compartilhados. Através do espaço físico, social, cultural e psicológico da escola os indivíduos organizam o seu desenvolvimento geral (REGO, 2003).

De acordo com Araújo e Francisco (2014) “professor e aluno necessitam estar em um trabalho construtivo de diálogo e parceria, para que o processo de ensino e aprendizagem se torne possível e prazeroso”. Para Lopes (2016) “a mediação do professor é uma contribuição que irá ajudar o aluno, dando sentido ao seu existir e ao seu pensar”. Logo, um bom relacionamento professor e aluno, facilita o aprendizado, fazendo o aluno gostar de aprender, tornando o aprendizado interessante, motivador e prazeroso, criando possibilidades ao aluno para a sua própria construção.

Uma boa relação entre professor e aluno é indispensável para o processo de ensino aprendizado. Assim, a relação entre professor e aluno deve ser baseada no afeto, mas o professor deve impor limites e possibilidades aos alunos para fazer com que eles vejam o professor como uma pessoa que lhes repassa o conhecimento e se preocupa com a assimilação dele, se compromete com o que faz e percebe o aluno como alguém possuidor de ideias, sentimentos, expressões e emoções (LOPES, 2016).

2 DESENVOLVIMENTO

Vygotsky e Wallon (2003), afirmam que a relação afetividade e inteligência possui um caráter social e fundamental para todo o processo de desenvolvimento do ser humano. E cabe ao educador integrar o que amamos com o que pensamos, trabalhando razão e emoção. De modo que todo indivíduo tenha condições de usar tanto a razão quanto os sentimentos, e aprenda a conhecer-se a si mesmo e a seus semelhantes.

Assim, deve ser questionada a separação entre racionalidade e afetividade, e valorizado os sentimentos que estão presentes em todas as relações humanas. A razão não nega a emoção. A educação escolar tem que estar preparada para desenvolver a construção equilibrada da personalidade como um todo (CAPRA, 1996)

Para Almeida (1995, p.51)

[...] a afetividade e a inteligência constituem um par inseparável na evolução psíquica, pois ambas têm funções bem definidas, e quando integradas, permitem ao estudante atingir níveis de evolução cada vez mais elevados.

Portanto, na sala de aula as condições afetivas favoráveis são essenciais para a facilitação da aprendizagem, é natural que os alunos sejam mais comprometidos com os professores mais afetivos, que estabeleça uma relação mais amistosa com os mesmos. Na relação contrária quando um aluno não gosta de um determinado professor, ou vice-versa, o ensino e a aprendizagem são afetados, pois, essa relação de antipatia por ambas as partes, acaba influenciando diretamente, dificultando a aprendizagem (MARTINELLI, 2001).

Uma boa relação interpessoal entre professor e aluno é essencial no processo ensino e aprendizagem. Assim, estabelecer vínculos afetivos é primordial para um bom andamento do processo de aprendizagem e para que esse aconteça de maneira agradável tanto para os alunos como para os professores. Quando o aluno se sente à vontade com o professor, as aulas tornam-se mais produtivas e interessantes, facilitando a construção do conhecimento com relação aos conteúdos trabalhados (FRESCHI e FRESCHI, 2013)

Conforme, Freire (1996), ensinar exige querer bem o aluno, não significa que o professor é obrigado a ter o mesmo sentimento por todos os alunos, significa que o professor deve ter afetividade pelo aluno sem medo de expressá-la. O professor deve esmerar-se por um trabalho de qualidade e seriedade, para proporcionar a construção do saber.

Assim, a escola constitui-se num espaço essencialmente educativo, cuja função principal é a de medir o conhecimento, possibilitar ao aluno o acesso e a reconstrução do saber. Pois, a transmissão do conhecimento se dá na interação entre pessoas. Um dos componentes essenciais para que esta relação seja significativa e represente uma parceria no processo ensino-aprendizagem é a comunicação (DANTAS, 1992).

A escola deve possuir uma comunicação que possibilite a interação de todos, na busca dos objetivos em comum, por isso é importante promover o desenvolvimento desta ferramenta dentro do contexto escolar para alcançar melhores resultados na aprendizagem e nos relacionamentos interpessoais. Pois, a comunicação é a ferramenta básica para todas as situações, é através dela que os professores, funcionários e alunos conseguem se relacionar e transmitir todas as informações

necessárias para que ocorra uma aprendizagem significativa. Logo, a comunicação é de grande importância em qualquer situação, tanto em nossas vidas, quanto na escola, principalmente para que ocorra a interdisciplinaridade tanto desejada. (FRESCHI e FRESCHI, 2013)

Para Menegon (2002, p.68):

A comunicação pode ser entendida como a transferência de informações e ideias e a compreensão de seu significado. Assim, por mais boa que seja uma ideia, ela não será inútil se não for transmitida e compreendida corretamente, pois nenhum grupo funciona sem comunicação.

Deste modo, é de suma importância a relação entre professor e aluno, possuir um clima agradável, com empatia, onde o professor tenha a capacidade de ouvir, refletir, discutir o nível de compreensão dos alunos (GÓMEZ, 2000).

A aprendizagem é um processo de mudança de comportamento obtido através da experiência construída por fatores emocionais, neurológicos, relacionais e ambientais. Assim o aprender é resultado da interação entre as estruturas mentais e ambientais, onde o professor é o coautor do processo de aprendizagem dos seus alunos (HAMZE, 2015).

O presente estudo aborda o tema afetividade e o tema comunicação no contexto da sala de aula, visando ressaltar a importância da afetividade e da comunicação dentro do processo de aprendizagem.

3 MÉTODO

A modalidade de pesquisa utilizada foi a de campo em conjunto com uma revisão bibliográfica, visando observar e analisar uma determinada sala de aula, descrevendo o que há de mais relevante e essencial nesse contexto, revelando o que realmente procede.

O estudo realizado foi através primeiramente da observação do pesquisador em sala de aula (uma investigação qualitativa, empírica, interpretativa), com a finalidade de verificar a principal problemática neste ambiente, e também, a coleta de dados, através de um questionário respondido pelos alunos da turma estudada, para inclusão e confirmação do que foi visualizado na observação.

O presente estudo foi realizado em um colégio estadual, da cidade de São Mateus do Sul – PR, no segundo semestre de 2017, em uma turma do 1º ano de um

curso técnico, a sala de aula estudada era composta por 36 alunos, sendo 14 meninas e 22 meninos, com idade entre 14 a 17 anos, oriundos de várias regiões da cidade, inclusive da zona rural, além disso, é composta por realidades sociais, econômicas e culturais diferentes e desiguais. As observações foram feitas nas terças e quintas-feiras no período matutino das 07:40 min às 11:50 min, contemplando as aulas de Química, Sociologia, Filosofia, Língua Portuguesa, aula Prática Externa vinculada ao Curso e Matemática.

No decorrer das observações, sendo realizadas duas vezes por semana, ficou claro que não foi possível visualizar o que aconteceu com detalhes normalmente na rotina da sala de aula, mas já foi possível verificar o quanto a relação entre aluno e professor implica no andamento da aula.

A maioria dos alunos são participativos e interessados, mas alguns insistem nas conversas paralelas e “brincadeiras” em sala de aula, interferindo diretamente na atenção dos demais, prejudicando o decorrer das aulas, da aprendizagem em si, se prejudicando e prejudicando os demais.

O convívio professor-aluno ficou muitas vezes prejudicado, por essas atitudes da minoria, os demais alunos acabam pagando por isso, a relação professor-aluno ficou muitas vezes intratável, sem vínculo e sem demonstração de afeto, por outro lado, muitas vezes esse afeto também pode não ser suprimido em casa, tornando assim um grande empecilho para a aprendizagem, evidenciando a presença de uma comunicação deficitária onde todos acabam perdendo.

Após um período de observação foi aplicado um questionário aos alunos a fim de traçar e confirmar o perfil da sala estudada, participaram voluntariamente todos os alunos presentes na data de aplicação do questionário, computando 32 alunos, 12 meninas e 20 meninos, isso facilitou e confirmou os pontos mais críticos, para desenvolver as atividades nas áreas mais problemáticas.

Onde a princípio, a primeira necessidade ou dificuldade seria a dificuldade na aprendizagem, com as observações e os resultados dos dados apresentados, foi visualizado também uma comunicação precária entre professores-alunos e alunos-professores, uma desmotivação dentro do contexto escolar e uma falta de afetividade evidente entre eles, o que pode ser demonstrado nas dificuldades de aprendizagem.

Através da observação e do questionário aplicado aos alunos foi possível traçar um perfil dos mesmos em todos os aspectos (apoio familiar, interesse nos estudos e inter-relacionamento pessoal com colegas e professores, entre outros). Isso facilitou a percepção dos pontos críticos para desenvolver um plano de ação mais eficiente, voltado para a área mais defasada.

Com o resultado das observações e do questionário, foi possível traçar o tema desse estudo, pois ambos apontaram para as mesmas direções: a dificuldade de comunicação e a falta de afeto entre professores e alunos e alunos e professores, interferindo diretamente no ensino aprendizagem, dificultando o aprendizado e as relações interpessoais.

As atividades propostas foram as seguintes:

Em relação a comunicação, o objetivo foi de implantar uma “caixa de diálogo”, um recurso simples, que foi feito pelos próprios alunos, em duas aulas, com a utilização dos seguintes materiais: uma caixa de madeira, cola, papéis, E.V.A, canetinhas, lápis de cor, adesivos, pedras, régua, cadeado, tesouras, entre outros. Onde são depositados, de forma anônima, assuntos, críticas, sugestões, elogios, entre outras coisas. Tendo como finalidade estabelecer um canal direto de comunicação, sem provocar constrangimentos.

Essa caixa é cadeada e está disponível aos alunos, dentro da própria sala de aula, em cima de um armário, de fácil acesso a ela, onde esta é aberta uma vez por mês, na última sexta-feira de cada mês, por mim, e depois é repassado as informações para a coordenação do curso, para em conjunto, encontrar uma melhor solução para os problemas e dúvidas apresentadas. Inclusive dando o retorno aos alunos do que está sendo feito a respeito dos temas, por eles levantados, estabelecendo uma melhor comunicação e entendimento, proporcionando um melhor acesso dos alunos com seus professores, orientadores, coordenadores e a direção.

No contexto da afetividade, foi realizada primeiramente uma reflexão com os alunos e professores sobre a importância e contribuição da afetividade no processo ensino-aprendizagem, com o intuito de melhorar e proporcionar um ambiente escolar agradável entre todos os que estão envolvidos, contribuindo assim, para a formação integral desses alunos.

Logo em seguida foi realizada as dinâmicas, primeiramente a “dinâmica da caixa surpresa”, para desenvolvê-la foi necessária uma caixa de papelão, uma caixa de chocolate, música e aparelho para tocar. Foi orientado aos alunos que fizessem um círculo, um do lado do outro, foi mostrado uma caixa de presente e explicado que dentro dessa caixa existia uma tarefa para ser cumprida, e que essa tarefa deveria ser cumprida sem a ajuda de nenhum colega e sem reclamações. A caixa seria passada de mão em mão até a música parar, quando a música parasse quem estivesse com a caixa na mão, iria cumprir a tarefa. Com a confirmação que foi entendida a tarefa. A dinâmica começou, foi colocado uma música, ao som da música a caixa foi passada de mãos em mãos e quando a música parou foi questionado ao aluno que estava com a caixa na mão se ele estava preparado para cumprir a tarefa e abrir a caixa, caso contrário a dinâmica continuaria. Porém, o aluno que estava com a caixa, decidiu em abri-la, e para a surpresa de todos, foi encontrado uma caixa de bombom dentro da caixa de presente, cuja tarefa que esse aluno precisaria cumprir era de comer os chocolates.

Essa dinâmica mostrou quanto temos medo do novo e muitas vezes não nos permitimos em fazer algo diferente do que estamos acostumados por insegurança e medo, pois foi observado no decorrer da dinâmica como foi passado com pressa a caixa para a outra pessoa, mas foi visualizado na prática por eles, que devemos ter coragem e enfrentar nossos medos e os desafios da vida. Pois mais difícil que seja o desafio no final podemos ter uma surpresa boa.

Para finalizar foi realizada uma segunda dinâmica, a “dinâmica do abraço”, cujo objetivo foi de entrosar o grupo de maneira que todos se envolvessem buscando harmonia, entrosamento, diálogo e aproximação. Em círculo, foi solicitado que cada aluno dissesse em uma ou duas palavras como estava se sentindo naquele momento. Após cada um falar o seu sentimento, foi pedido para eles se abraçassem uns aos outros. Foi divertido, deu para perceber as reações de cada aluno, os sentimentos dos colegas, além de ter sido uma oportunidade de expressar seus próprios sentimentos.

Assim, as atividades realizadas com os alunos e professores tiveram como finalidade proporcionar uma melhor comunicação e demonstração de afeto entre eles, estreitando as relações dos mesmos, para que pudessem exercitar e desenvolver uma melhor comunicação e convívio, encontrando juntos as melhores soluções para um

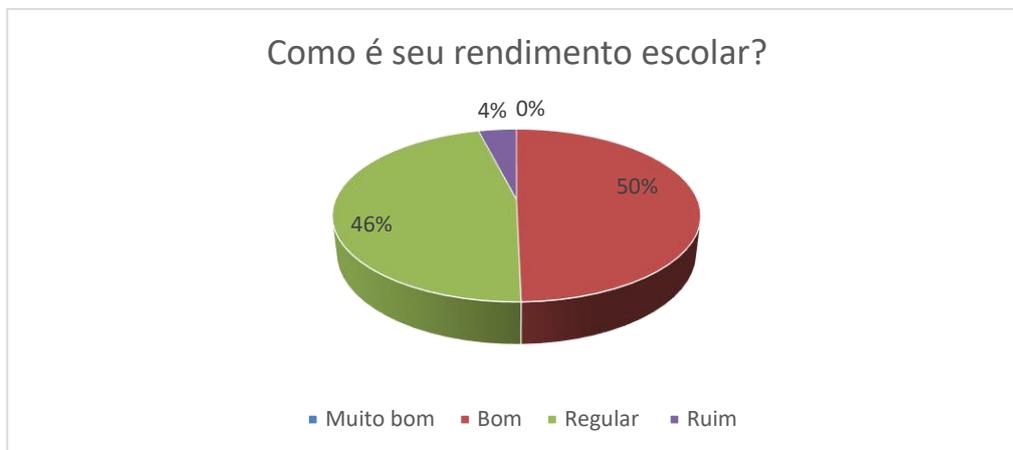
ambiente escolar mais agradável, motivador, interessante para todos, promovendo assim, uma melhoria da dinâmica escolar. Desenvolvendo o fortalecimento das redes interpessoais dentro da sala de aula, através de uma comunicação clara, aberta e ampla.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para analisar e discutir os resultados, foram elaborados gráficos a partir dos dados coletados através do questionário aplicado, como também da observação. Isso tudo conduziu para a realização das atividades com o intuito de proporcionar uma melhor comunicação e afetividade entre professores e alunos, favorecendo a aprendizagem.

Assim, a primeira pergunta se referiu ao rendimento escolar dos alunos. Como eles descrevem o seu próprio rendimento escolar. A segunda, qual é a principal qualidade que um professor precisa ter? As qualidades, que eles consideravam mais importante que um professor deveria possuir dentro da sala de aula, como deveriam conduzir as aulas. Já na terceira questão, foi pedido para que os alunos atribuíssem uma nota de 0 a 10 para os seguintes aspectos: o relacionamento entre alunos e professores, o relacionamento entre colegas de classe, as formas de avaliação, as atividades extraclasse, a limpeza da escola, a merenda escolar, o atendimento na biblioteca, o atendimento pela equipe pedagógica, o atendimento pela direção e a estrutura física da sala de aula. Como eles veem o colégio em geral, o que está bom e o que eles querem que melhore.

Gráfico 1 - Ilustra como os alunos descrevem seus rendimentos escolares.



Fonte: questionário aplicado aos alunos

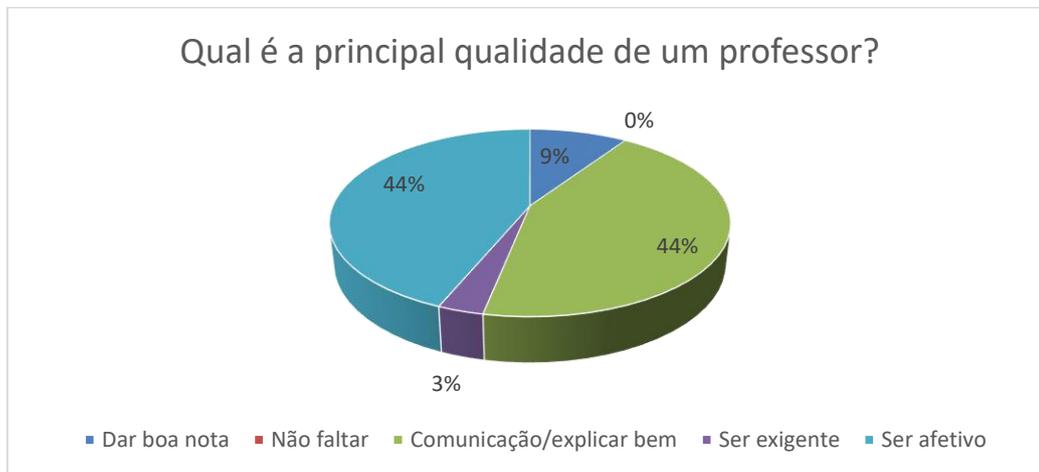
Conforme os dados apresentados, os alunos descrevem os seus próprios rendimentos escolares como bons (50%), logo seguido por um rendimento regular (46%), ambos muito próximos, como uma diferença mínima de (4%), seguidos por ruim com (4%) e o rendimento muito bom não teve pontuação (0%).

O rendimento escolar depende de vários fatores, como dificuldades em aprender e compreender o que está sendo passado, desmotivação, desinteresse, distração nas aulas, bullying, despreparo do professor, entre outras coisas.

Assim, a escola deve oferecer professores bem preparados, disponíveis para ensinar e aprender com seus alunos.

Segundo Piaget (1974) é incontestável que o afeto desempenha um papel fundamental no funcionamento da inteligência. Sem afeto não há interesse, nem necessidade, nem motivação, e, conseqüentemente, perguntas ou problemas nunca seriam colocados e não haveria inteligência. A afetividade é uma condição necessária na constituição da inteligência. Além disso, não se deve esquecer que a afetividade é a base sobre a qual se constrói o conhecimento racional. Quando existe uma boa relação afetiva, as pessoas são mais seguras, tem mais interesses e compreender melhor as coisas, além de apresentarem um melhor desenvolvimento intelectual.

Gráfico 2 – descreve qual a principal qualidade de um professor na visão dos alunos da sala de aula estudada.



Fonte: questionário aplicado aos alunos.

Conforme o que foi visualizado através dos dados do gráfico, os alunos ficaram divididos sobre a principal qualidade de um professor, entre ser afetivo e uma boa comunicação/explicar bem, ambos com 44% das respostas dadas pelos alunos, somando 88%, seguidas, por dar boa nota, com 9%, e não faltar com 3% e o requisito ser exigente não pontuou 0%.

Isso reflete o que já tinha sido observado, sobre o que está influenciando diretamente na aprendizagem e no convívio dos alunos e professores. Os alunos esperam um ambiente escolar com mais demonstração de afeto e uma boa didática, sem esquecer de uma comunicação eficaz dentro da sala de aula.

Na sala de aula estudada foi fácil perceber uma carência de afetividade. Assim é fundamental que exista a afetividade nas relações entre professores e alunos. A escola tem como finalidade desenvolver o aluno em sua forma plena e para que isso aconteça é necessário refletir sobre a afetividade como fator importante na relação professor-aluno e sua implicação na aprendizagem.

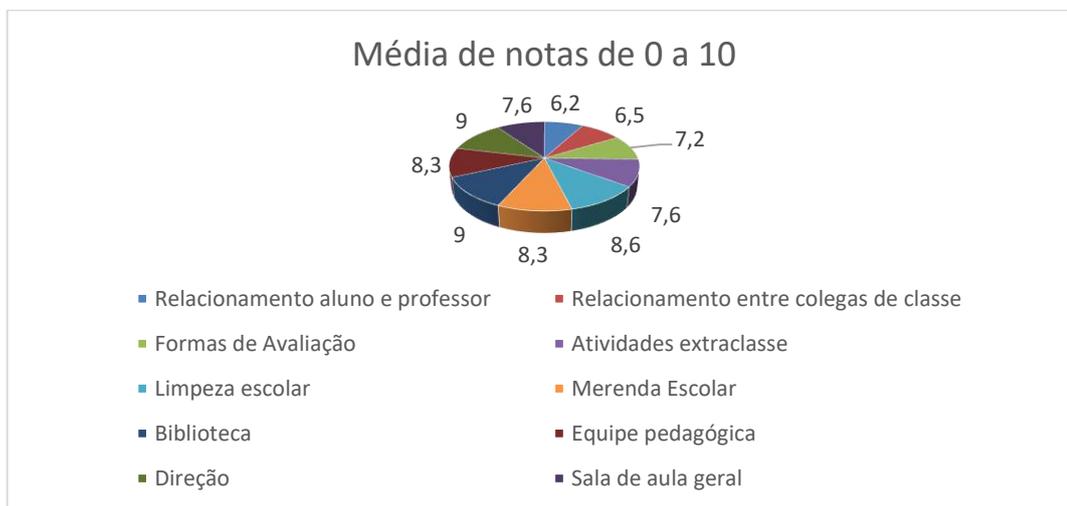
Fernández (1991) descreve que para haver aprendizagem é necessário que haja no mínimo dois personagens, o aluno e o professor. Nessa relação é necessário confiança, pois não aprendemos de qualquer maneira, mas sim com aquele a quem damos o direito de ensinar.

O papel do professor é de mediador do conhecimento. Queira ou não, ele é um modelo na sua forma de expressar valores, resolver conflitos, comunicar-se, na forma

de ouvir, falar e de relacionar-se com os outros professores e com os alunos. E a forma como o professor se relaciona com o aluno se reflete nas relações do aluno com o conhecimento e na relação aluno-aluno. Nessa relação há um antagonismo entre emoção e atividade intelectual, além disso, quando não são satisfeitas as necessidades afetivas, estas resultam em barreiras para o processo ensino-aprendizagem e, portanto, para o desenvolvimento, tanto do aluno como do professor e que são de suma importância para a aprendizagem e para as relações interpessoais (WALLON, 1995).

Podemos destacar o comportamento afetivo do professor, a maneira de organizar as aulas e os métodos e técnicas educacionais que utiliza nas aulas podem gerar bem-estar ou mal-estar nos alunos que ficarão associadas às matérias dadas e ou ao próprio ensino em si. Apesar disso, o professor não é o único responsável pelo sucesso ou insucesso do aluno, mas sim tem um papel de vital importância como pessoa e profissional (NÓVOA, 1991).

Gráfico 3 – Demonstra as médias das notas dadas pela turma estudada sobre o contexto geral do colégio.



Fonte: questionário aplicado aos alunos.

Através das notas dadas foi possível verificar o que os alunos acham do colégio, como é a visão deles em geral, o que realmente está bom e o que tem que melhorar. Pelo o que foi visualizado, as relações entre alunos e professores ficou com a menor média 6,2, seguido, pelo relacionamento entre colegas de classe com a nota

6,5, novamente incidindo na parte afetiva, em terceiro lugar ficou as formas de avaliação com 7,2, em quarto lugar as atividades extraclasse com 7,6, seguida, pela merenda escolar com 8,3 e com a mesma pontuação a equipe pedagógica, logo depois a limpeza escolar com 8,6, e finalizando com a biblioteca e a direção ambas com a mesma nota 9,0.

O gráfico demonstrou que as relações interpessoais estão um pouco comprometidas, sendo necessário um trabalho direcionado para essa finalidade. Pois, dentro do contexto escolar nos deparamos com uma grande diversidade de pessoas. Esse ambiente precisa ser de respeito e cooperação, o diálogo e a interação devem estar presentes sempre. É necessário que os alunos e professores tenham consciência disso para construir relações duradoras entre eles.

Maldonado (1994) evidencia sobre os fatores que dificultam o relacionamento interpessoal, apontando que o afeto pode estar escondido sob camadas de mágoas, desconfianças, tristezas, raiva, decepções, vergonha, medo e ressentimentos. Nos aconselha ainda, que atitudes ríspidas, grosseiras e agressivas, muitas vezes podem expressar a necessidade de proteger-se contra o medo de ser rejeitado, contra sentimentos inadequados e também contra a dor do desamor, dificultando os seus relacionamentos.

A escola é um lugar onde as relações interpessoais se intensificam, reunindo uma diversidade de conhecimentos, regras, valores e, é claramente, cheia de problemas, diferenças e conflitos (SALES e SOUSA, 2012).

Portanto, é necessário promover uma relação harmoniosa e afetiva entre os que nela estão envolvidos, com diálogo e com comprometimento, com isso, estabelecer um ambiente agradável e motivador para todos, que traga bem-estar e seja interessante.

Para finalizar foi levantado os conteúdos das mensagens deixadas na caixa de diálogo que os alunos fizeram como primeira atividade. Onde cada aluno pode expressar a sua opinião, o que realmente queriam dizer. Nesse caso, foi tabulado as informações referentes ao contexto estudado, a sala de aula em sua estrutura física, social, ambiental e psicológica. Os principais apontamentos foram referentes ao: humor dos professores, sobre a qualidade do colégio que é para eles um dos melhores da cidade, porém não ouvem os alunos; os lanches da cantina são muito bons porém

caros; pediram a diminuição das bagunças; que os alunos devem levar mais a sério as aulas; pediram professores de qualidade e uma melhor educação; citaram vários professores pela falta de paciência, pela falta de didática, pela falta de humanidade; pediram mais atenção e que esperam mais do colégio.

A turma estudada, necessita de um cuidado especial. Precisa ser olhada com mais afeto e atenção, onde a comunicação deve ser clara, onde os alunos possam expressar os seus sentimentos e vontades, sem medo de serem julgados e apontados tanto pelos colegas, quanto pelos professores, é necessário estabelecer um vínculo entre eles, uma empatia, com o intuito de promover um ambiente escolar mais agradável, participativo e interessante para todos os envolvidos.

Assim, professores e alunos devem estabelecer um ambiente escolar construtivo de diálogo e parceria, para que essa relação seja produtiva e interessante, trabalhando razão e emoção, para que esse processo se torne prazeroso e possível, sendo um facilitador do conhecimento intelectual e pessoal.

Este estudo mostrou que há oportunidades de pesquisas futuras a serem aprofundadas, tanto na temática da afetividade, da comunicação e das relações interpessoais no contexto escolar pois é de fundamental importância esses temas para a aprendizagem escolar, o crescimento sobre esses temas permite um olhar mais apurado para essas relações no ambiente escolar e as consequências na aprendizagem.

Logo, o ambiente escolar sem demonstração de afeto, sem diálogo, sem vínculos entre os envolvidos, torna-se desmotivador, faz com que os envolvidos apresentem descontentamento, insegurança, ansiedade e expresse ainda um desempenho insuficiente em suas atividades diárias. Uma boa educação deve proporcionar ao aluno e ao professor um ambiente de estudo agradável e saudável.

Através de tudo que foi apresentado, os professores devem estar atentos a necessidade dos seus alunos., devem trabalhar com afeto e harmonia, pois o aprendizado deve ser fonte de realizações e bem-estar, e quando tudo isso está presente, é estabelecido um clima mais favorável para o processo de ensino-aprendizagem.

Com base nos resultados encontrados nessa pesquisa, pode-se concluir a necessidade de novos estudos que se dediquem a identificar quais aspectos são mais

relevantes quando se investigam as relações que interferem no ambiente escolar, com a finalidade de proporcionar uma visão diferenciada, além de promover o conhecimento atual do campo da pesquisa disponibilizando insumos, que permitam aumentar a discussão sobre possíveis rumos a serem explorados, além das tendências científicas sobre os temas, para que se consiga um número maior de estudos, tanto para comparação, como para discussão de resultados.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Paulo Nunes de. Educação lúdica: técnicas e jogos pedagógicos. São Paulo: Loyola, 1995.

ARAUJO, Rosenéri Lago de Sousa. FRANCISCO, Dandara Ferreira. **A importância da relação professor-aluno**. 2014. Disponível em: http://www.unipacto.com.br/revista2/arquivos_pdf_revista/a_IMPORTANCIA_da_relacao.pdf Acesso em: 03/08/2017.

CAPRA, Fritjof. A teia da vida: uma compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 1996.

DANTAS, Heloysa; OLIVEIRA, Marta Kohl de; LA TAILLE, Yves de **Piaget, Vygotsky, Wallon**: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992.

FERNANDÉZ, Alicia. A inteligência aprisionada. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FRESCHI, Elisandra Mottin; FRESCHI, Márcio. **Relações Interpessoais**: a construção do espaço artesanal no ambiente escolar. 2013. Disponível em: http://www.ideau.com.br/getulio/restrito/upload/revistasartigos/20_1.pdf. Acesso em: 07/09/2017.

GÓMEZ. Pérez, SACRISTÁN, José Gimeno. **Compreender e transformar o ensino**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

HAMZE, Amélia. **O que é a Aprendizagem?** 1999. Disponível em: <http://educador.brasilecola.com/aprendizagem>. Acesso em 13/08/2017.

LOPES, Rita de Cássia. Soares. **A relação professor e o aluno e o processo ensino aprendizagem**, 2016. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1534-8.pdf>. Acesso em: 05/08/2017.

MALDONADO, Maria Tereza. **Aprendizagem e afetividade**. Revista de Educação AEC, v.23, n.91, p. 37-44, 1994. Disponível em:
<https://www.ufrb.edu.br/bibliotecacfp/documentos/category/170-revista-de-educacao-aec>. Acesso em: 24/08/2017.

MARTINELLI, Selma de Cássia. Os aspectos afetivos das dificuldades de aprendizagem. In: SISTO, Fermio Fernandes; BORUCHOVITCH, Evely; FINI, Lucila Diehl Tolaine .(orgs). **Dificuldades de aprendizagem no contexto psicopedagógico**. Petrópolis: Vozes, 2001.

MENEGON, Leticia Fantinato. **Comportamento Organizacional/organizadora**: São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2002.

NÓVOA, Antônio. (coord.) Os professores e a sua formação. 2ª ed. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

PIAGET, Jean. Biologia e conhecimento. 2ª ed. Vozes: Petrópolis, 1996.

REGO, Teresa Cristina. **Memórias de escola**: cultura escolar e constituição de singularidades. Petrópolis: Vozes, 2003.

SALES, Monique. Pessanha; SOUSA, Carlos. Eduardo. Batista. **A manifestação da violência no espaço escolar**. Educação Científica (UNIFAP), v. 2, n. 2, p. 55-64, jul-dez, 2012. Disponível em:
<https://periodicos.unifap.br/index.php/estacao/article/view/731>. Acesso em: 01/09/17.

VIGOTSKY, Levi. WALLON, Henri. **Ciclo da Aprendizagem**. Revista Escola, ed.160, Fundação Victor Civita, São Paulo, 2003.

WALLON, Henri. **Psicologia e educação da infância**. Lisboa: Editorial Estampa, 1979.

VULNERABILIDADE SOCIAL E O PROCESSO DE AUTOESTIMA NOS GRUPOS EXCLUSIVOS DOS CENTROS DE REFERÊNCIA DA ASSISTÊNCIA SOCIAL

Letícia Gruber¹
Natalie de Castro Almeida²

RESUMO: A presente produção científica tem como finalidade explicar os resultados da dinâmica de grupo O Presente, o campo de estágio para a realização da atividade foi o Centro de Referência da Assistência Social – CRAS, esta dinâmica foi efetuada com os participantes de um grupo exclusivo do CRAS para fortalecimento de vínculos, formado por homens e mulheres adultas, este grupo possui frequência semanal, todas as terças feiras das duas às quatro da tarde, e é coordenado por uma psicóloga e uma assistente social. O artigo busca também compreender o processo de baixa autoestima que ocorre nos participantes, que são pessoas em vulnerabilidade social, com o maior número de mulheres em idade adulta, somente participam de quatro a dois homens, com frequência. Também será evidenciado aspectos sobre a vulnerabilidade social, o bolsa família que é um programa onde a maioria dos participantes do grupo estão inseridos, outros temas abordados serão o autoconhecimento e o entrosamento do grupo.

PALAVRAS CHAVE: Psicologia. Autoestima. Vulnerabilidade social. Grupo.

ABSTRACT: The present scientific production aims at explaining the results of the group dynamics. The present, the field of training for the accomplishment of the activity was the Reference Center of Social Assistance - CRAS, this dynamic was carried out with the participants of an exclusive group of the CRAS to strengthen ties, formed by adult men and women, this group has weekly attendance, every Tuesday from two to four in the afternoon, and is coordinated by a psychologist and a social worker. The article also seeks to understand the process of low self-esteem that occurs in the participants, who are people in social vulnerability, with the largest number of women in adulthood, only participate in four to two men frequently. It will also be highlighted aspects about social vulnerability, the family grant that is a program where the majority of the participants of the group are inserted, other topics will be the self-knowledge and the group grouping

KEYWORDS: Psychology. Self-esteem. Social vulnerability. Group.

1 INTRODUÇÃO

“Um país tem pobreza quando existe escassez de recursos ou quando, apesar de haver um volume aceitável de riquezas, elas estão mal distribuídas. O Brasil não é um país pobre, e sim um país desigual” (GOMES; PEREIRA, 2005, p. 359). A vulnerabilidade social no Brasil esta intimamente ligada à carência absoluta de meios de subsistência e a crise só aumentou esta situação, onde as pessoas acabaram perdendo seus empregos e as que já não possuíam agora tem mais dificuldade ainda de encontrar (GOMES; PEREIRA, 2005).

¹ Acadêmica do Curso de Psicologia das Faculdades Integradas do Vale do Iguaçu – UNIGUAÇU, União da Vitória, Paraná, Brasil.

² Psicóloga e professora supervisora do estágio básico II, curso de Psicologia, das Faculdades Integradas do Vale do Iguaçu – UNIGUAÇU, União da Vitória, Paraná, Brasil. Graduada em Psicologia, Perita em Psicologia do Trânsito, Pós-graduada em Neuropsicologia e Especialista em Psicologia do Trânsito.

Diante desta situação de falta de dinheiro e crise no Brasil só piorou a situação de vulnerabilidade social, onde muitas pessoas se veem perdidas, depois de procurar muito por emprego e não conseguir, necessitam recorrer a ajuda do governo por meio do CRAS, onde fazem o cadastro para o bolsa família, que

Segundo Silva (2010, p. 159)

O Bolsa Família é o maior programa de transferência de renda em implementação no Brasil, com implementação descentralizada em todos os municípios. Propõe-se a proteger o grupo familiar, com atendimento de famílias extremamente pobres, com renda per capita mensal de até R\$ 70 com qualquer composição, e famílias pobres, com renda per capita mensal entre R\$ 70 a R\$ 140 desde que tenham gestantes, nutrízes, ou crianças e adolescentes entre 0 a 17 anos. As famílias extremamente pobres recebem um benefício básico de R\$ 68 podendo receber um benefício variável de mais R\$ 22 por cada filho de até 15 anos de idade, até três filhos.

Como se pode perceber a ajuda que recebem por meio deste programa é mínima e dificilmente uma pessoa consegue sobreviver com este valor, principalmente quando se tem filhos, e essa pobreza é um dos motivos que leva as pessoas ao uso de álcool e drogas. A dependência de álcool e drogas nos dias de hoje está internamente ligada a falta de perspectivas futuras, a influência do meio social, a ideia explanada pela mídia que incentiva o uso de drogas, o que muitas vezes começa só por drogas lícitas acaba em drogas ilícitas, fazendo com que o indivíduo tenha cada vez mais dificuldade de recuperação (SANTOS; SILVEIRA, 2010).

2 DESENVOLVIMENTO

Segundo Santos e Silveira (2010, p. 11) “As drogas têm invadido as pequenas cidades, distritos, ao contrário do que (des) informa a mídia ao dizer que é um problema apenas dos grandes centros urbanos e das cracolândias”. O aumento da violência, os roubos, as mediações policiais e o risco de contaminação por doenças sexualmente transmissíveis são evidências das consequências do grande aumento do uso de drogas na ordem capitalista, por este fator percebe-se que o consumo de drogas é uma questão muito pertinente na atualidade (SANTOS; SILVEIRA, 2010).

Santos e Silveira (2010, p. 12) evidenciam que:

O uso de drogas pode ser então um pedido de socorro que, indiretamente, faz um sujeito quando enfrenta uma dificuldade emocional ou social, como depressão, abandono, rejeição e desamparo. Sendo que podem ser

considerados como o excesso de consumo de drogas, casos como: desempenho escolar insatisfatório, uso de drogas por parte de familiares ou pessoas próximas, baixo autoestima, sintomas depressivos, ausência de regras, necessidade de desafios e emoções, pouco ou nenhum relacionamento com os pais, uso muito cedo do álcool, presença de maus tratos na infância e juventude, baixo nível socioeconômico.

Portanto percebe-se que um dos motivos que levam as pessoas ao uso de drogas é a baixa autoestima, segundo Brito (2006, p. 16)

O ambiente pode ser um modulador importante na autoestima daí também a necessidade de que fatores sociais e econômicos desfavoráveis sejam melhorados ou transformados pelas políticas públicas. [...] Há um tripé de sustentação da autoestima constituído pelo auto respeito, auto aceitação e auto confiança. Relações parentais e sociais, desde a infância podem estruturar de modo favorável ou não a auto estima [...].

Segundo Brito (2006), em vários casos não existiu uma base psicoafetiva boa por parte dos pais, sempre lembrando as qualidades dos filhos e refutando os aspectos negativos impostos pela sociedade. Schmitz (2004, p. 18) evidencia que: “Uma pessoa com elevada autoestima se relaciona bem, trata os outros com amor e generosidade, enquanto que os que tem baixa autoestima não tem amor próprio, tem pouca ou nenhuma capacidade de amar os outros [...]”.

Segundo Schmitz (2004) a autoestima é indispensável para as pessoas, com ela o indivíduo se sente forte e que merece felicidade e sucesso, assim ela impulsiona-os a formar um mundo mais tranquilo e vencer os desafios que a vida impõe. Portanto pode-se perceber a importância extrema da autoestima nas pessoas, através dela suas vidas podem se transformar, com uma autoestima alta eles podem obter coragem para correr atrás de seus objetivos como ter um trabalho digno, por exemplo, podem também criar autonomia para sair de situações ruins onde se encontram muitas vezes por medo do desconhecido.

Segundo Brito (2006, p. 16):

[...] Autoestima é: se aceitar, se respeitar e confiar em si.
A autoestima é a opinião, o conceito e o sentimento que cada pessoa tem por si mesma e pelo seu interior. Através dela é que a valorização ocorre, pela consciência, crença e confiança de suas habilidades e referenciais próprios. Quando a autoestima esta rebaixada, o ser humano sente-se vulnerável e inadequado perante a vida, tendo a sensação de ser incapaz e de estar sempre errado.

Portanto evidencia-se que a autoestima é de grande importância para o ser humano no seu cotidiano em geral, mas para que a autoestima seja alta o indivíduo

precisa se conhecer olhar para dentro de si. Para Pinto (2017, p. 1) “Sabe-se que o conhecimento de si é uma porta de entrada que conduz o indivíduo na construção de uma sociedade ética, capaz de acolher a pessoa na sua totalidade, ou seja, com seus dons e com suas dificuldades pessoais”. Ou seja a partir do momento em que os indivíduos começarem a parar para pensar sobre si próprios, o que gostam ou que não gostam, o que os deixam felizes o que os deixam tristes, entre outros, começaram a viver melhor em sociedade.

Mas quando as pessoas estão muito preocupadas em buscar respostas sobre quem realmente são gera-se um risco de se criar uma atitude negativa que causa a rejeição do próprio indivíduo, a partir desse ponto ele evita ter uma relação com outras pessoas da sociedade. A rejeição de si mesmo deforma a imagem da pessoa e assim prejudica a vida afetiva e social (PINTO, 2017).

Segundo Pinto (2017, p. 1)

Geralmente os sentimentos que surgem dessas percepções negativas são deprimentes: tristeza, isolamento, frustração, vazio e a falta de sentido na vida. Tudo é fruto de uma visão falsa de nós mesmos. Cada indivíduo deve esforçar-se em percorrer um caminho de autoconhecimento verdadeiro, que produza em si e na sociedade frutos contrários aos do conhecimento negativo e pessimista. O conhecimento verdadeiro produzirá um comportamento sadio oposto ao doentio, seguro contraposto ao inseguro, motivado contra o desmotivado e um comportamento adulto em oposição ao infantil. A verdadeira identidade gera coragem, segurança no que se faz e empreende firmeza e coerência no agir. O conhecimento de si resgata a dignidade pessoal e comunitária no âmbito social, edifica e constrói relações fraternas, que libertam para o amor e apontam meios de agir diante das diferentes realidades humanas.

Quando as pessoas começam a se conhecer melhor, passam a viver de forma mais afetiva na sociedade, a partir disto ocorre maior entrosamento. De acordo com Cruse et al (2014, p. 137) “[...] Falar explicitamente em entrosamento é remeter, de imediato, à ideia de engrenar ou dispôr as coisas em boa ordem. Por outras palavras, é o ato de harmonizar [...]”. O termo entrosamento possui muitos sinônimos alguns deles são relacionamento, adaptação, adequação, entre outros, em outras palavras é o ato de por em harmonia, e sabe-se que a aprendizagem só ocorre de forma efetiva quando uns aprendem com os outros (CRUSE et al, 2014).

3 MÉTODOS

O presente estudo foi realizado no Centro de Referência da Assistência Social – CRAS, no município de União da Vitória, Paraná, dentro do CRAS existem grupos denominados grupos para fortalecimento de vínculos, estes grupos são formados primeiramente por crianças e adolescentes, outro grupo somente de homens e mulheres adultas e outro grupo de idosos, o presente estudo foi realizado no grupo de mulheres e homens adultos.

As pessoas participantes destes grupos se encontram em vulnerabilidade social e só podem fazer parte dos grupos pessoas que se enquadrem nesta posição econômica, no dia da aplicação da dinâmica só estavam presentes mulheres, este grupo varia de semana para semana no número de participantes, que já chegou a trinta pessoas, mas no dia da dinâmica estavam presentes apenas oito mulheres, algumas destas mulheres possuem patologias como depressão, transtorno bipolar, entre outros, mas a grande maioria não possui patologias em geral.

O instrumento utilizado para coleta de informações foi uma dinâmica de grupo, chamada O Presente, o coordenador inicia a dinâmica lendo uma mensagem de boas vindas ao grupo, enfatizando que naquele grupo existem pessoas especiais, com talento, competentes, todos com suas particularidades e que todos podem aprender muito uns com os outros ao longo do tempo, pois todos possuem a capacidade de observar as pessoas a sua volta, a seguir começa a dinâmica em si.

Esta dinâmica consiste em passar o presente de mão em mão, dentro do papel de presente estão chocolates, no início a coordenadora entrega o presente para um participante explicando que este participante simboliza a união do grupo, em seguida a coordenadora explica que a pessoa deve entregar o presente para a mais organizada do grupo, depois que a participante entrega a coordenadora expõe o que significa ser organizada, lhe dá os parabéns e pede para que passe o presente para a mais feliz, explica a mais feliz um pouco sobre a felicidade, e segue a dinâmica assim por diante.

No final a mais amiga do grupo escolhida por outra participante ganha o presente desembulha e divide com todos que até o momento ainda não sabiam o que tinha no presente, por fim todos comem e conversam sobre a dinâmica, entre si, com

a psicóloga e com a coordenadora da dinâmica, são feitas algumas perguntas sobre a dinâmica, algumas pessoas respondem, falam como se sentiram ao dar e receber um presente e ao saber o que as outras participantes do grupo as consideravam, depois disto se encerra.

4 RESULTADOS

Durante a aplicação da dinâmica todas as mulheres presentes participaram de forma muito acolhedora, entregavam o presente cada uma para quem era mais conhecida ou próxima a elas, de acordo com o que era pedido a elas, a mais organizada, a mais feliz, a mais sincera, a mais tímida, entre outros, por fim quem ficou com o presente foi uma jovem do grupo, considerada a mais amiga, segundo elas esta dinâmica foi de grande valia para a socialização do grupo, para que cada uma pudesse se olhar olhos nos olhos e se conhecer melhor, pois uma participante enfatizou que as pessoas só se conhecem olhando olhos nos olhos.

Silva et al apud Durkheim (1987, p. 3) “ressalta a importância da socialização ao mostrar que a sociedade só pode existir porque penetra no interior do ser humano, moldando sua vida, criando sua consciência, suas ideias e valores.” Ou seja o processo de socialização que ocorreu no momento da dinâmica é muito importante para o ser humano pois demonstra suas ideias, sua consciência, seus valores, que são formados através do convívio em sociedade e em grupo, até mesmo dentro deste grupo do CRAS, as pessoas inseridas trazem com elas aprendizagens e vivências advindos do mesmo.

Segundo Silva et al (2017):

[...] Ao longo do processo de desenvolvimento humano, o indivíduo participa de inúmeros grupos sociais. A socialização faz com que a pessoa adquira as normas definidoras dos critérios morais e éticos, conforme os padrões da sociedade em que está inserido. Nessa constante interação com o meio, o indivíduo vai internalizando crenças e valores, construindo padrões de comportamento próprios para interação em cada grupo. Tais valores vão se consolidando e determinando suas escolhas.

Portanto ao longo do tempo as pessoas inseridas no grupo observaram e aprenderam como se comportar dentro dele, de acordo com o modo que a maioria do grupo se comporta, isto demonstra a grande influência do grupo sobre o indivíduo, pois em um grupo onde a maioria dos indivíduos são calados, depressivos, por

exemplo, um indivíduo que não é assim tem chances de se tornar, pois ele não ficará rindo constantemente e falando sozinho, então no momento em que estiver com o grupo ele será semelhante na maioria das vezes.

No desenvolvimento da dinâmica também foi possível observar sendo desenvolvida a autoestima nas mulheres, pois todas riam e ficavam felizes ao ouvir o que o grupo pensava sobre elas, ao ouvir também o que significava elas serem motivadas, por exemplo, pois todos gostam de elogios de demonstração de carinho, e foi assim também com o grupo, onde ao final da dinâmica as participantes deixaram explícito que gostaram muito deste momento.

Na atualidade a autoestima vem sendo entendida de formas diversas, GUERREIRO, 2011, p.14: “[...] Por um lado, a autoestima global que se refere à forma como a pessoa se sente em geral consigo própria, por outro lado à autoestima específica, referindo-se à forma como as pessoas avaliam os seus atributos”. Pode-se perceber assim que a autoestima não depende só do indivíduo em si, mas também de quem está a sua volta, pois se este indivíduo for maltratado, humilhado, ofendido verbalmente constantemente ele não conseguirá manter sua autoestima boa, pois o ambiente externo também influencia muito neste processo.

[...] a autoestima relaciona-se mais com a forma como as pessoas interpretam os feedbacks dos outros, em detrimento do conteúdo dos próprios feedbacks. Ainda assim, é de notar a influência que o meio intrínseco da pessoa possui para estimar os níveis de autoestima, uma vez que, uma pessoa que acredite em si própria e seja detentora de uma autoestima adaptativa tolera eficazmente os feedbacks do exterior. Deste modo, pessoas com autoestima elevada possuem um raciocínio pessoal de adequação a determinada situação, juntamente com uma sensação de satisfação face as necessidades anteriores, o que conduz a procura de papéis profissionais que sejam congruentes com as características de auto avaliação. Por outro lado, pessoas com baixa autoestima são caracterizadas por um sentimento de inadequação pessoal, e uma incapacidade de atingir a necessidade de satisfação com o passado (GUERREIRO apud KORMAN, 1967).

Assim pode-se ver claramente no grupo do CRAS que as pessoas que possuem a autoestima mais baixa se importam muito com a opinião dos outros, seja uma opinião boa ou ruim, isto mexe muito com o emocional de cada uma delas, por este fator dentro deste grupo deve-se cuidar muito em tudo o que for falar, na forma como falar, pois para os participantes uma fala da psicóloga ou assistente social é “lei”, ou seja eles levam muito em consideração o que pessoas com maior entendimento expõem lá dentro.

A dinâmica aplicada no grupo, O Presente, possuía como objetivos principais “trabalhar a atenção, a observação, o desapego, a sinceridade, a emoção de dar e repartir um bem recebido, demonstrando o intuito de construir um mundo mais solidário, mais humano” (RIRELA, 2009). Trabalhava também a autoestima e o autoconhecimento, além disso segundo Alves, 2003:

A dinâmica do presente tem por objetivo integrar os participantes enfatizando suas competências, características pessoais muito particulares que alguns têm mais e outros menos, no entanto quando se tornam evidentes aos membros do grupo alguns destes podem seguir o exemplo de seus pares a fim de também desenvolverem essas competências.

Portanto conclui-se que com a dinâmica foi possível atingir todos os objetivos desde a atenção das pessoas durante o processo, a observação de cada uma que ficou em silêncio durante o andamento da dinâmica, maior conhecimento de si mesmas através do olhar do outro e uma melhora da autoestima ao saber que onde forem ao longo de suas vidas elas sempre serão a mais otimista, a mais extrovertida, a mais inteligente, enfim sempre serão as melhores em alguma característica individual, mas muitas vezes não percebem, por este fator este tipo de dinâmica só vem a agregar mostrando a cada um seus potenciais.

A dinâmica também atingiu o objetivo de ensinar a repartir um bem recebido, para construir um mundo mais solidário, esta característica de ser solidário é muito importante para as pessoas do grupo, pois todos passam por dificuldades financeiras, familiares entre outras, e se todos comesçassem a se ajudar seria muito bom para eles, pois além de receberem a ajuda, sentiriam que não estão sozinhos no mundo, por fim pode ser que isso não ocorra neste momento, mas ficou plantada uma semente que no futuro pode florescer e dar frutos.

REFERÊNCIAS

ANOTAÇÕES DA PRÔ RIRELA. **O Presente**. 2009. Disponível em proportoseguro.blogspot.com.br/2009/02/dinamica-o-presente.html. Acesso em 13/11/17.

BRITO, Maria Rosalina Monteiro. **A Importância da Autoestima na Prevenção da Depressão**. UCAM - Universidade Cândido Mendes – Instituto “A Vez do Mestre” – Curso Terapia de Família. Rio de Janeiro. 2006. Disponível em <http://www.avm.edu.br/monopdf/3/MARIA%20ROSALINA%20MONTEIRO%20DE%20BRITO.pdf>. Acesso em: 17/09/17.

CRUSE, Rui Manuel (Org.). et al. **A importância do entrosamento e das estratégias sociointeracionistas no contexto pedagógico do Proeja: construções da educação profissional.** Revista Liberato. Novo Hamburgo, v. 15, n. 24, p. 105-212, jul /dez. 2014. Disponível em http://www.liberato.com.br/sites/default/files/arquivos/Revista_SIER/v.%2015%2C%20n.%2024%20%282014%29%2F3%20-%20Proeja.pdf. Acesso em 20/09/17.

ESOTERIKHA.COM . **Dinâmica do Presente.** 2003. Disponível em <https://www.esoterikha.com/coaching-pnl/dinamica-do-presente-como-fazer-texto-completo-com-exemplos-para-download.php>. Acesso em 13/11/17.

GOMES, Mônica Araújo; PEREIRA, Maria Lúcia Duarte. **Família em situação de vulnerabilidade social: uma questão de políticas públicas.** Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza. 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/csc/v10n2/a13v10n2.pdf>. Acesso em: 17/09/17

GUERREIRO, Dina Patrícia. N. V. **Necessidade Psicológica de Autoestima/ Auto Crítica: Relação com Bem-Estar e Distress Psicológico.** seção de Psicologia Clínica e da Saúde Núcleo de Psicoterapia Cognitiva, Comportamental e Integrativa. 2011. Disponível em repositorio.ul.pt/bitstream/10451/4960/1/ulfpie039658_tm.pdf

PINTO, Marcia. **O autoconhecimento: caminho libertador para a vida.** 2017. Disponível em http://www.usjt.br/uploads/lacce/arquitetura/userfiles/files/marcia_pinto.pdf. Acesso em 16/09/17.

SANTOS, Mariana Glenda; SILVEIRA, Thais Elizabeth Santos. **O uso crescente das drogas e o processo de criminalização da pobreza.** 2010. Disponível em <http://www.cress-mg.org.br/arquivos/simposio/O%20USO%20CRESCENTE%20DAS%20DROGAS%20E%20O%20PROCESSO%20DE%20CRIMINALIZA%C3%87%C3%83O%20DA%20POBREZA.pdf>. Acesso em 16/09/17.

SCHMITZ, Maria Bernadete May. **A Importância da Autoestima no Contexto Familiar, Social e Escolar.** Monografia (especialização) – Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC. Criciúma. 2004. Disponível em <http://www.bib.unesc.net/biblioteca/sumario/000026/00002616.pdf>. Acesso em: 17/09/17.

SILVA, Adriana Oliveira. **Estratégias de Socialização: a forma mais eficaz para a integração entre indivíduo e organização.** 2017. Disponível em https://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos08/584_Estrategias%20de%20Socializacao.pdf

SILVA, Maria Ozanira. **Pobreza, desigualdade e políticas públicas: caracterizando e problematizando a realidade brasileira.** Rev. Katál. Florianópolis, v. 13, n. 2, p. 155 – 163, jul./dez. 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rk/v13n2/02.pdf>. Acesso em 17/09/17.